

**UNIVERSIDADE REGIONAL INTEGRADA DO ALTO URUGUAI E DAS MISSÕES
CÂMPUS DE FREDERICO WESTPHALEN
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, EXTENSÃO E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

FRANCIELE THOMÉ

**O OFÍCIO DO ORIENTADOR EDUCACIONAL NA EDUCAÇÃO BÁSICA:
PERCEPÇÕES E EXPERIÊNCIAS DOS PROFISSIONAIS DA COORDENADORIA
REGIONAL DE ITAPIRANGA/SC**

Frederico Westphalen
2025

FRANCIELE THOMÉ

**O OFÍCIO DO ORIENTADOR EDUCACIONAL NA EDUCAÇÃO BÁSICA:
PERCEPÇÕES E EXPERIÊNCIAS DOS PROFISSIONAIS DA COORDENADORIA
REGIONAL DE ITAPIRANGA/SC**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI, Câmpus de Frederico Westphalen, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Jordana Wruck Timm.

Frederico Westphalen
2025

IDENTIFICAÇÃO

Instituição de Ensino/Unidade

URI - Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Câmpus de Frederico Westphalen – RS.

Reitoria

Reitor: Prof. Dr. Arnaldo Nogaro

Pró-Reitora de Ensino: Profa. Dra. Edite Maria Sudbrack

Pró-Reitor de Pesquisa, Extensão e Pós-Grad.: Prof. Dr. Marcelo Paulo Stracke

Pró-Reitor de Administração: Prof. Dr. Ezequiel Plínio Albarello

Direção do Câmpus

Diretora Geral: Profa. Dra. Elisabete Cerutti

Diretora Acadêmica: Prof. Dr. Carlos Eduardo Blanco Linares

Diretor Administrativo: Prof. Me. Alzenir José de Vargas

Departamento/Curso

Prog. Pós-Graduação em Educação – Coord.: Profa. Dra. Luci Mary Duso Pacheco.

Disciplina

Dissertação

Linha de Pesquisa

Formação de Professores, Saberes e Práticas Educativas.

Orientadora

Profa. Dra. Jordana Wruck Timm

Discente

Franciele Thomé

T386o Thomé, Franciele

O ofício do orientador educacional na educação básica : percepções e experiências dos profissionais da coordenadoria regional de Itapiranga/SC / Franciele Thomé. – 2025.

230 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – Câmpus de Frederico Westphalen, 2025.

Orientadora: Dra. Jordana Wruck Timm.

1. Orientação educacional. 2. Educação básica. 3. Desenvolvimento integral. 4. Identidade profissional. I. Timm, Jordana Wruck. II. Título.

CDU 37

FRANCIELE THOMÉ

**O OFÍCIO DO ORIENTADOR EDUCACIONAL NA EDUCAÇÃO BÁSICA:
PERCEPÇÕES E EXPERIÊNCIAS DOS PROFISSIONAIS DA COORDENADORIA
REGIONAL DE ITAPIRANGA/SC**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI, Câmpus de Frederico Westphalen, sob a orientação da Profa. Dra. Jordana Wruck Timm, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Jordana Wruck Timm – Orientadora

Instituição: Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI – Câmpus de Frederico Westphalen

Profa. Dra. Adriana Salete Loss

Instituição: Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS – Câmpus de Erechim

Prof. Dr. Arnaldo Nogaro

Instituição: Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI – Câmpus de Frederico Westphalen

Frederico Westphalen
2025

Orientar é Amar

Orientar é tornar mais azul o céu de outras Vidas,
É tornar mais tranquilo o amanhecer de jovens corações,
É estar presente às mudanças, às tensões, tantas vezes reprimidas,
É muitas vezes, sofrer ao dominar as próprias emoções.
ORIENTAR é ser mensageiro de fé e de verdade,
Levando sempre um sorriso de Amor e de carinho
A cada adolescente que, na ânsia de encontrar um Caminho,
Sente-se inseguro, alarmando-se com a realidade.
Mas Orientar é também sentir um grande bem-estar:
Uma suave sensação de paz, de harmonia,
Que dá ao rosto cansado um ar de estranha alegria
Que só pode ser apreendido por quem sabe o que é AMAR...
(Neves; Siqueira, 1973)

Agradecimento

Agradeço imensamente a Deus e à minha família por estarem ao meu lado neste momento tão importante. O apoio mútuo e a compreensão foram fundamentais para que eu conseguisse manter o foco e seguir firme nos estudos.

Minha gratidão se estende a todas as escolas, profissionais, famílias e alunos com quem tive a oportunidade de trabalhar. Cada experiência contribuiu para minha bagagem profissional e pessoal, e sinto-me profundamente feliz por poder, de alguma forma, ajudar e fazer diferença na vida das pessoas.

Agradeço, com carinho especial, à orientadora educacional que tive na época da escola. Foi ela quem acreditou em mim quando eu ainda não sabia como fazer isso por mim mesma. Sua escuta atenta e seu olhar acolhedor me mostraram a importância de ser ouvido e de ser visto, o qual tento reproduzir diariamente.

Ao PPGEDU, minha gratidão por ter aberto as portas e oportunizado cursar o Mestrado em Educação. Sou imensamente grata também pela conquista da bolsa de estudos, que foi essencial para que eu pudesse seguir nessa caminhada.

Agradeço de coração à minha orientadora Jordana, que desde a primeira conversa acolheu minha ideia com entusiasmo, incentivando, propondo desafios e, ao mesmo tempo, me tranquilizando com sua sensibilidade. Suas palavras de incentivo foram um alento em cada etapa. Da chuva de ideias inicial, nasceu um trabalho repleto de significado, construído com muito amor.

Gostaria de expressar minha gratidão à banca examinadora pela atenção dedicada e pelas contribuições valiosas que enriqueceram esse trabalho. Agradeço pelos comentários construtivos, que certamente contribuíram para o aprimoramento dessa pesquisa.

Enfim, posso dizer que toda a bagagem que trago até aqui faz parte desta história. Sou imensamente grata por estar vivendo esse momento e por cada pessoa que, de alguma forma, contribuiu para que ele se tornasse realidade.

Dedico este estudo aos orientadores e orientadoras educacionais, que, com dedicação e empatia, buscam a valorização e o reconhecimento pleno de sua nobre função na formação integral dos estudantes, ouvindo, acolhendo e compreendendo as necessidades da comunidade escolar.

RESUMO

A presente dissertação teve como tema “O Ofício do Orientador Educacional na Educação Básica”. O objetivo geral consistiu em **explorar o papel do orientador educacional na educação básica e sua evolução perante as mudanças históricas e às demandas dos estudantes e sociedade, analisando como essas mudanças impactam na identidade profissional e nas práticas da orientação educacional no apoio ao desenvolvimento escolar, social e emocional dos estudantes**. A Orientação Educacional, desde suas origens evoluiu de uma abordagem centrada no ensino e na orientação vocacional para um foco mais abrangente no desenvolvimento integral dos estudantes. Atualmente, essa função é essencial para promover o bem-estar e o sucesso dos estudantes. Nesse sentido, esta dissertação orientou-se pelo seguinte problema de pesquisa: **Como o papel do orientador educacional na educação básica tem evoluído perante as mudanças históricas e às demandas dos estudantes e sociedade, e de que maneira essas mudanças impactam na identidade profissional e nas práticas da orientação educacional no apoio ao desenvolvimento escolar, social e emocional dos estudantes?** A pesquisa teve abordagem mista, com foco qualitativa, e com caráter exploratório. Tal estrutura foi planejada a fim de investigar de maneira abrangente e detalhada o papel do orientador educacional na educação básica, sua evolução histórica, a construção de sua identidade profissional e a manifestação prática dessa função na coordenadoria regional de Itapiranga/SC. A coleta dos dados se deu por meio de entrevista feita com uma orientadora educacional aposentada na atividade e com as orientadoras educacionais ativas e em exercício na 31ª Coordenadoria Regional de Educação de Itapiranga/SC. A metodologia do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) foi utilizada para captar e analisar as percepções e experiências dessas orientadoras educacionais, proporcionando uma visão consolidada e representativa sobre os temas investigados. A pesquisa evidenciou a evolução do trabalho do orientador educacional na educação básica, destacando sua identidade profissional, adaptação às transformações educacionais e contribuição para o desenvolvimento integral dos estudantes. Os dados obtidos com orientadoras da coordenadoria regional de Itapiranga/SC reforçaram a importância da prática na formação da identidade profissional e apontaram a necessidade de políticas que valorizem essa função e invistam em sua formação contínua.

Palavras-Chave: Orientação Educacional. Educação Básica. Desenvolvimento Integral. Identidade Profissional.

ABSTRACT

This dissertation is titled *"The Role of the Educational Counselor in Basic Education."* The main objective was to **explore the role of the educational counselor in basic education and its evolution in response to historical changes and the demands of students and society**. It aimed to analyze how these changes impact professional identity and educational counseling practices in supporting students' academic, social, and emotional development. Educational Counseling has evolved from an approach focused on instruction and vocational guidance to a broader focus on the students' holistic development. Today, this role is essential to promoting student well-being and success. In this context, the research was guided by the following question: **How has the role of the educational counselor in basic education evolved in light of historical changes and the demands of students and society, and in what ways have these changes affected their professional identity and the practices involved in supporting students' academic, social, and emotional development?** The research followed a mixed-methods approach, with a qualitative focus and exploratory character. This structure was designed to thoroughly investigate the role of the educational counselor in basic education, its historical evolution, the construction of its professional identity, and the practical manifestations of this role in the Itapiranga/SC region. Data collection was carried out through interviews with a retired educational counselor and with currently active counselors from the 31st Regional Coordination of Education in Itapiranga/SC. The Collective Subject Discourse (CSD) methodology was used to capture and analyze the perceptions and experiences of these professionals, offering a consolidated and representative view of the themes investigated. The research highlighted the evolution of the educational counselor's work in basic education, emphasizing their professional identity, their adaptation to educational transformations, and their contribution to the holistic development of students. Data from the Itapiranga/SC region reinforced the importance of practical experience in shaping professional identity and pointed to the need for policies that recognize and support this role through continued professional development.

Keywords: Educational Counseling. Basic Education. Holistic Development. Professional Identity.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 - informações coletadas no banco de pesquisa BDTD	24
Figura 02 - informações coletadas no banco de pesquisa Capes	25
Figura 03 – Tabela no Word para análise dos trabalhos encontrados	26
Figura 04 – Capa do livro “O Coelho escutou...”	58
Figura 05 – O que é planejar?.....	77
Figura 06 - Operações mentais para um planejamento	78
Figura 07 – Ciclo do planejamento.....	79
Figura 08 – Quantitativo de escolas que possuem Orientador Educacional no Estado de SC.	100
Figura 09 – Formação e carreira.....	122
Figura 10 - Descrição e especificação do cargo de orientação educacional.....	129
Figura 11 – Identidade e satisfação profissional.....	139
Figura 12 – Percepção da profissão.....	157
Figura 13 – Impacto das mudanças históricas e demandas sociais.....	170
Figura 14 – Apoio ao desenvolvimento integral dos estudantes.....	183
Figura 15 – Reflexões e futuro.....	195
Figura 16 – Comentários finais.....	201
Tabela 01 - Trabalhos compatíveis com a temática no site capes.....	26
Tabela 02 - Trabalhos compatíveis com a temática no site BDTD.....	27
Tabela 03 – Quantidade de Orientador Educacional permitido por escola no Estado de SC.	101
Tabela 04 – Categorização da entrevista com a profissional aposentada.....	105
Tabela 05 – Categorização da entrevista com os profissionais em exercício.....	107
Tabela 06 – Formação e carreira.....	115
Tabela 07 – Identidade e satisfação profissional.....	133
Tabela 08 – Percepção da profissão.....	149
Tabela 09 – Impacto das mudanças históricas e demandas sociais.....	167
Tabela 10 – Apoio ao desenvolvimento dos estudantes.....	177
Tabela 11 – Reflexões e futuro.....	193
Tabela 12 – Comentários finais.....	200

LISTA DE SIGLAS

AC (Ancoragem)

BDTD (Biblioteca Digital Brasileira de teses e dissertações)

BNCC (Base Nacional Comum Curricular)

CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior)

CEP (Comissão Nacional de Ética em Pesquisa)

CFE (Conselho Federal de Educação)

CNE (Conselho Nacional de Educação)

CONARCFE (Comissão Nacional pela Reformulação dos Cursos de Formação de Educadores)

CRAS (Centro de Referência de Assistência Social)

CRE (Coordenadoria Regional de Educação)

DCN (Diretrizes Curriculares Nacionais)

DSC (Discurso do Sujeito Coletivo)

ECH (Expressões-chave)

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística)

IC (Ideias Centrais)

LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação)

MEC (Ministério da Educação)

OE (Orientador Educacional)

OR. E. (Orientador Educacional)

PEE (Plano Estadual de Educação)

PPGEDU (Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação)

SC (Santa Catarina)

SED (Secretaria de Estado da Educação de Santa Catarina)

SOE (Serviços de Orientação Educacional)

TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido)

UD (Unidade descentralizada do CEJA)

UE (Unidade Escolar)

UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura)

URI (Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	14
2	JUSTIFICATIVA	18
2.1	EU, ORIENTADORA EDUCACIONAL	18
2.2	ADERÊNCIA TEMÁTICA COM A LINHA DE PESQUISA.....	20
2.3	EXPANDINDO HORIZONTES: EM BUSCA DE NOVAS POSSIBILIDADES NA ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL	21
3	DE LÁ PRA CÁ: O CONTEXTO HISTÓRICO DO ORIENTADOR EDUCACIONAL	33
4	A ATUAÇÃO DO ORIENTADOR EDUCACIONAL NO CENÁRIO EDUCACIONAL ATUAL: SINTONIZANDO COM O PRESENTE	49
4.1	O COELHO ESCUTOU: O PAPEL DO ORIENTADOR EDUCACIONAL NA ESCUTA ATIVA.....	58
4.2	ENTRE SABERES E IDENTIDADE PROFISSIONAL: A PRÁXIS DO ORIENTADOR EDUCACIONAL	61
5	ORIENT(AÇÃO) EDUCACIONAL: A BNCC NA PRÁTICA	70
5.1	APAGANDO O FOGO: A RELEVÂNCIA DO PLANEJAMENTO NA ATUAÇÃO DO ORIENTADOR EDUCACIONAL DIANTE DAS NECESSIDADES ESCOLARES	76
5.2	A MEDIAÇÃO DE CONFLITOS NO CONTEXTO DA ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL: CONSTRUINDO UM AMBIENTE ACOLHEDOR	88
6	MÉTODO	97
6.1	DELINEAMENTO	97
6.2	PARTICIPANTES.....	98
6.3	PROCEDIMENTOS	104
6.3.1	<i>Instrumentos</i>	104
6.3.2	<i>Coleta de Dados</i>	108
6.3.3	<i>Análise dos Dados</i>	108
6.3.4	<i>Cuidados Éticos</i>	111
7	IDENTIDADE PROFISSIONAL: DANDO VISIBILIDADE A VOZ DO ORIENTADOR EDUCACIONAL DA COORDENADORIA REGIONAL DE ITAPIRANGA/SC	113
7.1	CONSTRUINDO UM DISCURSO COLETIVO SOBRE A ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL	114
7.1.1	<i>Formação e Carreira</i>	115
7.1.1.1	Discurso Coletivo sobre a Formação acadêmica	123
7.1.1.2	Discurso do sujeito coletivo sobre a carreira de Orientadora Educacional	124
7.1.1.3	Discurso do sujeito coletivo sobre as dificuldades atuais enfrentadas pelas Orientadoras Educacionais.....	125
7.1.1.4	Formação e Carreira: Percepções à cerca da trajetória e os desafios da Orientação Educacional na coordenadoria regional de Itapiranga/SC.....	125
7.1.2	<i>Identidade e Satisfação Profissional</i>	133
7.1.2.1	Discurso do sujeito coletivo sobre a realização profissional	140
7.1.2.2	Discurso do sujeito coletivo sobre a identidade profissional	140
7.1.2.3	Discurso do sujeito coletivo sobre o apreço na profissão.....	141
7.1.2.4	Discurso do sujeito coletivo sobre aspectos que necessitam melhorias	142

7.1.2.5 Satisfação Profissional: Percepções sobre os caminhos, desafios, realizações e melhorias na profissão do “ser orientador” pelas orientadoras educacionais da coordenadoria regional de Itapiranga/SC	143
7.1.3 <i>Percepção da Profissão</i>	149
7.1.3.1 Discurso do sujeito coletivo sobre a evolução da profissão do orientador educacional	157
7.1.3.2 Discurso do sujeito coletivo sobre o papel do OE na educação básica na atualidade	158
7.1.3.3 Discurso do sujeito coletivo sobre o apoio do estado e das políticas públicas na orientação educacional	159
7.1.3.4 Discurso do sujeito coletivo sobre a compreensão do papel do OE pela comunidade escolar	159
7.1.3.5 Discurso do sujeito coletivo sobre a valorização da Orientação Educacional	160
7.1.3.6 Percepções sobre a Profissão de Orientador Educacional: Evolução, Desafios e Reconhecimento na Educação Básica de Orientadoras Educacionais da coordenadoria regional de Itapiranga/SC	161
7.1.4 <i>Impacto das Mudanças Históricas e Demandas Sociais</i>	167
7.1.4.1 Discurso do sujeito coletivo sobre as principais demandas atuais	171
7.1.4.2 Discurso do sujeito coletivo sobre as práticas necessárias para atender a essas demandas	171
7.1.4.3 O Impacto das Mudanças Históricas nas Demandas Sociais: Desafios e Práticas das Orientadoras Educacionais da coordenadoria regional de Itapiranga/SC	172
7.1.5 <i>Apoio ao Desenvolvimento dos Estudantes</i>	177
7.1.5.1 Discurso do sujeito coletivo sobre a contribuição no desenvolvimento integral dos estudantes	183
7.1.5.2 Discurso do sujeito coletivo das estratégias para apoiar os estudantes nas dificuldades	184
7.1.5.3 Discurso do sujeito coletivo da participação em projetos e/ou programas na escola	185
7.1.5.4 Estratégias e Projetos de Apoio: Contribuições das Orientadoras Educacionais da coordenadoria regional de Itapiranga/SC para o Desenvolvimento Integral dos Estudantes	186
7.1.6 <i>Reflexão e Futuro</i>	192
7.1.6.1 Discurso do sujeito coletivo sobre as expectativas para o futuro da Orientação Educacional	195
7.1.6.2 Discurso do sujeito coletivo com sugestões para melhorar a formação e atuação do orientador educacional	196
7.1.6.3 Reflexão e Futuro: Caminhos para o aperfeiçoamento da Orientação Educacional na visão das orientadoras educacionais da coordenadoria regional de Itapiranga/SC	197
7.1.7 <i>Comentários finais</i>	200
7.1.7.1 Discurso do sujeito coletivo com sugestões e/ou comentários finais	201
7.1.7.2 Comentários finais: Sugestões das Orientadoras Educacionais da coordenadoria regional de Itapiranga/SC	202
8 CONCLUSÃO	204
REFERÊNCIAS	211
APÊNDICES	218
ANEXOS	224

1 INTRODUÇÃO

A Orientação Educacional emerge como um campo de estudo e prática que acompanha de perto a evolução do sistema educacional, refletindo e respondendo às transformações sociais, culturais e pedagógicas ao longo do tempo. A presente dissertação teve como tema central o ofício do Orientador Educacional na educação básica. Estabeleceu-se como objetivo geral **explorar o papel do orientador educacional na educação básica e sua evolução perante as mudanças históricas e às demandas dos estudantes e sociedade, analisando como essas mudanças impactam na identidade profissional e nas práticas da orientação educacional no apoio ao desenvolvimento escolar, social e emocional dos estudantes.**

A história da Orientação Educacional é marcada por mudança de paradigmas, passando de uma abordagem centrada no ensino, em uma visão de orientação vocacional para um foco mais abrangente no desenvolvimento integral do estudante. Desde suas origens ligadas à era industrial até sua configuração atual, a Orientação Educacional evoluiu para abranger não apenas questões acadêmicas, mas também aspectos emocionais, sociais e vocacionais dos estudantes.

À luz dessas transformações, a escola e a sociedade são espaços de interação e de aprendizagem que são levados para a vida. “A educação já não cabe no formato escolar do final do século XIX. Eu gosto da escola e da cor das suas paredes. Mas isso não me leva a perpetuar um modelo que não serve para educar as crianças do século XXI. A escola precisa da coragem da metamorfose, de transformar a sua forma” (Nóvoa, 2022. p. 15). Para a metamorfose acontecer, a escola precisa ser um espaço de abertura, mas, também, de recolhimento. Os novos ambientes escolares precisam permitir que as crianças e os jovens tenham vivências que, talvez, de outro modo, não seriam acessíveis.

Assim, destaca-se um trecho de uma poesia de Cora Carolina “Muitas vezes basta ser: colo que acolhe, braço que envolve, palavra que conforta, silêncio que respeita, alegria que contagia, lágrima que corre, olhar que acaricia, desejo que sacia, amor que promove, E isso não é coisa de outro mundo, é o que dá sentido à vida”. Isso leva à reflexão sobre se a prática docente está sendo ressignificada e se, de fato, acredita-se em uma educação de qualidade.

Pensar em educação de qualidade é reconhecer que se trata de um conceito complexo, pois envolve diversas dimensões e fatores, sendo os fatores internos (dentro da escola) e os externos (fora da escola), bem como as dimensões políticas, históricas, culturais e econômicas. “É preciso compreender a capilaridade educativa que liga o trabalho dentro e fora da escola

(nas famílias, nas cidades, na sociedade). A valorização do espaço público da educação é fundamental para inscrever toda a sociedade no esforço de educar” (Nóvoa, 2022. p. 16). Reconstruir a educação para atender as demandas atuais não significa abandonar o passado, mas utilizá-lo como influência para transformá-lo e assim atender as necessidades atuais.

A orientação educacional ocupa um papel muito importante na estrutura educacional moderna, sendo fundamental no desenvolvimento integral dos estudantes. Esta pesquisa intencionou investigar as raízes históricas da orientação educacional, analisar a construção da identidade profissional dos orientadores educacionais, evidenciar a importância de projetos e atividades desenvolvidos por esses profissionais e compreender como essa função se manifesta na prática nas escolas da coordenadoria regional de Itapiranga/SC. Contudo, se propôs a contribuir não apenas para a compreensão histórica e teórica da orientação educacional, mas também para informar práticas e políticas educacionais voltadas para o bem-estar e sucesso dos estudantes, ampliando a compreensão sobre a importância e o impacto da orientação educacional na sociedade atual.

Desta forma, tendo como tema **o ofício do orientador educacional na educação básica** e visando responder ao problema de pesquisa: **“Como o papel do orientador educacional na educação básica tem evoluído perante as mudanças históricas e às demandas dos estudantes e sociedade, e de que maneira essas mudanças impactam na identidade profissional e nas práticas da orientação educacional no apoio ao desenvolvimento escolar, social e emocional dos estudantes?”**, a pesquisa teve como objetivos específicos:

- Perscrutar raízes históricas da orientação educacional, investigando como a função evoluiu ao longo dos anos, considerando as influências sociais, culturais e educacionais.
- Analisar a construção da identidade profissional do orientador educacional e o seu papel no contexto atual da educação.
- Evidenciar a importância de projetos e atividades do orientador educacional no apoio aos estudantes, professores, pais, comunidade escolar, na promoção do bem-estar e na melhoria da educação e aprendizagem.
- Compreender como o ofício do Orientador Educacional se manifesta na prática, por meio da análise, percepções e experiências dos orientadores educacionais atuantes na coordenadoria regional de Itapiranga/SC, explorando as motivações na escolha dessa profissão, suas visões sobre a importância da função, as estratégias e métodos de trabalho que empregam, bem como as dificuldades e desafios enfrentados em sua atuação.

A fim de buscar respostas para os objetivos, buscou-se trazer, em forma de capítulos, um estudo que se mostra relevante, não apenas para a compreensão histórica e teórica da Orientação Educacional, mas também para informar práticas e políticas educacionais voltadas para o bem-estar e sucesso dos estudantes. Além da presente introdução, na sequência está disposta a justificativa da pesquisa, na qual apresentam-se as motivações pessoais pela escolha do tema, bem como a justificativa acadêmica, tecida por meio do estado do conhecimento. Após estão dispostos três capítulos teóricos que dão conta de esclarecer e fundamentar termos e conceitos pertinentes e necessários a pesquisa e dois últimos capítulos, um que descreve a metodologia utilizada e por fim, o capítulo que traz os resultados da análise da pesquisa.

O primeiro capítulo teórico dedicou-se ao primeiro objetivo específico, perscrutando as raízes históricas da Orientação Educacional, abordando seu surgimento e as transformações ocorridas ao longo do tempo. A história dessa área reflete não apenas a evolução do sistema educacional brasileiro, mas também uma mudança de paradigma na forma de compreender o estudante e seu papel na sociedade. Desde suas origens até sua configuração atual, a Orientação Educacional tem sido moldada por influências sociais, culturais e pedagógicas em constante transformação.

No segundo capítulo, buscou-se responder ao segundo objetivo específico, analisando a construção da identidade profissional do orientador educacional e o seu papel no contexto atual da educação. Por conta das mudanças históricas, socioeconômicas e culturais que ocorreram na sociedade, a escola precisou ser reinventada e reformular as suas funções tradicionais, redefinir seu papel e criar serviços, aumentando o número de pessoas envolvidas no processo educativo. A história da Orientação Educacional não é apenas um indicativo de mudança, mas também um testemunho da preocupação em promover o bem-estar dos estudantes e da melhoria constante da qualidade da educação em nossa sociedade. Hoje, o papel do orientador educacional vai muito além dos portões da escola. Ele desempenha um papel fundamental no desenvolvimento integral do estudante, facilitando não apenas a aquisição de conhecimento, mas também promovendo habilidades sociais e emocionais. Através de projetos, pesquisas e planos de ação, o orientador educacional busca proporcionar um ambiente escolar inclusivo e enriquecedor.

Já no terceiro capítulo, respondendo o terceiro objetivo, ficou evidente a importância de projetos e atividades do orientador educacional no apoio aos estudantes, professores, pais, comunidade escolar, na promoção do bem-estar e na melhoria da educação e aprendizagem. Com a missão de promover o bem-estar dos estudantes, professores, pais e comunidade escolar, além de aprimorar a qualidade da educação e aprendizagem, os projetos e atividades, liderados

pela escola e pelos Orientadores Educacionais, tornam-se fundamentais para o sucesso dos estudantes e consequentemente, da escola. Além disso, o orientador educacional desempenha um papel muito importante na mediação de conflitos e na promoção de uma cultura de cooperação e solidariedade.

Na sequência está disposto o capítulo que detalha o percurso metodológico, indicando o delineamento, os participantes e os procedimentos (instrumentos, coleta, análise e cuidados éticos) que foram adotados para a realização dessa pesquisa.

A presente pesquisa buscou compreender como o trabalho do Orientador Educacional se manifesta na prática, respondendo ao quarto objetivo proposto. Para isso, foram realizadas entrevistas com três orientadoras educacionais ativas e uma aposentada da coordenadoria regional de Itapiranga/SC, e os dados obtidos foram analisados por meio da metodologia do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC). A partir dessa análise, foi possível organizar discursos coletivos com base nas categorias centrais do estudo, revelando percepções e experiências significativas da atuação profissional.

No último capítulo, demonstra-se que os resultados evidenciaram que a prática do orientador educacional está voltada ao acolhimento das demandas sociais e emocionais dos estudantes, à promoção de ações coletivas e à mediação de conflitos. As orientadoras ressaltaram a importância da escuta ativa, do trabalho interdisciplinar e da parceria com a comunidade escolar, mesmo diante de desafios como a sobrecarga de funções, a escassez de recursos e a baixa valorização institucional. Esses aspectos reforçam a necessidade de políticas públicas que reconheçam e fortaleçam o papel do Orientador Educacional na construção de uma escola mais humanizada e inclusiva. Para que sua atuação continue sendo ainda mais eficaz, é essencial que haja investimento na formação e valorização dos Orientadores Educacionais, reconhecendo seu ofício e sua importância na construção de uma educação mais humana, inclusiva e voltada para as necessidades da sociedade contemporânea.

2 JUSTIFICATIVA

A justificativa está tecida em três momentos. No primeiro, justifica-se de forma pessoal a motivação para escolha do tema. O segundo, para alinhar a aderência do tema proposto com a linha de pesquisa na qual a dissertação está inserida. O terceiro, para justificar academicamente a realização da pesquisa com esse viés, por meio do estado do conhecimento.

2.1 Eu, Orientadora Educacional¹

Minha motivação para pesquisar sobre a orientação educacional tem raízes profundas nas minhas experiências pessoais e acadêmicas, essas que foram fundamentais para moldar a minha trajetória profissional, que despertou em mim um interesse genuíno e contínuo pela área. Desde a infância, tive uma relação direta com a educação, pois minha irmã, minha inspiração, sempre estudou e trabalhou no meio educacional. Minha brincadeira favorita foi brincar de escolinha, para poder ser a professora. Não posso deixar de citar o envolvimento importante de meus pais nessa trajetória, pois os dois são grandes incentivadores e os melhores contadores de histórias (sendo dali uma das minhas paixões: contação de histórias, as quais eu utilizo como metodologia de trabalho).

Durante o ensino fundamental, nos anos finais na escola pública estadual, enfrentei desafios significativos relacionados à timidez e dificuldades de enturmação, o que prejudicava meu rendimento escolar e meu desenvolvimento pessoal. Foi nesse contexto que a figura da Orientadora Educacional se tornou um ponto de virada em minha vida. Seu apoio foi essencial para que eu pudesse acreditar em meu potencial. Ao contrário de muitos professores que não enxergavam as minhas capacidades, ela me ofereceu um olhar diferenciado, acreditando em mim e incentivando-me a buscar formas de evoluir.

Graças a suas orientações e ao seu incentivo constante, juntamente com o incentivo de casa dos pais e irmã, decidi cursar o Ensino Médio com habilitação em Magistério. Este curso foi crucial para minha evolução, pois me proporcionou a oportunidade de estagiar em creches e escolas do município, experiências que foram fundamentais para meu desenvolvimento pessoal e profissional, pois foi durante este período que comecei a descobrir minha vocação

¹ A justificativa pessoal está redigida na primeira pessoa do singular para permitir que a autora manifeste sua voz e expressar sua posição sobre o tema.

para a Pedagogia. Finalizei essa etapa sendo a oradora da turma na formatura, um evento marcante que simbolizou minha superação e pude demonstrar a muitas pessoas que eu era capaz.

Minhas conquistas não pararam por aí. Participei duas vezes do concurso de escolha das soberanas da Oktoberfest em nossa cidade. Na primeira tentativa, fiquei em quarto lugar, sendo suplente. Na segunda vez, fui escolhida como a Rainha da festa. Esta conquista representou uma nova superação, considerando minha dificuldade inicial de comunicação e introversão. Essas experiências reforçaram minha autoestima e meu desejo de continuar crescendo.

Além disso, tive a oportunidade de estagiar no Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) como orientadora social, onde me deparei com crianças desacreditadas e violentadas de diversas maneiras. Essa experiência foi fundamental para solidificar minha certeza de que precisava ajudar muitas crianças a acreditarem em si mesmas e a lutar por uma vida digna.

Minha jornada acadêmica continuou com a graduação em Pedagogia, durante a qual trabalhei como professora em várias escolas da rede estadual no município em que resido. No segundo ano da faculdade, participei do concurso público para o cargo de Orientadora Educacional, mesmo sabendo que ainda não poderia assumir a posição devido à falta de pontuação por ainda não ser formada. No entanto, recém-formada em 2020, fui surpreendida com a notícia de que poderia assumir uma vaga. Imediatamente, cursei uma pós-graduação Lato Sensu na área para me especializar, visto que o conteúdo abordado na graduação foi apenas superficial. Cabe também destacar que sou graduada em Licenciatura em Educação Especial e especialista em Psicopedagogia, buscando formação sempre com o intuito de poder auxiliar o estudante da melhor maneira possível.

Agora, cultivado quatro anos de experiência como Orientadora Educacional, percebo que existem muitos desafios e várias questões importantes que permanecem sem resposta. A falta de reconhecimento social e as dificuldades práticas da profissão me impulsionaram a buscar um entendimento mais profundo sobre essa profissão. Por isso veio o desejo em realizar uma pesquisa abrangente através do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação (PPGEDU), com o objetivo de explorar a importância da Orientação Educacional, seu impacto no desenvolvimento dos estudantes e as formas de aprimorar a prática para continuar incentivando e acreditando nos estudantes, assim como um dia acreditaram em mim.

Minha trajetória pessoal e profissional é uma prova viva do impacto positivo que a orientação educacional pode ter na vida de um estudante. Através desta pesquisa, pretendo

contribuir para a valorização e o aprimoramento desta profissão tão essencial para o desenvolvimento escolar, social e emocional dos estudantes.

2.2 Aderência temática com a linha de pesquisa

Esse estudo foi sendo desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEDU), a nível de Mestrado, da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI), Câmpus de Frederico Westphalen. Está vinculado a Linha de Pesquisa “Formação de professores, Saberes e Práticas Educativas”. A aderência reside especialmente na questão das práticas educativas, mas também é notória ao pensar em uma formação docente para atuar em um campo específico vinculado à educação e que requer saberes também específicos para tal exercício, o que são temas pesquisados na referida linha e já orientados pela mesma orientadora do presente projeto. No entanto, embora haja uma vasta produção acadêmica em diversas áreas da educação, pouca atenção tem sido dada especificamente à importância da orientação educacional no contexto escolar e seu impacto no desenvolvimento dos estudantes.

Ao revisar a literatura acadêmica disponível nesse PPG, constatei que apenas um dos trabalhos aborda diretamente essa temática com o título de “Atuação do orientador educacional na escola de educação básica e a vivência do direito educativo: possibilidades para o sucesso escolar”, defendido no final de 2023, pela mestra Luciana Setti Fontaniva. Sua pesquisa teve como objetivo central problematizar a atuação do Orientador Educacional e sua contribuição para a efetivação do direito educativo no ambiente escolar da educação básica, a fim de analisar as possibilidades para o sucesso escolar. Ela buscou compreender o conceito de direito educacional e sua vivência no ambiente escolar, assim como descrever o perfil e a função do Orientador Educacional na escola.

Diante desse cenário, acredito que essa nova pesquisa pode preencher uma lacuna importante na literatura acadêmica, contribuindo para um maior entendimento sobre o papel da orientação educacional na promoção do sucesso escolar, social e emocional dos estudantes. Além disso, ao destacar a relevância dessa área de estudo, espero estimular o interesse de outros pesquisadores e profissionais da educação em investir nesse tema tão fundamental para o desenvolvimento educacional e humano.

2.3 Expandindo horizontes: em busca de novas possibilidades na Orientação Educacional

A produção acadêmica é um componente intrínseco e, segundo Kochlann (2021), é constituinte e construída pela construção do conhecimento científico, que segue elementos de concepção, sentidos e construções do conhecimento científico. A produção acadêmica pode ser compreendida como o processo em que o estudante realiza em suas distintas etapas e/ou níveis de estudo, tais como resumos, artigos, monografias, dissertações, teses e outros. “Um discurso científico sobre a educação não deve ser um discurso de opinião; ele não é científico se não controla seus conceitos e não se apoia em dados. A pesquisa em educação (ou sobre a educação) produz um saber, rigoroso como o é todo saber científico” (Charlot, 2006, p. 10),

com frequência os alunos desenvolvem uma pesquisa para “mostrar que...”. Ou seja, mostrar coisas que eles já sabem de antemão... Pessoalmente, eu digo: Bem, vamos esquecer tudo aquilo que é inútil. Vamos esquecer a justificativa, uma vez que a justificativa de uma pesquisa é sempre a construção do conhecimento; vamos esquecer os objetivos, porque o objetivo de uma pesquisa é sempre entender o que não sabemos. Não quero as hipóteses, sobretudo, porque com suas hipóteses vocês já me dão os resultados de suas pesquisas, antes mesmo de começá-las. O que quero são duas coisas. Em primeiro lugar, o que vocês querem saber e que ninguém ainda sabe, inclusive eu? Porque se alguém já tem a resposta, não vale a pena fazer uma pesquisa. Quando sabemos aquilo que queremos conhecer, temos a base de um projeto de pesquisa. (Charlot, 2006, p. 10)

Para criar uma pesquisa científica inovadora, o pesquisador necessita compreender o que já foi estudado em sua área. Kohls-Santos, Morosini (2021), abordam que seja uma reinvenção, é necessário que o pesquisador se aproprie do conhecimento já existente, compreender o que já está sendo pesquisado, para poder inovar e reinventar o próprio trabalho científico. “Uma das alternativas para conhecer sistematicamente a realidade da construção do conhecimento científico de um determinado campo, em um determinado espaço e tempo, é a partir da realização de pesquisa do tipo Estado do Conhecimento (EC)” (Kohls-Santos; Morosini, 2021, p. 125).

O que sabemos que foi estabelecido? Sobre o que discutimos hoje em dia, o que questionamos, e quais as posições assumidas no debate? Que pesquisas já foram realizadas sobre os temas que estão na moda (os objetos sociomidiáticos), a partir de quais questões, com que dados, e quais os resultados? Quais foram as dissertações de mestrado e as teses de doutorado defendidas nos últimos anos, e que resultados foram estabelecidos? Que pesquisas estão atualmente em andamento, sobre que temas, onde? Para que progrida a pesquisa em educação no Brasil, para que ela se organize, ganhe visibilidade, para que se definam, pouco a pouco, “pontos de partida” e pontos de apoio, existe um trabalho a ser feito. (Charlot, 2006, p. 17)

Percebe-se que para avançar na pesquisa educacional, é necessário realizar um trabalho contínuo. Isso inclui novas pesquisas e analisar trabalhos já existentes, podendo se organizar melhor, receber destaque e estabelecer bases sólidas para o progresso, identificando pontos de partida e referências importantes. Visto isso, precisa-se partir para o EC que significa “estado de conhecimento é identificação, registro, categorização que levem à reflexão e síntese sobre a produção científica de uma determinada área, em um determinado espaço de tempo, congregando periódicos, teses, dissertações e livros sobre uma temática específica” (Morosini; Fernandes, 2014, p. 155).

[...] o Estado do Conhecimento possibilita conhecer o que está sendo pesquisado e as abordagens utilizadas por cada área ou temática. Ainda assim, pode ser uma estratégia para ampliar o escopo sobre determinado tema de estudo, sendo esta uma maneira de também encontrar perspectivas que ainda não foram abordadas, pontos de vista que ainda não foram pensados e que podem ser inovadores para a realização de uma nova pesquisa. (Kohls-Santos; Morosini, 2021, p. 125)

O estado do conhecimento, segundo Kohls-Santos, Morosini (2021), é um tipo de pesquisa bibliográfica que se apoia em teses, dissertações e artigos científicos e é com essas pesquisas que é possível coletar informações sobre o que está sendo pesquisado a nível de programas de pós-graduação *stricto sensu* de alguma determinada área ou tema. “O Estado do conhecimento nos ajuda, exatamente, no que a palavra diz, a conhecer o estado corrente de determinado tema, auxiliando na escolha ou delimitação de objetivos e temáticas de estudo emergentes sobre uma área ou campo científico” (Kohls-Santos; Morosini, 2021, p. 125-126). Para isso, as autoras descrevem as etapas de definições que auxiliam para a coleta de dados para realizar o estudo do estado do conhecimento:

1. Bibliografia Anotada: Identificação e seleção, a partir da pesquisa por descritores, dos materiais que farão parte do corpus de análise.
2. Bibliografia Sistematizada: Leitura flutuante dos resumos dos trabalhos para a seleção e o aprofundamento das pesquisas, a fim de elencar os que farão parte da análise e escrita do estado do conhecimento.
3. Bibliografia Categorizada: Reorganização do material selecionado, ou seja, do corpus de análise e reagrupamento destes em categorias temáticas.
4. Bibliografia Propositiva: Organização e apresentação de, a partir da análise realizada, proposições presentes nas publicações e propostas emergentes a partir da análise. (Kohls-Santos; Morosini, 2021, p. 127)

Dos repositórios de pesquisas brasileiras, as autoras Kohls-Santos, Morosini (2021), citam o Banco de Teses e Dissertações da CAPES que é vinculada a Plataforma Sucupira, (<https://catalogodeteses.capes.gov.br>) “no qual é possível acessar dados quantitativos e qualitativos das teses e dissertações publicadas a partir de 2013” (Kohls-Santos, Morosini, 2021, p. 129) e recomendam também a **Biblioteca Digital Brasileira de teses e Dissertações**

(BDTD - <http://bdtid.ibict.br/vufind/>) “que integra os sistemas de informação de teses e dissertações existentes nas instituições de ensino e pesquisa do Brasil”. (Kohls-Santos, Morosini, 2021, p. 129). Esses bancos foram escolhidos, pois armazenam as produções acadêmicas de programas de pós-graduação em todo o país e por fornecerem informações e o link para acessar aos trabalhos completos.

Por tanto, para a realização da pesquisa do estado do conhecimento é importante a “definição dos descritores ou palavras-chave para realização da busca. Esses descritores devem ser definidos de acordo com a temática da pesquisa e o objetivo do estudo”. (Kohls-Santos, Morosini, 2021, p. 131).

Salienta-se a importância da definição dos termos e/ou descritos estar alinhada aos objetivos da pesquisa, bem como estar desenhada para atender a amplitude e a especificidade da temática a ser desenvolvida na pesquisa do estado do conhecimento. Sendo que, em ambas as bases de dados mencionadas, a pesquisa inicial dos trabalhos é realizada pela leitura e análise inicial dos resumos, para posterior aprofundamento. (Kohls-Santos; Morosini, 2021, p. 131)

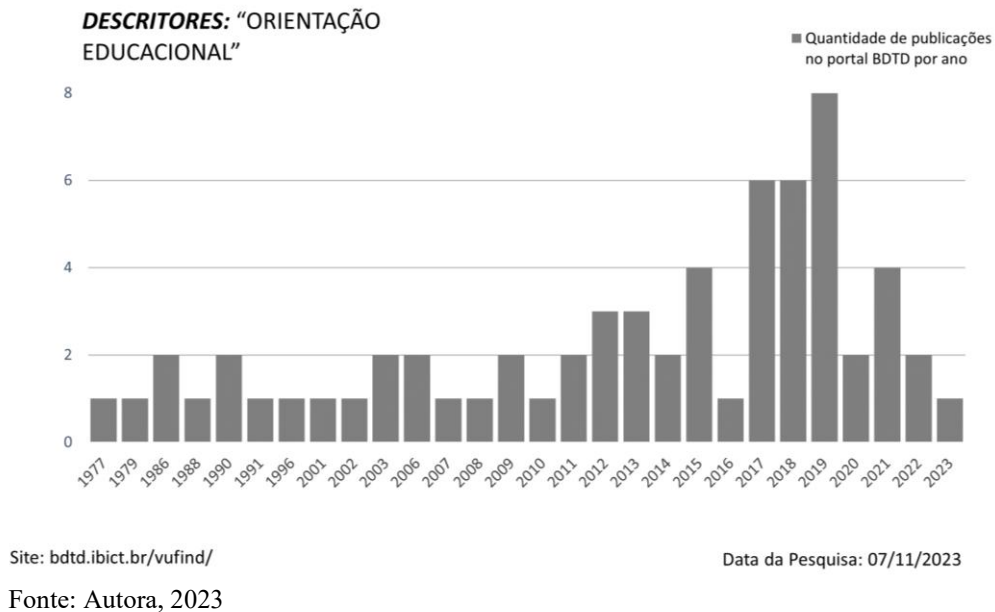
Para seguir a primeira etapa, denominada pelas autoras de *bibliografia anotada*, optou-se por realizar a pesquisa nas duas plataformas de banco de dados (CAPES E BDTD) para conseguir extrair o máximo de trabalhos sobre a temática. Como o objetivo da pesquisa é explorar o papel do orientador educacional na educação básica e sua evolução perante às mudanças históricas e às demandas dos estudantes e sociedade e de que maneira essas mudanças impactam na identidade profissional e nas práticas da orientação educacional no apoio ao desenvolvimento escolar, social e emocional dos estudantes, decidiu-se utilizar como descritores: “Orientação educacional” AND “educação básica” no banco de dados da CAPES, obtendo um resultado de: 23 trabalhos mesclados entre teses e dissertações.

Já no banco de dados BDTD, os descritores foram: “Orientação Educacional” apenas, pois utilizando-se do mesmo descritor anterior, obteve-se apenas 06 trabalhos; Já com o novo descritor, obteve-se o total de 65 trabalhos encontrados, mesclados também em teses e dissertações. Fazendo uma análise de publicações, percebeu-se que 03 trabalhos estavam se repetindo, estando dessa forma nos dois bancos de dados. A pesquisa foi realizada no dia 07/11/2023.

A partir dessa busca rápida e sem refinamentos, percebeu-se uma carência de pesquisas, visto que não é um número tão grande de trabalhos publicados sobre a temática, visando-se a quantidade de trabalhos publicados todos os anos no Brasil.

Realizou-se um diagnóstico do ano de publicação e assim, criou-se um gráfico com as informações coletadas nos dois bancos de pesquisa, conforme imagens a seguir:

Figura 01 - Informações coletadas no banco de pesquisa BDTD



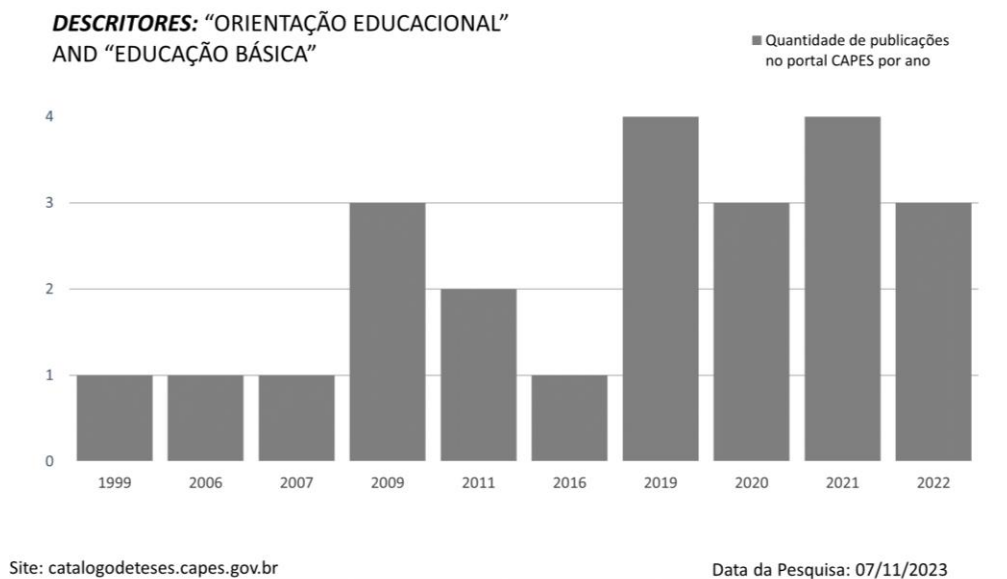
O gráfico acima apresenta a quantidade de publicações encontradas no portal BDTD por ano, baseadas no descritor "ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL". Observa-se que, entre os anos de 1977 e 1986 o número de publicações variou de zero a duas por ano, com picos em 1986 e 1990, ambos com duas publicações. A partir de 1991, a quantidade de publicações manteve-se baixa e relativamente estável até 2011, com a maioria dos anos registrando entre zero e uma publicação.

Entre 2012 e 2015, observa-se um aumento no número de publicações, atingindo três em 2013 e quatro em 2014. Em 2015, houve um aumento nas pesquisas, com sete publicações. O ano de 2016 mostrou uma diminuição, registrando apenas duas publicações, seguido de um novo aumento em 2017 e 2018, com quatro e cinco publicações.

O ano de 2019 foi o mais destacado, com sete publicações, o maior número registrado no período analisado. Em 2020, novamente registra-se uma queda acentuada para apenas duas publicações, seguida de uma leve recuperação em 2021 e 2022, com três e uma publicação, respectivamente. Em 2023, foram registradas duas publicações.

Esses dados indicam uma variação significativa na quantidade de pesquisas publicadas ao longo dos anos, com um notável aumento de interesse nos temas a partir de 2012, culminando em um pico em 2019 e seguido por flutuações nos anos subsequentes.

Figura 02 - Informações coletadas no banco de pesquisa Capes



Fonte: Autora, 2023.

O gráfico apresenta a quantidade de publicações no portal CAPES ao longo dos anos, com base nos descritores "ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL" e "EDUCAÇÃO BÁSICA". Observa-se que, em 1999, 2006 e 2007, apenas uma publicação em cada ano foi encontrada. Em 2009, o número de publicações aumentou para três, mas caiu novamente para duas em 2011 e para uma em 2016. No entanto, em 2019, foram publicados quatro trabalhos, o maior registrado no período analisado. Nos anos seguintes, 2020 e 2021, manteve-se alto, com três publicações em cada ano, e em 2022, houve uma leve redução, com duas publicações. Através desses dados, é possível perceber uma variação significativa na quantidade de pesquisas publicadas ao longo dos anos, com um notável aumento de interesse nos temas entre 2019 e 2021, seguido por uma leve diminuição em 2022.

Ao total, encontrou-se 88 trabalhos, menos 03 que estavam repetidos. Totalizando 85 trabalhos. Através dos gráficos, percebeu-se que 26 trabalhos foram publicados anterior ao ano 2011 e 59 trabalhos após esta data, sendo o ano de 2019 com o maior número de publicações sobre esses descritores.

Para realizar a segunda etapa, Bibliografia Sistematizada, criou-se duas tabelas em Word, separadas por banco de dados, conforme a imagem a seguir:

Figura 03 – Tabela no Word para análise dos trabalhos encontrados

TÍTULO	AUTOR	NÍVEL	LOCAL	ANO	RESUMO	COMPATÍVEL
23 trabalhos no site CAPES Descritores: “Orientador educacional” AND “educação básica”. 65 trabalhos no site BDTD Descritores: “Orientador educacional”.						

Fonte: Autora, 2023.

De acordo com a tabela acima, realizou-se a coleta de dados de cada trabalho identificado, organizando-os por título, autor, nível de ensino, local da instituição, ano de publicação e resumo. A partir da leitura inicial do resumo, verificou-se a compatibilidade de cada trabalho com a temática da pesquisa. Salienta-se, ainda, que 12 trabalhos não foram localizados para participação nesta seleção.

No Estado do Conhecimento a leitura flutuante é entendida como a leitura inicial dos trabalhos encontrados (Etapa 1 – Bibliografia Anotada), a fim de se chegar no Corpus de Análise (Etapa 2 – Bibliografia Sistematizada), ou seja, aos trabalhos a serem selecionados. Quais sejam, aqueles que tem aproximação com o objetivo elencado para realização do estado do conhecimento. (Kohls-Santos; Morosini, 2021, p. 128).

Com isso, obteve-se um total de 19 trabalhos compatíveis com a temática da pesquisa, 04 trabalhos do banco de dados da Capes e 15 do BDTD, seguindo as tabelas criadas a partir de dados dos trabalhos selecionados em ordem cronológica.

Tabela 01 - TRABALHOS COMPATÍVEIS COM A TEMÁTICA NO SITE CAPES

TÍTULO	AUTOR	NÍVEL	LOCAL	ANO
“NEM SEMPRE O ADULTO RESOLVE...”: O SERVIÇO DE ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL E AS PRÁTICAS DE BULLYING NO PRIMEIRO SEGMENTO DO ENSINO FUNDAMENTAL	MARTINS, ANA CAROLINA HYER DE FARIA DA SILVA	MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO EM EDUCAÇÃO BÁSICA	UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO	2016
O ORIENTADOR EDUCACIONAL E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO E APRENDIZAGEM ESCOLAR	WOUTERS, JANETE ALLASSIA DREBES	MESTRADO EM ENSINO DE HUMANIDADES E LINGUAGENS	UNIVERSIDADE FRANCISCANA, SANTA MARIA	2019
A PRÁTICA DO ORIENTADOR EDUCACIONAL E O SEU PAPEL NO COTIDIANO ESCOLAR NA REDE PÚBLICA MUNICIPAL DE FRANCA/SP	COLOMBINI, FLAVIA PINHEIRO DA SILVA	MESTRADO PROFISSIONAL EM PLANEJAMENTO E ANÁLISE DE POLÍTICAS	UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO (FRANCA)	2019

SEXUALIDADE NO CONTEXTO ESCOLAR: CONCEPÇÕES E PRÁTICAS SOBRE SEXUALIDADE ENTRE ORIENTADORES EDUCACIONAIS (1990 – 2020)	LIMIA, JULIANA PEREIRA	MESTRADO EM EDUCAÇÃO	UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA	2020
--	------------------------	----------------------	---------------------------------------	------

Fonte: Autora, 2023.

Tabela 02 - TRABALHOS COMPATÍVEIS COM A TEMÁTICA NO SITE BDTD

TÍTULO	AUTOR	NÍVEL	LOCAL	ANO
A MULTIPLICIDADE DE ÁREAS DE ATUAÇÃO DO ORIENTADOR EDUCACIONAL E IMPLICAÇÕES PARA A SUA FORMAÇÃO	CAVALCANTE, LUCÍOLA INÊS PESSOA	MESTRADO EM EDUCAÇÃO	FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS INSTITUTO DE ESTUDOS AVANÇADOS EM EDUCAÇÃO DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO	1979
OS ALUNOS DE INSTITUIÇÃO PÚBLICA E PRIVADA ENCAMINHADOS AOS SERVIÇOS DE ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL: DEPOIMENTOS OMITIDOS	MILNITSKY-SAPIRO, CLARY	MESTRADO EM PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO	UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL	1986
VIDA E MORTE: O DRAMA DOS ADOLESCENTES: ABORDAGEM DE UM EDUCADOR COM VISTAS A EDUCAÇÃO	LACERDA, MIRIAM PIRES CORRÊA DE	MESTRADO EM EDUCAÇÃO	UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL	1990
CONTRIBUIÇÕES PARA A CRÍTICA DA ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL	MELO, SONIA MARIA MARTINS DE	MESTRADO EM EDUCAÇÃO	UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA	1991
A CONTRIBUIÇÃO DO ORIENTADOR EDUCACIONAL NA POLÍTICA DA EDUCAÇÃO UM ESTUDO NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE PELOTAS – RS	ANTUNES, MARGARETE HIRDES	MESTRADO EM SOCIAL	UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PELOTAS	2009
UMA CONTRIBUIÇÃO CRÍTICA PARA O ENTENDIMENTO DOS SENTIDOS ATRIBUÍDOS PELO ORIENTADOR EDUCACIONAL AO EXERCÍCIO DE SUA FUNÇÃO	IAVELBERG, CATARINA CERQUEIRA	MESTRADO EM PSICOLOGIA	PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO	2011
A PRÁXIS DO SERVIÇO DE ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL REVISITADA SOB A PERSPECTIVA DA TEORIA SISTÊMICA E DO DESENVOLVIMENTO MORAL	SILVA, ANITA MARIA LINS DA	MESTRADO EM TEOLOGIA	FACULDADES EST. SÃO LEOPOLDO	2012
ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL NA ATUALIDADE: POSSIBILIDADES DE ATUAÇÃO	FERREIRA, THAIANE	MESTRADO EM EDUCAÇÃO	UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA	2013
BULLYING NO CONTEXTO ESCOLAR: PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA E PROMOÇÃO DA CULTURA DA PAZ NA PERSPECTIVA DE ADULTOS E CRIANÇAS	PINTO, RAQUEL GOMES	DOCTORADO EM PSICOLOGIA	UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA	2013
O QUE DIZEM OS ORIENTADORES	CHAGAS, GISELE SANTOS	MESTRADO EM EDUCAÇÃO, CONTEXTOS	UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO	2017

EDUCACIONAIS SOBRE A ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL		CONTEMPORÂNEO S E DEMANDAS POPULARES		
FORMAÇÃO E ATUAÇÃO DO ORIENTADOR EDUCACIONAL: PERSPECTIVAS INTERDISCIPLINARES	SILVA, JOÃO ROBERTO DE SOUZA	DOCTORADO EM EDUCAÇÃO, ARTE E HISTÓRIA DA CULTURA	UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE, SÃO PAULO	2018
O TRABALHO DO ORIENTADOR EDUCACIONAL NA REDE MUNICIPAL DE DUQUE DE CAXIAS: LIMITES E POSSIBILIDADES DE ATUAÇÃO NA EQUIPE DIRETIVA PARA UMA GESTÃO DEMOCRÁTICA	ALVES, TAMARA DE SOUZA SANTANA BATISTA	MESTRADO EM EDUCAÇÃO, CULTURA E COMUNICAÇÃO	UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, DUQUE DE CAXIAS	2018
A FORMAÇÃO PROFISSIONAL DO ORIENTADOR EDUCACIONAL: UM ESTUDO NAS ESCOLAS MUNICIPAIS DE SANTOS/SP.	ERRA, RITA DE CÁSSIA ABREU	MESTRADO EM EDUCAÇÃO	UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SANTOS	2019
O SENTIDO ATRIBUÍDO AO TRABALHO DO ORIENTADOR EDUCACIONAL NA REDE PÚBLICA DE ENSINO: DIFERENTES OLHARES	NOCITO, MEIRE CAMPELO	MESTRADO EM EDUCAÇÃO: PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO	PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO	2020
CARACTERIZAÇÃO DO PERFIL PROFISSIONAL E MODOS DE ATUAÇÃO DO ORIENTADOR EDUCACIONAL NA REDE PÚBLICA DE ENSINO DE SOBRAL – CE	BARBOSA, HIARA DA SILVA SANTOS	MESTRADO PROFISSIONAL EM PSICOLOGIA E POLÍTICAS PÚBLICAS	CAMPUS SOBRAL, UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ	2022

Fonte: Autora, 2023.

A leitura do título não foi considerada; o foco concentrou-se na leitura flutuante de todos os resumos, a partir da qual foi possível alcançar o resultado apresentado. O documento contendo todos os resumos encontrados não foi incluído nas tabelas devido ao seu volume significativo, sendo compartilhados apenas aqueles que, pela leitura, demonstraram compatibilidade com a temática do ofício do orientador educacional na educação básica. “Na bibliografia anotada constam todos os trabalhos da busca inicial realizada, sendo que na Bibliografia Sistematiza, após a leitura flutuante, se faz a seleção dos trabalhos que serão incluídos e excluídos” (Kohls-Santos; Morosini, 2021, p. 135).

É importante destacar que as teses e dissertações aqui apresentadas não foram examinadas em sua totalidade, pois o objetivo foi de avaliar se os resumos eram suficientes para transmitir a essência do trabalho. A partir desse mapeamento feito, visou-se principalmente observar o que já foi pesquisado sobre a temática, a fim de determinar se a proposta de projeto atual se diferencia do que já foi desenvolvido anteriormente.

No Estado do Conhecimento entendemos que esta análise vai além dessa representação, uma vez que, utiliza documentos, teses e dissertações, artigos científicos, que contêm em seu construto o viés epistemológico de cada pesquisador,

orientador e também é possível se perceber as nuances presentes em pesquisas realizadas sobre a mesma temática em Programas de Pós-Graduação diferentes, sendo da mesma área de concentração ou não. (Kohls-Santos, Morosini, 2021, p. 128)

A fim de compreender a relevância dos trabalhos, analisou-se os objetivos e selecionou-se aquele que podem contribuir de alguma forma com a temática aqui abordada, sendo todos encontrados no banco de dados da CAPES. Wouters (2019), traz sua dissertação: “o orientador educacional e suas contribuições para o ensino e aprendizagem escolar” tendo como objetivo analisar as contribuições do orientador educacional da Rede Municipal de Ensino de Santa Maria (RMESM, RS) para o processo de ensino e aprendizagem escolar. “‘Nem sempre o adulto resolve...’: o serviço de orientação educacional e as práticas de bullying no primeiro segmento do ensino fundamental” foi o título do trabalho de Martins (2016) que aborda a orientação educacional numa perspectiva de educação voltada para a formação de cidadão/ãs plenos/as, dignos/as e tolerantes necessita estar atenta quanto aos desafios atuais da educação, como é o caso do bullying.

Em um outro viés, Limia (2020), aborda o tema “sexualidade no contexto escolar: concepções e práticas sobre sexualidade entre orientadores educacionais (1990-2020)” e teve como objetivo analisar as práticas de orientadores/as educacionais sobre educação sexual com crianças e adolescentes.

Dentre os objetivos encontrados dos trabalhos do banco de dados do BDTD, Lacerda (1990), em seu trabalho intitulado “Vida e morte: o drama dos adolescentes: abordagem de um educador com vistas a educação” trouxe uma proposta de trabalho para Orientadores Educacionais bem como ressalta o valor inegável que assumem as primeiras vivências na formação de uma atitude diante da vida. Cavalcante (1979), no seu trabalho “A multiplicidade de áreas de atuação do orientador educacional e implicações para a sua formação” trouxe um enfoque da multiplicidade de áreas de atuação do Orientador Educacional e suas implicações decorrentes para sua formação e exercício profissional.

Já Silva (2018), teve como objetivo no seu trabalho “Formação e atuação do orientador educacional: perspectivas interdisciplinares” investigou a formação e atuação do Orientador Educacional, em uma perspectiva interdisciplinar. Barbosa (2022), em seu trabalho “Caracterização do perfil profissional e modos de atuação do orientador educacional na rede pública de ensino de Sobral-CE”, apresentou a caracterização do perfil profissional e modos de atuação do Orientador Educacional (OE) na rede pública de ensino.

Iavelberg (2011), em sua dissertação “Uma contribuição crítica para o entendimento dos sentidos atribuídos pelo orientador educacional ao exercício de sua função” teve como objetivo

lançar luz sobre um tema ainda insuficientemente explorado em termos de análise acadêmica: a relação que o orientador educacional mantém com a escola, a educação e a sociedade, por intermédio da compreensão e análise dos sentidos atribuídos por ele à sua função.

Nocito (2020), escreveu sua dissertação com o título: “O sentido atribuído ao trabalho do orientador educacional na rede pública de ensino: diferentes olhares” e teve como objetivo compreender os sentidos atribuídos ao trabalho do orientador educacional na rede pública de ensino, a partir dos quais pode-se debruçar sobre as suas possibilidades de atuação.

“A prática do orientador educacional e o seu papel no cotidiano escolar na rede pública municipal de Franca/SP” foi o título da dissertação de Colombini (2019), que buscou investigar a atuação desses profissionais e sua consonância com os documentos, teorias, legislações e orientações oficiais que regem a prática pedagógica desses especialistas da educação, no município em questão. Já Antunes (2009), fez sua pesquisa sobre “a contribuição do orientador educacional na política da educação um estudo na rede municipal de ensino de Pelotas – RS” e evidenciou as concepções de Educação contidas na prática profissional dos Orientadores (as) Educacionais – OE. Erra (2019), pesquisou “A formação profissional do orientador educacional: um estudo nas escolas municipais de Santos/SP.” E teve como questão norteadora conhecer como o OE trabalha na escola em que está inserido e qual a sua formação inicial e em trabalho. Como se dá a formação inicial e em serviço do OE?

Alves (2018), teve como objetivo analisar quais as alternativas e entraves encontrados pela Orientação Educacional para articular em sua práxis as atribuições específicas da função com a sua integração na gestão escolar, como membro da Equipe Diretiva, a fim de contribuir para que se efetive a Gestão Democrática, ficando assim o seu trabalho intitulado como “O trabalho do Orientador Educacional na Rede Municipal de Duque de Caxias: limites e possibilidades de atuação na Equipe Diretiva para uma Gestão Democrática”. Já o trabalho “O que dizem os orientadores educacionais sobre a orientação educacional” de Chagas (2017), trouxe como ideia promover uma discussão que leve em consideração as experiências individuais que dão visibilidade aos aspectos que constituem a profissão e o campo de atuação.

“Contribuições para a crítica da orientação educacional” dissertação de Melo (1991), visou contribuir com a discussão sobre a questão dos especialistas em educação, principalmente o Orientador Educacional, e a sua presença na escola pública brasileira. Silva (2012), escreveu sobre “A práxis do serviço de orientação educacional revisitada sob a perspectiva da teoria sistêmica e do desenvolvimento moral” Para apreender e alargar as possibilidades das ações do SOE buscou-se, nesta pesquisa, revisitar sua práxis a partir do aprofundamento de sua história

e atribuições, também o aprofundamento dos estudos sobre a moral infantil e, por último, os conhecimentos sobre a Teoria Geral dos Sistemas.

Um trabalho mais antigo de Milnitsky-Sapiro (1986), foi sobre “Os alunos de instituição pública e privada encaminhados aos serviços de orientação educacional: depoimentos omitidos” e teve como objetivo compreender e descrever os depoimentos de alguns estudantes que viveram “passagens críticas”, conforme foi indicado pelos SOEs de suas escolas. E, principalmente, descobrir o sentido desses encaminhamentos, privilegiando a percepção do estudante.

Já Ferreira (2013), quis trazer a temática para os dias atuais da época, “Orientação educacional na atualidade: possibilidades de atuação” buscou investigar a ação de Orientadores Educacionais que atuam no DF, focando as concepções de Educação que ancoram suas práticas, suas concepções de Orientação Educacional, se essas podem ser vistas a partir de uma perspectiva complexa de atuação e como percebem o futuro dessa profissão. Pinto (2013), traz o Orientador Educacional em um outro contexto, mas também interessante, com o título: “Bullying no contexto escolar: prevenção da violência e promoção da cultura da paz na perspectiva de adultos e crianças” com o intuito de investigar os posicionamentos, ideias, crenças, valores e ações típicas apresentadas nas narrativas de crianças, professores e equipe escolar de uma escola pública da cidade de Brasília em relação ao fenômeno do bullying escolar.

Nesse cenário complexo e desafiador da educação, o Orientador Educacional desempenha um papel importante na promoção da compreensão. A evolução constante do cenário social e educacional exige uma prática ágil e eficaz por parte dos profissionais responsáveis pelo suporte emocional, social e acadêmico dos estudantes.

Os Orientadores Educacionais atuam como mediadores, auxiliam os estudantes a lidarem com os desafios pessoais e educacionais, promovem uma compreensão de si mesmos, dos outros e do mundo, o autoconhecimento, a desenvolver habilidades sociais e emocionais, respeito à diversidade e pensamento crítico e a resolução de conflitos. Com o apoio do Orientador Educacional, os estudantes poderão estar melhor preparados para enfrentar os desafios do mundo em constante evolução e contribuir para uma sociedade mais compreensiva e inclusiva.

As mudanças históricas da educação como um todo também impactam a identidade profissional do Orientador Educacional que antes era visto muitas vezes como um especialista acadêmico ou orientador vocacional, o orientador agora é desafiado a ser um facilitador do

desenvolvimento integral do estudante, atuam como um mediador entre as diversas demandas do ambiente escolar e as necessidades individuais dos estudantes. Demonstra-se assim, a necessidade de examinar quanto essas mudanças históricas e as demandas da sociedade afetam o papel do Orientador Educacional, impactando não apenas na identidade profissional, mas também nas práticas diárias, na promoção do desenvolvimento escolar, social e emocional dos estudantes.

A relevância deste trabalho está diretamente relacionada à abordagem metodológica adotada, a Análise do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), que se diferencia por buscar captar a essência dos discursos individuais para compor um discurso coletivo representativo. Essa forma de análise permitiu compreender, de maneira mais profunda e integrada, as percepções, experiências e expectativas das Orientadoras Educacionais da coordenadoria regional de Itapiranga/SC, público-alvo desta pesquisa.

3 DE LÁ PRA CÁ: O CONTEXTO HISTÓRICO DO ORIENTADOR EDUCACIONAL

A história da Orientação Educacional representa um novo olhar em relação ao educando e a vida social. Para compreender plenamente o ofício contemporâneo desse profissional, é preciso perscrutar raízes históricas da Orientação Educacional, investigar como a função evoluiu ao longo dos anos, considera-se as influências sociais, culturais e educacionais. Ao longo das décadas, a figura do Orientador Educacional evoluiu significativamente, respondendo às mudanças nas abordagens pedagógicas, nas demandas sociais e nas complexidades do desenvolvimento humano.

A Orientação Educacional, no nosso país, percorreu um longo caminho comprometido com a educação e com as “políticas vigentes”. Todo o processo da Orientação manteve, sempre, estreita relação com as tendências pedagógicas, sendo o seu trabalho desenvolvido a partir do que dela se esperava nas diversas concepções. A análise desta relação engloba diferentes aspectos e significados da prática da Orientação e de suas dimensões no cenário educacional, configurado pelos princípios e propósitos daquelas concepções. (Grinspun, 1994, p. 11)

Inicialmente, “o educando não era levado em conta na execução do processo de ensino. Os sucessos escolares, quase sempre, corriam por conta da eficiência do professor, e os insucessos, por conta da inadequada aplicação do educando nos estudos” (Nérici, 1976, p. 13). Pode-se pensar, junto à Nérici (1976), que a história da Orientação Educacional está ligada à era industrial, que acabou afastando os pais de casa para as fábricas, sendo que os filhos ficavam sem o apoio e supervisão que tinham anteriormente. Sendo que, somente no princípio do século, começou-se a ver o educando como um ser carente e diferente um do outro, com suas virtudes, deficiências, inadequações, dificuldades e aspirações. O professor também começou a ser visto como um ser falível e que poderia apresentar falhas. Com a industrialização e consequentemente a necessidade de mão-de-obra especializada, a indústria fez pressão para a escola.

Ao mesmo tempo, a crescente divisão do trabalho científico, reduzindo-se a campos cada vez mais estreitos, exige novos organismos especializados, que forneçam, com o máximo de rapidez e da melhor forma possível, uma formação teórica e prática que prepare o indivíduo para uma determinada atividade. (Carvalho, 1979, p. 29)

Carvalho (1979), relata que o aumento na demanda da educação elevou o número de professores, porém, a qualidade do ensino diminuiu. O aumento nas classes e no número de estudantes por sala, juntamente com a sobrecarga dos programas escolares e insatisfação com

a remuneração e, com isso, busca constante por mais aulas, resultou em um cenário onde os professores, de todos os níveis, possuíram pouco tempo para se dedicar verdadeiramente ao ensino. Como consequência, muitos educadores deixaram de ser verdadeiros "mestres", que eram preocupados não apenas em transmitir os conhecimentos específicos de suas disciplinas, mas também em fornecer ensinamentos de vida.

A prioridade passou a ser a transmissão rápida de informações, sem espaço para avaliar adequadamente a assimilação dos estudantes. Este fenômeno reflete um desafio crescente na qualidade da educação, com o foco na quantidade de aulas ministradas em detrimento da qualidade do aprendizado proporcionado. “Não são os professores culpados por esses fatores, já que o quadro existente no campo educacional reflete uma situação mais ampla, que envolve todo o processo cultural” (Carvalho, 1979, p. 30).

A escola, tradicionalmente com o objetivo de contribuir para a formação existencial do indivíduo (composto de instrução mais orientação), cinge cada vez mais seu papel ao da instrução. Por outro lado, a complexidade da forma de vida contemporânea atribui à educação e, portanto, à escola, tarefas cada vez mais complexas que antes eram cumpridas pela família, igreja e outras organizações. No momento presente, as transformações rápidas e profundas ocorridas na sociedade pedem por uma constante revisão de seus valores. (Carvalho, 1979, p. 30)

Em um cenário de conflitos pessoais e interpessoais, seguindo nas ideias de Carvalho (1979), a dificuldade de discernir entre padrões antigos rejeitados e novos ainda não claramente delineados, é desafiador e provocam um estado constante de tensão entre indivíduo e grupo e reclama uma ajuda individual mais efetiva. Nérici (1976, p. 14) percebe que:

O educando começou a ser olhado com mais compreensão e com a intenção de ser apreendido em sua realidade sócio-humana e de serem caracterizadas as suas dificuldades de adaptação, para ser assistido e fortalecido em seus aspectos negativos e estimulando em seus aspectos positivos, tendo em vista melhor prepará-lo para integrar-se no meio social, como cidadão participante. É o advento da Orientação Educacional.

Para Nérici (1976), a Orientação Educacional é o reconhecimento da realidade do educando como ser com possíveis dificuldades que precisam ser atendidas, para que ele possa dedicar-se aos estudos, com possibilidade de satisfatório rendimento. Não visa somente a bons resultados nos estudos, mas, também, à adequada integração do educando na escola, no lar, na sociedade e no “mundo do trabalho”. “A Orientação Educacional foi um acordar para a realidade biológica, social, psicológica e vocacional do educando, a fim de melhor ajudá-lo a realizar-se e melhor integrar-se no processo geral ‘do viver’ como autêntico cidadão, no contexto social em que tem de atuar” (Nérici, 1976, p. 14). Com isso, o rendimento escolar e

comportamentos inadequados passaram a ser compreendidos como consequências de dificuldades do educando e não como simples má vontade do mesmo.

A Orientação Educacional fundamenta-se, principalmente, no reconhecimento das diferenças individuais e no reconhecimento de que o ser humano, em qualquer fase da sua vida, é um ser carente e que, com maior ou menor intensidade, necessita de compreensão, ajuda e orientação. (Nérici, 1976, p. 15)

Nérici (1976), realiza um apanhado histórico e descreve que a Orientação Educacional, praticamente, surgiu no início do século XX, nos Estados Unidos com objetivo principal de orientar os estudantes para uma adequada escolha de trabalho, com intenções de orientação profissional. Mas, o contato direto com o educando foi revelando as suas inseguranças e dificuldades, ampliando-se, então, a ação para uma assistência mais ampla e completa, a fim de melhor orientá-lo para a vida pessoal e social. “Tudo indica que a Orientação Educacional, na esfera profissional, surgiu em 1895, em São Francisco, e em 1898, em Boston, por obra de Frank Parson. Parson, também, em 1908, organizou o ‘Bureau of Vocational Guidance’”(Nérici, 1976, p. 15).

Schmidt e Pereira (1975), salientam que na data de 1916 ocorreu a organização sistematizada do Setor de Orientação Educacional nas escolas americanas. Já em 1918 a Comissão Organizadora do Ensino Secundário estabeleceu os “sete princípios cardiais da educação”: saúde do educando, integração satisfatória na vida família e social, cidadania, vocação, uso adequado das horas de lazer, formação do caráter, aquisição de técnicas fundamentais” (Schmidt; Pereira, 1975, p. 52).

No Brasil, a história da Orientação Educacional seguiu um percurso distinto, como destaca Grinspun (1994), que assinala, em forma de períodos, a evolução dessa prática no país. O autor inicia pelo **Período implementador** (de 1920 a 1941) “A Orientação começa a aparecer no cenário educacional brasileiro timidamente associada à orientação profissional, com ênfase nos trabalhos de seleção e escolha profissional” (Grinspun, 1994, p. 17).

Segundo Pimenta (1988), aproximadamente em 1930 a Orientação Educacional teve origem, surgindo a partir da orientação profissional que estava em vigor nos Estados Unidos. Em 1940, a Orientação Educacional apareceu nas escolas brasileiras com o intuito de ajudar os adolescentes nas suas escolhas profissionais. De acordo com a autora, a primeira menção a cargos de orientador nas escolas estaduais se deu pelo Decreto n. 17.698, de 1947, referente às Escolas Técnicas e Industriais.

Nérici (1976), descreve que a primeira tentativa de Orientação Educacional no Brasil se deve ao notável educador Lourenço Filho, quando era diretor do Departamento de Educação do

Estado de São Paulo, criando o “Serviço de Orientação Profissional e Educacional”, em 1931. “O referido “Serviço” foi dirigido pela psicóloga Noemy Silveira Rudolfer. Este “Serviço”, interrompido em 1932 e reiniciado no mesmo ano por Fernando Azevedo, é definitivamente extinto em 1935” (Nérici, 1976, p. 16). O maior objetivo deste serviço era de guiar o indivíduo na escolha de seu lugar social pela profissão.

Segundo a professora Mirian Grinspun, em um vídeo aula gravado disponível no YouTube, intitulado como “Origem e Evolução Histórica da Orientação Educacional”², seguiu-se dois modelos para a implementação da Orientação Educacional no Brasil: inicialmente o modelo Americano que a abordagem era psicológica, terapêutica e orientação vocacional. Após, seguiu-se o modelo francês que abordava as questões pedagógicas, de aprendizagem e denominava-se Orientação Educacional.

Ainda de acordo com Nérici (1976), a segunda tentativa de implantação da Orientação Educacional deve-se a duas ilustres educadoras, Aracy Muniz Freire e Maria Junqueira Schmidt que, em 1934, implantaram um serviço dessa natureza em uma escola de Rio de Janeiro, então Distrito Federal. Tanto Aracy quando Maria escreveram, sobre a Orientação Educacional. Aracy foi pioneira da OE e ardente defensora do sistema de educação. Maria Junqueira Schmidt foi uma grande propulsora da Orientação Educacional no Brasil. Desenvolveu um extraordinário trabalho de divulgação da OE, participou de movimentos de aperfeiçoamento e ministrou cursos incentivando a criação de SOE “Serviços de Orientação Educacional” em todas as escolas e recrutando professores para se especializar para exercerem o cargo nas escolas.

Quanto a esse trabalho pioneiro de divulgação e mesmo de preparação dos primeiros orientadores educacionais, não podem ser esquecidos os nomes de Maria Junqueira Schmidt, Maria de Lourdes de Souza Pereira, Laís Esteves Goffredi, Pe. Herádio Conduru Pinto Marques, Advenir de Souza Lima, Maria José Garcia Werebe, Agostinho Minicucci e outros. (Nérici, 1976, p. 12)

Grinspun (1994, p. 17), descreve o próximo período como **Período institucional** (de 1942 a 1960), sendo ele dividido em funcional e instrumental, no qual ocorre toda a exigência legal da Orientação nas escolas e “o esforço do Ministério da Educação e Cultura para desaminizá-la e os cursos que cuidavam da formação dos orientadores educacionais”.

Nesta perspectiva, Schmidt e Pereira (1975) salientam que a Orientação foi consubstanciada em lei pela Reforma de Ensino em 1942. Traçou a Lei Capanema diretrizes

² GRINSPUN, Mirian. Origem e Evolução Histórica da Orientação Educacional. YouTube, 22 de setembro de 2015, publicado por: Juliana Araújo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Xkl-IYg2Cvc>. Acesso em: 24 de junho de 2024.

para a OE nas escolas secundárias, descreveu as funções do OE e regulou o cargo de Orientador Educacional.

Nérici (1976), notabiliza que a expressão “Orientação Educacional”, empregada para designar um serviço auxiliar da escola, aparece pela primeira vez, na legislação federal, no Decreto-lei nº 4.073, de 30/01/42 (Lei Orgânica do Ensino Industrial) vindo, a seguir de nº 4.424, de 9/4/42 (Lei Orgânica do Ensino Secundário) e, depois, o de nº 6.141, de 28/12/43. A formulação mais precisa, no entanto, aparece na Lei Orgânica do Ensino Secundário (Decreto-Lei nº 4.424, de 9/4/42), quando se refere:

Art. 80. Far-se-á, nos estabelecimentos de ensino secundário, Orientação Educacional.

Art. 81. É função da Orientação Educacional, mediante a necessária observação, cooperar, no sentido de que cada aluno se encaminhe convenientemente nos estudos e na escolha de sua profissão, ministrando-lhe esclarecimentos e conselhos, sempre em entendimento com sua família.

Art. 82. Cabe ainda à Orientação Educacional cooperar com os professores no sentido da boa execução por parte dos alunos, dos trabalhos escolares, buscar imprimir segurança e atividade aos trabalhos complementares e velar para que o estudo, a recreação e o descanso dos alunos decorram em condições de maior conveniência pedagógica. (Brasil, 1942)

Em 1957, Schmidt e Pereira (1975) detalham que o Ministério da Educação se voltou para o problema da introdução do SOE nas escolas de ensino médio. “Por iniciativa do então Diretor do Ensino Secundário Gildásio Amado, através da CADES, foi promovido o I Simpósio de Orientação em São Paulo”. (1975, p. 52). Visando não apenas a implantação do SOE nas escolas, mas também a formação de profissionais para o cargo. “O primeiro curso de Orientação Educacional, visando a formação de Orientadores Educacionais para o Ensino Primário, foi realizado no Instituto de Educação do Estado de Guanabara em 1964”. (Schmidt; Pereira, 1975, p. 52).

De caráter histórico na educação nacional, prende-se à ação da “Campanha de Aperfeiçoamento e Divulgação do Ensino Secundário”, promovida pelo Ministério da Educação e Cultura, lá pelos idos de 1958, e que teve a comandá-la figuras como Gildásio Amado, Armando Hildebrand, Cleantho de Siqueira, José Carlos de Mello e Souza e outros, tendo sido um dos mais notáveis movimentos da educação nacional, promovendo a formação urgente, rápida e eficiente de professores que possibilitaram a expansão da rede escolar média, em todo território nacional. Mas a mesma “Campanha” dedicou-se, também, ao trabalho de aperfeiçoamento administrativo das escolas médias e à divulgação e implementação da Orientação Educacional no Brasil, atividade escolar praticamente inexistente, até então, entre nós. (Nérici, 1976, p. 12).

O próximo período, Grinspun (1994), nomeou de **Período transformador** (de 1961 a 1970). Segundo ela, esse período a Orientação Educacional ficou caracterizada como educativa “na Lei nº 4024/61, até a profissionalização dos que atuam nesta área, através da Lei nº 5540/48” (Grinspun, 1994, p. 17-18). Neste período ainda, os eventos da classe, seminários,

encontros e congressos começaram a ganhar maior dimensão, sendo também abordadas as questões psicológicas.

Nérici (1976), traz que a Lei nº 5.564 de 21/12/68, diz a respeito:

Art. 1º A Orientação Educacional se destina a assistir o educando individualmente ou em grupo, no âmbito das escolas e sistemas escolares de nível médio e primário, visando ao desenvolvimento integral e harmonioso de sua personalidade, ordenando e integrando os elementos que exercem influência em sua formação e preparação para o exercício das opções básicas.

Período Disciplinar (de 1971 a 1980), assim chamado o próximo período assinalado por Grinspun (1994). “A Orientação está sujeita à obrigatoriedade da Lei nº 5692/71 que determina, inclusive, o aconselhamento vocacional. Ao mesmo tempo, a Orientação quer trabalhar com o currículo da escolar, encontrando, porém, os seus orientadores, a questionar a sua prática pedagógica”. Mesmo que a diretriz assinalou uma visão sociológica e coletiva, a legislação comprometeu os profissionais da área a funções voltadas à Psicologia. “O Decreto nº 72846/73, que regulamenta a lei que trata do exercício da profissão de orientador educacional, vai disciplinar os passos que deverão ser seguidos” (Grinspun, 1994, p. 19).

Ainda sobre este período, Grinspun (1994), descreve que na década de 70 uma nova leitura sobre o OE começou a ser feita, na qual surge uma lei que obriga a profissionalização do ensino, “mas existe uma enorme dificuldade em lidar com esse fato novo, desde a falta de recursos materiais para sua efetivação até a formação de profissionais para sua realização” (Grinspun, 1994, p. 19). “Interessante observar que em todo o momento a Orientação que deveria realizar o aconselhamento vocacional em cooperação em a família, escola e sociedade, na realidade o que realizou foi uma informação profissional”(Grinspun, 1994, p. 20).

Grinspun (1994), também salienta que no final da década de 70 cresceram as denúncias e gritou-se contra a falta de compromisso da escola e de seus protagonistas.

A Orientação estava dentro da escola e não se deu conta do seu papel. Aliás, assumiu, em alguns momentos, uma ingenuidade pedagógica, ouvindo, muitas vezes calada, as críticas às suas atividades, como sendo responsável pela fragmentação do trabalho escolar, como não resolvendo todos os conflitos que a própria escola não dava conta de resolver. (Grinspun, 1994, p. 20)

Na sequência, Nérici (1976) também explana sobre a Lei nº 5.692, de 11/8/71, que consagra a Orientação Educacional: “Art. 10. Será instituída, obrigatoriamente, a Orientação Educacional, incluindo aconselhamento vocacional, em cooperação com professores, família e comunidade”. A partir disso, ocorreu uma significativa ruptura da posição tradicional desse profissional, assim como reflete Loffredi (1991, p. 44), contextualizando que:

O que ocasionou, o que apressou a ruptura da posição tradicional do orientador foi, sem dúvida, a lei 5.692 com a universalização da dimensão profissional, que colocou o orientador educacional contra a parede, porque foi impossível manter uma acomodação ou fazer os ajustes tentados até então. A lei colocou tantos paradoxos para o trabalho do orientador e para a escola que tornou a Orientação Educacional inviável “por lei”. Exigia a presença obrigatória do orientador educacional em todas as escolas, e fornecia um “modelo” inviável de Orientação Educacional, onde a sondagem de aptidão, a preparação para o trabalho eram as metas a serem atingidas. O orientador educacional assumiu o modelo legal e levou alguns anos, antes de contestá-lo.

Essa transformação foi impulsionada pela promulgação da lei 5.692, que universalizou a dimensão profissional e colocou o Orientador Educacional diante de diversos desafios, uma vez que a legislação impôs paradoxos significativos ao trabalho do orientador e à dinâmica escolar. A imposição da presença obrigatória do orientador em todas as escolas e a proposição de um "modelo" inviável de Orientação Educacional, centrado na preparação para o trabalho, tornaram-se elementos cruciais nesse cenário, levando o Orientador Educacional a adotar o modelo legal antes de contestá-lo. Pimenta (1988), descreve que, na época, não existia um curso especializante para Orientador Educacional, os critérios desse profissional eram duvidosos. Em 1961, a LDB 4.024 regulamentou a formação do Orientador Educacional.

LDBE/61 - Lei nº 4.024 de 20 de Dezembro de 1961: Art. 63. Nas faculdades de filosofia será criado, para a formação de orientadores de educação do ensino médio, curso especial a que terão acesso os licenciados em pedagogia, filosofia, psicologia ou ciências sociais, bem como os diplomados em Educação Física pelas Escolas Superiores de Educação Física e os inspetores federais de ensino, todos com estágio mínimo de três anos no magistério. (Revogado pela Lei nº 5.692, de 1971) Art. 64. Os orientadores de educação do ensino primário serão formados nos institutos de educação em curso especial a que terão acesso os diplomados em escolas normais de grau colegial e em institutos de educação, com estágio mínimo de três anos no magistério primário. (Revogado pela Lei nº 5.692, de 1971). (Brasil, 1961)

Hoje, o Decreto nº 72.846, de 26 de setembro de 1973, regulamenta a Lei nº 5.564, de 21 de dezembro de 1968, que provê sobre o exercício da profissão de Orientador Educacional.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, usando da atribuição que lhe confere o artigo 81, item III, da Constituição, **DECRETA**:

Art. 1º Constitui o objeto da Orientação Educacional a assistência ao educando, individualmente ou em grupo, no âmbito do ensino de 1º e 2º graus, visando o desenvolvimento integral e harmonioso de sua personalidade, ordenando e integrando os elementos que exercem influência em sua formação e preparando-o para o exercício das opções básicas.

Art. 2º O exercício da profissão de Orientador Educacional é privativo:
I - Dos licenciados em pedagogia, habilitados em orientação educacional, possuidores de diplomas expedidos por estabelecimentos de ensino superior oficiais ou reconhecidos.

II - Dos portadores de diplomas ou certificados de orientador educacional obtidos em cursos de pós-graduação, ministrados por estabelecimentos oficiais ou reconhecidos, devidamente credenciados pelo Conselho Federal de Educação.

No próximo período, assinalado como **Período questionador** (década de 1980) por Grinspun (1994), como o próprio nome indica, foi um período que mais se questionou a Orientação Educacional, tanto a formação, quanto a prática realizada por esses profissionais. “A década de 80 traz grandes modificações que irão refletir na educação, na escola e na Orientação” (Grinspun, 1994, p. 20).

É neste período que “O orientador deseja trazer a realidade do aluno para dentro da escola e, portanto, começa a discutir suas práticas, seus valores, a questão do aluno trabalhador, enfim, o seu ‘mundo lá de fora’” (Grinspun, 1994, p. 21). Também procuraram evidenciar a contribuição da orientação na escola em uma perspectiva de escola democrática e de qualidade. Organizaram-se nos sindicatos, ampliando e fortalecendo sua relação com os demais profissionais da educação.

Neste período, Grinspun (1994, p. 22), relatou que participou de duas atividades realizadas pela equipe de orientadores da Coordenação de Orientação Educacional da SEE/RJ. “O objetivo desta exposição é mostrar “nossa prática” a partir dos fundamentos teóricos de Orientação Educacional comprometida com a educação”. Dentre as atividades relatadas, destaca-se duas: Centros de Estudos e Cadernos de Orientação Educacional.

Os Centros de Estudo tiveram como objetivo analisar a matéria pertinente ao trabalho do orientador dentro e fora da escola; refletir sobre as funções do OE para a escola pública, valorizando a formação do estudante. Analisavam questões referentes aos índices de evasão e repetência, questões curriculares, trabalho com a comunidade e as práticas. Já os Cadernos de Orientação Educacional eram publicações que tinham como o objetivo “relatar a prática dos orientadores, pouco acostumados a expressarem “no papel” o que vivenciavam nos seus cotidianos” (Grinspun, 1994, p. 23). Os assuntos ali tratados propiciavam a reflexão crítica e debate de temas inerentes ao profissional e à Orientação.

Grinspun (1994, p. 25), denomina o último período por ela descrito como **Período Orientador** (a partir de 1990), explica que denominou desse modo por acreditar que “a partir de 1990, temos a “orientação” da Orientação Educacional pretendida”. E continua:

Inúmeros são os fatores que nos mostram um novo momento vivido por esta área: houve extinção da Federação Nacional de Orientação Educacional (FENOE); houve uma tentativa de unificação dos trabalhadores de educação, engajando-o em uma entidade nacional – a Confederação Nacional de Trabalhadores de Educação (CNTE). (Grinspun, 1994, p. 25)

Nestes momentos surgiram muitas dúvidas, “acaba a Orientação? E se na nova lei não aparecer a Orientação Educacional? Qual o futuro do orientador, em termos de mercado de trabalho, se muitas escolas – inclusive na rede oficial – não têm, nos seus quadros, esse profissional? Qual será a nova prática que teremos?” (Grinspun, 1994, p. 25-26). Após tantas incertezas, a autora traz uma questão muito importante a destacar:

No ano de 1994 são frequentes as perguntas sobre a continuidade da prática da Orientação. Com bastante clareza, pela análise lógica de sua trajetória e do próprio significado epistemológico da Orientação, ela nunca deixará de existir, embora sua prática deva relacionar-se com o novo contexto educacional, social, político e histórico que riremos experienciar. (Grinspun, 1994, p. 26)

Com isso, Grinspun (1994, p.26), deixa as suas considerações quanto à permanência do Orientador Educacional nas escolas, dizendo a respeito à: primeiro, ela não deixará de existir porque nunca deixará de existir a educação. “Elas estão ligadas a tal ponto que o próprio conceito epistemológico de educação se compromete, enquanto *educare*, com a Orientação, isto é, refere-se a orientar, guiar, conduzir e indivíduo”. Segundo, porque o estudante é centro do processo educacional e sempre foi o campo de trabalho do Orientador. Terceiro, “porque caminhamos, em todas as ciências, e também na área de ciências humanas” (Grinspun, 1994, p. 26). No quarto, a autora descreve que estão cada vez mais ligados a um novo tempo, nova linguagem, novo canal de educação e o orientador poderá ajudar mesma realidade existente, com uma nova leitura a partir do que se entende por comunicação e interação social.

Na quinta consideração, a autora descreve que a educação está construindo novas formas de entender e trabalhar a prática pedagógica e, nesse sentido, a Orientação seria a mediadora, trazendo a prática do estudante, a sua realidade para o cotidiano da escola. Sexto, porque a Orientação articula a construção de diálogos necessários. Sétimo, porque a Orientação procura trabalhar, identificar e interpretar a realidade dos estudantes. “A Orientação Educacional tem que estar preparada para ajudar nessas relações em que contradições e conflitos fazem parte do contexto do aluno” (Grinspun, 1994, p. 27).

Neste sentido, ela ainda finaliza salientando que “A Orientação Educacional quer caminhar junto nesta direção, refletindo que o mesmo homem que pensa e age é o mesmo que sente e se emociona” (Grinspun, 1994, p. 27).

Os objetivos da Orientação Educacional eram muito claros e precisos quando ela tinha a sua abordagem na área psicológica; na medida em que aconteceram as mudanças no enfoque da Orientação, com ênfase nos aspectos sociológicos, os objetivos deixaram de ser claros e precisos. “Isto é confirmado pela documentação legal que proclama determinados objetivos e a

prática efetivada de Orientação que apresenta uma diversidade de objetivos nas suas atribuições” (Grinspun, 1994, p. 12).

A história da Orientação Educacional nos mostra que pertence ao seu passado o conceito de uma orientação terapêutica ou psicologizante. O cerne da questão não é mais o ajustamento do aluno à escola, família ou sociedade, e sim a formação do cidadão para uma participação mais consciente no mundo em que vive. A Orientação, hoje, está mobilizada com outros fatores que não apenas e unicamente cuidar e ajudar os “alunos com problemas”. Há, portanto, necessidade de nos inserirmos em uma nova abordagem de Orientação, voltada para a “construção” de um cidadão que esteja mais comprometido com seu tempo e sua gente. (Grinspun, 1994, p. 13)

Seguindo essa perspectiva, a mudança na forma de fazer Orientação Educacional traz um desafio importante: deixar para trás a ideia ligada à psicologia, e assumir um papel que responda às questões emocionais, sociais e históricas que fazem parte do dia a dia da escola. Essa mudança não envolve apenas novas teorias, mas também uma nova postura do orientador, que precisa agir de forma ética, política e pedagógica. O estudante passa a ser visto como alguém em constante desenvolvimento, cujas vivências na escola estão ligadas às transformações e dificuldades do mundo atual.

A Orientação Educacional era preventiva, isto é, ela se adiantava em todas as circunstâncias para que não se instalassem os conflitos. Hoje vivemos a fase crítica, em que se procura ajudar o aluno, como um todo, com os seus problemas e o significado dos mesmos junto ao momento histórico em que vivemos. A Orientação está do lado do aluno fazendo-o compreender que naquele momento assinalado ele também está vivendo a sua própria história de vida. (Grinspun, 1994, p. 17)

A autora Pianezzer (2018), explica que, no passado, o estudante era visto apenas como uma mão de obra. Hoje, passa a ser compreendido como um ser que está em pleno desenvolvimento, em busca de felicidade. Para isso, conta-se com a equipe pedagógica para auxiliá-lo e orientá-lo nesse processo. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996) traz em seu Art. 1º, uma consideração sobre a importância perceber o estudante como um ser social, o que envolve também a dimensão emocional,

a educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e manifestações culturais. (Brasil, 1996).

Essa mesma lei retira do texto a obrigatoriedade da Orientação Educacional nas escolas. Como relata Grinspun (2006, p. 31),

Acredito que, hoje, não mais por imposição legal – até porque a Lei 9394/96 não traz mais a obrigatoriedade da Orientação – mas por efetiva consciência profissional, o orientador tem espaço próprio junto aos demais protagonistas da escola para um trabalho pedagógico integrado, compreendendo criticamente as relações que se

estabelecem no processo educacional. O orientador, mais do que nunca, deve estar atento ao trabalho coletivo da escola, atuando harmoniosamente com os demais profissionais da Educação; o trabalho é interdisciplinar.

Após esse longo percurso, inicia-se um novo período nos anos 2000. As Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Pedagogia, Licenciatura, em Parecer aprovado em 13/12/2005, a redução da Orientação Educacional no campo de serviços e apoio escolar representa um passo em direção à possível extinção dessa função. Curiosamente, o artigo 5º estabelece que os formados em Pedagogia devem desempenhar uma variedade de tarefas, mesmo que, muitas delas, dependam de uma colaboração com outros profissionais da educação. Essa aparente contradição levanta questionamentos sobre o futuro da orientação educacional.

II - compreender, cuidar e educar crianças de zero a cinco anos, de forma a contribuir para o seu desenvolvimento nas dimensões, entre outras, física, psicológica, intelectual, social;

VII - promover e facilitar relações de cooperação entre a instituição educativa, a família e a comunidade;

XIV- realizar pesquisas que proporcionem conhecimentos, entre outros: sobre alunos e alunas e a realidade sociocultural em que estes desenvolvem suas experiências não escolares; sobre processos de ensinar e de aprender, em diferentes meios ambiental-ecológicos; sobre propostas curriculares e sobre organização do trabalho educativo e práticas pedagógicas. (Brasil, 2005)

Em dezembro de 2005, o Parecer CNE/CP nº 3 instituiu diretrizes curriculares nacionais para o curso de Pedagogia. Com isso, muitas dúvidas surgiram entre os profissionais da área quanto à habilitação para a Orientação Educacional, visto que o Art. 4º estabelece:

O curso de Licenciatura em Pedagogia destina-se à formação de professores para exercer funções de magistério na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, nos cursos de Ensino Médio, na modalidade Normal, de Educação Profissional na área de serviços e apoio escolar e em outras áreas nas quais sejam previstos conhecimentos pedagógicos. (Brasil, 2006)

Míriam Grinspun (2008, p. 156) esclarece essas dúvidas salientando que:

Diante dessas indicações e novas diretrizes curriculares, destacamos que a formação dos supervisores e orientadores educacionais não é mais realizada de um modo geral na graduação, e sim em nível de pós-graduação. Os licenciados, hoje, em Pedagogia estão relacionados à Educação Infantil e às séries iniciais, bem como às áreas de atuação contempladas nas grades curriculares de seus cursos.

Segundo Pianezzer (2018, p. 13), qualquer sujeito “orientou ou foi orientado por alguém”. Sendo que, dentro das escolas, quem faz esse papel de orientar o estudante é o Orientador Educacional que “sofreu alterações conforme as modificações em sua volta, melhorando e tornando-se mais atuante, participativa e consciente de seu papel na sociedade”

(Pianezzzer, 2018, p. 12). Com isso, podemos concordar que “partimos de uma Orientação voltada para a individualização e chegamos a uma Orientação coletiva e participativa. Todos têm que estar comprometidos com a formação do cidadão. Este também é o papel do orientador educacional” (Grinspun, 1994, p. 13).

De acordo com Grinspun (1994), atualmente o papel do Orientador Educacional deve estar focado em auxiliar os estudantes a construírem conhecimento de maneira ativa. Para isso, precisa-se auxiliar a criar condições que irão facilitar a aprendizagem e promover interações entre o estudante o meio em que o cerca. O grande desafio do Orientador Educacional é ajudar, orientar o estudante não apenas na aquisição de conhecimentos acadêmicos, mas também na realização de seus desejos, sonhos e paixões, os quais estão conectados com os saberes práticos e teóricos que ele desenvolve ao longo do processo educacional.

Por conta das mudanças histórias, percebe-se que “os orientadores educacionais estão sempre evidenciando qual o seu papel, para que serve a Orientação e de que maneira a educação poderá usufruir dos seus resultados” (Grinspun, 1994, p. 12-13), isso porque muitas pessoas desconhecem ou confundem essa função. “Quando se fala em Orientação Educacional, inúmeros conceitos vêm à tona, dependendo da fundamentação ou do posicionamento que se tem a respeito da área” (Grinspun, 1994, p. 15).

Grinspun (2006, p. 21), busca o conceito etimológico de educação nos vocabulários latinos, tanto *educare*, quanto *educere*, a origem histórica da Orientação. “Em *educare* temos o guiar, nortear, orientar o indivíduo; e em *educere*, o buscar as potencialidades do indivíduo, no sentido de fazê-las vir de ‘dentro para fora’”. No vídeo aula gravado, aqui já mencionado, a professora Mirian Grinspun³, destaca que em toda a história se tem um relato sobre a questão de aconselhador, de um orientador, de um pajé na educação indígena... Sempre existiu uma pessoa mais velha que orientasse a questão daquelas que estavam iniciando no seu trabalho, iniciando na educação, iniciando na orientação familiar. Assim era a introdução dessas pessoas, desses indivíduos nas suas diferentes culturas.

Neste mesmo vídeo, Grinspun ainda relata que a origem da Orientação Educacional está “quase” em Platão. Não que necessariamente Platão teria falado de orientação vocacional, mas ele criou a escola colocando os mais aptos na liderança e os menos aptos em cargos menores que deveriam ser comandados pelos outros. Nesse sentido, é possível relacionar o fundamento

³ Destaca-se Mirian P. S. Zippin Grinspun é uma referência importante na área da Orientação Educacional e foi amplamente citada ao longo deste trabalho, tanto por meio de suas publicações quanto por uma vídeo-aula baseada em seus estudos, cujo conteúdo se mostrou relevante para aprofundar a compreensão sobre o tema.

da questão de Orientação Educacional na medida em que essa orientação está muito ligada à questão de orientação profissional, a escolha de determinadas funções.

“Afiml, o que é orientar? Para que se orienta? Por que se orienta?” (Grinspun, 2006, p. 18). Para um dos conceitos, buscou-se um trecho descrito pelas autoras Maria Junqueira Schmidt e Maria de Lourdes de Souza Pereira (1975, p. 49):

Orientação é um processo educativo que visa a relacionar as experiências dos educandos com suas características físicas, intelectuais, sociais, morais, religiosas, emocionais. Visa outrossim, operar uma educação permanente e integrada, utilizando, para tanto, as atuações educativas, sistemáticas e assistemáticas. É, portanto, processo contínuo e qualitativo. Procura prevenir desvios e estimula o processo de maturação da personalidade, num sentido equilibrado e harmônico.

Todo educando deve ser desenvolvido na sua globalidade, complexidade e em sua continuidade. Por isso, o Orientador Educacional planeja para os mesmos, na escola e fora dela, condições que desenvolvam, ao máximo, seus atributos ideais de masculinidade e feminilidade, capacitando-os a fornecer à sua comunidade, ao seu país e ao mundo, a melhor contribuição de suas possibilidades.

Grinspun (2006, p. 193), afirma que o Orientador é um especialista em educação, “mas que tem compromisso com toda a educação que ocorre na escola, numa perspectiva de educador. É um profissional que se insere no campo do magistério e, portanto, tem os mesmos direitos e deveres, enquanto professor, que os demais”. Outro trecho com definição a ser destacado é de Carvalho (1979, p. 29):

Todo Orientador Educacional é um educador, assim como todo professor. A função de toda a educação é a mesma da orientação tomada em seu sentido mais amplo: possibilitar uma tomada de consciência das potencialidades do indivíduo para que ele escolha e assuma a direção de seu próprio destino. Toda a educação é um processo de orientação apenas. De outra forma assumiria um sentido coercitivo. O dilema que se estabelece é o próprio dilema da educação: ou orientamos o indivíduo para que ele mesmo tenha condições de escolher seu futuro ou conduzimos o indivíduo a um rumo já determinado.

Segundo Pianezzer (2018, p. 11), “orientar significa guiar, ajudar, mediar, dinamizar, transformar e educar, ou seja, vai muito além dos muros escolares, estende-se à vida. Logo, é a grande missão deste profissional”. Em conformidade com Grinspun (2011, p. 11), destaca ser “uma orientação que tem o papel de mediador, dinamizador do contexto atual em prol de uma educação de qualidade”.

Para Villon (1994, p. 97),

A Orientação Educacional, como integrante do sistema escolar, por força de legislação oficial, observa, analisa, reflete e realimenta o processo educacional que ocorre na turma, na escola e na comunidade, considerando os fatores psicológicos e sociais que o envolvem, tendo como ponto de referência o aluno como pessoa.

Para Loffredi (1991, p. 43), na perspectiva de contexto, o conceito de Orientação Educacional é de “que o contexto existe na escola pela presença do aluno e que este aluno é alguém que tem valores, experiências e é daí que se deve partir e não da experiência da professora ou da escola”. “A Orientação Educacional não é uma obra de improvisação. É obra de amor, reconhecemos, mas de amor junto com autoridade científica que só um preparo sistemático, aliando *arte e ciência*, pode levar a resultados significativos profícuos e alentadores” (Neves; Siqueira, 1973, p. 18). Se a Educação já é obra de amor, Orientação é tudo isso e muito mais:

Obra de doação, de confiança irrestrita, pois ao Orientador cabe ajudar o jovem: a enxergar mais especificamente aquilo que ele tem em si, mas que desconhece; a redescobrir valores que julga perdidos; a reencontra-se com todo manancial que há em si e que ele julga não existir. (Neves; Siqueira, 1973, p. 20)

A Orientação Educacional, por sua vez, com enfoque conceitual de Educação e Orientação, “pode ser considerada resultante de uma ação sistematicamente planejada e avaliada no sentido de oportunizar situações que exijam do orientando opções conscientes, baseadas no conhecimento racional dos fatos e da realidade, bem como na avaliação objetiva de suas potencialidades, interesses e limitações” (Neves; Siqueira, 1973, p. 3).

Dentro de uma dimensão preventiva o trabalho de Orientação Educacional, de acordo com Neves e Siqueira (1983), tem grande amplitude, pois abrange a totalidade de estudantes e não apenas os estudantes-problemas. A Orientação Educacional também inclui o aconselhamento, em cooperação dos professores, famílias e comunidade, proporciona condições de autoconhecimento do estudante e a autodeterminação em face da escolha de oportunidades. “Os frutos do trabalho profícuo, quase que anônimo da Orientação, podem não ser colhidos de imediato, mas transcenderem a vida escolar do adolescente, projetando-se na vida de adulto” (Neves; Siqueira, 1973, p. 9).

Neves; Siqueira (1973, p. 9), destacam que os resultados do trabalho dedicado, muitas vezes discreto, da Orientação Educacional podem não ser percebidos imediatamente, mas têm o poder de transcender a vida escolar do estudante e influenciar positivamente sua vida adulta. Isso ressalta a importância a longo prazo da orientação na formação e desenvolvimento dos estudantes, evidenciando seu impacto duradouro para além do ambiente escolar. “O nome do Orientador pode ser esquecido pelo Orientando, mas a sua influência se fará sentir, sem dúvida, nas diferentes atividades por este executadas e nas resoluções de problemas de vida que tomar”. Com isso, Neves e Siqueira (1973, p. 9), ainda salientam que “Ninguém melhor do que o próprio

educando que recebeu o influxo da atuação da Orientação pode situar devidamente a influência que este Serviço exerceu na sua vida e a maneira pela qual sua emotividade a sentiu”.

Para que a Orientação Educacional, através de estratégias e táticas operacionais, possa ajudar progressivamente o orientando na auto-escolha e no autoconhecimento, bem como oportunizar um nível adequado de integração nas áreas escolar, familiar, social e profissional, deve levar em consideração determinadas características gerais resultantes da filosofia que envolve a comunidade escolar, reflexo das próprias aspirações comunitárias e sociais. Com um processo dinâmico, a Orientação Educacional pode apresentar aspectos diversos, porém convergentes em determinados pontos característicos. (Neves; Siqueira, 1983, p. 7)

“Hoje, espera-se um profissional comprometido com sua área, com a história de seu tempo e com a formação do cidadão” (Grinspun, 2006, p. 18). Nessa perspectiva, o OE deve transcender os limites físicos da escola, adotando um papel ativo na construção de uma sociedade mais justa e fraterna.

O Orientador Educacional como educador, não como técnico, tem um trabalho muito importante a realizar na escola, numa perspectiva que avance os muros da escola, para inserir-se na análise do projeto de uma sociedade mais justa, mais fraterna, que desejamos construir. Muito há que se fazer na escola e o Orientador Educacional é um profissional que, trabalhando com a questão de valores, com a pessoa humana, colaborará na formação desse aluno, desse sujeito social, que vive a história do seu tempo, mas protagoniza a sua própria história como ator principal. (Grinspun, 2006, p. 204)

Grinspun (2006), enfatiza a responsabilidade do profissional de Orientação Educacional na formação integral do estudante. O papel do OE na colaboração para moldar não apenas estudantes, mas sujeitos sociais conscientes de sua participação na história contemporânea centrada em valores. O OE, ao trabalhar com essa questão é visto como um facilitador na formação do estudante, auxiliando-o a ser o protagonista de sua própria história. Nesse viés, Carvalho (1979, p. 122) comenta sobre o OE ser um educador,

O Orientador Educacional, assim como o professor, é um educador, já que a função da educação é a mesma da orientação, em seu sentido mais amplo: possibilitar ao educando uma tomada de consciência de suas possibilidades para que possa assumir seu próprio destino.

O Orientador Educacional é considerado um dos membros da equipe gestora de uma escola, trabalhando em parceria com o diretor e com o coordenador pedagógico. A sua atuação está diretamente ligada no sentido de amparar os estudantes, não somente para acompanhar o rendimento escolar, mas para melhorar a qualidade das relações entre os colegas e professores. Seu objetivo não é castigar, punir ou advertir, mas conhecer as necessidades dos estudantes, oferecendo condições para que se desenvolvam em todos os aspectos. “Não apenas ajudá-lo nas dificuldades na/da escola, mas para orientar para a vida, para ser, cada vez mais, um indivíduo

multiplicador e transformador de seu tempo” (Grinspun, 2011, p. 11). A autora demonstra que hoje a função do Orientador Educacional, vai além dos portões da escola. Ele auxilia no trabalho do professor, contribui na formação do estudante e se preocupa com o seu bem-estar e o processo educacional e auxilia na relação família/escola, criando elos para um melhor trabalho em equipe.

4 A ATUAÇÃO DO ORIENTADOR EDUCACIONAL NO CENÁRIO EDUCACIONAL ATUAL: SINTONIZANDO COM O PRESENTE

Deixemos o aluno falar, ouçamos suas histórias, procuremos, junto com ele, interpretá-las (Grinspun, 1998, p. 30).

Em virtude das mudanças históricas, socioeconômicas e culturais que ocorreram na sociedade brasileira, a escola precisou reformular suas funções tradicionais, redefinir seu papel e criar novos serviços, o que resultou no aumento do número de pessoas envolvidas no processo educativo.

Nesse contexto, destaca-se a importância de analisar a construção da identidade profissional do Orientador Educacional e o seu papel no cenário atual da educação. Esse profissional assume a responsabilidade pelo desenvolvimento integral do educando em seus múltiplos aspectos: físico, intelectual, escolar, social, emocional, moral, vocacional e profissional, enfim, atua no desenvolvimento integral da criança (Giacaglia; Penteado, 2006). Segundo Grinspun (1994, p. 149), “A prática do orientador educacional deve ser vista como um processo ativo e dinâmico, como construção, produção de conhecimento, de saberes, de comunicações e interações”.

De acordo com Grinspun (2006, p.54), a Orientação Educacional, nas concepções tradicionais, caracterizadas como *liberais*, tinha o papel de ajustar o estudante à escola, à família e à sociedade. O Orientador fazia, o que é denominado “orientação individual ou em grupo” para que as questões detectadas fossem resolvidas e era cobrado para que não voltasse a acontecer. “Cabia ao Orientador Educacional ajudar o aluno a ter um nível de expectativa compatível com a realidade, através de uma visão *realista* de si mesmo e de suas possibilidades”. Sendo que na **pedagogia tradicional** o OE participa da elaboração de testes e instrumentos de medida.

Ainda nas ideias da autora, na **pedagogia renovada**, o OE “acompanha o processo como consultor, clarificando o que caracteriza cada etapa do desenvolvimento, identificando as mudanças, sugerindo atividades que estimulem tanto o desenvolvimento do aluno, quanto a ampliação e o aprofundamento dos conteúdos” (Grinspun, 2006, p. 54).

Prosseguindo, Grinspun, aborda as concepções progressistas, na qual o OE compreende a realidade social em permanente transformação influenciado pelas tradições e conflitos de classes, “colabora na aquisição do saber, sendo este construído no processo histórico e social da atividade humana” (Grinspun, 2006, p. 55). Neste contexto, o profissional atua de forma

dialética nas relações escolares, percebendo o estudante como um ser real, concreto e histórico. É a partir dessa compreensão que se elabora o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, no qual o OE exerce um papel de grande relevância.

Para Grinspun (2006, p. 55), “O Orientador Educacional, como educador, assume-se como ser político, percebendo a Educação como parte do contexto sócio-econômico-político-cultural”. Partindo dessa premissa, a autora traz o papel da orientação em uma visão progressista com tendências contemporâneas da Educação:

Tendência libertadora: o papel é levar os estudantes a compreenderem o seu papel – autoconhecimento – através de sua realidade, valorizando a questão da prática social. “O orientador caminha junto com o aluno, procurando fazê-lo mais participante de seu grupo em um dimensionamento político de sua formação do cidadão” (Grinspun, 2006, p. 55).

Tendência libertária: “o papel é com o institucional, valorizando a vivência grupal na forma de autogestão” (Grinspun, 2006, p. 55). Ele auxilia os professores e está à disposição do grupo. As relações de poder são discutidas, uma vez que na pedagogia libertária é recusável qualquer forma de poder ou de autoridade.

Tendência crítico-social dos conteúdos: “o papel é junto à escola, preparando o aluno para o mundo e suas contradições, fornecendo-lhe instrumental, por meio da aquisição de conteúdos e por meio da socialização” (Grinspun, 2006, p. 55). O OE atua como mediador, auxilia na relação pedagógica, promove condições para que os estudantes e professores a efetivem.

Hoje, o trabalho do Orientador Escolar vem ganhando um espaço cada vez maior dentro das escolas. O Orientador Educacional contribui para um trabalho pedagógico integrado na instituição. De acordo com Pianezzer (2018), ele trabalha diretamente com os estudantes, ajudando-os em seu desenvolvimento pessoal; em parceria com os professores, para compreender o comportamento dos estudantes e agir de maneira adequada em relação a eles; com a escola, na organização e realização da proposta pedagógica; e com a comunidade, orientando, ouvindo e dialogando com pais e responsáveis.

O orientador lida mais com assuntos que dizem respeito a escolhas, relacionamento com colegas, vivências familiares. Seu compromisso é com a formação permanente no que diz respeito a valores, atitudes, emoções e sentimentos, sempre discutindo, analisando, orientando e propondo ações junto aos professores, estudantes, pais e a escola, coletivamente ou não, dependendo da situação.

Contudo, percebe-se que o trabalho de um OE é de extrema responsabilidade. Para desempenhar o seu trabalho de qualidade ele necessita estar preparado buscando novas aprendizagens e tendo uma formação específica.

A equipe técnica-pedagógica que trabalha na escola é constituída pelos especialistas em educação, egressos das diferentes habilitações do Curso de Pedagogia. O fato de terem formação acadêmica semelhante, de atuarem no mesmo espaço físico e de visarem objetivos comuns torna não só difícil, como sobretudo necessária, a delimitação clara das atribuições de cada profissional, contribuindo para a melhor compreensão dos respectivos papéis, maior facilidade na execução, controle e avaliação das tarefas e melhor integração da equipe técnica. (Giacaglia; Penteado, 2006, p. 3)

Solé (1998), destaca a Orientação Educacional em dois sentidos interligados. Primeiramente, ela é entendida como uma assistência fornecida aos estudantes com o objetivo de ajudá-los a fazer escolhas, fornecer informações, orientação e aconselhamento, levando em consideração suas características, habilidades e limitações. No contexto educacional, a orientação é inerente à função do professor, que busca proporcionar os meios necessários para a formação integral e personalizada do estudante, indo além do aspecto puramente cognitivo.

No entanto, as demandas crescentes das escolas, a diversidade dos estudantes e a necessidade de alcançá-los efetivamente representam desafios que muitas vezes não podem ser superados apenas com o corpo docente. Diante disso, torna-se necessário contar com profissionais especializados, como psicólogos e pedagogos, especialmente considerando que, atualmente, existem formações específicas em orientação e intervenção psicopedagógica. Esses profissionais desempenham um papel fundamental no assessoramento psicopedagógico, oferecendo suporte e formação qualificada para lidar com as complexidades do ambiente escolar. Contudo, é importante ressaltar que,

o O.E. não é, normalmente, psicólogo e nem se exige que o seja. Ainda que, eventualmente, pudesse ter cursado Psicologia e obtido registro de psicólogo, na escola ele deve atuar no estrito âmbito de seu cargo. Assim, não cabe a ele realizar terapias com os alunos e nem investigações que levem ao diagnóstico de distúrbios de personalidade ou de comportamento, nem mesmo quando se julgar habilitado para tal. (Giacaglia; Penteado, 2006, p. 7)

Para Grinspun, a prática de orientador, precisa buscar auxiliar o estudante na construção e facilitação das condições de aquisição do conhecimento, promovendo interações e integrando toda a teia de relações que envolvam o sujeito e o meio em que está inserido. Os sentimentos estão presentes em todo esse processo, e o seus significados devem ser valorizados como parte essencial da construção desejada. “É com esse desafio que o orientador, na prática, terá que lidar: ajudar o aluno, orientá-lo no sentido de permitir viver seus desejos, sonhos e paixões, que

se inter-relacionam com os saberes, com os fazeres, com o próprio conhecimento” (Grinspun, 1994, p. 149-150).

A orientação é uma função estruturadora da intervenção psicopedagógica, um recurso disponível às instituições educacionais em seu conjunto e a seus diversos subsistemas. Sua finalidade é a de contribuir para prevenir possíveis disfunções ou dificuldades, para compensar ou corrigir aquelas que tenham surgido e visa a potencializar e a enriquecer o desenvolvimento dos indivíduos e dos sistemas que integram a instituição educacional, sua organização e seu funcionamento. (Solé, 1998, p. 20)

Diante disso, Nérici (1976, p. 27), salienta que “as funções da Orientação Educacional podem ser reunidas e diferenciadas em três tipos e são: função de planejamento; de organização; de atendimento geral; de atendimento individual; de aconselhamento e de relacionamento”. A função de Planejamento se refere à elaboração dos planos de trabalho que serão desenvolvidos durante o ano letivo levando em consideração os resultados do ano anterior, bem como as observações realizadas no cotidiano escolar.

A Função de Organização se refere ao material utilizado pelo OE como fichas, questionários, testes, registros a fim de obter e registrar os dados dos estudantes para utilizá-los quando necessário. Função de Atendimento geral se refere às atividades que precisam ser desenvolvidas durante todo o ano letivo e diz respeito a todos os estudantes, sendo desenvolvida através de atividades de estudo, vocacional, atividades de atualidade, preventiva, socializante comunitária, estimuladora, conhecimento do homem, trânsito, estudo das dificuldades do educando em grupo e atividades de preparação para o lar.

Na função de Atendimento Individual, a finalidade é atender os estudantes com maiores dificuldades em relação ao estudo, ao ajustamento escolar, familiar e social. Sendo que esses atendimentos ocorrem no SOE por estudantes encaminhados ou que procuram o serviço espontaneamente. “Destina-se, pois, a assistir os educandos mais carentes, de maneira pronta e continuada, na esperança de que esses educandos possam, o quanto antes, integrar-se ou reintegrar-se plenamente na vida escolar” (Nérici, 1976, p. 31). As principais atividades desenvolvidas nessa função, é a existencial, terapêutica e de recuperação.

Com base nas ideias do autor, a função de aconselhamento pode assumir diferentes naturezas, existencial, educacional ou vocacional, sendo exercida de uma forma específica para cada situação. E, finalizando com a Função de Relacionamento, a qual o OE necessita ter um bom relacionamento com a direção, professores, pais, comunidade, bem como o bom relacionamento dos educandos e professores, educando e pais, etc.

Giacaglia e Penteado (2006), trazem à tona a legislação necessária para um planejamento do Orientador Educacional, qual regulamenta a profissão, delimitando suas

atribuições. Trata-se da Lei nº 5564, de 21.12.1968, regulamentada pelo Decreto nº 72846, de 26.09.1973. Os artigos 8º e 9º, do referido decreto, definem mais especificamente, em âmbito nacional, as atribuições do OE. Sendo esses dois artigos transcritos a seguir:

Art. 8º. São atribuições privativas do Orientador Educacional:

a) Planejar e coordenar a implantação e funcionamento do Serviço de Orientação Educacional em nível de:

- 1 - Escola;
- 2 - Comunidade.

b) Planejar e coordenar a implantação e funcionamento do Serviço de Orientação Educacional dos órgãos do Serviço Público Federal, Municipal e Autárquico; das Sociedades de Economia Mista Empresas Estatais, Paraestatais e Privadas.

c) Coordenar a orientação vocacional do educando, incorporando-o ao processo educativo global.

d) Coordenar o processo de sondagem de interesses, aptidões e habilidades do educando.

e) Coordenar o processo de informação educacional e profissional com vista à orientação vocacional.

f) Sistematizar o processo de intercâmbio das informações necessárias ao conhecimento global do educando.

g) Sistematizar o processo de acompanhamento dos alunos, encaminhando a outros especialistas aqueles que exigirem assistência especial.

h) Coordenar o acompanhamento pós-escolar.

i) Ministrar disciplinas de Teoria e Prática da Orientação Educacional, satisfeitas as exigências da legislação específicas do ensino.

j) Supervisionar estágios na área da Orientação Educacional.

l) Emitir pareceres sobre matéria concernente à Orientação Educacional.

Art. 9º. Compete, ainda, ao Orientador Educacional as seguintes atribuições:

a) Participar no processo de identificação das características básicas da comunidade;

b) Participar no processo de caracterização da clientela escolar;

c) Participar no processo de elaboração do currículo pleno da escola;

d) Participar na composição caracterização e acompanhamento de turmas e grupos;

e) Participar do processo de avaliação e recuperação dos alunos;

f) Participar do processo de encaminhamento dos alunos estagiários;

g) Participar no processo de integração escola-família-comunidade;

h) Realizar estudos e pesquisas na área da Orientação Educacional. (Brasil, 1968)

Grinspun (2006), identificou algumas possibilidades de trabalho do orientador junto a cada um dos segmentos da escola, sendo eles:

- **Junto aos professores:** colaborar e participar da construção do Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola. O Orientador procurará contribuir para “a discussão da realidade dos alunos, das finalidades do processo pedagógico, do sistema de avaliação, das questões de evasão e repetência escolar, dos recursos físicos e materiais de que a escola dispõe, das metodologias empregadas” (Grinspun, 2006, p. 111). A autora, em outros escritos, ainda aborda esse assunto, salientando que

A Orientação Educacional, no contexto atual, busca maior aproximação com o projeto pedagógico da escola e pretende contribuir, satisfatoriamente, não mais para atender “alunos problemas”, mas para discutir, junto com todos os alunos e professores, os

problemas que vivenciamos e as soluções possíveis de serem atingidas. (Grinspun, 1994, p. 143)

Neves e Siqueira (1973, p. 121-122), destacam a importância de o Orientador Educacional trabalhar concomitante ao professor, pois

a Orientação Educacional se preocupa, essencialmente, em atender o aluno, ajudá-lo a se ajustar na vida escolar e, concomitantemente, na vida social e familiar. No entanto, não bastaria apenas que o aluno fosse atingido, reconhecesse e aceitasse a Orientação que lhe é dada pelo Serviço de Orientação Educacional, se outro elemento importante como o Professor também não fosse visado pelo âmbito da Orientação.

Segundo Giacaglia e Penteado (2006), às vezes, a equipe docente tem algumas características que facilitam ou dificultam o relacionamento com o Orientador Educacional e isso acaba influenciando positiva ou negativamente no trabalho dele.

Há, por exemplo, escolas cujo copo docente é mais antigo, experiente e “fechado” e nas quais, há muito tempo, não existia um Or. E. A chegada desse profissional, principalmente se ele for jovem, inexperiente e inseguro, poderá ser recebida com certas reservas e até antagonismo. Tal situação se agravará se ele não der a conhecer, com clareza, suas atribuições e se começar a interferir, indevidamente, no trabalho docente, introduzindo inovações, mudanças radicais e tarefas adicionais para os professores, sem que estes percebam sua utilidade. (Giacaglia; Penteado, 2006, p. 7)

Mas, é a definição das atribuições e a elaboração de um plano de trabalho o ajudarão no estabelecimento de seus limites de atuação sendo organizado com a comunidade escolar:

- **Junto à direção:** colaborar com a direção. “O Orientador deve participar da organização das turmas, dos horários, da distribuição dos professores em turmas, do número de alunos em sala de aula, dos horários de merenda, da recreação, das atividades complementares, da matrícula”, enfim, de toda a prática que organiza o funcionamento da escola (Grinspun, 2006, p. 111-112).

- **Junto aos funcionários da escola:** colaborar na valorização de tarefas, sejam eles inspetores, funcionários da secretaria, merendeiros, serventes, trabalhadores da cantina, jardineiros, porteiros etc. “O orientador deve procurar, trabalhar a autoestima, a identidade profissional, e suas atribuições para o funcionamento da escola” (Grinspun, 2006, p. 112).

- **Junto aos pais e a comunidade em geral:** “trazer os pais à escola constitui uma das atividades do orientador. Ele faz com que eles participem do projeto dela de diferentes formas, desde o planejamento do projeto pedagógico até as decisões que a escola deve tomar” (Grinspun, 2006, p. 112).

De acordo com Giacaglia; Penteado (2006), conhecendo a lei que regulamentou a profissão, o OE poderá selecionar e hierarquizar o que será realizado a cada ano, dentro dos

limites impostos na lei e de acordo com a realidade na qual esteja atuando.

Giacaglia; Penteado (2006), também esclarecem que é incompatível com o exercício da função do OE: proceder à chamada de estudantes, recolher, carimbar e/ou entregar cadernetas escolares, cuidar da disciplina em sala de aula, nos corredores ou nos recreios, cobrir ausências do diretor, do secretário ou de qualquer outro profissional que atue na escola. Não é esperado que o OE seja o único responsável pela organização de festas ou campanhas, embora deva participar da realização.

Importante alertar que o SOE não se transforme em um refúgio de estudantes que cabulam aula ou que sejam tirados da aula por problemas com professores como indisciplina, falta de lição de casa ou de material escolar. Para conseguir exercer suas atribuições no que se refere a atividades a serem realizadas em sala de aula, o OE poderá utilizar-se da aula de um professor faltante, porém é necessário ter aviso prévio para conseguir se organizar e planejar propostas. “O SOE não deve ser transformado em sala de visitas de alunos, pais ou de outras pessoas e, muito menos, em sala de punições” (Giacaglia; Penteado, 2006, p. 9). Até porque, se assim ocorrer, o OE não irá conseguir com que o estudante se sinta confortável em sua presença, não conseguindo mais atingi-lo da forma esperada,

No que se refere à sua atuação em relação ao problema da disciplina na escola, cabe lembrar que a mesma deve ser antes preventiva que remediativa. De modo geral, na prática, não existe, nas escolas, como seria desejável, preocupação com o planejamento de condições favoráveis à ocorrência de comportamentos satisfatórios. O mais comum é a aplicação de punições em consequência de atos de indisciplina. Nesse contexto, é também usual que ocorrências de indisciplina sejam indiscriminadamente encaminhadas para o SOE. Deve ficar claro, nesses casos, que o Or. E. não é um aplicador de sanções ou punições. Se o fosse, provavelmente isso iria interferir de modo negativo no seu relacionamento com os alunos. Ele deve, sim, colaborar com a disciplina da escola, analisando juntamente com a equipe os problemas surgidos, sugerindo soluções cabíveis, não se esquecendo, entretanto, de que, antes de tudo, sua atenção deverá ser preventiva. Se procurado por alunos punidos, não deve assumir o papel de advogado dos mesmos, desautorizando o responsável pela punição. É importante que leve o aluno a refletir sobre a situação de modo a aprender com ela. (Giacaglia; Penteado, 2006, p. 9)

Porém, vale destacar que o Orientador Educacional “também não deve dar ensejo a que se incorpore à sua imagem o papel de “bonzinho”, “da tia”, do “protetor de alunos” ou, por outro lado, de “dedo-duro”, de “disciplinador”, bem como o de “controlador” e “delator” de professores, de funcionários ou de alunos” (Giacaglia; Penteado, 2006, p. 9). Dando continuidade as ideias dos autores, as atribuições do Orientador Educacional são numerosas, complexas e difíceis de serem delimitadas com precisão.

Por este motivo, ele precisa estar consciente de que tem um plano a executar e de que deve desempenhar suas funções precípuas, não assumindo tarefas que não sejam de

sua competência e/ou alçada. Assim procedendo, estará contribuindo para que seu papel seja percebido cada vez mais claramente. (Giacaglia; Penteado, 2006, p. 9)

Nessa premissa, Grinspun (1994, p. 157), busca discutir que a orientação é uma atividade essencial na construção de cidadãos.

A Orientação, então, deverá ser vista como uma atividade, disciplina (no sentido de ação), dentro da escola, que ajudará, facilitará os meios e as condições necessárias para o aluno buscar, discutir, pensar, refletir, problematizar, agir sobre dados e fatos necessários à construção do seu conhecimento, à formação do seu entendimento como cidadão. O movimento será uma constante nesse trabalho, mas é o próprio movimento que faz o sentido e a existência da vida.

Ainda segundo Grinspun (1994), a ferramenta mais valiosa que o Orientador Educacional tem é o diálogo. Neves e Siqueira (1973, p. 162), descrevem esse atendimento como “entrevista” e relatam que ela pode ser: “voluntária ou involuntária. É voluntária quando o próprio adolescente a solicita, e involuntária quando o Orientador Educacional se vê na contingência de solicitá-la”. É por meio da oferta do diálogo com o estudante que muitos caminhos se abrem: a fala poderá revelar o que ainda não se sabe e o que se supõe saber sobre o estudante; é por essa escuta que se tem acesso ao que lhes motiva no campo do conhecimento, na relação com o saber. Neste contexto,

O orientador promoverá condições, meios, para que a voz dos alunos seja ouvida – e respeitada – no espaço pedagógico. Se o aluno é o promotor da sua história, ouvi-lo não é nenhuma atitude de atendimento específico, mas sim uma obrigação que se insere em uma medida educacional. (Grinspun, 1994, p. 157)

Schmidt e Pereira (1975, p. 136) relatam sobre a arte de ouvir:

Ouvir é uma técnica muito importante. É processo dinâmico e não estático. Pode ser aperfeiçoado pela experiência. O educando vem muitas vezes à entrevista ansioso por um desabafo. É pois necessário que encontre um ouvinte empático, que não só permita, mas principalmente estimule a satisfação desse anseio.

Nessa premissa, Neves e Siqueira (1973, p. 162), descrevem sobre o objetivo do OE na entrevista:

O objetivo básico do Orientador Educacional, na entrevista, é obter a compreensão real do problema e da situação do adolescente que necessita de auxílio. Uma vez que o adolescente esteja plenamente convencido da compreensão do Orientador, do seu sincero desejo de saber, não por mera curiosidade, mas com o fim de prestar-lhe auxílio, bem como da natureza confidencial de sua relação. Aceitará, sem dificuldades, a oportunidade de falar sobre coisas que, de início, não teria a franqueza de abordar. Verifica-se, pois, que a entrevista envolve uma combinação entre pessoas, devendo, consequentemente, estabelecer uma relação entre uma e outra, uma afinidade que permita ao adolescente revelar os fatos essenciais da sua situação e ao Orientador tornar-se capaz de auxiliá-lo. Daí, ser a entrevista uma técnica eminente subjetiva, na qual as características do entrevistador desempenham papel de destaque.

Em todas as áreas em que o orientador educacional irá atuar, frequentemente irá lidar com informações confidenciais ao interagir com os estudantes e suas famílias. Essas interações muitas vezes envolvem situações e informações complexas, sensíveis e confidenciais. A cautela, o bom senso e a discrição ao emitir julgamentos são fundamentais para o trabalho do orientador. Schmidt e Pereira (1975, p. 134), relatam sobre o sigilo das informações, que é um dos métodos e técnicas do OE e que “é dever profissional e ético manter obrigatoriamente em sigilo a informação obtida do orientando em caráter de confidência”. Pois, para criação e desenvolvimento da confiança, respeito e de boa relação entre o OE e os estudantes, é necessário a garantia de que a informação será mantida em sigilo.

A confiança depositada na figura do Orientador Educacional é muito importante para o êxito nas suas atividades. Uma situação comum é a solicitação de informações sobre os estudantes por parte dos profissionais da escola. Nesse cenário, o orientador deve agir com cautela, compartilhando apenas as informações mais relevantes para poder preservar a confidencialidade e a privacidade necessárias ao estudante. “Não é fácil decidir sobre o que pode dizer, quando e onde pode dizer” (Schmidt; Pereira, 1975, p. 135).

Em virtude disso, é muito importante que o orientador tenha subsídios para apresentar, tanto para profissionais da escola, família ou órgão competente, caso assim for necessário. Schmidt e Pereira (1975, p. 135), relatam que é indiscutível a necessidade de registrar toda e qualquer atendimento, sendo que o OE “deverá fazer o registro dos dados essenciais imediatamente depois de terminada a entrevista”.

O trabalho do Orientador Educacional é, afinal, mediar e acompanhar o estudante no seu aspecto integral ao longo de todo o processo educacional, deve estar atento às questões pedagógicas, mas também afetivas, familiares e sociais. Haja visto que, o SOE (Serviço de Orientação Educacional) é responsável por estabelecer a ligação entre todos os protagonistas da escola – o estudante, os professores, a família e a sociedade.

O orientador é aquele que discute as questões da cultura escolar promovendo meios/estratégias para que sua realidade não se cristalize em verdades intransponíveis, mas se articule com prováveis verdades vividas no dia-a-dia da organização escolar. (Grinspun, 2006, p. 116)

Atualmente, espera-se que o Orientador Educacional seja um especialista em educação, com formação continuada e com uma compreensão aprofundada das transformações políticas, sociais, simbólicas e econômicas que ocorrem constantemente. A contemporaneidade, marcada por mudanças rápidas, exige que o profissional esteja atualizado e capaz de analisar os desafios de cada contexto histórico.

4.1 O Coelho escutou: o papel do Orientador Educacional na escuta ativa

A história "O Coelho Escutou" de Cori Doerrfeld (2020), oferece uma importante lição sobre o papel da escuta ativa no processo de apoio emocional. Na narrativa, um menino vive a frustração de ver sua construção desabar, sendo abordado por diferentes animais que tentam ajudá-lo, oferecendo soluções imediatas. No entanto, é o coelho, que simplesmente escuta em silêncio, que proporciona o acolhimento necessário para que o menino possa, por fim, lidar com suas emoções e reconstruir sua obra. Essa atitude do coelho reflete a importância da escuta ativa e do acolhimento no processo de superação de desafios emocionais.

Figura 04 – Capa do livro “O Coelho escutou...”



Fonte: Autora, 2025

Essa história pode ser relacionada diretamente ao trabalho do Orientador Educacional, cujo papel vai muito além de oferecer respostas prontas ou soluções imediatas para os problemas dos estudantes. Como o coelho, o Orientador Educacional é chamado a ouvir com empatia, sem pressa de corrigir ou intervir de forma apressada.

O simples ato de escutar pode proporcionar um espaço seguro para que o estudante se sinta aceito, validado e compreendido. Neves e Siqueira (1983), abordam o assunto descrevendo que o OE, consciente das suas atribuições, recebe de coração receptivo o desabafo, o pedido de auxílio dos estudantes, professores e familiares dos estudantes. “Acolher com simpatia, ouvir, orientar sem impor diretrizes e normas de agir, são aspectos positivos desta disponibilidade que será tanto maior e mais atuante, conforme as solicitações e a racionalização de trabalho da equipe” (Neves; Siqueira, 1983, p. 09). No contexto escolar, muitos estudantes

enfrentam desafios emocionais e sociais, como dificuldades de aprendizagem, conflitos familiares ou questões de autoestima.

O Orientador Educacional, como um facilitador da comunicação e da reflexão, poderá atuar como um ponto de apoio emocional para que o estudante possa processar suas experiências de forma saudável. A escuta ativa é uma habilidade essencial nesse processo, pois permite ao orientador entender não apenas o que o estudante está vivenciando, mas também as necessidades que ele tem, muitas vezes ainda não verbalizadas.

Assim como o coelho, que não impôs soluções ou julgamentos ao menino, o Orientador Educacional deve criar um ambiente de confiança onde o estudante se sinta à vontade para expressar suas emoções e preocupações. Em vez de oferecer respostas imediatas, o orientador se torna um espelho que reflete as emoções do estudante, ajudando-o a compreender o que sente e a encontrar sua própria forma de lidar com as situações que enfrenta. Isso pode ocorrer por meio de conversas abertas, atividades de autoconhecimento ou simplesmente por meio de momentos de escuta, em que o estudante se sente reconhecido em suas dificuldades. Mas, para que essa intimidade possa acontecer, é necessário que o Orientador Educacional aceite o estudante e o estudante confie no orientador, concordando dessa forma com Neves e Siqueira (1983, p. 12),

Para que a obra educativa se efetue plenamente é necessário, antes de mais nada, que se aceite o educando com suas possibilidades e deficiências, com seus aspectos positivos e negativos, com toda a bagagem psicológica de sua personalidade em maturação. E a partir da aceitação começará então o verdadeiro trabalho de orientação, ao qual, em nenhum momento, poderão faltar o respeito e a fé nas possibilidades do educando.

Além disso, a história também nos ensina que a escuta deve ser realizada sem pressa de “consertar” ou dar soluções, mas com a paciência de permitir que o estudante caminhe no seu próprio ritmo. O coelho não intervém, mas sua presença silenciosa é fundamental para que o menino possa, por fim, reconstruir sua obra. De maneira similar, o Orientador Educacional deve saber quando se afastar e dar o tempo necessário para que o estudante explore suas próprias emoções, construindo sua capacidade de lidar com os desafios de forma autônoma, ainda mais no mundo tão desafiador, onde os jovens estudantes recebem várias pessoas querendo. Outro texto que retrata a importância de ouvir, é do autor Rubem Alves, “Se Eu Fosse Você” do livro “O Amor Que Acende a Lua”, de 1999: O que as pessoas mais desejam é alguém que as escute de maneira calma e tranquila. Em silêncio. Sem dar conselhos. Sem que digam: “Se eu fosse você...” A gente ama não é a pessoa que fala bonito. É a pessoa que escuta bonito. A fala só é

bonita quando ela nasce de uma longa e silenciosa escuta. É na escuta que o amor começa. E é na não-escuta que ele termina.

A juventude, especialmente em sua fase mais desafiadora, é um período marcado por mudanças, incertezas e, muitas vezes, uma busca incessante por pertencimento e compreensão. Nesse cenário, muitos adultos – pais, professores, amigos ou até mesmo desconhecidos – sentem a necessidade de intervir. Fazem perguntas invasivas, especulam sobre o que está acontecendo, e, em muitos casos, oferecem conselhos como se soubessem exatamente como a vida deve ser conduzida. Embora essas ações possam surgir de boas intenções, frequentemente não proporcionam o alívio que os jovens realmente necessitam.

A história "O Coelho Escutou" (2020), oferece auxílio para compreender esse cenário. Quando o menino enfrentou a frustração de ver sua construção desabar, ele não precisava que os outros animais lhe dissessem o que fazer ou como superar aquele momento. Ele precisava apenas do coelho, que silenciosamente esteve ao seu lado, escutando sem julgamentos, sem pressa, sem a necessidade de explicar ou resolver. Foi essa presença acolhedora e respeitosa que deu ao menino a oportunidade de processar seus sentimentos e encontrar forças para seguir em frente. Da mesma forma, os jovens não precisam de um roteiro pronto para a vida ou de alguém que decida por eles. Muitas vezes, o que eles realmente buscam é alguém que simplesmente esteja lá, uma presença confiável e segura que ofereça escuta ativa, não conselhos; empatia e não julgamentos. É nesse espaço de acolhimento que eles podem se reconectar consigo mesmos e processar as suas emoções.

O desafio não está em saber o que dizer ou fazer, mas em resistir à tentação de solucionar imediatamente os problemas de quem está aprendendo a lidar com eles. É frequentemente atribuída a Maria Montessori a frase “Nunca ajude uma criança numa tarefa em que ela se sente capaz de fazer”, que expressa o princípio da autonomia e do respeito ao ritmo individual da criança, amplamente defendido em suas obras. Assim como o coelho, é preciso aprender a ouvir em silêncio, a oferecer o espaço necessário para que os jovens possam encontrar suas próprias respostas. Mais do que qualquer palavra, é a escuta que transforma, ela pode ajudar o jovem a criar coragem para enfrentar suas dores e a confiança de que não está sozinho em sua jornada. Um trecho muito impactante do livro de Neves e Siqueira (1983, p. 12), resume esse contexto:

Se Educação é obra do amor, Orientação é tudo isso e mais: obra de doação, de confiança irrestrita, pois ao Orientador cabe ajudar o aluno a enxergar mais especificamente aquilo que ele tem em si, mas que desconhece; a redescobrir valores

que julga perdidos; a reencontrar-se com todo manancial que há em si e que ele julga não existir, porque vivemos uma fase de indecisão e de insegurança.

Sendo assim, o trabalho do Orientador Educacional é muito mais do que uma simples intervenção para resolver problemas. Ele é um facilitador da escuta, um apoiador emocional e um mentor no desenvolvimento das competências socioemocionais dos estudantes. A história do coelho nos lembra da importância de ouvir com atenção, sem pressa, e de ser um suporte constante na construção da identidade emocional dos estudantes. Ao cultivar um ambiente de acolhimento e escuta, o Orientador Educacional contribui para o desenvolvimento de estudantes mais confiantes, resilientes e capazes de enfrentar as adversidades da vida escolar e pessoal. Por fim, que o Orientador Educacional possa ser como o coelho.

4.2 Entre saberes e identidade profissional: a práxis do Orientador Educacional

Como já mencionado anteriormente, a profissão de Orientação Educacional é regulamentada pelo Decreto Federal nº 72.846, de 26 de setembro de 1973. Esse decreto define como principal objetivo da atuação do orientador educacional a assistência ao educando, individualmente ou em grupo, no âmbito do ensino de 1º e 2º graus. Visa, sobretudo, ao desenvolvimento integral e harmonioso da personalidade do estudante, por meio da organização e integração dos diversos elementos que influenciam sua formação, preparando-o para o exercício consciente de suas escolhas fundamentais.

De acordo com a mesma legislação, estão aptos a exercer a profissão de Orientador Educacional os licenciados em Pedagogia com habilitação específica em Orientação Educacional, bem como os portadores de diplomas ou certificados de cursos de pós-graduação na área. Nesse contexto, é importante destacar que “aprender o ofício da profissão docente é tarefa árdua, pois requer o permanente aprender e desaprender no processo de construção da identidade profissional (Nogaro; Loss; Moreira, 2021, p. 99). Ao abordar o início da carreira profissional, Nogaro, Loss e Moreira (2021), abordam sobre a importância em considerar não apenas a formação inicial e a formação continuada, mas também o período intermediário das vivências para permanência e desempenho futuro na profissão.

A formação inicial ou a preparação inicial de um profissional da educação é um momento crucial, pois é durante esse processo que a identidade profissional é estabelecida. “A identidade não é um dado imutável. Nem externo, que possa ser adquirido. Mas, é um processo de construção do sujeito historicamente situado” (Pimenta, 1997, p. 6).

Nogaro, Loss e Moreira (2021), trazem a ideia de "sobrevivência" refletindo na experiência dos professores iniciantes. Esse período representa uma travessia obrigatória para quem deseja permanecer na profissão, geralmente enfrentada de forma solitária e isolada, com pouco apoio de colegas, gestores escolares ou autoridades educacionais, visto ainda a escassez de políticas públicas voltadas para o suporte a esses profissionais.

Para os autores, os professores iniciantes enfrentam uma série de desafios pessoais e profissionais. “Normalmente são jovens, com muitas expectativas e ideais, inseguros pela falta de experiência e de conhecimento de como a sala de aula, a escola e o sistema funcionam, além da ansiedade natural de quem está iniciando uma nova etapa” (Nogaro; Loss; Moreira, 2021, p. 101). A ansiedade natural que acompanha o início de uma nova etapa contribui para a dificuldade de adaptação. Portanto, “há necessidade de conhecermos melhor este processo mediante o qual os novos professores aprendem e interiorizam as normas, os valores, condutas, saberes da profissão” (Nogaro; Loss; Moreira, 2021, p. 101). Esse entendimento pode ajudar a criar melhores condições de apoio e integração para esses profissionais, promovendo uma adaptação mais eficaz e um desenvolvimento profissional mais sólido.

Rocha (2014a, p. 16), desenvolveu seu trabalho de dissertação sobre essa temática, a qual será utilizada como referência nesta seção, intitulada como “A construção da identidade profissional do pedagogo”, teve como objetivo compreender como se constitui a identidade profissional do pedagogo em processo de formação. Segundo a autora “os estudos sobre o curso de Pedagogia têm sido cada vez mais desafiadores no sentido de entender o papel do pedagogo, pois diversas são as contradições históricas do curso”. Segundo Frauches (2006, p. 1):

A história do curso de graduação em Pedagogia é atribulada. O curso foi criado, em 1939, pelo Decreto-lei nº 1.190, na “era Vargas”. O curso de Pedagogia nasce como bacharelado, na Faculdade Nacional de Filosofia na Universidade do Brasil, numa “Seção de Pedagogia” [...] O bacharelado em Pedagogia tinha a duração de três anos, com o objetivo de formar “técnicos em educação”. O mesmo decreto criou o curso de Didática, com duração de um ano, a funcionar numa “Seção Especial” na mesma faculdade. Era o sistema 3+1: três anos de bacharelado mais um ano de formação para o magistério (licenciatura).

Em seus estudos, Rocha (2014a), traz que a relação entre as regulamentações do curso de Pedagogia e projeto político-econômico do país afetaram a maneira de como os pedagogos se identificam. Isso se deve à ausência de uma definição clara da identidade profissional do pedagogo, o que dificultou na construção e consolidação da identidade do curso de Pedagogia

Na exposição de motivos da reforma de ensino do ministro Francisco Campos, na década de 1930 – momento em que foi criada a Faculdade de Educação, Ciências e Letras de São Paulo –, percebe-se que a intenção não era apenas a formação

qualificada de professores, mas também a investigação educacional. No entanto, essa proposição de investigação dos processos de formação docente e de políticas de formação, que poderia ter sido o germen identitário das faculdades de Pedagogia, não se efetivou naquele período de ditadura Vargas e não foi considerado pelo atuante legislador Valnir Chagas nas questões da Pedagogia. (Rocha, 2014a, p. 17)

Ao longo do tempo o curso de Pedagogia passou por reformas e adequações para atender os objetivos da educação nacional. Segundo Rocha (2014a, p. 17), “todavia, foi com o Parecer nº 251/62, do Conselho Federal de Educação (CFE), que se estabeleceu o Currículo Mínimo do curso de bacharelado em Pedagogia”. Visto que, o curso continuou dividido entre bacharelado, com foco em educação técnica, e licenciatura, destinada a preparar professores para escolas normais, sendo obrigatório a conclusão da disciplina de Didática para isso.

No que diz respeito ao espaço de trabalho do licenciado em Pedagogia, este poderia atuar como docente do curso normal, preparando os professores para atuar na escola primária. Vale salientar que, para lecionar no normal, era suficiente o diploma de ensino superior; sendo assim, esse não era um espaço de trabalho exclusivo para o pedagogo. O campo de trabalho para este profissional era tão difuso que ele podia lecionar Filosofia, História e Matemática. Assim, aos poucos o pedagogo foi-se caracterizando como formador de professores para a escola secundária, e não como o profissional técnico que iria pesquisar os dados educacionais, como se pretendia com a organização curricular para a formação do bacharel. (Rocha, 2014a, p. 17-18)

Adentrando nesse estudo, Rocha (2014^a, p. 18) traz a informação de que, com o Parecer nº 292/62 do Conselho Nacional de Educação (CNE), “foi excluída a organização que definia três anos para o bacharelado e mais um ano destinado à disciplina de Didática para ser licenciado, passando esta disciplina a ser ministrada de forma concomitante”. O professor Valnir Chagas, do Conselho Federal de Educação (CFE), desempenhou um papel muito importante na definição da estrutura do curso de Pedagogia, pois os seus estudos influenciaram na elaboração do Parecer CFE nº 252 e da subsequente Resolução CFE nº 2/69, que estabeleceram os conteúdos mínimos e a duração do curso. Essa resolução determinou que a formação de professores para o ensino normal e de especialistas em orientação, administração, supervisão e inspeção educacional seria realizada no curso de Pedagogia, conferindo o grau de licenciado com diferentes habilitações.

Através disso, as habilitações para especialistas em educação foram oficialmente introduzidas, substituindo o grau de bacharel pelo de licenciado e tornando a Didática uma disciplina obrigatória do curso. Esse parecer foi válido por 27 anos, até a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) nº 9.394, em 1996.

Apesar das mudanças regulamentares, de acordo com Rocha (2014a), o curso de Pedagogia manteve a divisão entre bacharelado e licenciatura, formando profissionais para diferentes áreas dentro da educação, como técnico de Educação, especialista, administrador ou

profissional não docente. Essa abordagem fragmentada da formação pedagógica, baseada no enfoque sistêmico, resultou em práticas desarticuladas e hierarquizadas nas instituições escolares e nos sistemas de ensino, gerando insatisfação entre os educadores.

Mesmo com a extinção da distinção entre bacharel e licenciatura e a introdução de habilitações, Rocha (2014a), descreve que o curso permaneceu estruturado em dois blocos autônomos, com uma base comum de conhecimentos pedagógicos e uma parte diversificada para a formação dos especialistas. Essa dicotomia entre licenciatura e bacharelado persiste, assim como a falta de um mercado de trabalho adequado para o bacharelado técnico. O aumento da demanda por professores decorrente da expansão da rede pública de ensino nos anos 1970 levou à criação de diversos cursos de formação de professores, mas não resolveu os problemas estruturais do curso de Pedagogia, que permanecem até os dias de hoje.

A formação de supervisores, administradores e orientadores educacionais também aumentou, em decorrência da legislação que determinava que esses profissionais deveriam ter o curso específico para o exercício da função, ou seja, a habilitação para exercê-la, e a licenciatura curta para os profissionais que fossem atuar no ensino de primeiro grau. (Rocha, 2014a, p. 19)

Dessa forma, “os cursos de Pedagogia, que continuavam formando os técnicos de Educação e os professores para as escolas normais, passaram a ser, ao mesmo tempo, objeto de disputa para a formação do professor primário e objeto de crítica acerca de sua natureza e função” (Rocha, 2014a, p. 20). As questões relacionadas à identidade do curso de Pedagogia foram intensificadas a partir do debate sobre formação universitária para professores do ensino fundamental, a formação técnica em Educação pós-graduada e a formação de professores de ensino médio, especialmente dentro de outros cursos da faculdade de Filosofia, levantando-se até a ideia da extinção do curso.

Entendemos que, a partir da década de 1980, a identificação do curso de Pedagogia como uma licenciatura, principalmente pelas universidades públicas, teve como justificativas: a melhoria do trabalho docente e da escola pública; a não fragmentação entre o saber e o fazer, devido ao enfoque tecnicista na formação e atuação do especialista na escola; e a ampliação da oportunidade de ingresso no mercado de trabalho, uma vez que, desde a década de 1970, verificava-se a dificuldade de absorção, pelas instituições de ensino, do pedagogo sem experiência docente. (Rocha, 2014a, p. 20)

Na sequência, Rocha (2014^a, p. 21), descreve que na década de 1980 ocorreram reformulações que direcionaram a formação do pedagogo para lecionar na pré-escola e nas séries iniciais do ensino fundamental. A mudança gerou preocupações sobre a inserção do profissional no campo de trabalho e na qualidade da formação docente. “Assim, defesa da docência como base da identidade profissional de todo educador – a formação do pedagogo e

não do especialista – foi o motivo que impulsionou o movimento de reformulação dos cursos de licenciatura no país a partir de 1980”. Essa influência resultou na defesa de concepções de base comum nacional, na formação dos profissionais da Educação e na valorização da docência como fundamento da formação do educador.

Após isso, Rocha (2014a), dá sequência no histórico, informando que durante a segunda fase do movimento nacional, em 1983, o comitê inicial foi transformado na Comissão Nacional pela Reformulação dos Cursos de Formação de Educadores (Conarcfe). Foram encaminhadas muitas reivindicações ao governo federal a fim de aprovação com propostas para as licenciaturas em geral, especialmente para Pedagogia. No ano de 1990, durante o 5º Encontro Nacional da Conarcfe, essa comissão evoluiu para a Anfope, a qual assumiu um papel de entidade nacional responsável pela coordenação, juntamente com as demais entidades educacionais, do debate sobre a formação do educador. Já em 1999, respondendo a uma convocação da Secretaria Superior do MEC, a Comissão de Especialistas de Ensino de Pedagogia começou a se preparar para a elaboração de diretrizes curriculares, divulgando sua proposta de diretrizes curriculares em maio do mesmo ano.

No entanto, em 2001 foi instituída uma nova comissão que, em fevereiro daquele ano, apresentou uma proposta que constituiu o documento norteador para comissões de autorização e reconhecimento de curso de Pedagogia, contemplando objetivamente duas ênfases: uma referente à docência na educação infantil e gestão educacional e outra referente à docência no ensino fundamental (primeira etapa) e gestão educacional. (Rocha, 2014a, p. 22)

Rocha (2014a), expõe que no ano de 2002 o governo federal encerrou o trabalho das comissões designando o CNE - Conselho Nacional de Educação, uma comissão bicameral para definir as diretrizes curriculares nacionais do curso de Pedagogia. Em 2005 essa comissão divulgou uma minuta das diretrizes. No entanto, a Resolução CNE/CP nº 1/2006, homologada em maio de 2006, passou a destacar a docência como base da formação do pedagogo, incluindo também a pesquisa e a gestão escolar.

Art. 2º As Diretrizes Curriculares para o curso de Pedagogia aplicam-se à formação inicial para o exercício da docência na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, nos cursos de Ensino Médio, na modalidade Normal, e em cursos de Educação Profissional na área de serviços e apoio escolar, bem como em outras áreas nas quais sejam previstos conhecimentos pedagógicos. (Brasil, 2006)

Isso ampliou o campo de atuação do pedagogo, permitindo que ele trabalhe desde a educação infantil até projetos educacionais em diversos contextos. No entanto, essa nova fase levanta questões sobre como interpretar e construir a identidade profissional do pedagogo diante da complexidade do curso de Pedagogia. Rocha (2014a, p. 23), reflete que essa

publicação “representa uma nova fase para a área, tentando atenuar as fragilidades no campo da formação de professores pela luta que travam por espaço, reconhecimento e legitimidade”.

Rocha (2014a), salienta que, embora as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) tenham sido aprovadas para o curso, a questão da identidade profissional ainda não foi completamente resolvida, pois existe muitas disciplinas na grade curricular, abrangendo diversas áreas de atuação, mas a carga horária destinada a elas é insuficiente para um aprendizado aprofundado. “O próprio MEC tem demonstrado dificuldades em decidir sobre qual identidade o curso vai defender” Rocha (2014a, p. 32). Segundo o DCNs, art. 3º: “O estudante de Pedagogia trabalhará com um repertório de informações e habilidades composto por pluralidade [...] contextualização, democratização, pertinência e relevância social, ética e sensibilidade afetiva e estética” (Conselho Nacional de Educação, 2006).

Em sua pesquisa, Rocha (2014a) referencia Libâneo (2001), onde ele afirma que a base da identidade profissional do educador é a ação pedagógica e não a ação docente. Essa distinção refere-se em que a ação pedagógica envolve uma variedade de práticas educativas e a ação docente é o ato de ensinar. “O CNE defende a ideia de que o curso de Pedagogia seja voltado exclusivamente para a licenciatura/docência” (Rocha, 2014a, p. 33). A pesquisadora ainda reflete que:

Verificamos, a partir da história e da análise dos documentos oficiais, que o curso de Pedagogia continua com sua identidade confusa. As transformações nos sistemas educacionais expressam projetos políticos e constituem um lócus de disputa e poder. É necessário um currículo que não direcione apenas para a prática educativa nem só para o caráter teórico-acadêmico. É preciso trabalhar nos cursos de formação os dois níveis: o que se aprende e o que se ensinará. (Rocha, 2014a, p. 35)

Para Dubar (2006, p. 13), “a identidade não é apenas social, ela é também pessoal”. A identidade do ser é formada dia após dia, com base nas suas experiências sem ele perceber. Hall (2006, p. 38), cita que

A identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo ‘imaginário’ ou fantasiado sobre a sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre ‘em processo’, sempre sendo formada.

Nessa mesma perspectiva, Rocha aborda que a identidade é um processo contínuo de rupturas e superações da vida,

A identidade só pode ser compreendida se a olharmos dentro de um contexto histórico e cultural. Ela se constitui por intermédio das relações sociais estabelecidas pelo sujeito e se dá ao longo da vida, pelas mudanças e superações que vão surgindo em seu decorrer, a partir das relações e da atividade desempenhada pelo sujeito. Ou seja,

a constituição da identidade se dá em um processo contínuo de rupturas e superações. (Rocha, 2014a, p. 68)

Essa formação de identidade se torna única a cada pessoa, através da realidade de cada um. A pessoa é moldada diante da diferença. A identidade para Mendes (2002, p. 504), é “socialmente distribuída, construída e reconstruída nas interações sociais”. Diante dos grupos de convivência, família, amigos e comunidade. Hall (2011, p.110) aborda que,

as identidades são construídas por meio da diferença e não fora dela. Isso implica o reconhecimento radicalmente perturbador de que é apenas por meio da relação com o Outro, da relação com aquilo que não é, com precisamente aquilo que falta, com aquilo que tem sido chamado de seu exterior constitutivo, que o significado „positivo“ de qualquer termo – e, assim, sua „identidade“ – pode ser construída.

Em consideração a isso,

A atividade humana é uma atividade histórica e geradora de história, que vai transformando a natureza e o homem, constituindo sua identidade. A constituição da identidade do indivíduo se dá no desenvolvimento de uma personalidade afetada pela lógica do capital, em seu tempo vivido, na articulação do que é e do que não é; das experiências passadas e presentes e do que imagina que será no futuro; está posta na maneira particular como atuará em determinado papel: o mesmo papel é representado por diversos indivíduos, mas cada um, supostamente, terá sua singularidade e, ao mesmo tempo, suas coincidências. (Rocha, 2014a, p. 67-68)

Posto isto, nossa identidade como ser humano pode estar em constante mudança, podendo ser modelado pelos processos globalizados e sendo influenciada pelas diversas culturas, ela

muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida. Ela tornou-se politizada. Esse processo é, às vezes, descrito como constituindo uma mudança de uma política de identidade (de classe) para uma política de diferença. (Hall, 2006, p. 21)

Todos são diferentes, todos somos únicos e próprios, possuindo diferentes formas de pensar, agir e ser. Nossa identidade é o que nos forma e

é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. [...] Ela permanece sempre incompleta, está sempre „em processo“, sempre „sendo formada“. [...] Assim, em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento. A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é „preenchida“ a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros. (Hall, 2006, p. 38-9)

Dubar (2005, p. 327), afirma que “A construção das identidades profissionais é, portanto, inseparável da existência dos planos de emprego-formação e dos tipos de relação profissional que estruturam as diversas formas específicas de mercado de trabalho [...]”. Se

podemos pensar que a formação inicial dos estudantes de Pedagogia é o momento da construção da identidade profissional, nesse aspecto da vida sua consolidação está ligada à inserção e à aquisição progressiva da qualificação nos planos de carreira profissional.

A práxis pedagógica que pretenda ser emancipadora deve contribuir para o desenvolvimento da identidade autocrítica e que favoreça a experiência verdadeira do processo de formação dos indivíduos, bem como possibilite a constituição da subjetividade. (Rocha, 2014a, p. 62)

Para Pimenta (1997), a identidade profissional é construída através da significação social da profissão, da percepção da profissão e seu papel na sociedade; da Revisão constante dos significados sociais da profissão, pois está em constante mudanças e evoluções; Revisão das tradições, adaptando sua realidade para as necessidades e demandas contemporâneas; Reafirmação de práticas culturais consagradas, mantendo práticas educacionais devido à sua relevância cultural e social; Confronto entre teorias e práticas, pois a identidade profissional dos professores é moldada pelo confronto entre teorias educacionais e suas aplicações práticas; Análise sistemática das práticas à luz das teorias existentes, onde o profissional reflete sobre suas práticas educacionais buscando melhorias e inovações; Construção de novas teorias, busca inovar as práticas por meio de suas experiências práticas e reflexões; Significado pessoal atribuído à atividade docente, pois cada profissional atribui significados pessoais à sua prática, influenciados por seus valores, história de vida, saberes, angústias e aspirações; Rede de relações profissionais, visto que a identidade profissional é influenciada pelas interações com outros profissionais.

Sendo esses os elementos, citados acima, que contribuem na formação da identidade profissional, refletindo não apenas as demandas sociais e culturais, mas também suas experiências individuais e relações profissionais. Pois,

A identidade profissional vai sendo formada paralelamente a todos os outros papéis que assumimos, e por eles sendo influenciada. Faz parte da constituição da personalidade e da identidade profissional a opção que fazemos ou que assumimos no âmbito do trabalho, que passa por constante reforço na formação, desde a formação inicial, pelos diferentes lugares onde a profissão ocorre, pelas representações da profissão que se têm por meio das relações e contatos sociais. (Rocha, 2014a, p. 66)

Como forma de construir uma identidade profissional do profissional da educação, Pimenta (1997), mobiliza três saberes: os saberes da docência – a experiência, o conhecimento e os saberes pedagógicos.

O saber da docência – a e experiência: é o conhecimento adquirido através da experiência dos estudantes, tanto como aprendizes quanto como professores em situações de

ensino-aprendizagem. Além disso, esse saber é formado pela percepção das condições de trabalho dos professores, das mudanças históricas na profissão, da desvalorização social e financeira, das dificuldades enfrentadas em escolas precárias e do estigma social associado à profissão. Alguns estudantes já possuem experiência como professores, mas ainda podem não se identificar com a profissão, mantendo uma perspectiva de estudante.

Sendo assim, um dos principais desafios enfrentados pelos cursos de formação inicial é auxiliar os estudantes na transição do papel de alunos para o de professores em formação, promovendo, dessa forma, a construção de sua identidade profissional. Isso porque somente a vivência prática não é suficiente para consolidar tal identidade. Como destaca Pimenta (1997), “os saberes da experiência são também aqueles que os professores produzem no seu cotidiano docente e, em textos produzidos por outros educadores, num processo permanente de reflexão sobre sua prática” (Pimenta, 1997, p. 7-8). Portanto, é por meio da articulação entre teoria, prática e reflexão crítica que se dá o desenvolvimento profissional docente.

O saber da docência – conhecimento: é adquirido e desenvolvido pelos estudantes durante o curso de licenciatura e vai além do simples armazenamento de informações. Envolve a compreensão e reflexão sobre o significado dos conhecimentos.

Os saberes pedagógicos são os conhecimentos necessários para ensinar de forma eficaz. Isso inclui não apenas dominar o conteúdo, mas também entender como transmiti-lo de maneira que os estudantes possam compreender. A Pedagogia, enquanto ciência prática da prática educacional, precisa ser reinventada a partir das necessidades pedagógicas reais, superando a fragmentação dos saberes da docência. Os saberes pedagógicos são construídos através da experiência prática, da reflexão e da pesquisa, com o objetivo de melhorar a qualidade do ensino.

5 ORIENT(AÇÃO) EDUCACIONAL: A BNCC NA PRÁTICA⁴

No contexto do trabalho do Orientador Educacional voltado para a educação integral do estudante é fundamental alinhar as práticas com as diretrizes estabelecidas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC). A BNCC (BRASIL, 2017), delineia que a educação básica no Brasil deve ser orientada para promover o desenvolvimento humano global dos estudantes, capacitando-os a contribuir para uma sociedade mais justa, democrática, inclusiva, sustentável e solidária. Esta abordagem é fundamentada em uma concepção de educação integral, que visa apoiar o desenvolvimento do ser humano em suas diversas dimensões: intelectual, física, emocional, social e cultural.

Mas, o que é educação integral?

De acordo com Padilha (2012), a educação integral possui um conceito amplo e complexo que está previsto no artigo 34 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) – Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (BRASIL, 1996). Essa temática é discutida há algumas décadas e não se restringe ao horário em tempo integral, “isso porque ela procura associar o processo educacional a uma concepção de conhecimento e de formação humana que garanta o acesso e a permanência da criança na escola com qualidade sociocultural e socioambiental” (Padilha, 2012, p. 190-191).

Ou seja, para o autor, a educação integral cria novos espaços e tempos para vivências sociais, culturais e ambientais, voltadas para trabalhar o desenvolvimento integral do estudante, visando os “aspectos biológicos, psicológicos, cognitivos, comportamentais, afetivos, relacionais, valorativos, sexuais, éticos, estéticos, criativos, artísticos, ambientais, políticos, tecnológicos e profissionais: em síntese, conhecer-pensar-criar-fazer-ser” (Padilha, 2012, p. 191). Outro ponto, segundo Padilha (2012), são os processos educacionais, culturais e ambientais que visam a formação humana nas diferentes manifestações do conhecimento, saberes e de aprendizagem.

É também característica da educação integral a valorização das redes de aprendizagens, dos múltiplos espaços em que a educação acontece, o que viabiliza, por exemplo, a abertura da escola à sua comunidade local e também ao que acontece em todo o planeta. Ela depende, naturalmente, de um projeto coletivo bem elaborado que saiba aproximar cuidadosamente Estado e sociedade civil, o que depende de decisão democrática de arregaçar as mangas, de criticar e de sempre acreditar que,

⁴ Embora os documentos da BNCC e o Relatório Delors, aqui citados, não mencionem diretamente o profissional da Orientação Educacional, suas propostas dialogam com aspectos essenciais dessa atuação, especialmente no que diz respeito à formação integral dos estudantes e apresentam propostas alinhadas ao desenvolvimento do mercado econômico e à formação voltada para a economia capitalista.

pela nossa ação, o que fazemos na educação e na sociedade em que vivemos pode ser sempre melhor realizado. (Padilha, 2012, p. 191)

Para alcançar esse propósito da educação integral, é essencial o engajamento de todos os atores educacionais no processo de implementação da BNCC nas escolas. A BNCC serve como um guia para a educação, reconhecendo a importância do desenvolvimento socioemocional do estudante.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), nos Artigos 32 e 35, estabelece que os resultados da aprendizagem precisem consolidar, aprofundar e capacitar os estudantes a aplicarem o conhecimento em diversas situações. Já a BNCC sugere o trabalho por competências, sendo que a aplicação dos conhecimentos precisa incluir conceitos, procedimentos, valores e atitudes. A BNCC (Brasil, 2017), possui um compromisso com a educação integral e reconhece que a educação básica deve frisar à formação e ao desenvolvimento humano global. Destaca-se as dez competências gerais da Base Nacional Comum Curricular:

1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social e cultural para entender e explicar a realidade (fatos, informações, fenômenos e processos linguísticos, culturais, sociais, econômicos, científicos, tecnológicos e naturais), colaborando para a construção de uma sociedade solidária.
2. Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e inventar soluções com base nos conhecimentos das diferentes áreas.
3. Desenvolver o senso estético para reconhecer, valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também para participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.
4. Utilizar conhecimentos das linguagens verbal (oral e escrita) e/ou verbo-visual (como Libras), corporal, multimodal, artística, matemática, científica, tecnológica e digital para expressar-se e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e, com eles, produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.
5. Utilizar tecnologias digitais de comunicação e informação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas do cotidiano (incluindo as escolares) ao se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos e resolver problemas.
6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao seu projeto de vida pessoal, profissional e social, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.
7. Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos e a consciência socioambiental em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.
8. Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas e com a pressão do grupo.
9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro, com acolhimento e valorização da

diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de origem, etnia, gênero, orientação sexual, idade, habilidade/necessidade, convicção religiosa ou de qualquer outra natureza, reconhecendo-se como parte de uma coletividade com a qual deve se comprometer.

10. Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões, com base nos conhecimentos construídos na escola, segundo princípios éticos democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários. (Brasil, 2017, p. 18-19)

As competências gerais da Base Nacional Comum Curricular - BNCC (Brasil, 2017), englobam um conjunto de habilidades e conhecimentos que são essenciais e que visam formar cidadãos críticos, responsáveis e preparados para os desafios do século XXI. Como visto, estas competências incluem o conhecimento científico, o pensamento crítico, a criatividade, a comunicação, a cultura digital, o trabalho e projeto de vida, a argumentação, a autoconhecimento e autocuidado, a empatia e cooperação, e a responsabilidade e cidadania.

Pode-se entrelaçar o ofício do Orientador Educacional através do suporte individualizado e orientação educacional e emocional ao estudante para desenvolver estas competências, pois é possível promover atividades que estimulem a reflexão crítica e a resolução de problemas, incentivar a participação em projetos e oferecer apoio na construção do projeto de vida dos estudantes.

Em uma perspectiva do relatório de Delors (1998), emitido para UNESCO, é necessário aproveitar e explorar todas as oportunidades de aprofundar e enriquecer todos os conhecimentos, mesmo que já adquiridos, do começo ao fim da vida, a fim de se adaptar as mudanças do mundo. Esse documento ainda sugere que a educação se organize em torno de quatro aprendizagens fundamentais, que as chamam de quatro pilares da educação.

A educação formal, segundo Delors (1998, p. 90), orienta-se, primeiramente ao aprender a conhecer e posteriormente aprender a fazer “a fim de que a educação apareça como uma experiência global a levar a cabo ao longo de toda a vida, no plano cognitivo como no prático, para o indivíduo enquanto pessoa e membro da sociedade”. Com isso, destacando a necessidade de que cada um dos quatro pilares educação recebam a mesma atenção por parte do estudo estruturado, sendo eles:

os pilares do conhecimento: *aprender a conhecer*, isto é adquirir os instrumentos da compreensão; *aprender a fazer*, para poder agir sobre o meio envolvente; *aprender a viver juntos*, a fim de participar e cooperar com os outros em todas as atividades humanas; finalmente *aprender a ser*, via essencial que integra as três precedentes. (Delors, 1998, p. 90)

É possível encontrar no documento a descrição dos quatro pilares, explicando-os a seguir:

Aprender a conhecer: esse pilar tem como objetivo que cada um aprenda a compreender o mundo que o rodeia para poder viver dignamente, desenvolver suas capacidades profissionais e se comunicar, conhecer e descobrir. É visto como “O aumento dos saberes, que permite compreender melhor o ambiente sob os seus diversos aspectos, favorece o despertar da curiosidade intelectual, estimula o sentido crítico e permite compreender o real, mediante a aquisição de autonomia na capacidade de discernir” (Delors, 1998, p. 91).

O documento aborda sobre o aprender a conhecer como uma habilidade fundamental para o desenvolvimento humano, especialmente nesta era marcada pela rapidez da informação,

Aprender para conhecer supõe, antes tudo, aprender a aprender, exercitando a atenção, a memória e o pensamento. Desde a infância, sobretudo nas sociedades dominadas pela imagem televisiva, o jovem deve aprender a prestar atenção às coisas e às pessoas. A sucessão muito rápida de informações mediatizadas, o “zapping” tão freqüente, prejudicam de fato o processo de descoberta, que implica duração e aprofundamento da apreensão. Esta aprendizagem da atenção pode revestir formas diversas e tirar partido de várias ocasiões da vida (jogos, estágios em empresas, viagens, trabalhos práticos de ciências...). (Delors, 1998, p. 92)

O documento ressalta a importância do exercício do pensamento, que envolve a interação entre o concreto e o abstrato, bem como a combinação dos métodos dedutivo e indutivo. A aprendizagem é apresentada ali como um processo contínuo e enriquecedor, ligado à experiência do trabalho e que precisa ser incentivado ao longo da vida, tanto no contexto profissional quanto pessoal. Em suma, o sucesso da educação primária é medido pela transmissão de conhecimento e pela capacidade de instigar um impulso para a aprendizagem ao longo da vida.

Aprender a fazer: Esse pilar está ligado a questões da formação profissional e faz o seguinte questionamento: “como ensinar o aluno a pôr em prática os seus conhecimentos e, também, como adaptar a educação ao trabalho futuro quando não se pode prever qual será a sua evolução?” (Delors, 1998, p. 93).

Ensinar o estudante a pôr em prática os seus conhecimentos e adaptar a educação ao trabalho futuro, mesmo diante da imprevisibilidade de sua evolução, requer uma abordagem multifacetada, nesse sentido Delors (1998), ressalta a importância de distinguir entre as economias industriais, onde o trabalho assalariado é predominante, e outras economias onde o trabalho independente ou informal é mais comum. O futuro dessas economias está intrinsecamente ligado à sua capacidade de converter o progresso do conhecimento em inovações que gerem novas empresas e empregos. Nesse sentido,

Aprender a fazer não pode, pois, continuar a ter o significado simples de preparar alguém para uma tarefa material bem determinada, para fazê-lo participar no fabrico de alguma coisa. Como consequência, as aprendizagens devem evoluir e não podem mais ser consideradas como simples transmissão de práticas mais ou menos rotineiras, embora estas continuem a ter um valor formativo que não é de desprezar. (Delors, 1998, p. 93)

Portanto, a ideia de "aprender a fazer" não deve se limitar apenas para a preparação de tarefas materiais específicos, mas precisa incluir a capacidade de se adaptar a um ambiente de trabalho em constante mudança. Isso implica uma evolução nas práticas de aprendizagem, que não podem ser vistas apenas como uma mera transmissão de habilidades.

Aprender a viver juntos, aprender a viver com os outros: Este pilar é, sem dúvidas, um dos maiores desafios da educação. No mundo atual é vivenciado inúmeras violências, o que se opõe a esperança no progresso da humanidade. Há também o perigo da autodestruição e a opinião pública que se tornou impotente e até refém dos que criam ou mantêm os conflitos. O documento questiona:

Até agora, a educação não pôde fazer grande coisa para modificar esta situação real. Poderemos conceber uma educação capaz de evitar os conflitos, ou de os resolver de maneira pacífica, desenvolvendo o conhecimento dos outros, das suas culturas, da sua espiritualidade?. (Delors, 1998, p. 96-97)

No documento, Delors (1998), destaca a importância de ensinar a não-violência nas escolas como uma ferramenta crucial na luta contra os preconceitos que alimentam os conflitos: “É de louvar a ideia de ensinar a não-violência na escola, mesmo que apenas constitua um instrumento, entre outros, para lutar contra os preconceitos geradores de conflitos” (Delors, 1998, p. 97). Reconhece-se, também, que os seres humanos tendem a valorizar as suas próprias qualidades e as do grupo ao qual pertencem, sustentando preconceitos negativos em relação aos outros.

Além disso, comenta-se sobre o contexto atual de competição na atividade econômica, o que contribui para uma guerra econômica implacável e tensões entre os mais favorecidos e os menos favorecidos. A educação, às vezes, contribui para esse clima competitivo, pois existe uma interpretação equivocada da ideia de emulação. Como forma de melhorar essa situação, encontra-se no documento duas abordagens complementares: “Num primeiro nível, a descoberta progressiva do outro. Num segundo nível, e ao longo de toda a vida, a participação em projetos comuns, que parece ser um método eficaz para evitar ou resolver conflitos latentes” (Delors, 1998, p. 97).

Aprender a ser: um dos princípios fundamentais deste pilar é de que a educação deva contribuir para o desenvolvimento total da pessoa. Ou seja,

Todo o ser humano deve ser preparado, especialmente graças à educação que recebe na juventude, para elaborar pensamentos autônomos e críticos e para formular os seus próprios juízos de valor, de modo a poder decidir, por si mesmo, como agir nas diferentes circunstâncias da vida. (Delors, 1998, p. 99)

É possível perceber, através das leituras realizadas, que a educação se inicia com o autoconhecimento e se expande através das relações com os outros. É percebida como um processo individual e como uma construção social que ocorre ao longo da vida, visando promover o desenvolvimento completo do ser humano. Percebe-se que os currículos devem tratar os estudantes como seres humanos completos, reconhecendo sua curiosidade, emoções, medos, inseguranças, confiança e paixão.

Os currículos precisam tratar os estudantes como seres humanos completos que, jovens e velhos, trazem curiosidade e sede de aprender para os ambientes educacionais. Eles também trazem emoções, medos, inseguranças, confiança e paixão. Currículos que ensinam as pessoas como seres humanos completos apoiam suas interações sociais e emocionais com o mundo e as tornam mais capazes de colaborar com outras pessoas para melhorá-lo. (UNESCO, 2022, p. 65)

As normativas aplicadas na BNCC (Brasil, 2017) alinham-se nessa visão no que diz respeito ao desenvolvimento das competências socioemocionais e ao papel do orientador educacional, uma vez que esse profissional se envolve no processo educativo do estudante para além do aspecto puramente pedagógico, mas sim de forma integral. Observamos que o viés da educação integral, conforme sinalizado na BNCC (Brasil, 2017), pode estar restrito às normas práticas, resultando no desenvolvimento de um “eu” autônomo, competente e capaz. O OE atua como o elo entre os diversos protagonistas da escola, incluindo estudantes, professores, famílias e a sociedade. “Uma educação de qualidade é uma educação cidadã, ativa, participativa, formando para e pela cidadania, empoderando pessoas e comunidades” (Gadotti, 2009, p. 56).

Em relação às habilidades socioemocionais, por exemplo, o Orientador Educacional pode desempenhar um papel-chave na promoção do desenvolvimento dessas competências. Ao compreender a importância de aspectos como empatia, resiliência e autoconhecimento, o orientador pode implementar estratégias e programas que visam fortalecer tais habilidades nos estudantes. Segundo a UNESCO (2022, p. 66),

As melhores abordagens para a aprendizagem social e emocional nos currículos abrangem os domínios sociais, emocionais, cognitivos e éticos das identidades dos estudantes. Eles conectam as trajetórias de desenvolvimento dos indivíduos às suas implicações para uma coesão social mais ampla. Aprender a ter empatia, a cooperar, a combater preconceitos e ideias e a gerenciar conflitos é valioso em todas as sociedades, particularmente naquelas que lutam contra exclusões de longa data.

Este enfoque reafirma o compromisso da BNCC em garantir que os direitos de aprendizagem sejam acessíveis a todos os estudantes. Ao explicitar as competências esperadas, a BNCC oferece referências para fortalecer ações que assegurem esses direitos, adaptando-se aos desafios da sociedade contemporânea. “A sociedade contemporânea impõe um olhar inovador e inclusivo a questões centrais do processo educativo: o que aprender, para que aprender, como ensinar, como promover redes de aprendizagem colaborativa e como avaliar o aprendizado” (BNCC, 2017, p. 17). Para Gadotti (2009, p. 12),

Aprender é algo que exige esforço, mas fica mais fácil se estivermos envolvidos num clima de satisfação, de amizade, de respeito ao próximo, de alegria na convivência. A questão é mesmo esta: recuperar o prazer de aprender e de ensinar, com afetividade, estimulando a curiosidade, criando desafios para os alunos e para os professores, dialogando com eles.

Diante desse contexto e sob a perspectiva do documento dos direitos humanos (Brasil, 2013), percebe-se que a escola precisa ser um espaço de debate e aprendizado na qual os estudantes não apenas adquiram conhecimentos conteudistas, mas que também desenvolvam uma compreensão profunda das questões sociais que os rodeiam. O Orientador Educacional é essencial para guiar e apoiar os estudantes na construção de uma postura crítica e ativa que valoriza a diversidade e defende os direitos humanos. Dessa forma, os estudantes serão preparados não apenas para o mercado de trabalho, mas para serem cidadãos éticos e engajados na transformação positiva da sociedade.

5.1 Apagando o fogo: a relevância do planejamento na atuação do Orientador Educacional diante das necessidades escolares

Em um contexto educacional dinâmico e desafiador, o papel do Orientador Educacional transcende as fronteiras tradicionais da sala de aula. Com a missão de promover o bem-estar dos estudantes, professores, pais e comunidade escolar, além de aprimorar a qualidade da educação e aprendizagem, os projetos e atividades, liderados pela escola e por esses profissionais, tornam-se fundamentais para o sucesso dos estudantes e consequentemente, da escola. Sendo assim, é necessário evidenciar a importância de projetos e atividades do Orientador Educacional, explorando a importância dessas iniciativas, destacando o impacto na formação integral dos estudantes, no fortalecimento das relações interpessoais e na construção de um ambiente escolar inclusivo e enriquecedor.

Inicialmente, faz-se necessário entender o que é planejar e para isso, Lück (1991) esboça em um quadro o significado do referido termo de forma dinâmica:

Figura 05 – O que é planejar?



Fonte: LÜCK(1991, p. 25)

Lück (1991, p. 33), ainda esclarece os conceitos de planejamento, plano e projeto. “Planejamento – é o processo, a ação de planejar; Plano e projeto – são as descrições resultantes do planejamento e especificadoras das decisões tomadas e do curso de ação a seguir”. E a autora ainda destaca que “Planejamento é o oposto da improvisação”. “O planejamento cuidado e acurado de suas ações possibilita ao orientador educacional obter maior e melhor controle de circunstâncias e de situações, em vez de ser controlado por elas” (Lück, 1991, p. 38).

O planejamento e a elaboração do plano escolar costumam ocorrer no final do ano letivo anterior ou no início do ano em questão, dependendo do calendário de cada escola, e devem contar com a participação de todos os profissionais que nela atuam, qualquer que seja o respectivo cargo ou funções exercidas. (Giacaglia; Penteado, 2006, p. 19)

Sendo assim, cabe ao Orientador Educacional –e também aos demais membros da escola–, participar do processo de planejamento, podendo contribuir significativamente para a tomada de decisões que se referem ao processo educativo como um todo. Nesse sentido,

Planejamento é um processo dinâmico e complexo que envolve, além de uma dimensão técnica (forma), a dimensão política (fundo). Minimizar a importância do planejamento por se ver nele única e exclusivamente a dimensão técnica, isto é, o seu aspecto formal, é vê-lo com uma ótica limitada, atribuir-lhe apenas uma perspectiva linear, e, em consequência, desvalorizar a outra dimensão correspondente, que, por certo, não se expressa sem a dimensão técnica e vice-versa. (Lück, 1991, p. 13)

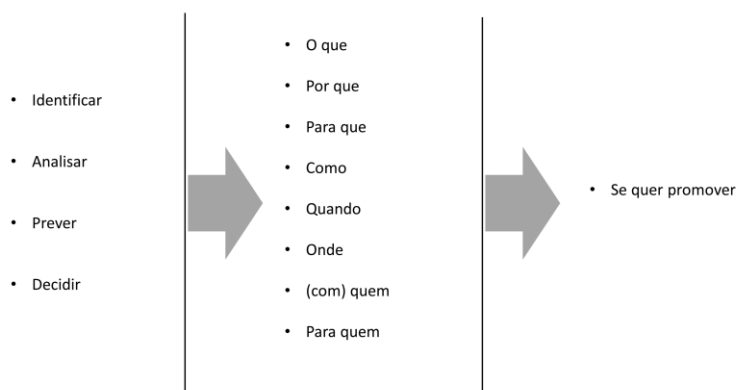
Em outras palavras, o planejamento na área na educação e na Orientação Educacional não é limitada à mera elaboração estática de planos e projetos. Ele representa um processo contínuo e em constante evolução. O planejamento assume um papel fundamental no

desenvolvimento e melhoria dos sistemas educacionais, visando atender às necessidades dos estudantes, professores, pais e comunidade escolar.

Evidencia-se que o planejamento e seu sub-produto, o plano ou projeto, não têm valor em si mesmos, pois uma ação bem planejada de nada vale caso não venha a corresponder à qualidade do planejamento, uma qualidade de conteúdo – isto é, de sua dimensão política – e uma vontade de agir, de colocar em prática o planejado. Planejar é vislumbrar uma situação futura melhor e propor-se a construir essa realidade. É materializar uma vontade de transformação da realidade dando objetividade e direcionamento claro às ações. Portanto, não se pode conceber a ação do orientador educacional ou de qualquer educador, sem planejamento. (Lück, 1991, p. 14)

Lück (1991, p.30), argumenta que planejar envolve certas operações mentais, “dentre as quais se destacam as de identificação, análise, previsão e decisão a respeito do que, por que, para que, como, quando, onde, (com) quem e para quem se quer promover, em relação a uma dada realidade”. Para evidenciar tais operações mentais, segue o modelo por ela criado:

Figura 06 - Operações mentais para um planejamento



Fonte: LÜCK,(1991, p. 31)

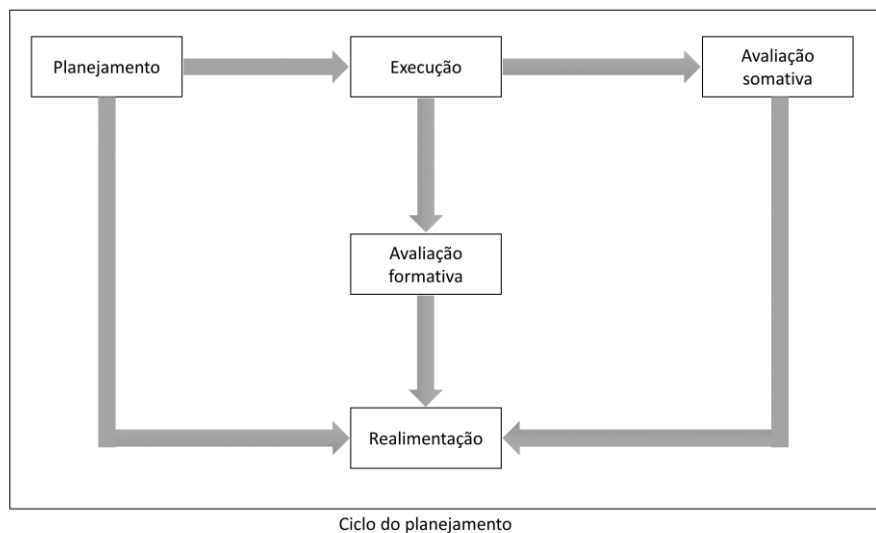
Lück (1991, p.31), apresenta esse conjunto de operações mentais como uma organização lógica para orientar o entendimento das particularidades. Sendo assim, utiliza-se os objetos das operações mentais: “o que, por que, para que, como, quando, onde, (com) quem, para quem promover um dado programa ou ação”.

Como ação mental, o processo de planejamento volta-se para ele mesmo, além de para seu objeto. Em vista disso, o planejador ao planejar, deve identificar, analisar, prever e decidir a respeito de seu próprio processo mental. Vale dizer, deve continuamente revisar sua estrutura e funcionamento mental, sua ótica da realidade, seus valores, e sua capacidade crítica, visando alargar seus horizontes mentais e superar suas limitações. (Lück,1991, p. 32)

Para Lück (1991, p. 32), “o processo de planejamento é contínuo e interativo”, enquanto é analisada a realidade, faz-se uma interação abstrata mentalmente; quando identifica possibilidades de ações futuras, já se constrói ideias para envolver na prática, interagindo presente e futuro. “Planejar é pensar analítica e objetivamente sobre a realidade e sobre a sua transformação” (Lück, 1991, p. 32).

Como um processo contínuo, Lück (1991, p. 54), salienta que a continuidade dos planos e projetos diz respeito à “sua capacidade de interação com a ação, de maneira que se ajusta a ela, continuamente, conforme seja necessário, de maneira a atribuir, a uma série de planos e projetos, regularidade, encadeamento, gradação, sequência e unidade”. Para isso, a autora descreve que se faz necessário que o planejamento seja realizado, a fim de constituir um processo dinâmico, em momentos: execução do plano ou projeto; avaliação concomitante à execução; avaliação ao final da implementação; e realimentação que, pode ocorrer durante a implementação do plano ou projeto ou é realizada após essa implementação. A fim de explicitar esse processo, apresenta-se na sequência o ciclo do planejamento criado pela autora:

Figura 07 – Ciclo do planejamento



Fonte: Lück (1991, p. 55)

Giacaglia e Penteado (2006), relatam que além da participação no planejamento geral e na elaboração do plano da escola como um todo, o Orientador Educacional elabora um plano específico para o SOE. Esse papel é crucial, pois permite que o orientador atenda de maneira mais personalizada e eficaz às necessidades dos estudantes, oferecendo suporte individualizado que se alinha com os objetivos educacionais gerais da instituição.

Prevê-se, anualmente, um planejamento geral do Serviço de Orientação Educacional, aproveitando as experiências realizadas nos anos anteriores e subordinando-as às aspirações sentidas pela equipe como um todo. Este planejamento geral deve receber a contribuição de todos os componentes da Orientação Educacional que exercem suas atividades na escola, de modo a representar, realmente, um trabalho conjunto que sintetize os objetivos e as atividades consideradas fundamentais e possíveis de concretização, dentro da dinâmica educativa. (Neves; Siqueira, 1973, p. 214)

Mas, para que um plano específico do SOE?

Esse plano é essencial para nortear o seu trabalho, além de poder constituir fonte de consulta pelos demais membros da equipe, para que possam saber como relacionar e integrar a programação deles à do SOE. É importante para o bom andamento das atividades escolares saber o que esperar dos demais e quando, isto é, em que ocasião cada item do plano estará sendo desenvolvido, como, por quem e para quanto tempo. (Giacaglia; Penteado, 2006 p. 20)

Nérici (1976, p. 70), relata que os planos de trabalho da Orientação Educacional “devem ser elaborados e executados segundo os objetivos da educação e baseados nas reais condições da escola, da realidade e das necessidades dos educandos [...] procurando sempre entrosamento com a comunidade”. A criação de um plano específico para o SOE garante que as atividades de orientação sejam bem estruturadas e integradas ao contexto educacional, promovendo um ambiente de aprendizado com uma educação integral.

Os autores Giacaglia e Penteado (2006) ainda forneceram alguns itens principais para um plano para o SOE, destacando que não há um modelo único a seguir. Diante disso, os itens por eles descritos como forma de auxiliar na criação de um plano, são:

1. Identificação e localização da escola;
2. Delegacia de Ensino à qual a escola está subordinada;
3. Nome do Diretor da Escola;
4. Nome do Orientador Educacional;
5. Data do plano. Datas de planos anteriores;
6. Síntese das principais características da comunidade e da escola;
7. Objetivos da escola e do SOE;
8. Estratégias e instrumentos;
9. Cronograma;
10. Avaliação da atuação do Serviço de Orientação Educacional.

Neves e Siqueira (1983, p. 15), também compartilham uma estratégia do planejamento de Orientação Educacional. Para eles, é necessário considerar que na Orientação Educacional “planejar envolve uma série de considerações mais ou menos amplas, em função de atividades

específicas, delimitadas pelas características humanas e pelas necessidades evidenciadas pelo meio ambiente escolar, familiar e comunitário”. Consideram ainda que a estruturação de planos de ação apresenta um caráter geral em função dos objetivos da O.E. e um caráter particular de acordo com as peculiaridades da escola e da natureza do estudante.

“O planejamento deve responder às seguintes formulações: quem faz?; o que deve ser feito?; como fazer?; por que fazer?; em que tempo deve ser feito?” (Neves; Siqueira, 1983, p. 16). Para os autores, considera-se um bom plano de ação do Orientador Educacional, aquele que possui as seguintes características:

1. Adequação à situação real da Escola;
2. Objetivos claros e precisos;
3. Viabilidade;
4. Exequibilidade;
5. Flexibilidade;
6. Integração (de todos os agentes educativos que possam contribuir com o amadurecimento do estudante);
7. Dimensão temporal.

Para ter uma dimensão do que será possível realizar na Orientação Educacional, segundo Neves; Siqueira (1983, p. 16), “o ponto de partida é traçar um delineamento das condições gerais da realidade escolar, dos recursos disponíveis e do tempo que se dispõe”. Neste sentido, eles sugerem algumas características na elaboração do planejamento, sendo elas:

1. Condições da realidade escolar (estruturação);
 - a) Organização (Apresentação funcional escolar);
 - b) Estruturação (Características da comunidade escolar; Filosofia da escola; Setores especializados da escola; Entidades ou agremiações em âmbito escolar.
2. Equacionamento de Recursos
 - a) Recursos humanos (Estruturação da equipe do SOE);
 - b) Recursos materiais (levantamento das disponibilidades materiais existentes para a instalação, manutenção e reorganização do SOE considerando o espaço físico, mobiliário, arquivos, fichários e material de consumo como papel, lápis, etc. Instrumentos de trabalho como fichas de registro, questionários, etc. Recursos financeiros.)

c) Recursos diversificados (Setores especializados em funcionamento na Escola e sua vinculação com o SOE e Setores especializados em funcionamento na comunidade como médico, psicólogo, etc.)

3. Delimitação Temporal

Em um caráter de extensão, prevenção e integração, a orientação Educacional abarca todos os estudantes, sendo um trabalho de longo alcance, implicando dessa forma em um planejamento a longo prazo.

A elaboração de um plano para o SOE “implica uma definição de ideias a serem concretizadas: o conhecimento das aspirações do Aluno, da Direção, dos Professores, da Família e da Comunidade para relacioná-las com os objetivos específicos” (Neves; Siqueira, 1983, p. 19). Bem como, relacionar com as diretrizes que nortearão a ação do Orientador. Para isso, os autores trazem um dimensionamento metodológico para seguir, sendo ele:

1. Posicionamento no contexto:

- a) Definir aspirações da comunidade escolar em prol da Orientação Educacional;
- b) Analisar as possibilidades de aproveitamento das aspirações e interesses dos Alunos, Escola, Família e Comunidade;
- c) Participar na elaboração do Plano Global da Escola, conectando com o SOE.

2. Fixação dos objetivos

O estabelecimento de metas a atingir precisa considerar as diretrizes da Escola e da Comunidade, seguindo os critérios de: objetividade, clareza, viabilidade, exequibilidade e flexibilidade. Podendo ser geral ou específico, de acordo com as metas as serem atingidas.

3. Programa de ação

Levantamento de todas as informações necessárias, pesquisar dados complementares para se ter um esboço de trabalho, um programa de ação. “Aqui, o planejamento do Serviço de Orientação Educacional se corporifica em decisões fundamentadas e mobiliza todos os agentes educacionais ligados à tarefa de proporcionar ao aluno o desenvolvimento de suas potencialidades” (Neves; Siqueira, 1983, p. 20).

4. Execução do plano

“A execução do plano é tão importante quanto a sua elaboração, por que procura tornar realidade aquilo que foi anteriormente previsto” (Neves; Siqueira, 1983, p. 20).

A execução do plano implica em:

- a) Conscientização do aluno para o desenvolvimento do trabalho proposto;
- b) Mobilização de todos os agentes integrados no processo escolar.
- c) Oportunização diversificada de estratégias e táticas para atingir os objetivos específicos e gerais.

5. Acompanhamento

O acompanhamento das atividades deve ser contínuo, registrando todos os acontecimentos significativos para favorecer uma avaliação objetiva ao final do trabalho.

6. Avaliação

A avaliação é considerada uma etapa no contexto do plano de OE e consiste num levantamento objetivo do trabalho, sendo possível a intervenção no processo de execução, podendo reformular os aspectos quando necessário. Através da avaliação, o orientador consegue: verificar o que de positivo foi realizado; determinar quais os pontos fracos ou nulos; reformular parcialmente o planejamento e elaborar planejamentos posteriores.

7. Revisão

Por mais elaborado e estruturado esteja um plano, é necessário passá-lo por uma avaliação periódica, a qual determinará se existe a necessidade de uma revisão parcial ou geral. É recomendável que o plano do SOE passe por uma revisão anual em colaboração de toda a equipe. “A revisão dos planejamentos parciais de cada elemento da equipe pode ser feita individualmente e favorecerá, sem dúvida, o desejo de curar soluções adequadas e melhorar gradativamente a qualidade de atuação” (Neves; Siqueira, 1983, p. 22).

Como sugestão, Neves; Siqueira (1983), esquematizam uma linha operacional de um planejamento de Orientação Educacional, decorrendo de três perguntas estimulação-resposta: QUEM? (enfoque para quem desejamos atingir); O QUÊ? (Objetivos, metas delineadas); COMO? (Estratégias, meios de atuação).

Por meio de projetos, pesquisas, e planos de ação, a Orientação Educacional, poderá contribuir para o desenvolvimento dos estudantes. Para que isso ocorra de forma eficaz, é fundamental que a Orientação Educacional seja planejada, contextualizada e organizada,

permitindo toda equipe escolar compreender seu papel como aliada na educação e entender a importância das ações para poder alcançar os objetivos educacionais previstas no PPP da escola.

Deve-se ter em mente que a ação do orientador educacional será tão limitada quanto limitada for sua concepção sobre seu trabalho, daí porque ser importante promover o desenvolvimento da concepção teórica desse profissional. No entanto, essa concepção, por mais rica, coerente e ampla que seja, de nada valerá, se não for colocada em prática mediante uma ação sistemática, organizada e seguramente direcionada. E essas condições somente são garantidas mediante a adoção de uma sistemática de planejamento das ações pedagógicas. (Lück, 1991, p. 13)

“É, pois, necessário que o planejamento de cada ano letivo, no que se refere à dinâmica de relacionamento do Orientador, tenha bem delimitada a área de comunicação e integração com todos aqueles que possam influir sobre o desenvolvimento do educando” (Neves; Siqueira, 1973, p. 122). Para isso, Neves; Siqueira (1973, p. 122), esclarecem que é necessário no planejamento: definir os objetivos da Orientação Educacional “o que é; o que pode fazer pelos alunos; seu campo de ação; o que precisa receber de colaboração dos Professores, etc”; Apresentar o Planejamento e solicitar sugestões de melhorias; Realizar um levantamento das disponibilidades dos professores para marcar encontros futuros para concretização dos objetivos; Dialogar para esclarecer as situações para que não ocorram dualidades de direções. Para Neves e Siqueira (1973, p. 214)

Planejar em Orientação Educacional envolve uma série de considerações mais ou menos amplas, em função de atividades específicas, delimitadas pelas características humanas e pelas necessidades evidenciadas pelo meio ambiente. A estruturação de planos de ação apresenta, portanto, um caráter geral em função dos objetivos da Orientação Educacional e um caráter particular com a adequação às peculiaridades do estabelecimento de ensino e à natureza do educando.

Segundo Giacaglia e Penteado (2006, p. 25), “O conhecimento da escola e da comunidade onde a mesma está inserida é necessário tanto pra o planejamento escolar como para a elaboração do plano de O. E”. Primeiramente, antes de planejar qualquer ação, atividade ou atendimentos é preciso conhecer o cotidiano, a cotidianidade da escola, conhecer o estudante.

Grinspun em um vídeo aula intitulado “Orientação Educacional na Dinâmica do Cotidiano Escolar”⁵, disponível no YouTube realiza algumas reflexões no sentido de que, será que para todo ser humano o cotidiano se constitui das mesmas coisas? Há uma rotina prevista? E o acaso, como fica? E as mudanças que ocorrem é responsabilidade de quem? Para que é

⁵ GRINSPUN, Mirian Paura Sabrosa Zippin. **Origem e Evolução Histórica da Orientação Educacional**. YouTube, 22 de setembro de 2015, publicado por: Juliana Araújo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Xkl-IYg2Cvc>. Acesso em: 24 de junho de 2024

importante? Se todo dia é mesma coisa, não seria apenas repeti-lo todos os dias? A vida cotidiana da escola engloba a vida cotidiana de cada estudante, pois cada um tem uma história de vida, cada um tem a sua vida cotidiana trazida na escola.

Segundo a autora, a cotidianidade não se refere ao dia a dia de todo dia da escola, mas com a junção do dia a dia dos estudantes no dia a dia da escola, além de todos os outros setores importantes da escola como os professores, especialistas, direção etc.

Por que esse cotidiano é importante a ser estudado? Porque, muitas vezes, a criança tem um desempenho diferente fora da escola, em seu cotidiano. As vezes possuem um desempenho satisfatório nas atividades do seu cotidiano e na escola possuem dificuldades, o que acontece neste contraste do dia a dia com o cotidiano da escola?

Neste sentido, Grinspun relata a importância de o Orientador Educacional ter dois olhares. Um para dentro da escola, no cotidiano da escola de como ele é instituído e outro olhar para o composto do cotidiano externo. O cotidiano é formado por fatores que dão no dia a dia diferenças extremamente significativas. Questões ligadas à globalização; novas tecnologias; e sociedade pós-moderna. “Na realidade são redes que se cruzam e entrecruzam, umas com as outras com as transformações que ocorrem de fora para dentro e que, por certo, não deixará de refletir de dentro para fora” (Grinspun, 2006, p. 10).

Não é questão da organização, burocratização, sistematização das atividades, ações que são desenvolvidas na escola por seus diferentes atores e protagonistas que deve ser algo preocupante. Grinspun, deixa evidente que o que preocupa são as ações, atividades, funções externas à escola, mas cujo respaldo tem a ver com a escola nos diferentes momentos e movimentos.

A autora ainda traz dois exemplos, os quais serão explicados a seguir: O primeiro exemplo se dá, quando a escola chama as mães para uma reunião às 10h de uma segunda-feira, porém nenhuma das mães pode neste dia e horário devido ao cotidiano de cada uma, “interferindo” no cotidiano da escola. O segundo exemplo, de que um estudante teve um irmãozinho. Por conta disso, ele acabou reagindo de uma maneira diferente no cotidiano da escola por se sentir inferior, enciumado, podendo apresentar agressividade, talvez rebeldia, distração, indiferença. E ao olhar esse estudante apenas pelo desempenho dele neste momento, se faz um tipo de registro, mas após colher dado do cotidiano desse estudante é possível compreender o porquê está agindo desta maneira.

Carvalho (1979, p. 122), retrata que a existência do Orientador Educacional se dá “como forma de abrir mais as portas da escola para uma vida real e positiva, onde a aplicação do saber

tenha lugar efetivo”. Por isso, para ela, “a Orientação Educacional deve ser planejada de maneira a assistir o professor e, por meio deste, o aluno, em uma gama muito variada de áreas” (Carvalho, 1979, p. 122).

Muitas pessoas ajudam a planejar as experiências de aprendizagem e de crescimento das crianças. Na verdade, todos aqueles que tiverem alguma responsabilidade no seu crescimento devem participar do planejamento. Pais, crianças, professores, orientadores, líderes da comunidade, especialistas e conselheiros devem trabalhar em conjunto neste projeto. A tarefa não é fácil e nunca termina, deve ser contínua, porque a vida é contínua e a sociedade está em constante mudança, criando, assim, novas necessidades que devem ser atendidas. (Knapp, 1967, p. 168)

Dentro desse contexto do trabalho coletivo articulado na escola, o foco da Orientação Educacional se concentra em cuidar das relações e da convivência escolar a partir da identificação de situações problema. Carvalho (1979, p. 122), retrata que “A Orientação Educacional, como uma das funções auxiliares do processo educativo, está intimamente ligada a valores, ideais, - tarefa específica da Filosofia da Educação -, e a uma prática de ação que lhe é específica”. Diante deste pressuposto, concorda-se com Grinspun (1994) que antes o foco do trabalho do OE era com o “aluno problema” e que as demandas atuais escolares, o foco se descola para o todo ambiente educativo e social.

A prática do orientador, hoje, deve estar em procurar ajudar o aluno a construir o conhecimento, a facilitar as condições de aquisição desse conhecimento, promovendo as interações e toda a teia de relações que envolva o sujeito e o meio. Os sentimentos permeiarão todo o processo e o seu significado será valorizado na construção pretendida. É com esse desafio que o orientador, na prática, terá que lidar: ajudar o aluno, orientá-lo no sentido de permitir viver seus desejos, sonhos e paixões, que se inter-relacionam com os saberes, com os fazeres, com o próprio conhecimento. (Grinspun, 1994, p. 150)

Nesse sentido, “a educação tem que estar sempre cotejando os seus objetivos com os objetivos da sociedade, para que possa formar cidadãos críticos para nela atuar. Todas as questões sociais são importantes para as questões educacionais” (Grinspun, 1994, p. 151). Isso impulsiona uma busca constante para redefinir e fortalecer o papel da Orientação Educacional nas escolas públicas. Isso pode ser feito através de pesquisas, estudos, compartilhamento de experiências e de novas possibilidades de intervenção. “A educação tem que dar continuidade à sua proposta pedagógica, mas tem que fazer com que esta mesma proposta esteja consoante com as transformações sociais conquistadas” (Grinspun, 1994, p. 151),

A prática não vem desvinculada de uma teoria. Na concepção contextualizada precisamos de fundamentos teóricos que alicerçam esta construção do conhecimento, do pensamento e da linguagem do nosso aluno. Precisamos nos juntar aos demais profissionais da educação, e, dentro das nossas especificidades, favorecer as relações

entre o desenvolvimento e o aprendizado, entre o desenvolvimento e seu ambiente socio-cultural. (Grinspun, 1994, p. 29)

É desafiante compreender a realidade para poder transformá-la, para que se torne mais justa e humana para todos. Grinspun (1994, p. 29), relata bastante sobre a importância de o projeto político pedagógico da escola estar com os objetivos entrelaçados com o avanço da sociedade. “A compreensão pretendida da realidade do aluno, por certo, hoje, envolverá as questões do imaginário social, das representações sociais, da linguagem como centro das questões humanas e sociais”. A capacidade do Orientador Educacional de planejar e implementar estratégias específicas para o SOE pode contribuir significativamente para a identificação precoce de dificuldades dos estudantes, bem como para o desenvolvimento de habilidades socioemocionais, que são essenciais para o sucesso acadêmico e pessoal dos estudantes.

Do mesmo modo que os alunos necessitam construir conhecimentos para atuarem no meio em que vivem, há que trabalhar, também, com toda a gama de valores, atitudes, sentimentos necessários à sua existência em uma sociedade em transformação. Pretende-se uma escola que seja capaz de trabalhar os confrontos sociais, dedicada aos novos eixos de conhecimento que formem o homem para transitar neste contexto. (Grinspun, 1994, p. 151)

Ainda nas ideias da autora, a prática do Orientador Educacional permeia as questões humanas e sociais necessárias para uma atuação mais próxima e integrada com o processo pedagógico. “As questões de auto-estima, auto-imagem e auto-realização, dentre outras, continuam como questões básicas da prática do orientador, só que serão desenvolvidas e trabalhadas junto aos alunos, em uma realidade mais concreta e objetiva” (Grinspun, 1998, p. 29). Diante disso, é necessário lembrar que se está formando o estudante para um novo tempo, no qual a ciência e a tecnologia trazem novas necessidades, novos desconfortos, novos valores e novas leituras da realidade.

A psicoeducadora Catarina Iavelberg (2009), reflete sobre o Orientador Educacional em frente ao currículo oculto na escola em uma entrevista para a Revista Nova Escola (2009), ali ela discorre que a Orientação Educacional tem o compromisso de auxiliar a escola em quanto função socializadora, criando ou reformulando ações pedagógicas, favorecendo a articulação de valores que resultem em atitudes éticas no âmbito do convívio social. Para ela ainda, a maior parte dos problemas encaminhados para o SOE são de exclusão de sala de aula, furto, briga, bullying, mau uso dos espaços coletivos, cola em provas, plágio de trabalho, atitude de desrespeito ao professor. Tais problemas estão vinculados a esses "conteúdos" que são ensinados e aprendidos de forma não explícita nas relações interpessoais que se constroem na

escola. Para ela esse modo de atuar, ineficaz, faz com que o profissional se sinta como um bombeiro, que todos os dias apaga incêndios e deixa brasas pelo caminho.

A dissertação de Catarina Iavelberg (2011), intitulada "Uma contribuição crítica para o entendimento dos sentidos atribuídos pelo orientador educacional ao exercício de sua função," já foi selecionada na etapa do estado do conhecimento como relevante para essa pesquisa, pois oferece uma análise aprofundada sobre o papel do orientador educacional no contexto escolar brasileiro. A dissertação sublinha a importância da reflexão crítica sobre as práticas educacionais, incentivando os orientadores a questionarem e resistirem às imposições estruturais que limitam seu trabalho.

Em sua entrevista, a psicoeducadora aborda que o papel do OE requer um equilíbrio entre proximidade e distanciamento das demandas imediatas, promove-se uma escuta analítica que identifique não apenas as queixas aparentes, mas também os agentes, valores e conflitos subjacentes. Devendo-se pensar em ações que provoquem o diálogo e a compreensão de conflitos entre os envolvidos. Isso só é possível, quando o orientador se insere em diferentes espaços da escola, procura explicitar elementos do currículo oculto e entendendo o sujeito como um ser histórico, crítico e social, colaborando com a equipe docente para melhorar a qualidade do ensino e da aprendizagem.

Diante disso, percebe-se que o papel do Orientador Educacional vai muito além da mera resolução de problemas pontuais ou em contenção de indisciplina, abandonando a abordagem de "apagar o fogo" que foi historicamente associada a ele. Ao invés disso, o OE se posiciona como um profissional capacitado, não apenas a compreender o contexto socioeconômico e cultural da comunidade escolar, mas em desvendar as dinâmicas cotidianas que podem impactar o processo de aprendizagem. Em um ambiente onde os valores como a cooperação, colaboração, mediação de conflitos e a solidariedade são promovidas, a prevenção e transformação da cultura de violência se tornam realidade.

5.2 A mediação de conflitos no contexto da Orientação Educacional: construindo um ambiente acolhedor

Uma Cultura de Paz é um conjunto de valores, atitudes, tradições, comportamentos e estilos de vida baseados:

a) No respeito à vida, no fim da violência e na promoção e prática da não violência por meio da educação, do diálogo e da cooperação (...)

Artigo 1º, da Declaração da ONU sobre uma Cultura de Paz, 1999.

Segundo o dicionário Michaelis (2008), que o comportamento é visto como a maneira de se comportar, seu procedimento e conduta. Através do conceito, é possível compreender que o comportamento é a influência da realidade em que o indivíduo vive, formando gostos, opiniões e vivências diferentes. É crucial pensar que cada indivíduo é único, possuindo sua própria história, personalidade e comportamentos.

Embora se possam ver as pessoas como recursos, isto é, portadoras de habilidades, capacidades, conhecimento, competências, motivação de trabalho etc., nunca se deve esquecer que as pessoas são pessoas, isto é, portadoras de características de personalidades, expectativas, objetivos pessoais, histórias particulares, etc. Convém, portanto, salientar algumas características genéricas das pessoas como pessoas, pois isso melhora a compreensão do comportamento humano. (Chiavenato, 2009, p. 66)

Não há uma maneira única ou correta de se comportar. Cada pessoa irá reagir de maneira única frente a diferentes situações. Fiorelli (2008, p. 7), salienta que “a causa-raiz de todo conflito é a mudança, real ou apenas percebida, ou a perspectiva de que ela venha ocorrer”. O comportamento refere-se às ações e atitudes de cada um e está diretamente ligado a forma como as pessoas se relacionam umas com as outras, ou seja, suas relações interpessoais. O comportamento também está ligado a inteligência emocional, descrita por Weisinger (2001, p. 14), como “uso inteligente das emoções - isto é, fazer intencionalmente com que as emoções trabalhem a seu favor, usando-as como uma ajuda para ditar seu comportamento a seu raciocínio de maneira a aperfeiçoar seus resultados”.

Compreende-se assim, a inteligência emocional como uma ferramenta essencial no desenvolvimento de relações saudáveis. Entende-se dessa forma, que a inteligência emocional se refere à capacidade de um autoconhecimento para lidar com as próprias emoções e entender os sentimentos das outras pessoas em busca de melhorar a relação intra e interpessoal.

Segundo o Dicionário Michaelis (2008), o conflito significa luta, combate, barulho, desordem e tumulto. É visto como um momento crítico. Ele ocorre quando as pessoas querem algo diferente ou a mesma coisa, não aceitando a perspectiva do outro. Laplanche e Pontalis (1986, p. 131), sintetizam a concepção psicanalítica do conflito:

A psicanálise considera o conflito como constitutivo do ser humano, e isto em diversas perspectivas: conflito entre o desejo e a defesa, conflito entre os diferentes sistemas ou instâncias, conflitos entre as pulsões, e por fim o conflito edipiano, onde não apenas se defrontam desejos contrários, mas onde estes enfrentam a interdição.

Neste contexto, segundo os autores Laplanche; Pontalis (1986), o conflito pode ser compreendido de duas maneiras: interno e externo. O conflito interno é quando a pessoa tem dificuldade de aceitação de si mesma. Já no conflito externo, existe uma discordância a um

grupo ou outra pessoa por ter motivos/ideias incompatíveis com os demais. Neste tipo de conflito é preciso lidar com ganhos e frustrações. E nos dois conflitos irão existir consequências.

Compreende-se, segundo Fiorelli (2008), que o conflito é inerente as relações humanas, logo, onde existem pessoas, de alguma forma o conflito estará presente. Contudo, o conflito nem sempre será negativo, pois pode ser entendido também como uma oportunidade de amadurecimento. Para que os sujeitos encarem o conflito como algo positivo precisam aprender a reconhecer e trabalhar com emoções, medos e inseguranças, saber lidar com seus sentimentos, o que nem sempre é tarefa fácil.

Por este motivo é que a mediação pode ser uma ferramenta que favoreça o diálogo e auxilie na aceitação desses aspectos. Nesse sentido, o autor aborda que os conflitos possuem uma causa raiz que aparece de acordo com uma mudança gerada, que pode ser real ou apenas imaginária, mas afetará o relacionamento.

Em síntese, Fiorelli (2008), descreve o mediador como alguém com formação superior, habilidades interpessoais, conhecimentos básicos de direito, sensibilidade cultural, imagem pública, paciência, autoconfiança e liderança. Atua como facilitador do diálogo durante a mediação, acolhendo, informando, esclarecendo, gerenciando a participação das partes e ajudando a desenvolver soluções de forma colaborativa.

Outra questão que pode gerar conflitos é a indisciplina. Ela não se limita apenas a alguma faixa etária, classe social, gênero ou cultura e pode ser encontrada em todas as escolas e/ou na sociedade. Visto que,

Temos acompanhado o alarmante aumento de casos registrados acerca do aumento da violência em nossas escolas, fato este anunciado por diversos meios de comunicação, o que contribui para gerar um clima de angústia e insatisfação no ambiente escolar. A indisciplina leva à violência e surge quando ocorre o não cumprimento das regras impostas e normas sociais estabelecidas. Refletir sobre suas causas, consequências e caminhar para a mudança envolve a participação dos diversos segmentos: pais, alunos, professores, equipe pedagógica, funcionários e comunidade. Precisamos ter clareza da parcela de responsabilidades de todos, o professor não pode ser o único culpado nesse processo; envolvendo todos na discussão e no enfrentamento do problema, podemos evitar a transferência de responsabilidades. (Vagula; Rampazzo; Steinle, 2009, p. 84)

A escola não é o único espaço em que a criança está inserida. O ambiente familiar exerce um papel muito importante no desenvolvimento do indivíduo. A participação da família não deve acontecer de maneira isolada, pois a interação entre a família e a escola é essencial para promover a aprendizagem.

É importante ainda considerar o contexto em que o estudante vive que antes de julgá-los em relação a fatos ou determinados comportamentos. Isso se dá pela importância que o meio

possui na constituição do sujeito e na forma como ele encara as situações do dia a dia. A indisciplina muitas vezes está ligada à violência, criando um clima de insegurança e frustração na escola e na sociedade, pois além de

[...] influir na qualidade de ensino, no desempenho escolar e no desempenho profissional do corpo técnico-pedagógico, também incide sobre a percepção dos alunos a respeito do espaço físico da escola, da gestão e dos próprios colegas. Constata-se que um ambiente escolar desfavorável contribui para o esgarçamento das relações entre os atores da escola (professores e alunos; professores e direção; alunos e alunos; alunos e direção). (Abramovay, 2004, p. 48-49)

Percebe-se que a indisciplina e a violência possuem um impacto abrangente e negativo sobre a dinâmica escolar e as relações interpessoais dentro da escola, criando um ciclo vicioso de deterioração das condições educacionais e sociais. Esse entendimento, leva a reconhecer que a violência na escola não pode ser vista apenas como um problema interno da unidade escolar, mas como uma manifestação das tensões e desigualdades sociais. A violência é um assunto muito presente, importante e triste em nosso cotidiano. “É necessário entender que a violência não é antissocial, ela faz parte do social” (Rocha, 2014b, p. 70). Giacaglia e Penteado (2006, p. 115) também demonstram preocupação em relação ao assunto,

O problema que recentemente vem se agravando na escola e que reflete, em grande parte, o que ocorre na sociedade é a violência, não mais restrita à agressões a coisas, como depredação, bombas nos banheiros e outras formas de vandalismo que há muito existiam, mas também, e de muito maior gravidade, contra pessoas, tanto adultos que, de certa forma, são investidos de poder para cercar atitudes indesejáveis dos alunos, como contra os próprios colegas.

Sendo que,

O “clima de violência”, além de influir na qualidade de ensino, no desempenho escolar e no desempenho profissional do corpo técnico-pedagógico, também incide sobre a percepção dos alunos a respeito do espaço físico da escola, da gestão e dos próprios colegas. Constata-se que um ambiente escolar desfavorável contribui para o esgarçamento das relações entre os atores da escola (professores e alunos; professores e direção; alunos e alunos; alunos e direção.) (Abramovay, 2004, p. 48-49)

Em conjunto com a indisciplina, surgem resultados como as agressões físicas e verbais, o desrespeito, o *bullying*, entre outros fatores. Esta violência pode ocorrer entre os próprios estudantes, como também entre funcionários e estudante.

A mídia vem noticiando, cada vez com maior frequência, casos de ataques e mesmo de mortes perpetradas por adolescentes e até por crianças menores, nas imediações das escolas e mesmo dentro do recanto por ofensas, por motivos, no mais das vezes, bastante fúteis, como desagravo por ofensas, vingança, acerto de contas, principalmente referente ao tráfico de drogas, simples manifestação de machismo ou valentia, participação em gangues e rivalidades por causa de namorados(as). (Giacaglia; Penteado, 2006, p. 115)

Charlot (2002), define três tipos de violência escolar. A violência na, à e da escola. A **violência na escola**: é aquela que ocorre dentro da escola, entre estudantes ou funcionários, podendo ter iniciado em qualquer outro lugar, não sendo a escola “culpada” pelo ocorrido, servindo apenas como espaço físico. **Violência à escola**: ocorre quando a violência acontece diretamente à instituição e funcionários da escola. **Violência da escola**: acontece quando os estudantes precisam se sujeitar a suportar a forma de como a instituição, no caso funcionários os tratam, às vezes com palavras ofensivas.

Algo bastante relevante que Giacaglia; Penteado (2006, p. 115), abordam é de que “tais crimes são de autoria de membros não pertencentes ao corpo discente da escola que nela conseguem se infiltrar com a finalidade de agredir aluno(s)”. Sugere que, as escolas precisam aumentar a vigilância em relação a entrada de estranhos que se posicionam ao redor da escola e, ainda destacam que “a escola deixou de ser um local seguro, onde os pais deixavam tranquilamente seus filhos” (Giacaglia; Penteado, 2006, p. 115). Sendo assim, “cabe ao Or. E., em caráter preventivo, realizar palestras, debates e outras atividades com os alunos enfocando a violência, suas causas e consequências. O Or. E. deve, também, conhecer bem a comunidade onde a escola está inserida” (Giacaglia; Penteado, 2006, p. 116).

No dicionário Michaelis (2008), violência significa qualquer forma empregada contra a vontade, liberdade ou resistência de uma pessoa ou coisa. Constrangimento físico ou moral, exercido sobre alguma pessoa para obrigá-la a submeter-se contra sua vontade. “O termo violência origina-se do latim, *violentia* significando força; o verbo *violare* significa trotar com violência, profanar, transgredir, termos que se referem a vis cujo significado é força em ação, potência” (Rocha, 2014b, p. 64).

A relação entre indisciplina escolar e violência social se dá quando analisamos o baixo rendimento escolar, e desinteresse em aprender. Porém, deve-se ficar atento às atitudes dos estudantes, pois “as violências também podem e são utilizadas como forma de expressão.” (Rocha, 2014b, p. 71). Visto assim, o estudante pode estar sofrendo algum conflito interno ou externo e faz uso de uma violência para tentar “resolver” a situação. Giacaglia e Penteado (2006, p. 101), abordam esse viés e salientam que:

É necessário o OR. E. tenha sempre em mente, para melhor compreender o comportamento dos alunos, que, principalmente na adolescência, dois motivos mostram-se particularmente importantes na determinação desses comportamentos. São os motivos de aflição e o gregário. O adolescente deseja verdadeiramente “pertencer” ao grupo do qual faz parte e, muitas vezes, para conseguir se integrar chega a comportamentos extremos para chamar atenção e conquistar simpatia e, conseqüentemente, um lugar definido no grupo ou na classe. Assim, às vezes, um estudante educado cortês e até tímido pode cometer agressões e grosserias para com

professores ou outros adultos, coisas das quais não seria capaz se estivesse sozinho. Alunos, e principalmente alunas bem dotadas, podem chegar a tirar notas baixas, propositadamente, para não destoar e, conseqüentemente sofrer a rejeição dos colegas. Outros, mais inseguros, podem ceder à oferta de drogas pelo mesmo motivo.

No entanto, alguns educadores preferem ignorar os conflitos ocorridos no ambiente escolar, o que pode resultar em conseqüências ainda mais graves no futuro, incluindo episódios de violência. Então, “cabe ao Or. E., com o auxílio dos demais educadores, o desafio de fazer da escola um ambiente adequado e agradável para todos e, sobretudo, fazer dela uma instituição educativa, no sentido mais amplo do termo” (Giacaglia; Penteadó, 2006, p. 101). No entanto, agir impulsivamente e sem preparo adequado também não é a solução, pode agravar ainda mais a situação. É essencial que o Orientador Educacional esteja preparado e tenha experiência na área para intervir em tais situações, porém

Como nos demais casos, a atuação do Or. E. deverá ser, de preferência, preventiva. Estratégias como palestras, filmes, leituras, intercâmbios, visitas e discussões em grupos sobre a diversidade de costumes, religiões, crenças, etnias, classes sociais, etc., existentes entre as pessoas, devem ser empregadas para desenvolver o respeito e a tolerância do aluno quanto às diferenças individuais. (Giacaglia; Penteadó, 2006, p. 99)

Para Bacellar (2016, p. 107), “a mediação serve para esclarecer situações, recuperar a comunicação direta, eliminar ruídos e falhas verificadas na comunicação anterior e pode até melhorar o relacionamento entre os interessados nas suas relações posteriores.” A mediação é uma abordagem para a resolução de conflitos, movida por diálogos e que busca encontrar uma alternativa de resolver os problemas. O mediador é aquele que auxilia na construção desse processo. Assim sendo, Sales (2004, p. 38), destaca que:

A grosso modo pode-se dizer que a mediação é um meio termo entre a negociação e a conciliação difere-se da primeira, pois requer a participação de uma terceira pessoa junto ao conflito; mas distingue-se da última, pois a atuação desta terceira pessoa não visa conduzir a sistemática da resolução do problema ou conciliar interesses divergentes, objetiva tão-somente abrir, facilitar o diálogo para que as partes compreendam o conflito em todas as suas nuances, a ponto de decidirem pelo melhor deslinde. Na conciliação o objetivo é o acordo, ou seja, as partes, mesmo adversárias, devem chegar a um acordo para evitar um processo judicial. Na mediação as partes não devem ser entendidas como adversárias e o acordo é consequência da real comunicação entre as partes. Na conciliação o mediador sugere, interfere, aconselha. Na mediação, o mediador facilita a comunicação, sem induzir as partes em acordo.

O termo mediação tem origem no latim *mediatio* ou *meditationis*, que significa “intervenção com que se busca produzir um acordo” e também, “processo pacífico de acerto de conflitos” (Nazareth, 2009, p. 23). Visto que a mediação pode ser conceituada como uma metodologia de resolução de conflitos no qual um mediador tem como papel facilitar a comunicação entre as pessoas envolvidas na busca de uma solução para o conflito/problema

e oferecer às pessoas a participação ativa nas resoluções de conflitos. Essa metodologia pode ser usada em muitos lugares e o meio escolar é um deles. Para Burguet (2005, p. 42), “os alunos necessitam entender os conflitos, aprender formas alternativas para resolvê-los e buscar soluções que sejam satisfatórias para todos”.

Conflitos constituem oportunidades de aprendizado para toda a comunidade escolar. Chrispino (2007, p. 13) aborda que, “O primeiro ponto para a introdução da mediação de conflito no universo escolar é assumir que existem conflitos e que estes devem ser superados a fim de que a escola cumpra melhor as suas reais finalidades”. Como forma de reverter esse cenário, Tomás (2010, p. 27) salienta que “necessário desenvolver uma educação para a convivência e para a gestão positiva dos conflitos, a fim de se construir uma cultura de paz, de cidadania e de sã convivialidade no meio escolar”.

A mediação de conflitos é uma excelente metodologia para melhorar a qualidade da convivência e de relações no ambiente e da comunidade escolar e para combater a indisciplina nas escolas. Auxilia também os estudantes a desenvolverem competências sociais, emocionais e de comunicação. Segundo o autor Sales (2007, p. 184):

A mediação possibilita a transformação da “cultura do conflito” em “cultura do diálogo” na medida em que estimula a resolução dos problemas pelas próprias partes. A valorização das pessoas é um ponto importante, uma vez que são elas os atores principais e responsáveis pela resolução da divergência. O sucesso de uma proposta democrática envolve o compromisso de todos os envolvidos. A educação deve prezar pelo exercício da solidariedade, da tolerância, dos direitos à diversidade para oferecer uma orientação para a formação do sujeito de direitos e assim conseguir combater a violência, indisciplina, preconceitos e discriminação dentro e fora da escola, promovendo igualdade e equidade, justiça e valores.

Nesse sentido, observa-se que a mediação por meio do diálogo pode ser uma das alternativas que minimizam os conflitos,

A mediação, por meio do diálogo e da escuta ativa, possibilita que as partes exponham o problema, se escutem, se percebam, possibilitando que os envolvidos consigam encontrar a melhor solução para as divergências a partir do reconhecimento do mundo e do sofrimento do outro, ponderando as suas atitudes. (Sales, 2007, p. 187)

A educação em e para os direitos humanos e a mediação de conflitos possibilitam aprendizagens e transformações que constituem elementos da práxis pedagógica dialógica, que são fundamentais para a construção de uma cultura de paz. A mediação de conflitos, como estratégia, ferramenta ou metodologia pedagógica para o enfrentamento dos conflitos e violências no contexto escolar, promovem relações transformadoras, baseando-se com o foco no diálogo, com ações individuais ou coletivas, podem superar diversas formas de violência. Nesse viés, Silva (2014, p. 55) ressalta que:

A mediação é uma proposta democrática de construção de uma Cultura de Paz no ambiente escolar. Para que ela aconteça se faz necessário, primeiramente, que todos os envolvidos no processo educacional tenham conhecimento desse instrumento como facilitador das relações humanas, e tenham o real interesse em adotá-lo para dirimir os conflitos internos e externos, construindo-se, assim, uma escola onde o diálogo resulte nas transformações pessoais e sociais.

Segundo Almeida (2009), em um texto publicado na Revista Nova Escola descreve que o Orientador Educacional, antes visto como o responsável por encaminhar os estudantes considerados "problema" a psicólogos, ganhou uma nova função, perdendo o antigo e pejorativo rótulo de delegado, agora desempenha um papel para intermediar os conflitos escolares e ajudar os professores a lidarem com estudantes com dificuldade de aprendizagem. E, complementa ainda que para ter sucesso, o OE precisa permitir administrar diferentes pontos de vista, é essencial desenvolver a habilidade de negociar e antecipar ações. Caso contrário, corre-se o risco de se ocupar apenas com os “incêndios” diários. Como já mencionado ao decorrer da pesquisa, o OE necessita buscar trabalhar de forma preventiva através de planejamento, diante disso, observa-se que,

Para que haja um trabalho pautado na cultura de paz no contexto escolar, faz-se necessário que se construam ações pacíficas, que com perseverança, sabedoria e planejamento os levará à redução e prevenção da violência que se instala cada vez mais em nossas escolas. (Silva, 2014, p. 33)

O documento "Violência nas escolas e políticas públicas" da UNESCO (Debarbieux; Blaya, 2022), destaca que a violência nas escolas é uma manifestação de problemas mais amplos na sociedade, incluindo desigualdade, discriminação e falta de oportunidades. A UNESCO propõe uma abordagem integrada para enfrentar a violência escolar, que envolve a criação de políticas públicas, o engajamento da comunidade e a formação de professores e funcionários escolares para identificar e lidar com situações de conflito e violência de maneira eficaz. A ênfase está na prevenção, por meio da promoção de uma cultura de respeito e inclusão dentro do ambiente escolar.

O documento “Paz, como se faz?: semeando a cultura de paz nas escolas”, publicado em parceria da UNESCO (Diskin; Roizman, 2021) aborda que no Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente garante a proteção integral e dignidade para crianças e adolescentes, assegurando-lhes direitos e proteção estatal. A Lei Maria da Penha, em vigor desde 2006, é um importante instrumento jurídico para proteger as mulheres da violência doméstica e feminicídio, geralmente cometidos por parceiros íntimos. O Estatuto do Idoso assegura aos maiores de 60 anos condições para preservar sua saúde e dignidade. Essas legislações são conquistas significativas que promovem mudanças estruturais ao desafiar o patriarcado e suas

formas de opressão, especialmente dentro da família. Contudo, a exclusão e a discriminação não afetam apenas crianças, mulheres e idosos, mas também negros, mestiços, ciganos, indígenas, população LGBTQIA+, pobres, pessoas com deficiência, moradores de rua e refugiados. “Sem dúvida temos um longo caminho a percorrer, mas fica evidente o despertar de uma sensibilidade empática nas novas gerações que se expressa sob múltiplas formas” (Diskin; Roizman, 2021, p. 16).

Através disso tudo, é possível perceber que os conflitos fazem parte do progresso humano e social e eles são essenciais para o aprimoramento das relações interpessoais. É importante encarar os conflitos como oportunidades de aprendizagem e de desenvolvimento, buscando através de diálogos não violentos alcançar uma cultura de paz.

6 MÉTODO

Para Gil (2002), pode-se definir uma pesquisa como “o procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos” (Gil, 2002, p. 17). É evidente que a pesquisa se destinou a encontrar respostas claras e fundamentadas para questões específicas. Sendo assim, considerando as questões já abordadas neste trabalho, buscou-se fornecer respostas aos problemas já levantados, utilizando métodos para torná-las relevantes. Dessa forma, a pesquisa visou contribuir para a construção de um conhecimento mais aprofundado sobre o tema em questão.

Essa pesquisa teve um caráter exploratório e descritivo, com foco qualitativo. Tal estrutura foi planejada a fim de investigar de maneira abrangente e detalhada o papel do orientador educacional na educação básica, sua evolução histórica, a construção de sua identidade profissional e a manifestação prática dessa função na coordenadoria regional de Itapiranga/SC. A metodologia do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) foi utilizada para captar e analisar as percepções e experiências das Orientadoras Educacionais, proporcionando uma visão consolidada e representativa sobre os temas investigados. Na sequência detalhou-se todo o percurso metodológico.

6.1 Delineamento

Este estudo caracterizou-se como uma pesquisa mista, com foco qualitativa, e com caráter exploratório. Gil (2002), aborda que uma pesquisa de caráter exploratório busca auxiliar na compreensão de um problema ou fenômeno ainda pouco conhecido. O principal objetivo foi tornar o problema mais claro e detalhado ou gerar hipóteses e ideias para investigações futuras. As pesquisas com caráter descritivo possuem como objetivo detalhar características de um grupo ou fenômeno específico, ou analisar como diferentes variáveis estão relacionadas. Incluindo a coleta de dados sobre opiniões, atitudes e crenças de uma população.

As pesquisas de caráter tanto exploratório quanto descritivo, segundo Gil (2002), são bastante comuns entre pesquisadores que buscam entender melhor aspectos práticos e reais da sociedade. A natureza descritiva da pesquisa visa a detalhar e documentar essas experiências de forma sistemática. A abordagem qualitativa foi utilizada para explorar profundamente as experiências e percepções dos orientadores educacionais, proporcionando uma compreensão

detalhada e contextualizada das práticas e desafios enfrentados por esses profissionais na rede estadual de ensino do estado de Santa Catarina (SC). Gil (2002), salienta que em pesquisas qualitativas, a análise dos dados é mais flexível e adaptável.

Uma pesquisa mista que privilegia o foco qualitativo beneficia-se significativamente da organização de dados organizados em tabelas, facilitando a categorização e segmentação da informação, especialmente ao utilizar a técnica do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC). Essa abordagem permitiu a construção de discursos que refletem a perspectiva coletiva, ao mesmo tempo em que organiza o processo de análise de maneira lógica e estruturada. Percebe-se que

Nas pesquisas documentais de cunho quantitativo, sobretudo naquelas que utilizam processamento eletrônico, os dados são organizados em tabelas e permitem o teste das hipóteses estatísticas. Dessa forma, a ordenação lógica do trabalho fica facilitada e pode-se partir facilmente para a redação do relatório. Já nas pesquisas de cunho qualitativo, sobretudo naquelas em que não se dispõe previamente de um modelo teórico de análise, costuma-se verificar um vaivém entre observação, reflexão e interpretação à medida que a análise progride, o que faz com que a ordenação lógica do trabalho torne-se significativamente mais complexa, retardando a redação do relatório. (Gil, 2002, p. 90)

Diferente da pesquisa quantitativa, na qual os dados frequentemente servem para a formulação e teste de hipóteses, a pesquisa qualitativa, segundo Gil (2002), adota um caráter mais flexível e interpretativo, exigindo constante reflexão e ajuste durante a análise. A introdução de elementos quantitativos em um estudo predominantemente qualitativo não apenas organiza e sistematiza o processo, mas também fortalece a interpretação dos dados, contribuindo para uma narrativa coletiva mais objetiva e fundamentada.

6.2 Participantes

A Secretaria de Estado da Educação de Santa Catarina (SED) desempenha um papel fundamental na promoção da educação em todo o estado, através de suas coordenadorias espalhadas pelas diversas regiões. Em uma pesquisa realizada no site do Gov.br, a SED

É o órgão central do Sistema Estadual de Educação, responsável pela formulação, controle e avaliação das políticas educacionais, bem como pela coordenação das atividades, ações, programas e projetos da educação básica, profissional e superior em Santa Catarina, em consonância com as Diretrizes Nacionais e com o Plano Estadual de Educação (PEE/SC). (Governo Do Estado De Santa Catarina, 2024)

A Missão ali destacada é de promover uma educação escolar de qualidade para todos os catarinenses. A visão é de Elevar a Educação de Santa Catarina ao mesmo patamar dos países

desenvolvidos. Em relação à educação é centrada no desenvolvimento integral dos estudantes, na promoção da qualidade do ensino e na formação cidadã, visando preparar os estudantes para os desafios do século XXI.

Os objetivos são de oferecer educação básica com qualidade e equidade para todos os cidadãos catarinenses, assegurando o direito à aprendizagem neste nível de ensino, em idade adequada; Promover o princípio da gestão democrática na educação pública; Valorizar os profissionais da educação básica e profissional de Santa Catarina; Reduzir as desigualdades educacionais e valorizar a diversidade promovendo a equidade na educação básica; Contribuir para a elevação do acesso e da permanência na educação superior. As Gerências de Educação espalhadas pelo estado são:

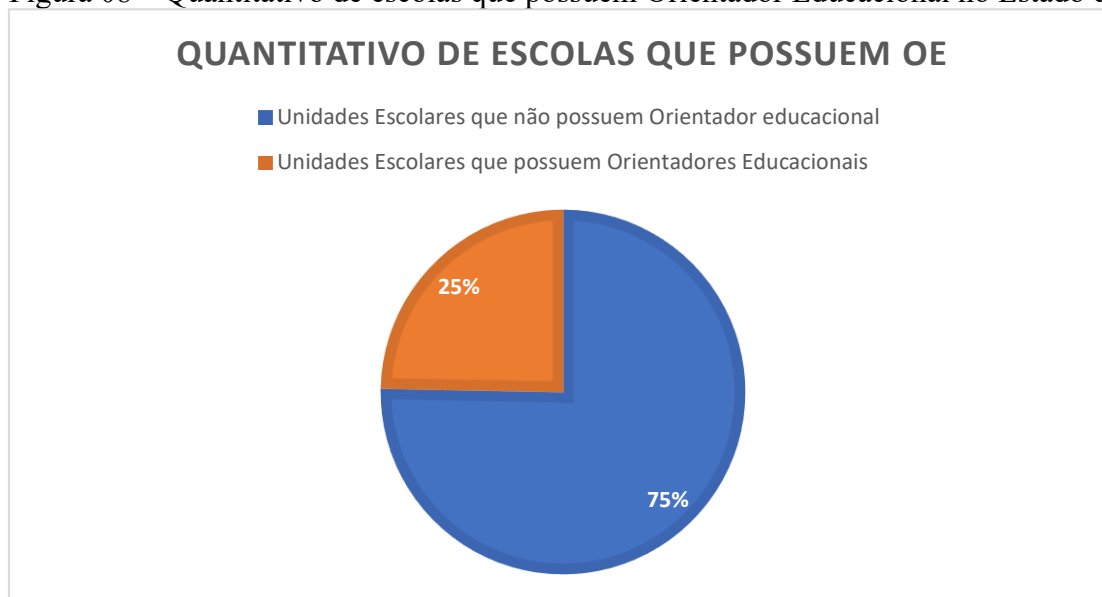
1º. São Miguel do Oeste	19º. Laguna
2º. Maravilha	20º. Tubarão
3º. São Lourenço do Oeste	21º. Criciúma
4º. Chapecó	22º. Araranguá
5º. Xanxerê	23º. Joinville
6º. Concórdia	24º. Jaraguá do Sul
7º. Joaçaba	25º. São Bento do Sul
8º. Campos Novos	26º. Canoinhas
9º. Videira	27º. Lages
10º. Caçador	28º. São Joaquim
11º. Curitibanos	29º. Palmitos
12º. Rio do Sul	30º. Dionísio Cerqueira
13º. Ituporanga	31º. Itapiranga
14º. Ibirama	32º. Quilombo
15º. Blumenau	33º. Seara
16º. Brusque	34º. Taió
17º. Itajaí	35º. Timbó
18º. Florianópolis	36º. Braço do Norte

Aqui, será utilizado para pesquisa a 31ª Coordenadoria Regional da Educação de Itapiranga localizada em Santa Catarina, desempenha um papel fundamental na gestão e supervisão da educação na região. Como parte da estrutura da Secretaria de Estado da Educação de Santa Catarina (SED), a CRE de Itapiranga atua como um elo entre as escolas, os

professores, os estudantes e a comunidade em geral, buscando promover a qualidade da educação e garantir o cumprimento das políticas educacionais do estado.

Em solicitação de dados, obteve-se a informação quantitativa de UE na rede Estadual, sendo que na data 31/05/2024 o estado de SC conta com 1.260 unidades (dessas, 1.046 UE e 214 UD). A fim de constatar a quantidade de Orientadores Educacionais que atuam no Estado de Santa Catarina, realizou-se um levantamento de dados. A fonte dos dados obtidos é de BigData BoaVista com base nos dados SIGRH, referindo-se ao dia 05 de junho de 2024. Ao total, SC possui 526 Orientadores Educacionais, destes 15 atuam no órgão Central, 15 atuam em Coordenadorias Regionais de Educação, 1 atua no Conselho Educacional de Educação, 3 em outros órgãos, 3 estão em outros tipos de afastamentos e desses 489 atuam efetivamente nas escolas. Seguindo esses dados, do total atuante em escolas, 13 deles estão como Assessores de Direção e 22 como Diretores de Unidade Escolar, restando 489 em sua função. Das 1.260 Unidades Escolares de SC, apenas 413 Unidades Escolares possuem Orientador Educacional, frisando que 847 escolas não possuem esse atendimento, representados no gráfico a seguir:

Figura 08 – Quantitativo de escolas que possuem Orientador Educacional no Estado de SC



Fonte: Autora, 2024.

Justifica-se tamanha desproporcionalidade através do Decreto nº 1061, de 14 de fevereiro de 2017, que regulamenta o quadro lotacional referente aos cargos de Assistente Técnico-Pedagógico, Especialista em Assuntos Educacionais e Assistente de Educação que trata o art. 16 da Lei Complementar nº 668, de 2015.

Art. 4º Nas unidades escolares em que não houver servidores ocupantes do cargo de Especialista em Assuntos Educacionais (Administrador Escolar, Supervisor Escolar e Orientador Educacional), a Coordenação Pedagógica será exercida pelos ocupantes do cargo de Assistente Técnico-Pedagógico.

Art. 5º As escolas com menos de 50 (cinquenta) alunos terão suas atividades pedagógicas e administrativas coordenadas pelo Diretor de Unidade Escolar. (Santa Catarina, 2017)

Uma importante disposição do Decreto é a que define o direito das escolas de contar com um Orientador Educacional quando tiverem no mínimo 201 estudantes. No entanto, destaca-se que cada escola tem direito a apenas um Orientador Educacional, mesmo que tenha mais de 1601 estudantes, conforme estabelecido na tabela fornecida pelo documento.

Tabela 03 – Quantidade de Orientador Educacional permitido por escola no Estado de SC

Cargo	Número de alunos	Número de turnos	Horário de trabalho	Quantidade	Carga horária
Especialista em Assuntos Educacionais (Orientador Educacional)	de 201 a 500	2	Diurno	1	40 horas
		3	Diurno/Noturno	1	40 horas
	de 501 a 800	2	Diurno	1	40 horas
		3	Diurno/Noturno	1	40 horas
	de 801 a 1200	2	Diurno	1	40 horas
		3	Diurno/Noturno	1	40 horas
	de 1201 a 1600	2	Diurno	1	40 horas
		3	Diurno/Noturno	1	40 horas
	mais de 1601	3	Diurno/Noturno	1	40 horas

Fonte: Decreto nº 1061, de 14 de fevereiro de 2017 (Santa Catarina, 2017).

A pesquisa possui continuidade e andamento na cidade de Itapiranga, que integra a 31ª Coordenadoria Regional de Educação. As cidades pertencentes a essa regional são: Iporã do Oeste, São João do Oeste, Tunápolis e a própria Itapiranga.

A escolha dessa localidade justifica-se pelo fato de ser uma região que, embora desempenhe um papel fundamental na gestão e supervisão da educação, apresenta um dos menores quadros de Orientadores Educacionais. Diante disso, a proposta deste estudo é realizar uma investigação de campo que permita compreender como se dá a atuação desses profissionais

nesse cenário específico e, com base nos resultados obtidos, evidenciar a importância e a necessidade da ampliação do número de Orientadores educacionais na região.

Para compreender melhor o contexto local onde a pesquisa está inserida, é importante retomar brevemente a história da cidade de Itapiranga. A antiga região de Porto Novo — que abrangia os atuais municípios de Tunápolis, São João do Oeste e Itapiranga — teve sua trajetória iniciada na década de 1920, quando foi adquirida em parcelas pelas Sparkassen do Estado do Rio Grande do Sul para o Volksverein, com o objetivo de estabelecer uma colônia destinada exclusivamente a alemães de fé católica. Esse projeto, liderado pelo Volksverein, foi fundamentado nos pilares do germanismo e do catolicismo, os quais moldaram a formação étnica e religiosa da região (Mayer, 2017).

Mayer (2017), descreve que o desenvolvimento de Porto Novo teve impulsionamento com a chegada de novos agricultores que foram atraídos por influências e pela carência de terras nas antigas colônias do Rio Grande do Sul. No Ano de 1929, com a visita do presidente da província, Sr. Adolfo Konder, a colônia mudou seu nome para Itapiranga, que em tupi-guarani que significa “Pedra Vermelha”.

Ainda segundo Mayer (2017), o desenvolvimento de Porto Novo foi impulsionado com a chegada de novos agricultores, atraídos pelas limitações de terras nas antigas colônias do Rio Grande do Sul, bem como por incentivos oferecidos na nova região. Em 1929, com a visita do presidente da província, Sr. Adolfo Konder, a colônia passou a se chamar Itapiranga — nome de origem tupi-guarani que significa “Pedra Vermelha”.

Apesar das dificuldades de acesso, desbravadores liderados pelo Padre Max Von Lassberg conseguiram estabelecer a comunidade, o que possibilitou seu crescimento progressivo. Em 1932, Itapiranga tornou-se distrito do município de Chapecó e, posteriormente, em 1953, conquistou sua emancipação política.

O Município de Itapiranga está localizado no Extremo Oeste de Santa Catarina, na divisa com o estado do Rio Grande do Sul e com a República Argentina e possui 27 comunidades do interior e na cidade, sendo conhecido com o título de Berço Nacional da Oktoberfest, festa realizada todos os anos, em outubro, desde 1978 e reúne milhares de visitantes e turistas, destacando a cultura predominante alemã.

Itapiranga, em 2022, contava com uma população estimada em 16.638 habitantes, predominantemente católica, mantendo a influência religiosa da colonização. Sua economia baseia-se na agropecuária, com destaque para o cultivo de milho, feijão e criação de animais, além da presença de indústrias, como a JBS, que contribuem significativamente para a geração

de empregos na região (IBGE, 2022).

De acordo com os dados do IBGE de 2010, a taxa de escolarização de 6 a 14 anos de idade era de 99,8%. Em relação ao IDEB, em 2021, o índice para os anos iniciais do ensino fundamental na rede pública era 6,9 e para os anos finais, 5,5.

No município de Itapiranga, localizam-se 14 escolas de educação infantil e anos iniciais, 06 rurais (Escola Municipal de Educação Infantil Irmã Tabita, Emir Celestino Forneck, Emir Oscar Puhl, Emr Santo Antônio, Escola Municipal de Educação Infantil Paulino Eidt, Escola Municipal Integral Ludovico Jungbluth) e 08 urbanas (Escola Municipal Funei, Escola Municipal de Educação Infantil Creche Esperança, Escola Municipal de Educação Infantil São Vicente, Escola Municipal de Educação Infantil Bela Vista, Escola Municipal de Educação Infantil Creche Elisabeta Rost, Escola Municipal de Educação Infantil Pinguinho de Gente, Escola Municipal Integral Bela Vista, Escola Municipal Integral Esperança) . No nível estadual, a Coordenadoria Regional de Educação (CRE) de Itapiranga possui um total de 17 escolas, conforme informações quantitativas de 31 de maio de 2024. Dessas, 15 são Unidades Escolares (UE) e 2 são Unidades descentralizadas do Ceja (UD) dessas, 07 são do município de Itapiranga, 04 rurais (EEB Humberto Machado, EEB Santo Antônio, EEB São José, EEF Ludgero Wiggers) e 03 urbanas (Ceja de Itapiranga, EEB São Vicente, EEF Porto Novo).

Os dados sobre os Orientadores Educacionais indicam que, das 17 escolas, apenas 4 possuem Orientadores Educacionais (OE), destacando que no município de Itapiranga estão em exercício 02 Orientadoras Educacionais.

Através dos dados obtidos, surge o questionamento de porque os Orientadores Educacionais ainda são tão escassos, estando em minoria nas escolas, apesar de terem uma responsabilidade e importância tão significativas no desenvolvimento dos estudantes, como já visto e fundamentado anteriormente. A presença limitada desses profissionais pode impactar negativamente a qualidade do apoio pedagógico e emocional oferecido aos estudantes, ressaltando a necessidade de políticas e medidas que aumentem a presença e a atuação dos orientadores educacionais nas instituições de ensino.

Contudo, para compreender como o ofício do OE se manifesta na prática na coordenadoria regional de Itapiranga/SC, por meio da análise, percepções e experiências dos Orientadores Educacionais atuantes na região, explorando as motivações na escolha dessa profissão, suas visões sobre a importância da função, as estratégias e métodos de trabalho que empregam, bem como as dificuldades e desafios enfrentados em sua atuação, foram convidadas as 3 Orientadoras Educacionais atuantes na rede estadual de ensino em Santa Catarina,

especificamente na coordenadoria regional de Itapiranga, e uma Orientadora Educacional aposentada desta mesma regional. Vale destacar que a quarta Orientadora Educacional em exercício é a pesquisadora deste trabalho, não contabilizando para entrevista.

A escolha dos participantes se justifica pela relevância de suas experiências para o tema da pesquisa e pela atuação da pesquisadora na mesma regional, o que facilita o acesso e a coleta de dados. Foram incluídas tanto Orientadoras Educacionais ativas quanto uma orientadora já aposentada, ex atuante da mesma regional, permitindo assim uma perspectiva comparativa entre diferentes fases da carreira.

6.3 Procedimentos

Os procedimentos estão detalhados quanto aos instrumentos que foram utilizados, coleta e análise dos dados, bem como os cuidados éticos da pesquisa. De acordo com Gil (2002), a escolha do procedimento adotado para a coleta de dados é fundamental, pois determina o tipo de informação que será obtida e como ela será analisada.

6.3.1 Instrumentos

De acordo com Gil (2002), na coleta de dados em pesquisas, é comum a utilização de três técnicas principais de interrogação: o questionário, o formulário e a entrevista. Neste estudo, optou-se pela entrevista, compreendida pelo autor como uma conversa entre duas pessoas, na qual uma realiza perguntas e a outra responde diretamente. É importante destacar que, independentemente da técnica escolhida, essas metodologias têm como objetivo principal obter dados baseados nas opiniões e percepções dos participantes.

Para Gil (2002), a entrevista é uma técnica de coleta de dados que pode ser adaptada para diferentes necessidades e contextos. Ela pode ser informal, focalizada, semiestruturada ou totalmente estruturada, dependendo dos objetivos da pesquisa. A condução de entrevistas exige um planejamento cuidadoso, envolvendo a definição clara dos dados a serem obtidos e a formulação de perguntas precisas.

Foram realizadas quatro entrevistas estruturadas, uma com uma Orientadora Educacional aposentada da rede estadual de educação de Santa Catarina e três com profissionais

em exercício⁶. A escolha de uma profissional aposentada se deveu à escassez de profissionais ativos e à necessidade de complementar os dados teóricos com experiências práticas já vividas e vivenciadas ao longo de uma carreira. A entrevista possibilitou uma visão retrospectiva e reflexiva acerca das mudanças e permanências nas práticas de Orientação Educacional. Ela foi estruturada com 31 perguntas orientadoras e realizada mediante agendamento prévio de data, horário e local, conforme a disponibilidade da entrevistada. A duração aproximada foi de 120 minutos. O roteiro da entrevista, desenvolvido com base na estrutura apresentada na tabela a seguir, encontra-se anexado no Apêndice 02.

Tabela 04 – Categorização da entrevista com a profissional aposentada

CATEGORIA	SUBCATEGORIA
Identificação	• Nome, Idade, Tempo de atuação como orientadora educacional.
Formação e Trajetória Profissional	• Formação acadêmica: Curso de graduação, Instituição de ensino, Ano de conclusão, Pós-graduações; • Motivos para escolher a carreira de orientadora educacional; • Trajetória profissional: Principais cargos ocupados, Mudanças significativas na carreira, Momentos marcantes; • Dificuldades no início da carreira e formas de superação.
Identidade e Satisfação Profissional	• Realização profissional e motivos; • Identidade profissional durante a carreira; • Aspectos mais apreciados na profissão; • Principais desafios da profissão durante a carreira.
Evolução da Profissão e Percepções	• Evolução da orientação educacional ao longo do tempo; • Mudanças significativas na educação básica e orientação educacional;

⁶ Além destas, serão realizadas duas entrevistas com pessoas aleatórias que atuam na área da educação, como forma de fazer um teste piloto. Essas entrevistas não serão utilizadas na dissertação e nem em nenhum outro veículo e serão descartadas junto com as demais tomando os devidos cuidados éticos. Esse ato será feito antes das entrevistas efetivas e servirá para validar o roteiro de entrevista e verificar se o mesmo está em conformidade com o esperado para o levantamento da pesquisa.

	• Mudanças nas políticas públicas e apoio estatal; • Compreensão da função pelos colegas de trabalho e mudanças ao longo do tempo; • Compreensão do papel do orientador educacional por estudantes e famílias e mudanças ao longo dos anos.
Impacto das Mudanças Históricas e Demandas Sociais	• Impacto das mudanças históricas e sociais na prática profissional; • Principais demandas dos estudantes e da sociedade durante a carreira; • Ajustes nas práticas para atender às demandas; • Impacto das mudanças na identidade profissional dos orientadores educacionais.
Apoio ao Desenvolvimento dos Estudantes	• Contribuição para o desenvolvimento escolar, social e emocional dos estudantes; • Estratégias para apoiar os estudantes em dificuldades; • Colaboração com professores e pais para o desenvolvimento integral dos estudantes; • Programas ou projetos específicos liderados ou participados e descrição dos mesmos.
Reflexão e Futuro	• Expectativas para o futuro da orientação educacional; • Sugestões para melhorar a formação e atuação dos orientadores educacionais atuais; • Aspectos da carreira que gostaria de ter feito de maneira diferente.
Comentários Finais	• Informações ou comentários adicionais relevantes para a pesquisa.

Fonte: Autora, 2024.

Já com as três profissionais em exercício, a entrevista, disponível no Apêndice 01, teve 26 perguntas abertas. As entrevistas ocorreram mediante agendamento de horário, local e data

conforme a disponibilidade de cada entrevistada e o tempo variou entre 45 a 60 minutos. A categorização das perguntas está demonstrada na tabela a seguir:

Tabela 05 – Categorização da entrevista com os profissionais em exercício

CATEGORIA	SUBCATEGORIA
Identificação	• Nome, Idade, Gênero, Tempo de atuação como orientador educacional, Nível de ensino em que atua
Formação e Carreira	• Formação acadêmica: Curso de graduação, Instituição de ensino, Ano de conclusão, Pós-graduações; • Razões para escolher a carreira de orientador educacional; • Formação para se tornar orientador educacional: Pontos fortes da formação, Aspectos que poderiam ser melhorados; • Dificuldades no início da carreira; • Dificuldades atuais no exercício da função;
Identidade e Satisfação Profissional	• Realização profissional e motivos; • Identidade profissional; • Aspectos que mais gosta na profissão; • Aspectos da profissão que precisam de melhoria
Percepção da Profissão	• Evolução da profissão ao longo do tempo; • Papel do orientador educacional na educação básica hoje; • Apoio do Estado e políticas públicas; • Compreensão da função pelos colegas de trabalho; • Compreensão da função pelos estudantes e famílias; • Valorização da orientação educacional no contexto escolar.
Impacto das Mudanças Históricas e Demandas Sociais	• Impacto das mudanças históricas e sociais na prática profissional; • Demandas atuais dos estudantes e da sociedade; • Ajustes nas práticas para atender às demandas; • Impacto das mudanças na identidade profissional.
Apoio ao Desenvolvimento dos Estudantes	• Contribuição para o desenvolvimento escolar, social e emocional dos estudantes;

	• Estratégias para apoiar os estudantes em dificuldades; • Colaboração com professores e pais para o desenvolvimento integral dos estudantes; • Programas ou projetos específicos liderados ou participados.
Reflexão e Futuro	• Expectativas para o futuro da orientação educacional; • Sugestões para melhorar a formação e atuação dos orientadores educacionais.
Comentários finais	• Informações ou comentários adicionais relevantes.

Fonte: Autora, 2024.

6.3.2 Coleta de Dados

A escolha das Orientadoras Educacionais participantes desse estudo foi intencional, focada na totalidade da coordenadoria regional de Itapiranga/SC. Apesar de terem sido realizadas apenas quatro entrevistas, o material coletado revelou-se extremamente denso, extenso e rico em informações. A profundidade dos relatos forneceu argumentos consistentes e variados, possibilitando uma análise de dados sólida e alinhada aos objetivos propostos pela pesquisa.

6.3.3 Análise dos Dados

A análise dos dados foi realizada utilizando a técnica do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC). Esta técnica permitiu a identificação de categorias e temas emergentes a partir das respostas dos participantes, possibilitando a construção de discursos que representem coletivamente as experiências e percepções das orientadoras educacionais, proporcionando uma visão detalhada e contextualizada da prática profissional na região.

Discurso do Sujeito Coletivo como técnica de pesquisa empírica que tem como objeto o pensamento de coletividades permite iluminar o campo social pesquisando, resgatando nele o campo social pesquisado, resgatando nele o universo das diferenças e semelhanças entre as visões dos atores sociais ou sujeitos coletivos que o habitam (Lefreve; Lefreve, 2012, p. 27).

Embasando-se nos estudos de Lefreve; Lefreve (2012, p. 16), é possível perceber que o DSC combina o método “qualitativo” e “quantitativo”, tratando-se assim de um método “qualiquantitativo”, pois do início ao fim “fica preservada a natureza essencialmente discursiva e qualitativa da opinião ou representação e, inseparavelmente dela a dimensão quantitativa, associada à representatividade e generalização dos resultados”. Esse termo, DSC, é utilizado para “expressar dimensões distintas de um mesmo fenômeno estudado” (Lefreve; Lefreve, 2012, p. 26).

Seguindo as ideias dos autores, vê-se que o DSC, como técnica, resulta em depoimentos/discursos coletivos que são construídos a partir de diferentes relatos que apresentam significados semelhantes. Um ponto bastante importante e que vale destacar, é sobre o número de participantes, esclarecido por Lefreve; Lefreve (2012, p. 46) que “para o DSC não há número máximo e que o número mínimo se dá quando uma dada população é, ela mesma mínima”.

Visto que, para essa pesquisa foram envolvidas 4 Orientadoras Educacionais, obtendo variados discursos coletivos. Para obter esses discursos foi utilizada a entrevista individual sendo essa a mais utilizada no DSC pois há “abordagem sujeito a sujeito, o que permite o resgate da opinião individual livre de qualquer interferência” (Lefreve; Lefreve, 2012, p. 62).

O outro método que é possível ser realizado, porém não veio ao caso dessa pesquisa, é através de coleta de dados on-line (que será realizado com as OEs em atividade). Esse modelo “tem se mostrado um excelente auxiliar para pesquisas qualitativas a distância, uma vez que permite ao pesquisador o trabalho de coleta por internet, o que resulta em rapidez e custo muito baixo” (Lefreve; Lefreve, 2012, p. 66). Sendo que “à medida que os formulários vão sendo preenchidos são diretamente armazenados por resposta ou por sujeito, em campo exclusivo do pesquisador responsável” (Lefreve; Lefreve, 2012, p. 66).

As questões foram pensadas para respostas abertas na entrevista individual pois “a partir do momento em que as qualidades forem descritas, será possível quantificá-las” (Lefreve; Lefreve, 2012, p. 14). Assim é dada a oportunidade, segundo Lefreve; Lefreve (2012), dos entrevistados manifestarem as suas opiniões detalhadas sobre a temática, revelando os conteúdos e argumentos associados a essas opiniões. “Como se trata, nas pesquisas de opinião, de gerar opiniões *coletivas*, é preciso que tais opiniões tenham, na dimensão coletiva, sua substância qualitativa (ou seja, sua natureza de discurso e de depoimento) preservada” (Lefreve; Lefreve, 2012, p. 15).

Para que, empiricamente, um conjunto de questões abertas possam gerar opiniões coletivas, o DSC utiliza-se de operadores ou figuras metodológicas: 1 expressões-chave; 2 Ideias Centrais; 3 Ancoragem e; 4 DSC:

1 Expressões-chave (ECH): Extração das expressões-chave que sintetizam o conteúdo essencial das falas das entrevistadas. “São pedaços, ou trechos, ou segmentos, contínuos ou descontínuos, do discurso, que devem ser selecionados pelo pesquisador e que revelam a essência do conteúdo do depoimento do discurso, ou da teoria subjacente” (Lefreve; Lefreve, 2012, p. 73). Neste momento da entrevista, buscou-se identificar se a participante possuía uma ou mais concepções sobre a temática. As ECH caracterizam-se por serem concretas, expressivas e descritivas.

2 Ideias Centrais (IC): Agrupamento das ideias centrais similares ou complementares para formar discursos únicos que representem a voz coletiva das pesquisadas. Revela e descreve sinteticamente o sentido ou sentidos da ECH. São mais abstratos, conceituais e sintéticos. Percebeu-se que as IC são o que a entrevistada quis dizer e as ECH de que forma isso foi dito. “O ‘que’ e o ‘como’ se complementam e reforçam mutuamente no discurso: fica mais fácil entender o ‘quê’ um indivíduo ou um grupo de indivíduos quis dizer observando ‘como’ essa ideia acabou se materializando num determinado discurso” (Lefreve; Lefreve, 2012, p. 77).

3 Ancoragem (AC): Nem sempre as ancoragens estão presentes nos discursos, porém é a expressão utilizada de uma teoria ou ideologia como se fosse qualquer informação. Utilização de uma afirmação genérica para enquadrar uma situação particular (Lefreve; Lefreve, 2012).

4 Discurso do Sujeito Coletivo (DSC): Análise dos discursos coletivos para identificar padrões, tendências e insight sobre a temática. Deve ser construído para cada categoria identificada. Para cada categoria foi criado um painel de DSC, “que representam as opiniões coletivas existentes sobre o tema da pergunta na população pesquisada” (Lefreve; Lefreve, 2012, p. 80).

O DSC é caracterizado como dialético porque integra múltiplas perspectivas individuais para construir uma compreensão coletiva, reconhecendo e mediando as interações e transformações entre essas diferentes vozes. “É preciso pensar **dialeticamente** e admitir que uma coisa pode ao mesmo tempo ser ela e seu contrário e vice-versa” (Lefreve; Lefreve, 2012, p. 26).

A análise deste trabalho foi realizada em etapas. Primeiramente, as entrevistas foram transcritas. Em seguida, os dados foram codificados e categorizados. Por fim, os resultados

foram interpretados com base no referencial teórico. Os depoimentos coletados foram analisados para identificar ideias centrais, que foram agrupadas para formar os discursos coletivos representativos das opiniões e experiências dos participantes.

Essa abordagem metodológica visa proporcionar uma compreensão abrangente e detalhada do papel dos Orientadores Educacionais na rede estadual de ensino de SC na coordenadoria regional de Itapiranga, contribuindo para a reflexão e possível aprimoramento das práticas de Orientação Educacional. A escolha da metodologia do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) é justificada pela sua capacidade de capturar a riqueza das experiências individuais e transformá-las em discursos coletivos que refletem a percepção comum dos participantes. Esta abordagem qualitativa permite uma compreensão profunda e detalhada das questões investigadas, levando em consideração a diversidade de perspectivas dos Orientadores Educacionais. Além disso, o DSC facilita a identificação de padrões e tendências utilizadas para informar políticas e práticas educacionais mais eficazes.

6.3.4 Cuidados Éticos

Inicialmente, para a pesquisa, foi realizado um contato com a Coordenadoria Regional (CRE) de Itapiranga/SC a fim de obter a autorização, mediante a assinatura do Termo de Autorização (disponível no Anexo 1), apresentar os objetivos da pesquisa, bem como, os passos do procedimento metodológico para o levantamento e coleta de dados. Reitera-se que apenas autorização para realização da pesquisa e dados numéricos foram levantados nesse momento, a fim de estabelecer as definições da pesquisa e verificar sua viabilidade de execução.

Após as definições feitas, o projeto passou primeiramente por banca de qualificação e após pelo CEP e, apenas com aprovação nessas duas instâncias é que a pesquisa no campo teve seu início. Desta forma, foi realizado contato individual com as Orientadoras Educacionais (atuantes e aposentada) para apresentar os objetivos da pesquisa. Todas aceitaram participar da entrevista e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (disponível no Anexo 2). Foi garantido a confidencialidade, o anonimato e o sigilo dos participantes. No decorrer da análise, a Orientadora Educacional Aposentada foi apresentada como OEA e as demais Orientadoras Educacionais Atuentes foram denominadas e diferenciadas por: OE1, OE2, OE3, e em nenhum momento será revelado o nome das participantes.

Todas as participantes foram tratadas com respeito e tiveram seu direito à

autodeterminação garantido. Foram informadas sobre os objetivos, procedimentos, riscos e benefícios da pesquisa antes de consentirem em participar. A condução da pesquisa esteve em total conformidade com as normas éticas estabelecidas, respeitando a dignidade, autonomia, privacidade e confidencialidade das participantes, e assegurando que o consentimento seja livre e esclarecido, estando em conformidade com a Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016, do Conselho Nacional de Saúde/Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, pautada a partir dos princípios éticos das pesquisas em Ciências Humanas e Sociais, conforme estabelecido no Capítulo II, Art. 3º da Resolução nº 510/16.

Quanto aos riscos, eles foram mínimos e estavam relacionados quanto a algum possível desconforto durante as respostas ou com o tempo de participação (45 a 60 minutos, do qual as participantes foram avisadas previamente), ainda assim, os mesmos foram minimizados através da criação de um ambiente acolhedor e a possibilidade de interromper e retomar a entrevista posteriormente ou mesmo de desistir da participação, caso fosse a vontade do participante. Já os benefícios compreendiam a reflexão acerca do papel do Orientador Educacional na educação básica e sua evolução perante as mudanças históricas e as demandas dos estudantes e da sociedade, além de analisar como essas mudanças impactam na identidade profissional e nas práticas da Orientação Educacional no apoio ao desenvolvimento escolar, social e emocional dos estudantes. Ao final da pesquisa, foi projetada uma forma de devolutiva aos participantes da mesma e, quiçá, expandida para Orientadores Educacionais das demais regionais do estado, com o intuito não apenas de apontar o resultado aos participantes, mas também, de dar visibilidade ao papel desse profissional diante da sociedade escolar.

Todo material coletado foi utilizado exclusivamente para a dissertação e/ou publicações acadêmicas, sempre respeitando os princípios éticos estabelecidos. O tratamento dos dados foi transparente, sem julgamentos, garantindo a confidencialidade e o sigilo das informações, evitando a identificação dos participantes. Assim sendo, essa pesquisa prioriza a ética e a proteção dos participantes em todas as etapas, desde a coleta até a divulgação dos resultados, assegurando um tratamento equitativo, justo e respeitoso.

Os documentos e dados físicos que foram coletados durante a pesquisa ficarão armazenados de forma segura pela pesquisadora por um período de cinco anos. Após esse prazo, esses materiais serão descartados de maneira responsável, conforme legislação vigente. Essa abordagem garante a proteção e a privacidade dos dados durante o tempo necessário, além de assegurar que o descarte final seja realizado de forma a minimizar impactos ambientais e seguir princípios sustentáveis.

7 IDENTIDADE PROFISSIONAL: DANDO VISIBILIDADE A VOZ DO ORIENTADOR EDUCACIONAL DA COORDENADORIA REGIONAL DE ITAPIRANGA/SC

A presente pesquisa buscou responder ao quarto e último objetivo deste estudo, alinhando-se ao problema de pesquisa sobre o papel do Orientador Educacional na educação básica. O objetivo foi de compreender como o ofício do Orientador Educacional (OE) se manifesta na prática, analisando as percepções e experiências de profissionais da área na coordenadoria regional de Itapiranga/SC. Para isso, foram realizadas entrevistas com três Orientadoras Educacionais ativas: uma de Itapiranga, uma de Iporã do Oeste e outra de São João do Oeste, municípios vizinhos que integram a mesma coordenadoria regional.

Devido à ausência de orientadores em algumas escolas da região, o número de entrevistadas foi limitado. Para enriquecer a pesquisa, também foi entrevistada uma Orientadora Educacional aposentada, que atuou por muitos anos em Itapiranga. Essa abordagem permitiu traçar um elo entre as práticas passadas e as atuais, em consonância com o movimento histórico abordado ao decorrer desse estudo.

Após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), as entrevistas foram realizadas entre novembro (2024) e janeiro (2025). Em seguida, cada orientadora revisou suas respostas, garantindo que suas vozes fossem fielmente representadas no trabalho. Essa metodologia visou compreender a essência do ofício do OE e as mudanças históricas que influenciam suas práticas.

Como já visto, a Orientação Educacional é um campo que desempenha um papel crucial no desenvolvimento integral dos estudantes, abordando suas necessidades acadêmicas, sociais e emocionais. Para compreender como esse ofício se manifesta na prática, é essencial analisar as percepções e experiências dos Orientadores Educacionais que atuam diretamente nesse contexto.

A investigação revelou que as motivações para a escolha da profissão de Orientador Educacional variam, mas muitas vezes incluem o desejo de promover o bem-estar dos estudantes, contribuir para o desenvolvimento de uma educação mais humanizada e enfrentar as dificuldades relacionadas ao comportamento, à aprendizagem e ao contexto familiar. Essas motivações reforçam a visão de que o Orientador Educacional não apenas apoia os estudantes, mas também atua como um mediador entre as demandas da escola, da família e da sociedade.

As Orientadoras Educacionais entrevistadas destacaram a importância de sua função

para o equilíbrio do ambiente escolar, especialmente em um momento histórico em que as demandas sociais e emocionais dos estudantes se tornam cada vez mais complexas. A implementação de estratégias como momentos de conversa, mediação de conflitos e articulação de ações interdisciplinares são métodos frequentemente empregados. Além disso, o trabalho em parceria com professores e famílias é fundamental para alcançar os objetivos da Orientação Educacional.

Entretanto, os desafios são significativos. Entre eles, as orientadoras apontaram a falta de recursos materiais e humanos, a sobrecarga de trabalho, o preconceito sobre a profissão e a resistência de algumas famílias ou equipes pedagógicas, destacando ainda a falta de valorização perante o Estado. Esses fatores influenciam tanto as práticas cotidianas quanto a identidade profissional, demandando resiliência e atualização constante.

7.1 Construindo um discurso coletivo sobre a Orientação Educacional

Para a análise dos dados desta pesquisa, como descrito no capítulo 4, foi utilizada a metodologia do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), uma abordagem quantiquantitativa que buscou captar e representar, de forma coletiva, as percepções e experiências das Orientadoras Educacionais entrevistadas. Esse método permitiu a construção de discursos coletivos representativos, organizando o conteúdo de maneira lógica e estruturada, ao integrar diferentes vozes individuais em uma perspectiva coletiva.

A análise seguiu etapas específicas: inicialmente, as entrevistas foram transcritas e revisadas para garantir a fidelidade das informações. Como já explicado, as entrevistas seguiram uma sequência de perguntas separadas por categorias. Essas mesmas categorias, foram utilizadas para realizar a separação das temáticas, sendo elas: Formação e Carreira; Identidade e satisfação profissional; Percepções da profissão; Impactos das mudanças históricas; Apoio ao desenvolvimento dos estudantes; Reflexões e futuro; e Comentários finais. Em seguida, foram identificadas Expressões-Chave (ECH), trechos essenciais das falas que sintetizam o conteúdo principal, e Ideias Centrais (IC), que representam o sentido das expressões-chave de forma mais abstrata e sintética, de cada categoria. Sempre que presentes, foram consideradas Ancoragens (AC), expressões que remetem a teorias ou crenças subjacentes às falas. Para uma melhor organização, realizou-se a segmentação com coloração diferente, sendo que os trechos das entrevistas das expressões-chave foram destacados pelas mesmas

cores das Ideias Centrais. Após essa segmentação, foi criado gráfico para cada Ideia Central (IC), contabilizando a quantidade de trechos destacados das falas de cada orientadora, sendo estes os formadores dos discursos coletivos.

Por fim, os discursos coletivos foram elaborados a partir das Ideias Centrais (IC) identificadas proporcionando uma visão detalhada e contextualizada sobre a prática profissional das Orientadoras Educacionais da coordenadoria regional de Itapiranga/SC. Os discursos são escritos em primeira pessoa, porque traz a fala das entrevistadas, e pode ter pequenas quebras de concordância justamente por manter essa autenticidade. Por fim, as falas das entrevistadas foram analisadas com base do referencial teórico, permitindo compreender padrões, tendências e as experiências compartilhadas pelas participantes.

7.1.1 Formação e Carreira

A tabela a seguir apresenta dados objetivos obtidos por meio das entrevistas, organizados individualmente para cada entrevistada. As informações foram extraídas a partir de trechos que refletem as ideias centrais discutidas, destacadas por cores específicas para facilitar a visualização: formação acadêmica (em verde), carreira como orientadora educacional (em roxo), principais dificuldades no início da carreira (em vermelho) e dificuldades enfrentadas atualmente (em azul). Essa estrutura permite uma análise clara e comparativa das experiências e desafios relatados pelas entrevistadas.

Tabela 06 – Formação e carreira

OE	ECH	IC	AC
OEA	“E eu sempre tinha vontade, mas nunca pensava em trabalhar como professora, não me via. Eu gostava mais de atender, eu trabalhei até em secretaria da escola, e dali que eu tinha a orientadora lá da escola, onde eu trabalhei na secretaria, ela vinha sempre e me levava para ajudar ela a fazer as coisas. Então, eu sempre fui me direcionando, foi uma coisa assim que aos poucos foi se formando.” “Eu me vi empurrada para o magistério, mas não era exatamente isso que eu queria. Foi ao longo do tempo que fui me conhecendo melhor e entendendo o que realmente queria.” “Na época, não se falava tanto sobre o trabalho com os alunos, o que hoje fazemos com embasamento e com a participação das famílias. Era o aluno e ponto final.”	- Formação acadêmica; - Carreira de orientadora educacional; - Principais dificuldades no início da carreira; - Dificuldades atuais.	

	“No começo, foi um desafio enorme. Eu estava saindo de uma realidade para outra. Eu vinha de um contexto diferente, de uma escola particular, e cheguei na escola pública com um cenário novo. Tudo era diferente.” “Quando terminei a pedagogia, tive que decidir o que fazer. Antes de terminar a graduação, comecei a fazer estágios não remunerados em escolas, onde atendia as crianças e ganhava experiência em magistério, que era necessária para a conclusão do meu curso. Isso me ajudou a decidir que eu queria seguir a área de orientação educacional.” “Terminei a graduação e comecei a trabalhar como orientadora educacional em uma escola na, minha cidade natal, em uma escola particular. As escolas particulares ofereciam muitos cursos e pagavam para nós, iniciantes, buscarmos aperfeiçoamento. Nessa época, era comum o tripé da educação: orientador, supervisor e, na minha realidade, a classe especial.” “eu tinha meu caderno de atendimento, onde anotava quem eu chamei, o que foi combinado e as orientações que dei. Se era algo importante, os alunos tinham que assinar, registrando o que se comprometiam a fazer. Eu organizava o caderno por série e, na próxima visita, revisava tudo: o que melhorou, o que ainda precisava ser ajustado.” “Eu participei de toda a evolução do magistério, pois dava aula tanto no início quanto nos últimos semestres. A orientadora educacional na escola particular sempre era vista de forma distinta. No entanto, na escola estadual, onde não se exigia concurso para a função de orientadora, o modelo era diferente.” “Quando cheguei aqui na escola, o orientador educacional, que já havia vindo de Capela, me recebeu. A realidade da escola era assim: ele trabalhava com a parte vocacional nas oitavas séries e no segundo e terceiro ano. Eu vinha de uma escola particular, onde tudo era muito organizado e focado no aluno. No início, eu tentei aplicar isso aqui, mas percebi que não conseguia. Comecei a trabalhar com o orientador para entender como ele lidava com as turmas. [...] Eu me identifiquei com o ensino fundamental, enquanto ele gostava mais do segundo grau.” “Aí o jeito que eu achei de trabalhar foi via professores e alunos. Eu comecei a fazer ficha de aluno por aluno. Ia nas turmas e criei as fichas. Porque eu vim de uma realidade que tu tem que conhecer a família, né? Então eu comecei a fazer isso. Comecei a perceber que alguns alunos, devido às condições familiares, não tinham apoio para se desenvolver corretamente. Isso me incomodava muito, mas eu sabia que não podia desistir deles. Então, fui "gatinhando" na escola. O diretor me orientou e me disse que eu ficaria com os		Então, fui "gatinhando" na escola.
--	--	--	---

	murais e atenderia até a quinta série do ensino fundamental. O outro orientador educacional ficaria com o segundo grau.” “Trabalhei com alunos que tinham dificuldades, que não conseguiam se adaptar. Fui aprendendo aos poucos, com a experiência. E aí eu fui trabalhando. Eu pegava aqueles alunos que tinham problema nas turmas, que não faziam as atividades, eu ajudava com o tema, ou aquele que chorava durante a aula. E fui preenchendo a ficha junto com o outro orientador. Aí comecei assim, gatinhando, fazendo o que eu sabia da faculdade e que eu recebi da escola particular que eu tinha trabalhado. Comecei a perceber que os professores tinham muitos estigmas, conceitos prontos sobre os alunos. Mas, com o tempo, fui mostrando para eles que nem sempre era assim.” “No início, sofri muito. Lembro até que quando me deram o mural, eu chegava em casa e sofria com isso. Mas fui me acostumando, aprendendo, ouvindo e, com o tempo, consegui conquistar meu espaço.” “No início, havia muitos alunos que não queriam vir à minha sala porque achavam que só iriam para lá aqueles que não se davam bem com os professores. Isso me incomodava, porque o trabalho da orientação não era visto da forma que deveria ser.” “Para os alunos que passaram pela minha sala, comecei a criar atividades mais interativas e menos rígidas. Comecei a ganhar a confiança dos alunos, até mesmo dos mais difíceis. O mural, que o diretor me sugeriu, ajudou bastante a aproximar os alunos. Eu usava frases, ditados e outras atividades que atraíam tanto os alunos do ensino fundamental quanto os do segundo grau. Isso gerava curiosidade e fazia com que os estudantes passassem pela minha sala.” “No início eu tinha muita segurança. Porque era a primeira vez que eu estava em uma escola tão grande. Essa realidade da escola pública. Mas, eu acho que foi bom. Apesar de tudo eu não me arrependo de ter começado por lá. Porque aí eu busquei ajuda. Isso aí é importante.” “Agora, o professor era bem complicado. Eles achavam que eu não sabia nada. Mas, com o tempo, consegui encontrar meu lugar, criar um bom relacionamento com os professores e com os alunos.” “Após muitos anos de trabalho, quando chegou o momento da minha aposentadoria, eu senti que a troca de experiências tinha sido muito boa.” “Dificuldade sempre existe. A gente que tem que enfrentar. Tem que levantar a cabeça e mostrar que veio para isso. A gente tem que ir fazendo, tem que ir aprendendo. Tem que enfrentar.”		
--	---	--	--

	“eu tive que ir fazendo a minha parte... E depois eu consegui fazer fichas de todos os alunos, mesmo daqueles que não incomodavam. Porque eu tinha que provar que, muitas vezes, o quietinho dava mais trabalho do que aquele que botava para fora. Então, tem muita coisa... se surgiu algo, tem que resolver de alguma maneira.” “Acho que é fundamental trazer a família para dentro da escola, porque a gente precisa dela para tentar resolver. Eu sempre busquei muito isso. [...] A gente aprende que muita coisa vem de casa.” “Claro que tem casos em que a família não está presente, e aí é mais complicado. Tem criança que chorava muito em sala, e a gente tinha que pegar na mão, trazer os pais para perto. Isso é fundamental na orientação educacional.” “Gostava de mostrar isso para os pais, de aproximá-los da escola, de trazer eles para junto da gente. Porque, no fim, eles também querem que o filho venha para a aula e não tenha problema, né?” “O trabalho com o professor hoje é muito difícil. Quando eu saí, o que eu tinha mais dificuldade era com alguns professores. Outros me ajudavam muito” “Eu sofria muito nos conselhos de classe, principalmente do segundo grau. Eu saía de lá, e quando terminava, eu dizia: "Graças a Deus!" Era muito complicado. Às vezes, eu ouvia os comentários dos professores sobre os alunos e parecia que meu trabalho não surtia muito efeito. Uma vez, um me disse: "Você passa a mão demais." Mas, gente, eu tenho que ganhar o aluno pra ele melhorar a vida dele. Não adianta eu chegar com tudo em cima dele, tem que conquistar a pessoa, fazer com que ela se abra, tanto o aluno quanto os pais.”		O trabalho com o professor hoje é muito difícil Você passa a mão demais.
OA1	“É por causa da vaga no concurso, eu olhei as atribuições, de todas as possíveis atribuições e vagas que tinha de orientador foi a que eu pensei que mais se encaixava naquilo que eu pensava pra minha vida, dentro da carreira do magistério.” “Com orientadora educacional eu não tive contato durante a minha vida de estudante, não sabia o que era, então estudei quando eu vi a vaga no concurso, eu olhei as atribuições, o que fazia em numa escola, pesquisei.” “Então entre supervisão, orientação e ATP eu escolhi a orientação, que era o mais próximo aos alunos, mais próximo daquilo que eu gosto de fazer.” “Eu acho que na pedagogia a questão didática, a questão do autoconhecimento, eu uso muito a questão	- Formação acadêmica; - Carreira de orientadora educacional; - Principais dificuldades no início da carreira; - Dificuldades atuais.	

	da antropologia, de conhecer os ciclos da criança, o desenvolvimento, idade série, tudo isso a gente aprendeu ali na licenciatura que eu lembro, eu uso muito isso.” “Então o que poderia ser melhorado talvez era na época ter, como o orientador educacional trabalha na escola, isso não teve, isso eu tive que buscar em referências históricas, livros e na prática, eu já cheguei de paraquedas aqui, todo mundo falava da antiga orientadora, eu não fazia ideia do que eu tinha que de fato fazer.” “Foi a falta de conhecimento sobre especificamente a orientação educacional, então acabava fazendo de tudo um pouco, aí depois me sobrecarregava, então hoje eu já vejo o que não faz parte do meu trabalho para eu poder focar naquilo que é da minha parte, eu preciso fazer aquilo que me cabe dentro da escola.” “Eu preciso focar na aprendizagem do aluno, identificar problemas, conversar com pais, atender ocorrências. Se for uma questão de violência, eu vou encaminhar para a direção, depois eu faço o atendimento dos envolvidos.” “Então tem que aprender a fazer o filtro, então primeiro, segundo, terceiro ano quase dei uma enlouquecidinha, pensei em desistir, em sair, e então eu percebi que sou eu que tenho que falar, não, isso aqui é a direção, a direção vai atender, isso aqui é a tal parte, ah, é professora, tem supervisora para isso, e depois a gente senta junto e faz a parte de cada um.” “Porque o vínculo do orientador ele é diferente do que o vínculo do diretor, do que o vínculo do supervisor, o teu vínculo ele precisa ser mais tranquilo para conseguir trabalhar de fato e em como chegar, e os alunos não podem ter medo de chegar aqui, claro, às vezes você precisa dar uma bronca, chamar atenção e tal, mas principalmente você precisa estar aberta a ouvir eles, então ouvir a parte deles, ouvir a família, ouvir para conseguir ter um olhar mais amplo da situação.” “Eu sinto falta de formação especializada, de formação para orientadores, a gente busca por fora com certeza, mas acredito que poderiam ter mais formação para a nossa área para a gente melhorar, quem sabe assim, uma formação para todos os professores terem clareza do que tu está trabalhando, como trabalhar. Até estava pensando para melhorar no ano que vem também a questão, uma vez eu cobrava, tem que encaminhar por documento para eu seguir a ficha do aluno e ir fazendo, daí com o tempo eu fui perdendo isso porque fui conhecendo o aluno. Mas e se eu sair daqui?”		
--	---	--	--

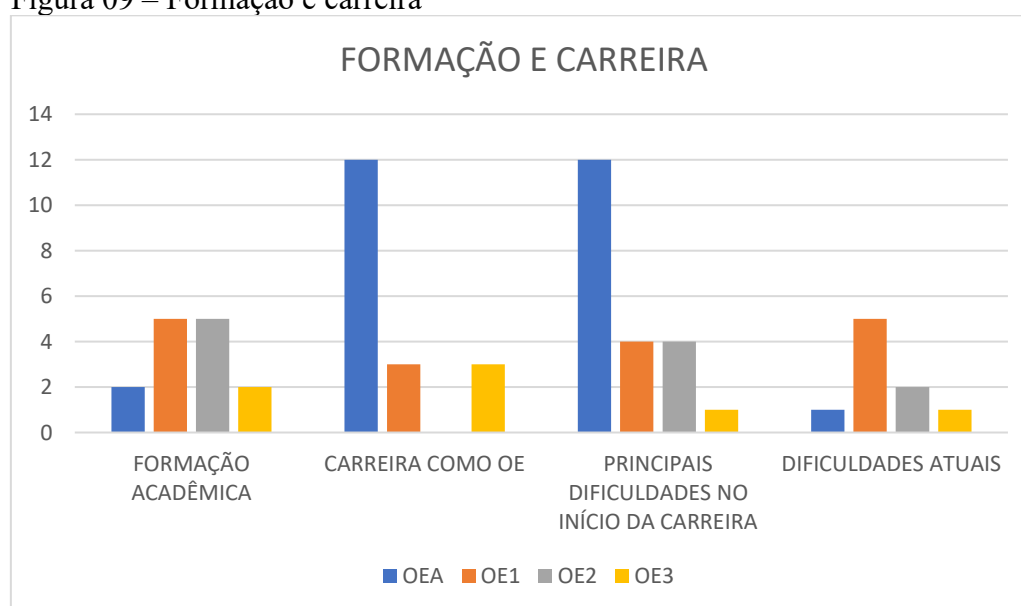
	“A pessoa que vier aqui, ela vai começar do zero, eu não tenho nada registrado, ou até quando o aluno é transferido ele vem cru, zerado, não tem como dar uma continuidade se alguém já fez um trabalho com essa pessoa, e acaba sendo repetitivo, quando eu saí pois estava gestante, então fiquei 11 meses fora, ficou abandonado, e eu perdi a sequência também, então eu tive que praticamente recomeçar.” “Eu preciso deixar, de alguma forma, um registro. Temos isso no formato virtual, mas nele tudo fica junto—advertências, registros de sala de aula e registros de orientação. Seria ideal que houvesse um registro separado apenas para a orientação, pois são conversas diferentes e mais pessoais, que não precisam ser compartilhadas da mesma forma. Esse tipo de registro deve ficar apenas na escola.” “Por exemplo, se um caso for encaminhado para outra escola, e for necessário acessar o registro, ele pode ser consultado ali e repassado apenas se preciso. Isso acontece, principalmente, em situações mais delicadas, como violência, abuso, exploração ou dificuldades familiares. Nesses casos, é fundamental proteger a criança, evitando que ela precise reviver a situação ou repeti-la várias vezes.”		
OA2	“Eu não decidi assim, de forma planejada, ser orientadora educacional. Na época, eu já trabalhava na escola quando abriu o concurso, e tinham poucas vagas aqui para a região. Aí, conversando com um e com outro, o orientador educacional da escola, que também tinha sido meu orientador quando eu estudava, me disse: “eu acho que tu tem um perfil legal, tenta fazer para a área da orientação.”” “E eu pensei: “Ah, não sei...”, porque a gente sempre via o orientador como aquela pessoa que xingava, chamava atenção. Não mudou muita coisa até hoje, né? Mas enfim, fui conversando com outras pessoas e acabei pensando: “Ah, vou tentar.” Até porque era uma das áreas com menos inscrições e mais vagas abertas.” “Fui fazer a prova sem saber muito bem o que era realmente a orientação educacional. Meu contato com isso tinha sido só dentro de uma disciplina na graduação, que era ligada à gestão, e não aprofundava muito. Só fui entender melhor depois, quando passei e fui chamada. Aí sim, precisei dar o pontapé e pensar: “Tá, agora eu tenho que fazer alguma coisa, senão talvez eu nem consiga me manter no cargo.” Como eu queria ficar perto de casa, acabei indo.” “Tive uma disciplina dentro da gestão, que deu um pouquinho de norte sobre a questão de ser orientador, né. Mas, assim, dizer que “ah, não, eu me inspirei em alguém” ou que foi por causa de uma leitura que eu fiz	- Formação acadêmica; - Carreira de orientadora educacional; - Principais dificuldades no início da carreira; - Dificuldades atuais.	Foi bem nu e cru, assim

	e achei bacana, que eu ia me identificar, isso eu não tive. Foi bem nu e cru, assim. “Dificuldades no início foram muitas e ainda continuam aparecendo. Acho que a gente nunca está totalmente pronto para tudo, né? Sempre tem coisas que vêm quando a gente acha que sabe, e aí muda tudo, e a gente precisa estar sempre se atualizando.” “Senti bastante essa rejeição no início, do tipo: "você é mais nova, chegou agora e já quer se meter aqui". Então, nesse sentido, foi bem difícil.” “O difícil foi me desligar da escola, porque mesmo de licença maternidade, eu ainda estava lá. E quando não estava fisicamente, vivia a escola dentro de mim. Em casa, fazia muita coisa para a escola. E não era algo que exigiam de mim, era algo que eu mesma pedia. Parecia que eu tinha que estar sempre em movimento, porque tinha acabado de começar e sentia que precisava mostrar meu trabalho, fazer minha parte, senão as coisas não iam fluir.” “Sim, nós temos as nossas atribuições do 668, né, e que são longas e extensas, mas hoje eu percebo que faço de tudo um pouco. A forma como eu sinto, que sou vista é como aquela pessoa que vai pensar e executar alguns murais, que vai decorar.” “Mas é como se eu fosse sempre a pessoa que tem que pensar e fazer aquilo acontecer. Isso acaba me deixando agoniada, porque ao mesmo tempo sei que essas questões são necessárias na escola e que não temos outras pessoas para fazer. Mas, no fim, a minha sensação ainda é de que, apesar de fazer tantas coisas, eu não faço nada.”		você é mais nova, chegou agora e já quer se meter aqui
OA3	“Quando eu trabalhava nas escolas estaduais como orientadora do Mais Educação, eu me identifiquei bastante com essa função. Foi aí que um orientador educacional me incentivou a fazer o concurso assim que as inscrições fossem abertas, por entender que havia uma necessidade nas escolas de alguém que fizesse essa ponte entre alunos, professores e famílias. Me identifiquei muito com essa ideia e acabei me inscrevendo.” “Confesso que, em relação à formação para me tornar orientadora, a faculdade não me deu tanto apoio. Eu acredito que, independentemente da área de estudo, a verdadeira aprendizagem vem da prática.” “As dificuldades que encontrei no início da carreira estavam muito relacionadas à aceitação do orientador dentro da escola, especialmente porque as pessoas formadas em pedagogia nem sempre são bem-vistas.” “Foi um processo que tive que construir aos poucos, ganhando espaço no ambiente escolar. Como sempre	- Formação acadêmica; - Carreira de orientadora educacional; - Principais dificuldades no início da carreira; - Dificuldades atuais.	

	fui uma pessoa disposta a ajudar e dar o meu melhor, procurei sempre trabalhar para que as coisas funcionassem.” “Aos poucos, fui me envolvendo mais com o ensino fundamental, me aproximando dos alunos, até dos próprios pais, e estabelecendo trocas de conversas sobre diversos temas, como as dificuldades dos alunos dentro da sala de aula ou as questões de relacionamento, conflitos entre eles e com os pais, problemas que muitos adolescentes não conseguem resolver sozinhos.” “Atualmente, voltei para minha função original, depois de ter tido a experiência de trabalhar na gestão escolar, que não é nada fácil e é um grande desafio. A decisão de voltar ao meu lugar de origem foi motivada pela necessidade da escola, que estava sem ninguém no setor pedagógico. Fiquei feliz em poder retornar à minha função, que me sinto muito bem, pois posso interagir diretamente com os alunos, compartilhar projetos com os professores e construir juntos as iniciativas para a escola. Tenho dado continuidade a alguns projetos e vejo a importância dessa relação. Quando estamos na gestão, muitas vezes ficamos sobrecarregados com a burocracia, o que dificulta a atenção que o setor pedagógico necessita.” “Quando falta professor em sala, a gente que socorre, quando falta alguém para fazer a alimentação, a gente vai e faz, então é um desafio grande também, mas de certa forma é gostoso, é bom fazer essa interação, ter essa interação, ter novos conhecimentos.”		
--	--	--	--

Fonte: Autora, 2025.

Figura 09 – Formação e carreira



Fonte: Autora, 2025.

O gráfico "Formação e Carreira" demonstra a quantidade de trechos extraídos das entrevistas, refletindo a participação das entrevistadas nos discursos coletivos em cada uma das ideias centrais. Observa-se que a entrevistada OEA teve maior participação no discurso coletivo sobre a "Carreira como OE", sugerindo um envolvimento mais expressivo na discussão sobre a atuação profissional. As entrevistadas OE1 e OE2 relataram dificuldades semelhantes no início da carreira, com OE1 tendo mais trechos apontados com desafios atuais. No discurso coletivo sobre a "Formação e Carreira", as entrevistadas OE1 e OE2 tiveram maior contribuição do que OEA e OE3, que tiveram menor representação. Já nas "Dificuldades Atuais", OE1 apresentou o maior número de trechos extraídos, seguido por OE2 e OE3, enquanto OEA teve menos menções. Esses dados indicam que a trajetória profissional e os desafios enfrentados pelos Orientadores Educacionais variam conforme os diferentes níveis de experiência e adaptação à carreira de cada entrevista, contribuindo assim com o discurso coletivo com cada ideia central, como demonstrado a seguir:

7.1.1.1 Discurso Coletivo sobre a Formação acadêmica

Eu não conhecia bem a função de orientador educacional durante minha vida escolar, pois não tive contato com essa atuação antes de ingressar na carreira. Aos poucos, fui me aproximando da prática por meio de estágios não remunerados em escolas, onde atendia as crianças e ganhava experiência em magistério, o que me ajudou a decidir que queria seguir a área de orientação educacional. Além disso, o incentivo de orientadores que conheci, inclusive aqueles que haviam sido meus próprios professores, me motivou a buscar a oportunidade de prestar concurso e atuar na função, percebendo a necessidade de alguém que fizesse a ponte entre alunos, professores e famílias.

Durante a graduação em pedagogia, aprendi muito sobre didática, desenvolvimento infantil, ciclos de aprendizagem e autoconhecimento, conhecimentos que utilizo diariamente na minha prática. No entanto, a formação acadêmica não aprofundou a atuação específica do orientador educacional, e precisei buscar referências históricas, livros e experiência prática para compreender plenamente as atribuições da função. Meu contato com a orientação educacional na graduação foi limitado a uma disciplina ligada à gestão, o que não trouxe clareza suficiente sobre a profissão.

Quando assumi o cargo, percebi que a aprendizagem verdadeira vem da prática, e foi nesse processo gradual que aprendi a exercer meu papel. Aprendi na prática, com desafios diários e observando experiências de outros orientadores, como atender alunos, criar estratégias para apoiá-los e me posicionar de maneira eficaz dentro da escola. Essa experiência me permitiu compreender que ser orientador educacional vai além da teoria: é necessário ouvir, compreender, mediar e estar próximo dos estudantes para contribuir com seu desenvolvimento e com a construção de um ambiente escolar saudável.

7.1.1.2 Discurso do sujeito coletivo sobre a carreira de Orientadora Educacional

Eu comecei minha carreira buscando sempre aperfeiçoamento, aproveitando os cursos oferecidos pelas escolas particulares e absorvendo cada oportunidade que surgia. Desde o início, organizei cuidadosamente meus atendimentos, registrando em meu caderno quem eu chamei, os combinados feitos e as orientações dadas, revisando sempre os progressos e o que precisava ser ajustado. Trabalhei individualmente com cada aluno, criando fichas e observando suas dificuldades, percebendo que muitos, devido às condições familiares, não tinham apoio suficiente para se desenvolver. Isso me incomodava, mas nunca desisti deles, e aos poucos fui conquistando meu espaço na escola.

Para engajar os estudantes, passei a desenvolver atividades mais interativas e menos rígidas, utilizando murais, ditados e frases motivadoras, aproximando tanto alunos do ensino fundamental quanto do ensino médio. Sempre busquei envolver as famílias, trazendo os pais para perto, compreendendo que o aprendizado também depende do apoio em casa. Aprendi que o vínculo do orientador é diferente do vínculo do diretor ou supervisor: é preciso criar confiança, ouvir atentamente e estar disponível para compreender a situação de cada aluno e suas relações familiares.

Com o tempo, consolidei minha atuação, construindo relações de confiança com alunos, pais e professores, participando de projetos e iniciativas que fortalecem a escola como um todo. Hoje, percebo que o que aprendi na prática, ouvindo, observando e ajustando meu trabalho, foi mais valioso do que qualquer teoria, e é essa experiência concreta que me permite atuar de forma eficaz como orientadora educacional.

7.1.1.3 Discurso do sujeito coletivo sobre as dificuldades atuais enfrentas pelas Orientadoras Educacionais

O trabalho com o professor hoje é muito difícil. O que eu mais tenho é dificuldade com alguns professores, enquanto outros me ajudam muito.

No nosso dia a dia, precisamos focar na aprendizagem do aluno, identificar problemas, conversar com pais e atender ocorrências. Se for uma questão de violência, encaminhamos para a direção e, depois, fazemos o atendimento dos envolvidos. É preciso aprender a fazer o filtro e entender que algumas questões não são de nossa alçada. Com o tempo, percebi que sou eu quem deve dizer: "Não, isso aqui é com a direção", ou "Isso é para a supervisora", para que depois possamos sentar juntos e fazer a parte de cada um.

Sinto falta de uma formação especializada para orientadores. Buscamos conhecimento por fora, mas acredito que poderia haver mais formação específica para a nossa área, assim como para os professores, para que todos tenham clareza do nosso trabalho e de como atuar de forma integrada.

Sim, temos as nossas atribuições definidas pelo 668, que são longas e extensas, mas, na prática, acabamos fazendo de tudo um pouco. Muitas vezes, sou vista apenas como a pessoa que pensa e executa murais e decorações, o que me causa um certo incômodo. Sei que essas questões são necessárias na escola e que não temos outras pessoas para realizá-las, mas, ao mesmo tempo, a sensação é de que, apesar de tantas funções, ainda parece que não faço nada.

Além disso, quando falta professor em sala, somos nós que socorremos; se falta alguém para a alimentação, também nos disponibilizamos. O desafio é grande, mas seguimos enfrentando cada situação com dedicação e compromisso.

7.1.1.4 Formação e Carreira: Percepções à cerca da trajetória e os desafios da Orientação Educacional na coordenadoria regional de Itapiranga/SC

Nas entrevistas, todas as Orientadoras Educacionais mencionaram ter formação em pedagogia e realizaram alguma pós-graduação na área da educação. A Orientadora Educacional aposentada (OEA) teve 30 anos de carreira como orientadora, a OE1 tem 7 anos, OE2 e OE3 possuem 5 anos de experiência.

Ao adentrar nos estudos de Grinspun (2006), é possível compreender a trajetória da

Orientação Educacional. A autora afirma que o Orientador Educacional integra o grupo do Magistério, embora sua atuação, em diversos momentos, dialogue e até se fundamente em áreas como a psicologia, a sociologia, a administração, o serviço social, entre outras. Porém, o OE não é um psicólogo clínico ou escolar, não é psicopedagogo, nem assistente social e nem técnico administrativo; não pertence a qualquer categoria que não faça parte do campo do magistério. Como já exposto, o OE possui a profissão reconhecida legalmente desde 1968 pela Lei nº 5.564, mas segundo a autora, isso não separa, elimina ou separa o trabalho na base do magistério, pois é nela a estrutura de sua formação a partir da legislação, que está inserida na área do Magistério, portanto está ligado ao grupo de professores, seja na rede pública ou privada.

O Parecer CFE nº 761/69 que normatiza a *Formação de Orientadores Educacionais e experiência do Magistério no Parecer 252/69*, é explícito que a experiência do magistério é indispensável no caso da Orientação Educacional e, portanto, “tem os mesmos direitos e deveres, enquanto professor, que os demais” (Grinspun, 2006, p.193).

De acordo com Grinspun (2006), o termo pedagogia, etimologicamente é proveniente de duas palavras gregas: pais, que significa criança e agein que se refere àquele que conduz a criança. “Do conceito inicial, temos a *Paidagogia*, que na Grécia antiga tinha significado de acompanhamento do jovem, e a *paidagogós a*, que em Atenas era o responsável pelas crianças a partir dos cinco, seis anos; era um condutor da criança, que tinha como função guiá-la à escola” (Grinspun, 2006, p. 193).

Atualmente, Grinspun (2006) compreende a Pedagogia como um campo ligado aos estudos e reflexões sobre a educação, com foco na análise das práticas educativas. Ela acredita que ainda está sendo buscado um modelo que atenda às reais necessidades do que se denomina Pedagogia, sendo que ela ainda faz uma relação com a Orientação Educacional e o Orientador Educacional, no qual ele ajuda o sujeito a vivenciar toda a dialética da educação na e da escola no compromisso da formação do sujeito.

Seguindo nos estudos da autora, convidamos-vos a percorrer novamente, brevemente, o caminho da Orientação Educacional na Pedagogia, para então compreender a formação da profissão. O curso de Pedagogia foi instituído em 1939 no Brasil, formando bacharéis denominados técnicos de educação. A partir do Parecer nº 252/69, o curso de pedagogia é reorganizado, especialmente na questão de habilitação, cumprindo as determinações da Lei nº 5540/68, com a determinação da formação de professores para o ensino de 2º grau e dos especialistas destinados às funções de planejamento, supervisão, administração, inspeção e orientação no âmbito das escolas e sistemas escolares.

Na habilitação da Orientação Educacional, no curso de Pedagogia, entre as décadas de 1960, 70 e até meados de 80, ainda apresentava uma expressiva fundamentação psicológica, privilegiando pouco a dimensão pedagógica. A partir de 1920, o curso de graduação de Pedagogia apresentou-se como espaço, por excelência, para a formação de professores para atuar na educação básica: educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental. Retomando a pesquisa de Rocha (2014a) – fundamentada no capítulo 4.2 - foi a partir de 2006 que as diretrizes curriculares para o curso de Pedagogia aplicam-se ao exercício da docência na educação infantil, anos iniciais do ensino fundamental, cursos de nível médio (normal e profissionalizante) e na área de serviços e apoio escolar. A Licenciatura em Pedagogia assegura a formação de profissionais da educação, como previsto no artigo 64 (Lei nº 9.394/96):

"Art. 64. A formação de profissionais de educação para administração, planejamento, inspeção, supervisão e orientação educacional para a educação básica, será feita em cursos de graduação em pedagogia ou em nível de pós-graduação, a critério da instituição de ensino, garantida, nesta formação, a base comum nacional".

É sabido então que, para tornar-se um Orientador Educacional é necessário cursar Licenciatura em Pedagogia, porém, será que a pessoa já sai do curso pronta para o trabalho? A OE1 salienta que *“na pedagogia a questão didática, a questão do autoconhecimento, eu uso muito a questão da antropologia, de conhecer os ciclos da criança, o desenvolvimento, idade série, tudo isso a gente aprendeu ali na licenciatura que eu lembro, eu uso muito isso.”* Porém, ela ainda acredita que faltou a parte do trabalho do Orientador Educacional, pois sugere que *“Então o que poderia ser melhorado talvez era na época ter como o orientador educacional trabalha na escola, isso não teve, isso eu tive que buscar em referências históricas, livros e na prática, eu já cheguei de paraquedas aqui, todo mundo falava da antiga orientadora, eu não fazia ideia do que eu tinha que de fato fazer”*. As outras duas orientadoras entrevistadas, ainda em atividade, OE2 e OE3 também relataram que não tiveram muito conhecimento da profissão durante a formação, OE2: *“Meu contato com isso tinha sido só dentro de uma disciplina na graduação, que era ligada à gestão, e não aprofundava muito”*. E OE3: *“Confesso que, em relação à formação para me tornar orientadora, a faculdade não me deu tanto apoio. Eu acredito que, independentemente da área de estudo, a verdadeira aprendizagem vem da prática”*. Percebendo assim que, não tiveram base sólida na formação em Pedagogia, mas sim em estudos feitos a partir da efetivação e na prática.

Nesse mesmo viés, é possível traçar ideias em conformidade com as críticas realizadas por Loffredi (1991, p. 45), na qual ele descreve que a competência no trabalho se faz em dois

momentos, a competência inicial, chamada por ele de competência básica, é aquela que se adquire no curso, no estágio, no ponto em que se começa desenvolvendo uma relação da teoria e da prática. A segunda, chamada como formação permanente, ele denota que “se o profissional que se forma na graduação não achar que ele tem um mínimo e que para trabalhar precisa de muito mais, se não sair com esse valor, com essa atitude desenvolvida, acaba na acomodação”. E ainda salienta que essa avaliação é muito importante, pois indica o que pode ser feito. “Sem a mudança dos cursos de formação de Orientação Educacional, a mudança ao nível prático vai ser impraticável, se o que pretende é fazer a diferença” (Loffredi, 1991, p. 46),.

Por conta dessa falta de conhecimento sobre a profissão, OE3 expõe que “*As dificuldades que encontrei no início da carreira estavam muito relacionadas à aceitação do orientador dentro da escola, especialmente porque as pessoas formadas em pedagogia nem sempre são bem-vistas*”. Levantando a questão que, se nem mesmo ela formada na área e atuando como orientadora soube do seu papel na escola, imagina que vê com os olhos do “lado de fora”?! A OE1 já trouxe outro ponto muito importante, que sua maior dificuldade no início da carreira: “*Foi a falta de conhecimento sobre especificamente a orientação educacional, então acabava fazendo de tudo um pouco, aí depois me sobrecarregava*” e ainda desabafou que no “*primeiro, segundo, terceiro ano quase dei uma enlouquecidinha, pensei em desistir, em sair*”. O quão importante, para a prática efetiva e saúde mental do profissional, que saiba o seu papel dentro da escola. Penteado (2006, p. 03), expõe que a equipe técnica-pedagógica que trabalha nas escolas é constituída pelos especialistas em educação, formados em Licenciatura em Pedagogia e realiza essa associação de confusão de função, ao fato ,

de terem formação acadêmica semelhante, de atuarem no mesmo espaço físico e de visarem objetivos comuns torna não só difícil, como sobretudo necessária, a delimitação clara das atribuições de cada profissional, contribuindo para a melhor compreensão dos respectivos papéis, maior facilidade na execução, controle e avaliação das tarefas e melhor integração da equipe técnica. (Penteado, 2006, p. 03)

A autora ainda afirma que “o desconhecimento das atribuições e de seus limites claros pode gerar expectativas infundadas quanto ao desempenho de cada especialista” (Penteado, 2006, p. 03). A OE2 enfatiza: “*nós temos as nossas atribuições do 668, né, e que são longas e extensas, mas hoje eu percebo que faço de tudo um pouco. A forma como eu sinto, que sou vista é como aquela pessoa que vai pensar e executar alguns murais, que vai decorar*”. A questão de que a função do Orientador Educacional seria para criar murais foi algo trazido pelas 4 entrevistadas, deixando claro em suas falas o quão desgastante isso é, por não serem vistas no seu devido papel. A seguir, segue a tabela com as atribuições do Orientador Educacional de

acordo com Lei Complementar nº 668, de 28 de dezembro de 2015, que “dispõe sobre o Quadro de Pessoal do Magistério Público Estadual, instituído pela Lei Complementar nº 1.139, de 1992, citado pela OE2:

Figura 10 - Descrição e especificação do cargo de Orientação Educacional

DESCRIÇÃO E ESPECIFICAÇÃO DO CARGO		
DENOMINAÇÃO DO CARGO: Professor		
FUNÇÃO: Especialista em Assuntos Educacionais - Orientador Educacional		
GRUPO OCUPACIONAL: Apoio Técnico	NÍVEL: III a VI	REFERÊNCIA: A a I
HABILITAÇÃO PROFISSIONAL: Formação em curso superior de graduação em Pedagogia, com habilitação em Orientação Educacional.		
JORNADA DE TRABALHO: 20 (vinte) ou 40 (quarenta) horas semanais.		
DESCRIÇÃO DAS ATRIBUIÇÕES: Garantir que a escola cumpra sua função social de socialização e construção do conhecimento; Promover a articulação entre a escola, família e comunidade; Participar com a comunidade escolar na construção do projeto político-pedagógico; Garantir o acesso e permanência do aluno na escola; Participar do diagnóstico da escola junto à comunidade escolar, identificando o contexto socioeconômico e cultural em que o aluno vive; Participar da elaboração do planejamento curricular, garantindo que a realidade do aluno seja ponto de partida e o redirecionador permanente do currículo; Promover a participação dos pais e alunos na construção do projeto político-pedagógico da escola; Contribuir para que aconteça a articulação teórica e prática; Contribuir para que a avaliação se desloque do aluno para o processo pedagógico como um todo, visando ao planejamento; Garantir a participação dos pais e alunos no Conselho de Classe; Coordenar juntamente com o Supervisor Escolar, o Conselho de Classe em seu planejamento, execução, avaliação e desdobramentos; Contribuir para que a organização das turmas e do horário escolar considere as condições materiais de vida dos alunos (compatibilizar trabalho-estudo); Promover a reflexão sobre as consequências sociais do processo de rotulação, discriminação e exclusão das classes trabalhadoras; Participar da elaboração do Regimento Escolar; Promover a articulação trabalho-escola; Discutir alternativas de distribuição da merenda de forma a atender as reais necessidades dos alunos; Garantir que o trabalho seja o princípio educativo da escola; Estimular e promover iniciativas de participação e democratização das relações na escola, com base na reflexão coletiva de valores (liberdade, justiça, honestidade, respeito, solidariedade, fraternidade, comprometimento social); Acompanhar e avaliar o estágio em orientação escolar; 22 Buscar atualização permanente; Desenvolver o autoconceito positivo, visando à aprendizagem do aluno, bem como à construção de sua identidade pessoal e social; Influir para que todos os funcionários da escola se comprometam com o atendimento às reais necessidades dos alunos; Executar outras atividades compatíveis com a função.		

Fonte: Autora, 2025

Retomando o estudo de Grinspun (2006, p. 204), ela percebe que o Orientador Educacional como educador, e não como técnico, tem um trabalho muito importante na escola “numa perspectiva que avance os muros da escola, para inserir-se na análise de uma sociedade mais justa, mais fraterna, que desejamos construir”.

Há muito o que fazer na escola e, Grinspun (2006, p. 204) propõe que o OE trabalhe com questões de valores e com a pessoa humana, colaborando assim na formação do aluno, do sujeito social “que vive a história do seu tempo, mas protagoniza a sua própria história como ator principal”. Segue ainda, propondo que “não basta dar-lhe as ferramentas para viver esse tempo, mas discutir, analisar, refletir sobre as suas ferramentas a partir do próprio contexto social e a devolução que a ele se dará a partir do seu próprio compromisso com a sociedade” (Grinspun, 2006, p. 204). O fazer da escola, a prática, acontece no dia a dia e possui atores, especialmente o aluno, sendo esse a razão principal da escola, que envolvem fragmentos de conhecimento, razão, aprendizagem e convivência no todo, no cotidiano escolar.

Na questão das dificuldades, OEA destaca que “*Dificuldade sempre existe. A gente que*

tem que enfrentar. Tem que levantar a cabeça e mostrar que veio para isso. A gente tem que ir fazendo, tem que ir aprendendo. Tem que enfrentar". Pois, é através da experiência que vai conseguindo aprender a melhorar a prática. Ela continua: *"Trabalhei com alunos que tinham dificuldades, que não conseguiam se adaptar. Fui aprendendo aos poucos, com a experiência"*. Nesse mesmo sentido, a OE2 também faz seu apontamento: *"Dificuldades no início foram muitas e ainda continuam aparecendo. Acho que a gente nunca está totalmente pronto para tudo, né? Sempre tem coisas que vêm quando a gente acha que sabe, e aí muda tudo, e a gente precisa estar sempre se atualizando"*. Segundo Grinspun (2006, p. 149) "A preocupação de tornar a Orientação Educacional um elemento integrador dentro da escola é percebida em vários trabalhos de orientadores educacionais", sendo que as funções do OE são demonstradas na perspectiva de ações diretas e indiretas.

Na época em que iniciou, OEA lembra que *"não se falava tanto sobre o trabalho com os alunos, o que hoje fazemos com embasamento e com a participação das famílias. Era o aluno e ponto final"*. A ideia de Grinspun (1994) vem em nessa mesma perspectiva, que a prática dos orientadores educacionais foi sendo diversificada ao longo dos anos. Para ela, o que marca muito o início da orientação, a primeira dimensão é a orientação centrada no aluno, que deveria assisti-lo em todo o desenvolvimento integral de sua personalidade. Esse primeiro momento da prática do OE estava direcionado para o aluno estava acompanhado da identificação do orientador como um profissional que possuía alto sentido de autoridade e conhecimento no campo educacional e sua prática, além da orientação ao aluno, se estendia à formação de um clima educativo para que o educando pudesse ter um bom desempenho.

Já a segunda dimensão, segundo Grinspun (1994, p. 146), centra o trabalho do orientador educacional inicialmente no professor e depois na escola, trabalhando com assessoria ao professor. *"Pretendia-se dar ao professor melhores condições de conhecimento do aluno, necessário no processo de ensino-aprendizagem. A realidade desse aluno seria trazida pelo orientador como enriquecimento necessário a este processo"*. Na questão da escola, a autora aborda que o orientador atuava nas atividades como matrícula de alunos, enturmação dos alunos, horários de aulas, escolha de professores e questões pedagógicas que se relacionavam com o currículo e com o PPP da escola. Nesta perspectiva "o fazer do orientador já era esperado e conhecido, pelo menos pela maioria das pessoas comprometidas com o sistema escolar" (Grinspun, 1994, p. 148). O que pode explicar muitas das questões levantadas nas entrevistas sobre a confusão da função, tanto pelas orientadoras no início de carreira, quanto dos demais profissionais e comunidade escolar. Hoje "o orientador não tem "receita pronta" do

que fazer na escola, mas a história da sua escola indicará o "como" fazer e por que fazer tal atividade" (Grinspun, 1994, p. 148). Para Grinspun (1994, p. 184), a dimensão atual da prática do orientador não está pronta e acabada na escola e deve ser gerado e iniciado na escola, com o aluno, a partir das reais necessidades. "O eixo condutor do trabalho do orientador é construir, junto com o aluno, as condições facilitadoras e desejáveis ao seu desenvolvimento, o mais pleno possível".

Na prática como orientadora educacional, OEA aborda que *“tinha meu caderno de atendimento, onde anotava quem eu chamei, o que foi combinado e as orientações que dei. Se era algo importante, os alunos tinham que assinar, registrando o que se comprometiam a fazer. Eu organizava o caderno por série e, na próxima visita, revisava tudo: o que melhorou, o que ainda precisava ser ajustado.”* Parte-se desse pressuposto, como salienta Grinspun (1994, p. 149), que a prática do OE deve ser vista como um processo ativo e dinâmico, como uma construção, produção e conhecimentos, saberes, de comunicações e interações, compreendendo o desenvolvimento do aluno do ponto de vista cognitivo, da afetividade, da tomada de decisões e da inserção social, assim, "o aluno poderá fazer não só a sua própria leitura como a leitura do mundo". OEA ainda traz a questão de que *"Comecei a perceber que alguns alunos, devido às condições familiares, não tinham apoio para se desenvolver corretamente. Isso me incomodava muito, mas eu sabia que não podia desistir deles"* e ainda *“eu tive que ir fazendo a minha parte... E depois eu consegui fazer fichas de todos os alunos, mesmo daqueles que não incomodavam. Porque eu tinha que provar que, muitas vezes, o quietinho dava mais trabalho do que aquele que botava para fora. Então, tem muita coisa... se surgiu algo, tem que resolver de alguma maneira.”* Para Grinspun (2004, p. 59) a Orientação Educacional sempre esteve relacionada às ocorrências do cotidiano, pois *“a ela se prendiam fatores que estavam acontecendo na escola ou na família, e que se refletiam nos estudos ou no comportamento dos alunos”* e essa realidade vinha a partir do discurso.

OEA, entre seus anos de experiência na profissão, explanou que *“No início, havia muitos alunos que não queriam vir à minha sala porque achavam que só iriam para lá aqueles que não se davam bem com os professores. Isso me incomodava, porque o trabalho da orientação não era visto da forma que deveria ser”*, sobre essa questão Penteado (2006), alerta para que o SOE não se transforme em um local de refúgio aos alunos que não queiram participar de aulas ou que são tirados dela por problema de professores como a indisciplina ou falta de lição de casa e/ou de material. OEA ainda desabafa que hoje *"o trabalho com o professor hoje é muito difícil"* e OE2 também desabafa no mesmo viés: *“Senti bastante essa rejeição no início,*

do tipo: "você é mais nova, chegou agora e já quer se meter aqui". Então, nesse sentido, foi bem difícil." E, como já visto ao decorrer da fundamentação, Penteado (2006), aborda que as vezes a equipe docente tem características que podem facilitar como também prejudicar o relacionamento com o orientado, influenciando o trabalho dele, sendo ainda mais difícil quando existe um grupo mais "fechado", onde não havia antes um orientador educacional e ainda se agravando quando for jovem, inexperiente e inseguro. Sendo importante nesse momento a clareza de suas atribuições para que estes percebam sua utilidade, a autora sugere que o OE defina suas atribuições e elabore um bom plano de trabalho.

OEA também trouxe a questão de que *"sofria muito nos conselhos de classe, principalmente do segundo grau. Eu saía de lá, e quando terminava, eu dizia: "Graças a Deus!" Era muito complicado. Às vezes, eu ouvia os comentários dos professores sobre os alunos e parecia que meu trabalho não surtia muito efeito. Uma vez, um me disse: "Você passa a mão demais." Mas, gente, eu tenho que ganhar o aluno pra ele melhorar a vida dele. Não adianta eu chegar com tudo em cima dele, tem que conquistar a pessoa, fazer com que ela se abra, tanto o aluno quanto os pais"*. Nesta perspectiva, a visão de OE1 pode explicar esse fato: *"Porque o vínculo do orientador ele é diferente do que o vínculo do diretor, do que o vínculo do supervisor, o teu vínculo ele precisa ser mais tranquilo para conseguir trabalhar de fato e em como chegar, e os alunos não podem ter medo de chegar aqui, claro, às vezes você precisa dar uma bronca, chamar atenção e tal, mas principalmente você precisa estar aberta a ouvir eles, então ouvir a parte deles, ouvir a família, ouvir para conseguir ter um olhar mais amplo da situação."* Penteado (2006, p. 09) alerta ainda que o OE não deve dar espaço para que sua imagem seja incorporada com papel de bonzinho, de protetor de alunos e nem de disciplinador ou controlador, *"é importante que leve o aluno a refletir sobre a situação de modo a aprender com ela"*. É necessário que o OE tenha um meio termo para conseguir chegar até o aluno para que possa auxiliá-lo a melhorar suas atitudes, tanto quando social, quanto de estudante.

Para que essa ajuda aconteça na prática, é necessário que tenha participação da escola e da família, assim como se destaca o trecho da entrevista de OEA: *"Acho que é fundamental trazer a família para dentro da escola, porque a gente precisa dela para tentar resolver. Eu sempre busquei muito isso. [...] A gente aprende que muita coisa vem de casa."* Porque, no fim, eles também querem que o filho venha para a aula e não tenha problema, né?". Penteado (2006, p. 109), tornou eminente que os pais devem ser alertados sobre os comportamentos de seus filhos, sendo que *"a melhor ajuda que podem dar consiste na valorização da escola, do aprender, da prioridade para o cumprimento dos deveres, da responsabilidade"*.

Na perspectiva da prática para auxiliar o estudante a se desenvolver plenamente, a OE3 expõe que realiza seu trabalho *“me aproximando dos alunos, até dos próprios pais, e estabelecendo trocas de conversas sobre diversos temas, como as dificuldades dos alunos dentro da sala de aula ou as questões de relacionamento, conflitos entre eles e com os pais, problemas que muitos adolescentes não conseguem resolver sozinhos”*. Já OE2 desabafa: *“Mas é como se eu fosse sempre a pessoa que tem que pensar e fazer aquilo acontecer. Isso acaba me deixando agoniada, porque ao mesmo tempo sei que essas questões são necessárias na escola e que não temos outras pessoas para fazer. Mas, no fim, a minha sensação ainda é de que, apesar de fazer tantas coisas, eu não faço nada”*. A partir desse relato, depreende-se juntamente com Penteado (2006, p. 09), que as atribuições do OE são numerosas, complexas e difíceis de serem delimitadas com precisão. *“Por este motivo, ele precisa estar consciente de que tem um plano para executar e de que deve desempenhar suas funções precípuas, não assumindo tarefas que não sejam de sua competência e/ou alçada”*. Assim, contribuirá para que seu papel seja percebido mais claramente.

7.1.2 Identidade e Satisfação Profissional

A tabela abaixo reúne informações extraídas das entrevistas, apresentadas de forma objetiva e organizadas por entrevistada. Os trechos selecionados foram categorizados conforme suas ideias centrais, sendo destacados por cores específicas para facilitar a compreensão: realização pessoal (azul), identidade profissional (verde), apreço pela profissão (rosa) e aspectos da profissão que necessitam melhorias (vermelho). Essa abordagem permite uma análise mais clara e comparativa das percepções e experiências compartilhadas.

Tabela 07 – Identidade e satisfação profissional

OE	ECH	IC	AC
OE A	<i>“Acho que eu me realizei... Porque eu tinha contato direto com os alunos. E isso foi muito importante para mim. Eu me realizei mesmo.”</i> <i>“A gente trabalha com os alunos, acompanha, e depois vê o crescimento deles. E isso é muito gratificante.”</i> <i>“tem aqueles que deram muito trabalho, que tinham muitos problemas, mas que hoje têm empresas, são empresários. Então é muito legal ver isso, ver que conseguiram, que seguiram em frente.”</i>	- Realização pessoal; - Identidade profissional; - Apreço na profissão; - Aspectos da profissão que necessitam melhorias.	

	“Desde o começo, sempre busquei estar próxima dos alunos. A relação que criei com eles foi o que me realizou. Sempre existiram desafios, momentos difíceis, mas o que mais marcou minha trajetória foi a possibilidade de acompanhar o crescimento de tantos estudantes” “Como orientadora educacional, eu sentia que ainda estava "gatinhando", aprendendo no caminho. Mas fui atrás, aprendi a buscar, a me aproximar das pessoas certas.” “Sempre fui uma pessoa simples, nunca fui de muitas palavras. O que eu gostava, e ainda gosto, é de conversar, de estar perto, de mostrar para os alunos que cada um tem um lado bom, que podem ser mais, que podem ir além. Tu pode ser um excelente professor, como pode ser um ótimo médico, ou ser um pedreiro, mas tudo depende da tua disposição. O querer ajuda muito. E esse querer eu tive, eu queria. E querer faz toda a diferença. Eu queria e fiz acontecer. Que acima de tudo, a gente tem que amar o que faz e saber que nós vamos encontrar problemas e vamos encontrar também alunos e professores que até ajudam. Tem que ter humildade. Humildade e coração.” “Fui aprendendo a importância de não afastar o aluno da sala de aula. No começo, muitos queriam mandar os alunos mais difíceis para a orientação, mas aos poucos fomos conseguindo mudar essa mentalidade. Tinha criança que gostava de vir para a sala da orientação, porque sabia que ali teria um momento só para ela. E eu gostava desse contato. Sempre tive um jeito simples, de escutar e de mostrar para cada um o seu valor, o que ele tem de melhor. Tive muitos alunos que enfrentaram problemas graves, drogas, situações injustas. Vi alunos que foram condenados injustamente, porque eram os mais frágeis na sociedade, e não tinham ninguém para defendê-los. Vi famílias inteiras passarem por dificuldades. Sai realizada enquanto profissional, mas eu saí assim numa época que me aposentei e eu estava cansada. Era muito problema, questão da droga e via alunos passando muitas injustiças.” “Uma coisa que me incomodava era a forma como a orientação acontecia em sala. Muitas vezes eu só entrava nas turmas quando o professor não estava, e isso era muitas vezes de surpresa.” “No início, eu até gostava porque era uma forma de chegar até os alunos, mas o que eu sempre senti falta era ter acesso regular às turmas.” “Eu tinha medo do trabalho com os adolescentes, especialmente no ensino médio. Eu queria ter me envolvido mais com eles, mas não me sentia		Como orientadora educacional, eu sentia que ainda estava "gatinhando", aprendendo no caminho.
--	--	--	--

	preparada para isso, [...] mas eu gostaria de ter tido mais contato com os adolescentes.” “Um novo diretor me tirou daquela função de cuidar só do mural, que era para os alunos fazerem, mas acabava sempre sendo eu que ajudava. Eu me envolvia com os alunos, de maneira que me aproximava deles.” “Eu consegui fazer os encaminhamentos certinhos, sem agir de maneira impulsiva, porque, como orientadora, eu não poderia tomar certas decisões sozinha. Eu segui os protocolos corretamente.” “Uma vez, um diretor me disse algo que me aliviou. Quando aconteceu um problema no pátio, ele estava lá, e eu consegui conversar normalmente com o aluno envolvido. Ele ficou observando, e, ao final, me perguntou como eu consegui fazer isso. Eu disse a ele que, quando ele terminasse sua função de diretor, ele entenderia como era fácil. Essas situações mostram como o trabalho da orientação educacional dá frutos, e isso é muito bom para a gente. Quando os pais também reconhecem o trabalho que fazemos, é gratificante.”		Eu segui os protocolos corretamente
OE1	“Sim, me sinto realizada. [...] Gosto muito dos meus adolescentes e aprendi a lidar com eles ao longo do tempo. Acho fascinante acompanhar suas mudanças ao longo dos anos e perceber como a tecnologia influencia esse processo.” “Sinto que me encaixo aqui, mas sei que é fundamental continuar me formando. Não dá para parar no tempo, porque, se isso acontecer, deixo de acompanhá-los. Com o tempo, se a gente não se atualiza, acaba não entendendo por que eles agem de determinada forma, por que enfrentam tantas crises de ansiedade ou têm dificuldade em aceitar um ‘não’. A geração mudou, a criação dos pais é diferente, e eles trazem uma nova leitura de mundo.” “Eu acho que eu gosto de estar participando, eu não gosto de ficar alheia, nem que seja para estar, para ouvir, para dar uma sugestão, mas estar junto daquilo que está acontecendo na escola com as turmas, não apareço nas fotos, que geralmente sou eu que tiro as fotos, que posto, então eu gosto de estar no movimento da escola, nem à frente, nem atrás, mas no meio daquilo que está acontecendo.” “O que mais gosto na minha profissão é ver a mudança em um aluno que, no início, todos achavam que não conseguiria passar de ano. Quando um professor chega e diz: ‘Meu, como ele mudou! Nossa, ele passou, parece outra pessoa! O que será que aconteceu?’, eu apenas sorrio internamente. Não sabem quantas vezes ouvi esse aluno, quantas	- Realização pessoal; - Identidade profissional; - Apreço na profissão; - Aspectos da profissão que necessitam melhorias.	Sinto que me encaixo aqui

	conversas tivemos, quantos conselhos dei, quantas vezes chamei os pais.” “O que mais me realiza é ver um aluno que estava prestes a desistir da escola, que quase pegou um atestado para não voltar mais, conseguir seguir em frente e concluir o terceiro ano.” “quando eles precisam a gente estar aqui, saber acolher, saber entender, porque é tudo passageiro, são fases, eles estão se encontrando. Mas, ao mesmo tempo, também me entristece quando perdemos alguém, quando um aluno desiste e para de vir à escola. Nem sempre conseguimos sucesso em todos os casos. Ainda assim, o que me motiva é quando conseguimos ajudar um estudante a se formar, oferecendo o suporte necessário.” “Muitas vezes, não conseguimos parar para registrar tudo adequadamente. Passamos o tempo inteiro resolvendo diversas questões, e, ao final do dia, parece que não fizemos nada do que havíamos programado.” “O trabalho na orientação educacional não segue um tempo estruturado, como uma aula de 45 minutos com início, meio e fim. As demandas surgem a todo momento. Podemos passar cinco minutos conversando com um aluno ou uma hora atendendo um responsável, sem um horário fixo para cada situação. Por isso, o que melhoraria seria termos um período específico de hora-atividade, seja meio-dia ou um dia inteiro, para organizar registros, atualizar documentos e estruturar nosso trabalho sem interrupções.” “as quarenta horas, em função da escola, elas atropelam tudo. Eu digo até os apoia, que a gente precisa sentar e escrever minuciosamente. Eu começo dez vezes no computador, daí me chamam, sai, levanta, vai, sai, levanta, vai. Então ele tem que atualizar, começar tudo de novo. Espira, começa tudo de novo, então ele não é produtivo, é uma coisa que eu tenho que fazer porque eu não tenho ninguém. E dificilmente, não tem ninguém que eu tenha que atender ao que tenha acontecido.” “Outro exemplo, vou registrar um NEPRE, eu preciso pensar tudo que aconteceu, como aconteceu, o que eu vou botar lá no registro, pensar o que nós vamos fazer. Eu, ao menos na nossa escola, não tenho esse tempo. Sempre chega uma nova demanda, se não tem professora, ajuda na sala, tem um projeto para fazer, vai lá, tem um evento acontecendo, me chamam para tirar fotos. Faço isso com boa vontade, mas, ao final, as tarefas de orientação ficam sempre para depois.” “Outro ponto que vejo como fundamental é a formação específica para orientadores educacionais. Os únicos momentos em que saímos da escola são		
--	---	--	--

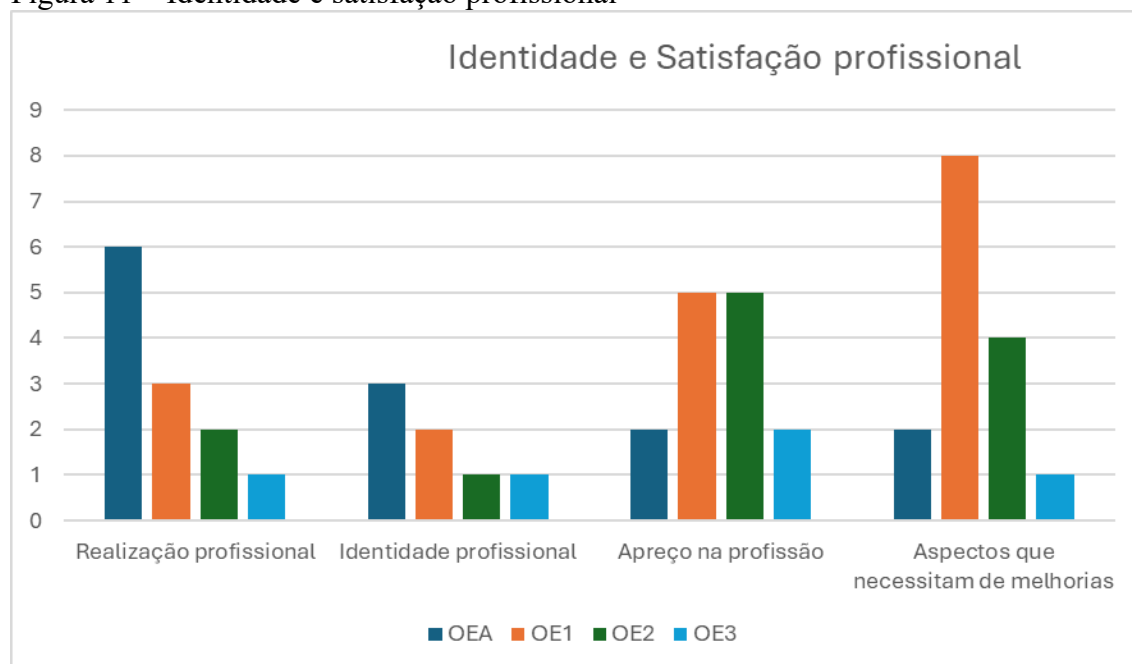
	para formações gerais, mas faltam encontros voltados para nossa área. Em uma dessas formações, tivemos um momento valioso de troca, discutindo, por exemplo, como funciona encontros com o Conselho Tutelar ou o CRAS em diferentes regiões. Muitas vezes, enfrentamos situações inusitadas e ficamos em dúvida sobre qual encaminhamento dar. Compartilhar experiências entre colegas nos ajudaria a tomar decisões mais coerentes com as necessidades dos alunos.” “A identidade profissional, eu acredito que, hoje, a gente se torna um ser humano de acolhimento. Às vezes, nem conseguimos orientar o aluno a seguir, a gente precisa apenas acolher a dor e o trauma que ele traz, para depois guiá-lo por um caminho.”		
OE2	“Digo que sim e que não. Me sinto muito honrada em poder ajudar, estar sempre à disposição e apoiar os alunos. Busco muita formação nesse sentido, para dar um equilíbrio entre o que eles vivem em casa, na escola e na fase da adolescência. Me sinto honrada por poder ajudar, tanto os alunos quanto as famílias, e principalmente aqueles que estão em situação de vulnerabilidade, que são muitos em nossa escola.” “Também me sinto bastante honrada quando consigo participar das aulas, algo que fazia muito nos meus três primeiros anos. Todos os dias, eu ia até uma determinada série, passava 15 ou 20 minutos em uma aula, ajudava a resolver problemas, conversava com os alunos, interagia, escutava as explicações e até auxiliava nelas. Isso me fazia sentir realizada, porque sinto muita falta do chão de sala de aula, de estar lá dentro.” “Outro momento em que me sinto realizada é quando sou procurada para conversar. Como uma professora já disse, sou a “profe de confiança”, e é gratificante quando os alunos vêm até mim para compartilhar situações difíceis que vivem. Quando os alunos trazem as situações vulneráveis que muitas vezes eles têm e que a gente consegue ajudar eles ou pelo menos dar uma luz, refletir, fazer com que eles reflitam pra achar uma solução, então nisso eu também me sinto bem realizada.” “Por outro lado, me sinto muito sobrecarregada por exercer várias funções, como mencionei antes. Faço um monte de coisas, mas não consigo me dedicar a elas com a atenção que gostaria. No fim, é tudo um pouquinho e, ao mesmo tempo, parece que não fiz nada.” “Parece que somos uma psicóloga não formada, né? Precisamos cuidar de todo mundo, Essa é a sensação que eu tenho., que a nossa identidade profissional seria essa, nós somos aquela profissional psicóloga não formada que está dentro da escola pra auxiliar, e	- Realização pessoal; - Identidade profissional; - Apreço na profissão; - Aspectos da profissão que necessitam melhorias.	profe de confiança parece que não fiz nada

	que a gente procura sempre estar ali no meio ou vivenciando um pouco da parte da família deles ou da vida deles escolar, mas ao mesmo tempo essa identidade profissional não está bem definida, porque ao mesmo tempo a gente é um orientador educacional, a gente é um ATP, a gente é um supervisor, a gente é um estagiário, a gente é um AE, e muitas vezes a gente é uma diretora, Parece que é todas as funções juntas ali misturadas e nós não temos uma identidade assim, definida.” “O carinho dos alunos, o afeto, aquela vontade deles virem para a sala e se jogarem no sofá e dizerem: "Prof, eu posso ficar aqui um pouco?"” “acho que essa troca de energia, essa confiança deles em mim para contarem suas coisas e fazermos reflexões juntos, muitas vezes algo que eles não têm em casa. Como eu digo: muitas vezes, sou a mãe deles lá—o que, às vezes, não consigo ser na minha própria casa, porque preciso terceirizar.” “Mas eu gosto muito disso. Gosto de ter um lugar acolhedor, energizado. Todo dia de manhã, abro minha sala, faço minha oração para que o dia seja mais tranquilo, coloco meus cheirinhos, ligo meu incenso e fico ali por um tempo.” “Acho que, de modo geral, a educação precisaria entender o quanto um orientador educacional faz parte das escolas, o quanto a gente é importante e fundamental lá dentro.” “acho que deveria ter mais formações para a nossa área, formação continuada, pra gente melhorar, se desenvolver, mesmo aquelas que a gente busca fora, acho que precisa ter isso também dentro, né? O estado mesmo, ou as escolas, poderiam promover essa interação de práticas, de trocas de experiências, porque isso faz falta. Isso ajudaria pra que a gente também se sentisse um pouco mais aliviada, que tivesse alguém que nos escutasse também, não só a gente escutando os outros.” “Sobre um lugar adequado, acho que isso não é só do orientador, mas sim uma defasagem da estrutura das escolas como um todo. Nós, profissionais técnicos, muitas vezes não temos um lugar adequado para estar, para viver o nosso trabalho. E é sempre assim, "ah, depois a gente vê", parece que nunca é prioridade, que sempre fica pra depois. Isso pesa, e acho que falta um pouco dessas melhorias pra que a gente também se sinta mais leve.”		mais formações para a nossa área parece que nunca é prioridade
OE3	“Como orientadora, sinto-me realizada. Acho que é muito gratificante poder interagir, ser um suporte e estar ali para direcionar soluções. Isso é fundamental para a construção dos seres humanos que temos dentro da escola, e não são poucos. Lidamos com várias	- Realização pessoal; - Identidade profissional;	

	vidas todos os dias, vidas que precisam de transformação, orientação, e de um guia. Às vezes, é necessário até ajudar a sanar questões mais profundas.” “Acredito que minha identidade profissional seja essa: estar disposta a ajudar, a enfrentar as dificuldades que a escola nos proporciona, a encarar os desafios diários e sempre buscar soluções. Para mim, a escola é isso: estar aberta para tudo o que vem e desenvolver da melhor forma.” “O que eu mais gosto na profissão é a interação que temos com os alunos e os pais, conhecer cada um deles, poder conversar e muitas vezes ajudar a resolver pequenos conflitos, questões que eles mesmos não conseguem lidar sozinhos. Acredito que fazemos esse papel de transitar entre eles, ajudando a superar medos e dúvidas.” “Em relação aos aspectos que poderiam ser melhorados, destaco a valorização, tanto financeira quanto da categoria em si. Muitas vezes, somos vistos como aqueles profissionais que estão ali só para fazer mural, como se a nossa função fosse irrelevante. Falta, às vezes, desmistificar o papel do orientador dentro da escola.”	- Apreço na profissão; - Aspectos da profissão que necessitam melhorias.	Lidamos com várias vidas todos os dias Falta desmistificar o papel do orientador dentro da escola
--	--	--	---

Fonte: Autora, 2025

Figura 11 – Identidade e satisfação profissional



Fonte: Autora, 2025

O gráfico "Identidade e Satisfação Profissional" reflete o número de trechos extraídos das entrevistas sobre quatro aspectos: realização profissional, identidade profissional, apreço na profissão e aspectos que necessitam de melhorias. A entrevistada OEA teve maior extração de trechos para o discurso coletivo sobre a de "realização profissional", enquanto OE1 e OE2 tiveram menos seleção. O "apreço na profissão" teve uma distribuição equilibrada entre OE1 e OE2, com menor participação de OEA e OE3. Já a categoria "aspectos que necessitam de melhorias" contou com maior número de trechos extraídos da entrevistada OE1, indicando uma percepção mais acentuada de desafios. A "identidade profissional" teve uma distribuição mais equilibrada entre as entrevistadas, com OEA se destacando. Os dados sugerem diferentes perspectivas sobre a satisfação e os desafios na profissão de orientador educacional.

7.1.2.1 Discurso do sujeito coletivo sobre a realização profissional

Eu me sinto muito realizada e honrada em poder apoiar os alunos, estar sempre à disposição e ajudá-los a encontrar soluções. É gratificante acompanhar seu crescimento, perceber o desenvolvimento de cada estudante e contribuir para a formação de seres humanos dentro da escola. Apesar dos desafios e momentos difíceis, a possibilidade de ver os alunos evoluindo e conquistando seus objetivos é o que mais marcou minha trajetória.

Eu me envolvo com os alunos, aproximando-me deles e aprendendo a lidar com cada adolescente ao longo do tempo. Quando os pais reconhecem o trabalho que realizamos, sinto ainda mais satisfação, mas o que realmente me motiva é poder oferecer suporte aos estudantes, acolhê-los e ajudá-los a atravessar suas fases de aprendizado e amadurecimento.

Essa troca de confiança e energia é fundamental: os alunos se sentem à vontade para compartilhar experiências e reflexões que muitas vezes não têm em casa. Conseguir fazer encaminhamentos corretos, seguindo protocolos e sem agir impulsivamente, me trouxe uma sensação de realização, pois pude atuar de forma ética, responsável e direta, mantendo sempre o foco no bem-estar e no desenvolvimento de cada estudante.

7.1.2.2 Discurso do sujeito coletivo sobre a identidade profissional

Como orientadora educacional, eu sentia que ainda estava "gatinhando", aprendendo no caminho. Mas fui atrás, aprendi a buscar, a me aproximar das pessoas certas. Sempre fui

uma pessoa simples, nunca fui de muitas palavras. O que eu gostava, e ainda gosto, é de conversar, de estar perto, de mostrar para os alunos que cada um tem um lado bom, que podem ser mais, que podem ir além. Eu acredito que tu pode ser um excelente professor, como pode ser um ótimo médico, ou ser um pedreiro, mas tudo depende da tua disposição. O querer ajuda muito. E esse querer eu tive, eu queria. E querer faz toda a diferença. Eu queria e fiz acontecer. E acima de tudo, a gente tem que amar o que faz e saber que vamos encontrar problemas, e também vamos encontrar alunos e professores que até ajudam. Tem que ter humildade. Humildade e coração.

Sempre tive um jeito simples, de escutar e de mostrar para cada um o seu valor, o que ele tem de melhor. Tive muitos alunos que enfrentaram problemas graves, drogas, situações injustas. Vi alunos que foram condenados injustamente, porque eram os mais frágeis na sociedade, e não tinham ninguém para defendê-los. Vi famílias inteiras passarem por dificuldades. Sinto que me encaixo aqui, mas sei que é fundamental continuar me formando. Acredito que, hoje, a identidade profissional se torna um ser humano de acolhimento. Às vezes, nem conseguimos orientar o aluno a seguir, a gente precisa apenas acolher a dor e o trauma que ele traz, para depois guiá-lo por um caminho.

Essa é a sensação que eu tenho, que nossa identidade profissional seria essa: somos aquela profissional psicóloga não formada que está dentro da escola para auxiliar. E procuramos sempre estar ali no meio ou vivenciando um pouco da parte da família deles ou da vida escolar, mas, ao mesmo tempo, essa identidade profissional não está bem definida. Porque, ao mesmo tempo, somos orientadores educacionais, ATPs, supervisores, estagiários, AEs, e muitas vezes até diretora. Parece que todas as funções estão ali misturadas, e não temos uma identidade definida. Eu acredito que minha identidade profissional seja essa: estar disposta a ajudar, a enfrentar as dificuldades que a escola nos proporciona, a encarar os desafios diários e sempre buscar soluções. Para mim, a escola é isso: estar aberta para tudo o que vem e desenvolver da melhor forma.

7.1.2.3 Discurso do sujeito coletivo sobre o apreço na profissão

Ao longo de nossa trajetória, acompanhamos alunos que, inicialmente, apresentavam muitos desafios e dificuldades, mas que, com apoio e acompanhamento, conseguiram transformar suas vidas, conquistar sucesso acadêmico e até se tornarem empresários. Sentimo-

nos profundamente gratificados ao perceber essas mudanças, observando como a tecnologia e o contexto escolar influenciam o desenvolvimento desses estudantes. Aprendemos que é essencial não afastar os alunos da sala de aula, mesmo os mais difíceis, e que o espaço da orientação deve ser acolhedor, seguro e energizado, oferecendo momentos dedicados exclusivamente a eles.

Reconhecemos que uma das maiores recompensas da nossa profissão é perceber a evolução de alunos que quase desistiram da escola, mas que, por meio de conversas, escuta ativa, conselhos e acompanhamento com as famílias, conseguiram concluir seus estudos e se transformar. Consideramos fundamental criar vínculos de confiança, sendo percebidos como “professores de confiança”, mantendo uma postura de apoio constante, capaz de ajudar os estudantes a refletirem sobre suas dificuldades e encontrarem soluções. Valorizamos o afeto, o diálogo e a interação com alunos, pais e professores, entendendo que nosso papel é mediar conflitos, orientar decisões, apoiar famílias e servir como ponte entre escola, estudante e comunidade. Acreditamos que, ao atuar dessa forma, contribuimos para a formação integral dos estudantes, ajudando-os a superar medos e dúvidas e promovendo transformações significativas em suas vidas.

7.1.2.4 Discurso do sujeito coletivo sobre aspectos que necessitam melhorias

Eu percebo que o trabalho da orientação educacional é repleto de desafios e, muitas vezes, sua execução em sala de aula é desestruturada e imprevisível. Frequentemente, entro nas turmas de surpresa, sem um tempo definido, e as demandas surgem a todo momento: podemos atender um aluno por cinco minutos ou um responsável por uma hora, sem horário fixo, o que dificulta registrar adequadamente as ações realizadas. No fim do dia, parece que nada do que havíamos planejado foi concluído.

Enfrentamos constantemente novas demandas, desde substituir professores ausentes, organizar projetos e eventos, até tarefas administrativas, e isso faz com que nossas atividades principais de orientação fiquem para depois. A falta de tempo e estrutura prejudica a produtividade e nos sobrecarrega, já que somos interrompidos constantemente, reiniciando tarefas e tornando o trabalho menos eficaz.

Para melhorar, seria fundamental ter períodos específicos de hora-atividade para organizar registros, atualizar documentos e estruturar o trabalho sem interrupções. Também

é necessária uma formação mais específica para orientadores educacionais, com oportunidades de atualização, troca de experiências e práticas colaborativas, que permitam decisões mais coerentes com as necessidades dos alunos.

A valorização da nossa categoria é essencial, tanto financeira quanto em reconhecimento profissional. Muitas vezes, somos vistos apenas como responsáveis por murais ou tarefas superficiais, e nossa função é desvalorizada. Além disso, a estrutura física das escolas nem sempre favorece nosso trabalho, faltando espaços adequados para exercer nossas funções com conforto e eficiência.

Por fim, sinto-me sobrecarregada por exercer múltiplas funções simultaneamente, o que impede dedicar a atenção que cada tarefa merece. É essencial que as escolas reconheçam a importância do trabalho do orientador educacional e proporcionem condições adequadas para atuar de forma mais eficaz, garantindo qualidade e eficiência no apoio aos alunos.

7.1.2.5 Satisfação Profissional: Percepções sobre os caminhos, desafios, realizações e melhorias na profissão do “ser orientador” pelas orientadoras educacionais da coordenadoria regional de Itapiranga/SC

O educando, em consonância com Carvalho (1979), é visto como um ser de múltiplas possibilidades e o adolescente é um ser ao qual se abre uma multiplicidade de escolhas. Logo, o papel do educador é auxiliar esse educando a optar, a decidir-se por uma forma de vida. Claramente é perceptível o quanto auxiliar o educando nas escolhas da vida, em um projeto de vida, pode ser gratificante, pois segundo a entrevistada OEA “*A gente trabalha com os alunos, acompanha, e depois vê o crescimento deles. E isso é muito gratificante*”, e ainda prossegue que “*tem aqueles que deram muito trabalho, que tinham muitos problemas, mas que hoje têm empresas, são empresários. Então é muito legal ver isso, ver que conseguiram, que seguiram em frente*”. OE1 cita que “*o que me motiva é quando conseguimos ajudar um estudante a se formar, oferecendo o suporte necessário*”. OEA relata que foi aprendendo a importância de não afastar o aluno da sala de aula, “*No começo, muitos queriam mandar os alunos mais difíceis para a orientação, mas aos poucos fomos conseguindo mudar essa mentalidade. Tinha criança que gostava de vir para a sala da orientação, porque sabia que ali teria um momento só para ela*”.

Schmidt e Pereira (1975, p. 69), explicam que “o adolescente sofre do mal de não ser

ouvido” e que é no diálogo de igual para igual que se expressa o amadurecimento. “A necessidade de expressão é mais pujante que o próprio sentimento de sobrevivência”. E o OE vem ao encontro dessa necessidade “salvando” o jovem do anonimato dentre uma turma numerosa, dando-lhe o sentimento de pertencimento a uma instituição feita para o seu bem-estar e preocupada com o seu desenvolvimento. O Orientador é o confidente ideal.

Não lhe cabendo nem recompensar nem punir, sente-se à vontade para acalmar as revoltas adolescentes e consolar o jovem nas suas amarguras tão frequentes. Desdramatiza facilmente deficiências e fracassos. Desvenda as riquezas adormecidas e apoia no esforço de cada dia. (Schmidt; Pereira, 1975, p. 70)

Seguindo no estudo das autoras, é no olhar firme e carinhoso, uma voz serena e conducente à reflexão que o adolescente procura encontrar na escola, sendo a Orientação educacional a resposta aos anseios e necessidades do estudante. OEA cita que “*Desde o começo, sempre busquei estar próxima dos alunos. A relação que criei com eles foi o que me realizou*”.

Nesse mesmo sentido, a entrevistada OE2 relata se sentir honrada “*em poder ajudar, estar sempre à disposição e apoiar os alunos. Busco muita formação nesse sentido, para dar um equilíbrio entre o que eles vivem em casa, na escola e na fase da adolescência. Me sinto honrada por poder ajudar, tanto os alunos quanto as famílias, e principalmente aqueles que estão em situação de vulnerabilidade, que são muitos em nossa escola*”. Continuando ainda que “*Outro momento em que me sinto realizada é quando sou procurada para conversar. [...] é gratificante quando os alunos vêm até mim para compartilhar situações difíceis que vivem. Quando os alunos trazem as situações vulneráveis que muitas vezes eles têm e que a gente consegue ajudar eles ou pelo menos dar uma luz, refletir, fazer com que eles reflitam pra achar uma solução, então nisso eu também me sinto bem realizada*”, porém algo imprescindível lembrado pela OE2, que o OE, para conseguir realizar a escuta com princípios éticos, necessita de “*um lugar adequado, acho que isso não é só do orientador, mas sim uma defasagem da estrutura das escolas como um todo. Nós, profissionais técnicos, muitas vezes não temos um lugar adequado para estar, para viver o nosso trabalho. E é sempre assim, “ah, depois a gente vê”, parece que nunca é prioridade, que sempre fica pra depois.*”

Giacaglia e Penteado (2006), retratam que os jovens, em momentos de dificuldades, inseguranças, incertezas, esperam encontrar alguém que os auxiliem e, normalmente, vêm no OE essa pessoa. OEA relembra que “*Sempre tive um jeito simples, de escutar e de mostrar para cada um o seu valor, o que ele tem de melhor*”. OE3 segue na mesma ideia, sentindo-se grata em “*poder interagir, ser um suporte e estar ali para direcionar soluções. Isso é fundamental para a construção dos seres humanos que temos dentro da escola, e não são poucos*”, ela ainda

continua citando que o ela mais gosta nessa profissão “*é a interação que temos com os alunos e os pais, conhecer cada um deles, poder conversar e muitas vezes ajudar a resolver pequenos conflitos, questões que eles mesmos não conseguem lidar sozinhos. Acredito que fazemos esse papel de transitar entre eles, ajudando a superar medos e dúvidas*”. Giacaglia e Penteado (2006, p. 13), salientam que “é importante que o diálogo, a troca de ideias, a cooperação e o auxílio mútuo sejam constantes e sempre de acordo com os princípios éticos”, garantindo que a escola seja um espaço de aprendizado não apenas acadêmico, mas também humano, onde cada indivíduo se sinta valorizado e parte ativa da construção coletiva do conhecimento e da cidadania.

A entrevistada OE2, porém, desdobra o assunto, colocando angústias, como: “*Por outro lado, me sinto muito sobrecarregada por exercer várias funções [...] Faço um monte de coisas, mas não consigo me dedicar a elas com a atenção que gostaria. No fim, é tudo um pouquinho e, ao mesmo tempo, parece que não fiz nada*”. Sendo essa uma queixa da OE1 também, que “*Muitas vezes, não conseguimos parar para registrar tudo adequadamente. Passamos o tempo inteiro resolvendo diversas questões, e, ao final do dia, parece que não fizemos nada do que havíamos programado*”. Conforme o autor Lück (1992), o orientador educacional é comumente solicitado a realizar múltiplas tarefas que não dizem respeito diretamente com sua função, como: atender situações emergenciais, controle de disciplina, distribuição de merendas e materiais escolares, organizar eventos, substituir professores em falta, sendo essa uma razão que incomodava muito a entrevistada OEA, pois desabafa que “*Uma coisa que me incomodava era a forma como a orientação acontecia em sala. Muitas vezes eu só entrava nas turmas quando o professor não estava, e isso era muitas vezes de surpresa*”, constituem, muitas vezes, o dia a dia de um orientador educacional, revelando a falta de um planejamento para direcionar sua atuação, podendo ainda significar o acobertamento da acomodação de outros profissionais da escola que delegam parte de suas responsabilidades.

Sabe-se que o desconhecimento, a falta de informações, gera expectativas inadequadas que, por certo, promovem situações desnecessariamente desgastantes para todos e para o desenvolvimento do projeto pedagógico da escola como um todo. Sucumbir a essas expectativas, sem trabalhá-las, corresponde à falta de um plano de atuação, à falta de clareza e de determinação do próprio trabalho. Aliás, o plano de Orientação Educacional já deve privilegiar ação que possam ajudar a superar essa situação, presente, com maior ou menor intensidade, em todos os contextos sociais. (Lück, 1992, p. 36)

Podendo assim concordar com Lück (1992), que as situações do OE que o conduzem a práticas não relacionadas à sua função existem e são mantidas pela falta de planejamento.

Destacando ainda que, se o OE consegue seguir um planejamento, obterá maior e melhor controle das situações ao em vez de ser controlado por elas. A entrevistada OE1 relata que “*O trabalho na orientação educacional não segue um tempo estruturado, como uma aula de 45 minutos com início, meio e fim. As demandas surgem a todo momento. Podemos passar cinco minutos conversando com um aluno ou uma hora atendendo um responsável, sem um horário fixo para cada situação. Por isso, o que melhoraria seria termos um período específico de hora-atividade, seja meio-dia ou um dia inteiro, para organizar registros, atualizar documentos e estruturar nosso trabalho sem interrupções*”, e ainda desabafa que “*as quarenta horas, em função da escola, elas atropelam tudo*”. Em conformidade a esses relatos, em seu estudo, Lück (1992) aponta que OEs indicam certas dificuldades e limitações que os impedem de planejar, por exemplo

falta de tempo, pressões do ambiente para que sejam realizadas tarefas de resultado imediato, condições inadequadas no contexto da escola para a realização de um trabalho de sentido pedagógico mais amplo, entendimento limitado da importância e do papel do planejamento, falta de habilidades necessárias ao planejamento. (Lück, 1992, p. 40)

Um dos argumentos mais frequentes, citados por Lück (1992), é o da falta de tempo. Percebe-se o mesmo argumento com as entrevistadas. A autora discorre que “quanto menos tempo se tem para realizar alguma coisa, mais se deve cuidar de bem utilizá-lo” (Lück, 1992, p. 41). Ainda sugere o uso do bom senso, indicando que o OE, quando sentir-se assoberbado no trabalho, deve analisar seu tempo e posicionar-se frente às circunstâncias aleatórias. Porém, ela ainda contrasta “reconhece-se que planejar requer tempo, energia e dedicação que não se traduzem na produção de resultados imediatos” (Lück, 1992, p. 42). Visto que, embora a falta de tempo seja um desafio recorrente, a gestão eficiente desse recurso torna-se essencial para a atuação do OE. Planejar exige esforço e não gera resultados instantâneos, mas é uma prática indispensável para a organização do trabalho e a tomada de decisões mais assertivas. Assim, ao equilibrar as demandas diárias com um planejamento estratégico, o profissional pode otimizar seu tempo e atuar de forma mais eficaz diante das exigências do contexto escolar.

Pode-se refletir juntamente com a OEA, que a pessoa “*pode ser um excelente professor, como pode ser um ótimo médico, ou ser um pedreiro, mas tudo depende da tua disposição. O querer ajuda muito. E esse querer eu tive, eu queria. E querer faz toda a diferença. Eu queria e fiz acontecer. Que acima de tudo, a gente tem que amar o que faz e saber que nós vamos encontrar problemas e vamos encontrar também alunos e professores que até ajudam. Tem que ter humildade. Humildade e coração*”. Porém, “Mesmo a simpatia pessoal, o bom

relacionamento com as pessoas, primordiais para o exercício de qualquer função de assessoria, ficam prejudicados, não sabendo o Orientador como expressar aos outros a importância de seu papel na escola” (Carvalho, 1979, p. 120). Concluindo que a gestão do tempo e a eficácia no trabalho dependem não apenas de planejamento, mas também da disposição, do querer e do compromisso em fazer acontecer.

OE1 traz também uma reflexão muito importante, *“Sinto que me encaixo aqui, mas sei que é fundamental continuar me formando”* e ainda destaca *“Acho fascinante acompanhar suas mudanças ao longo dos anos e perceber como a tecnologia influencia esse processo”*. A formação contínua e a adaptação às mudanças, especialmente diante das influências tecnológicas, são essenciais para a atuação do orientador educacional. *“Embora possuindo maturidade, o Orientador há de conservar grande dose de jovialidade”* (Schmidt; Pereira, 1975, p. 76). Como retratam as autoras, há de ser contemporâneo dos estudantes para vibrar com os interesses deles, não se escandalizar com a linguagem, indiferenças e irresponsabilidades. *“Há de ser exercitar na arte de ouvir, sempre com sincera curiosidade, os mil projetos que se formam e se desfazem, mas são indicativos da orientação de vida de cada um”* (Schmidt; Pereira, 1975, p. 76).

A maturidade deve estar aliada a uma postura dinâmica e aberta, permitindo que o profissional se renove constantemente para acompanhar as transformações do contexto escolar. OE1 ainda pondera que *“Com o tempo, se a gente não se atualiza, acaba não entendendo por que eles agem de determinada forma, por que enfrentam tantas crises de ansiedade ou têm dificuldade em aceitar um ‘não’ . A geração mudou, a criação dos pais é diferente, e eles trazem uma nova leitura de mundo”*. Em conformidade, percebe-se que OE2 também considera a formação continuada um ponto de destaque *“acho que deveria ter mais formações para a nossa área, formação continuada, pra gente melhorar, se desenvolver. [...] O estado mesmo, ou as escolas, poderiam promover essa interação de práticas, de trocas de experiências, porque isso faz falta. Isso ajudaria pra que a gente também se sentisse um pouco mais aliviada, que tivesse alguém que nos escutasse também, não só a gente escutando os outros”*.

OE1 também retrará que *“Outro ponto que vejo como fundamental é a formação específica para orientadores educacionais. Os únicos momentos em que saímos da escola são para formações gerais, mas faltam encontros voltados para nossa área”*. Continua ainda, que *“Compartilhar experiências entre colegas nos ajudaria a tomar decisões mais coerentes com as necessidades dos alunos”*. Além disso, a entrevista OE3 salienta que *“em relação aos aspectos que poderiam ser melhorados, destaco a valorização, tanto financeira quanto da*

categoria em si. Muitas vezes, somos vistos como aqueles profissionais que estão ali só para fazer mural, como se a nossa função fosse irrelevante. Falta, às vezes, desmistificar o papel do orientador dentro da escola”. Carvalho aponta que “os orientadores, via de regra, não contam com o incentivo financeiro e nem com o apoio de seus colegas. Acabam moldando-se às situações que encontram e torna-se rotineira sua atividade” (Carvalho, 1979, p. 120).

A Orientadora Educacional desabafa, relatando que, segundo a OE2, *“nós somos aquela profissional psicóloga não formada que está dentro da escola pra auxiliar, e que a gente procura sempre estar ali no meio ou vivenciando um pouco da parte da família deles ou da vida deles escolar, mas ao mesmo tempo essa identidade profissional não está bem definida, porque ao mesmo tempo a gente é um orientador educacional, a gente é um ATP, a gente é um supervisor, a gente é um estagiário, a gente é um AE, e muitas vezes a gente é uma diretora, Parece que é todas as funções juntas ali misturadas e nós não temos uma identidade assim, definida”*.

Lück (1992, p. 43) aborda que, a equipe escolar exerce certa pressão no sentido de que o OE atue segundo as expectativas que mantem sobre o trabalho desse profissional, sendo essas expectativas motivadas “pela busca de alívio para as suas responsabilidades e outras, pelo desconhecimento do sentido da Orientação Educacional e pela falta de informação a respeito das atribuições e possibilidades de atuação profissional nessa área”. Com isso, destaca-se a fala da entrevistada OE2 *“Acho que, de modo geral, a educação precisaria entender o quanto um orientador educacional faz parte das escolas, o quanto a gente é importante e fundamental lá dentro.”*

Knapp (1967), aponta alguns conceitos essenciais para tornar a orientação integrante do processo educacionais, sendo alguns: A orientação deve servir a todas as crianças, e não apenas àquelas que apresentam problemas sérios, A orientação é um processo contínuo; A orientação deve-se interessar pelas necessidades das crianças, considerada como um ser integral; A orientação deve estar baseada nas diferenças individuais entre as crianças; E, justamente por conta disso, que podemos relacionar a identidade profissional, o ser Orientador Educacional. A OE1 traz esse assunto, ressaltando que *“A identidade profissional, eu acredito que, hoje, a gente se torna um ser humano de acolhimento. Às vezes, nem conseguimos orientar o aluno a seguir, a gente precisa apenas acolher a dor e o trauma que ele traz, para depois guiá-lo por um caminho”*, no mesmo contexto, OE3 salienta que *“Acredito que minha identidade profissional seja essa: estar disposta a ajudar, a enfrentar as dificuldades que a escola nos proporciona, a encarar os desafios diários e sempre buscar soluções. Para mim, a escola é isso: estar aberta*

para tudo o que vem e desenvolver da melhor forma". OEA realiza um desabafo, explicando que *"Sai realizada enquanto profissional, mas eu saí assim numa época que me aposentei e eu estava cansada. Era muito problema, questão da droga e via alunos passando muitas injustiças"*.

A fala sobre a disposição e o querer, reforça que a satisfação profissional está ligada ao engajamento e à paixão pelo que se faz, enquanto a importância da gestão do tempo destaca que, mesmo diante da sobrecarga, o planejamento é essencial para otimizar a atuação. Além disso, a formação contínua e a adaptação às mudanças evidenciam a necessidade de evolução constante para que o orientador mantenha uma postura dinâmica e conectada às demandas atuais.

Por fim, a reflexão sobre a humildade e a maturidade aliadas à jovialidade demonstra que o profissional da Orientação Educacional necessita equilibrar experiência e flexibilidade, garantindo um trabalho significativo, tanto para si quanto para a comunidade escolar. Assim, a satisfação na profissão do "ser orientador" está diretamente ligada ao equilíbrio entre desafios, aprendizados contínuos e a realização pessoal ao contribuir para o desenvolvimento dos estudantes e da escola.

7.1.3 Percepção da Profissão

A tabela a seguir apresenta trechos das entrevistas, com dados organizados por entrevistada e categorizados de acordo com suas ideias centrais. Para facilitar a análise, os trechos selecionados foram destacados com cores específicas: evolução da profissão (verde), papel do orientador educacional na educação básica na atualidade (azul), apoio do Estado e das políticas públicas para o OE (laranja), compreensão do papel do OE pela comunidade escolar (roxo) e valorização da OE (vermelho). Essa organização possibilita uma visão clara e comparativa sobre as percepções e desafios apontados.

Tabela 08 – Percepção da profissão

OE	ECH	IC	AC
OEA	"No começo, tinha que estar buscando, né? Mas depois as coisas vinham, a gente já entendia qual era o papel. Também trabalhava isso com eles. Aquele aluno muito quieto, que chora... Não é só mandar pra casa, tem que conversar. "	- Evolução da profissão; - Papel do orientador educacional na educação básica na atualidade;	Não é só mandar pra casa, tem que conversar

	“As vezes tinha que dar chazinho até a criança ir se abrindo. Se ele conseguir botar um pouco pra fora, já muda. A criança conversou contigo um pouquinho, já se abre mais. E as vezes é só medo. Isso aí dá uma satisfação grande pra gente.” “Por exemplo, em Florianópolis e na região, tinha muitos orientadores, mas muitos ficam apenas dentro da sala, não iam para as turmas. Diziam que eram orientadores só de gabinete, e isso acabou refletindo nas escolas do interior. Mas no interior, graças a Deus, não era assim. Eu, por exemplo, fui a uma formação em Florianópolis, um ponto curioso foi que a maioria dos participantes eram orientadores mais antigos. No começo, quando uma professora começou com a supervisão na escola, eu comecei a participar mais ativamente. Mas, o primeiro encontro que eu fui, foi junto com a Fundação Catarinense de Educação Especial. A Fundação nos incentivava muito, pois, na época, eu ajudava bastante com as famílias de alunos com deficiência, auxiliava as professoras, porque elas nem sempre tinham muita formação para lidar com essas questões.”	- Apoio do Estado e das políticas públicas para o OE; - Compreensão do papel do OE pela comunidade escolar; - Valorização da OE.	
OE1	“Olha, quando eu estudei, percebi o quanto essa profissão era importante antigamente. Se pegarmos os livros antigos, desde o início já havia orientações sobre vocação, que depois foram se transformando em orientação educacional. Houve um tempo em que isso praticamente não existia – no meu período escolar, por exemplo, eu não tive contato com nenhum orientador. Mas acredito que hoje essa profissão se tornou ainda mais essencial.” “As crianças de hoje estão muito desamparadas, sem a presença constante de pais e irmãos, pois as famílias estão menores. Muitas crescem sozinhas e essa solidão precisa ser orientada, não aprendem a lidar com conflitos em casa, porque não têm irmãos ou os irmãos são muito mais velhos. Isso impacta diretamente na escola, causando dificuldades de convivência, falta de empatia e de compreensão do outro. Então, vejo a orientação educacional como algo ainda mais importante agora, não apenas em relação à escolha profissional, porque as carreiras estão cada vez mais dinâmicas e se resignificando com o tempo, mas principalmente pelo atendimento dentro da escola.” “Quando comecei, eu nem tinha uma sala própria. Precisava procurar algum canto da escola para conversar com os alunos, mas sempre havia interrupções ou outras pessoas escutavam. No início, a minha sala era um espaço dividido, onde antes funcionava o arquivo morto. Eu ficava ali no cantinho, parecia até um confessionário. Com o tempo, perceberam que era preciso melhorar isso, porque havia muitos atendimentos e os alunos faziam fila para conversar. Então, reorganizaram o	- Evolução da profissão; - Papel do orientador educacional na educação básica na atualidade; - Apoio do Estado e das políticas públicas para o OE; - Compreensão do papel do OE pela comunidade escolar; - Valorização da OE.	Essa profissão se tornou ainda mais essencial As crianças de hoje estão muito desamparadas os alunos faziam fila para conversar

espaço, levaram os arquivos para a biblioteca, e hoje tenho uma sala, o que ajuda muito.” “É possível perceber quando uma criança precisa de ajuda. Às vezes, ela vem uma, duas, três vezes tomar chá, e aquilo é um sinal. Ela está esperando que eu a chame para perguntar o que está acontecendo. E quando conversamos, a história vem à tona, e conseguimos entender o que está incomodando. Por isso, ter um ambiente adequado para esses momentos é essencial. É muito importante.” “Hoje, eu vejo que a orientação deveria começar desde cedo, assim que as crianças começam a falar e desenhar. Já deveria haver um orientador observando suas emoções, percebendo se algo está acontecendo, fazendo essa ponte com a família. Porque, quando chegam ao Ensino Fundamental, como vejo aqui, já carregam muitas feridas da escola, marcas de situações que não foram compreendidas no passado e acabaram virando traumas.” “Na educação básica, é ajudá-los a enxergar essa luz no fim do túnel, a entender que amanhã é um novo dia, que enquanto há vida, há esperança. Essa perspectiva é o que dá sentido ao que viveram e os ajuda a seguir em frente.” “Se esse trabalho for feito desde cedo, quando essas crianças chegarem ao Ensino Fundamental, já estarão mais abertas, já saberão quem é a orientadora e que podem contar com esse apoio. Não vão esperar que aconteça um acúmulo de problemas para, só então, buscar ajuda. Já vão entender que, na primeira dificuldade, podem procurar alguém para conversar. E isso evita muitas situações que, sem esse acompanhamento, poderiam se tornar problemas muito maiores.” “Olha, é difícil te dizer por que nós, orientadores, não temos hora-atividade. [...] A gente está sempre participando, sempre apoiando, mas sem receber nenhum adicional, sem nenhuma regalia. Nem consegui assinar o Canva porque, na minha folha de pagamento, não consta que sou professora. O benefício era só para professores, e como orientadora, veio negado. Precisei usar a conta do meu marido, que é professor.” “E esse tipo de coisa acontece o tempo todo. ‘Ah, você não é professora, você é orientadora.’ Como se nosso trabalho fosse menos importante. Orientadores não recebem notebooks porque dizem que não trabalhamos com alunos, mas, meu Deus, estamos em sala de aula o tempo todo, às vezes até mais que os próprios professores de atestado! Organizamos tudo, damos suporte, mas, no fim, o que recebemos em troca? Um pouco mais de trabalho, sem o reconhecimento. E ainda trabalhamos cinco		ajudá-los a enxergar essa luz no fim do túnel sempre apoiando, mas sem receber nenhum adicional, sem nenhuma regalia Ah, você não é professora, você é orientadora não vejo apoio nenhum. Falta muito! O professor também precisa ser ouvido mais uma pessoa para mandar para sala quando não tem professor, para fazer decoração, e não é isso
---	--	---

anos a mais para nos aposentarmos, enquanto os professores se aposentam antes.” “Sinceramente, não vejo apoio nenhum. Falta muito! Desde a formação. Quantas formações existem para orientadores educacionais? Praticamente nenhuma! Desde que estou aqui, em sete anos, só teve uma.” “A gente precisa entender muito bem o nosso papel. Sempre nos chamam para saber o que está acontecendo, para compartilhar situações. Tem professor que vem até para pedir ajuda no sistema! E a gente ajuda no que pode, porque, no fim, os professores também precisam de apoio. O professor também precisa ser ouvido, também precisa ser acolhido, porque o professor também é gente, então muito professor vem pedir ajuda aqui também.” “Uma coisa que aprendi com o tempo foi podar algumas coisas. Não sou eu que vou ficar fazendo cafezinho, servindo chá ou assumindo funções que não me cabe. Às vezes, querem nos colocar em um papel que não é o nosso, e a gente precisa e deixar claro: ‘Eu sou orientadora, esse é o meu trabalho, esse é o meu papel.’ Se há uma briga que precisa de advertência, isso cabe ao diretor. O orientador tem um olhar de acolhimento, de bem-estar do aluno e da família, e isso leva um tempo até conseguir. No começo, isso leva um tempo para ajustar, porque muitos veem o orientador como mais uma pessoa para mandar para sala quando não tem professor, para fazer decoração, e não é isso.” “O orientador está ali para assegurar os direitos da criança dentro da escola, e precisamos saber dizer ‘não’. Quando nosso trabalho é bem feito, as pessoas reconhecem, entendem e respeitam. [...] E essa clareza vem de nós mesmos, de nos posicionarmos dentro da escola e reforçar: ‘Estou aqui para ajudar, mas dentro daquilo que realmente me cabe.’” “Com a experiência, você começa a enxergar o ciclo dos alunos. Você acompanha um estudante desde o sexto ano, vê sua evolução no sétimo, percebe suas dificuldades no oitavo, observa como ele melhora ou piora. E isso em diferentes áreas—ele pode ser excelente em matemática, mas ter muitas dificuldades em português. Esse olhar amplo nos permite acompanhar cada um de forma mais completa. E, como os professores têm menos hora-atividade agora, acabam se comunicando menos entre si. O orientador também acaba fazendo essa ponte entre os professores.” “Acredito que sim, eles vêm, procuram, pedem para falar com a orientadora. E geralmente não é só uma vez—quando percebem que ajudou, voltam a buscar apoio. As famílias são muito receptivas, porque elas		tia do xingão
--	--	---------------

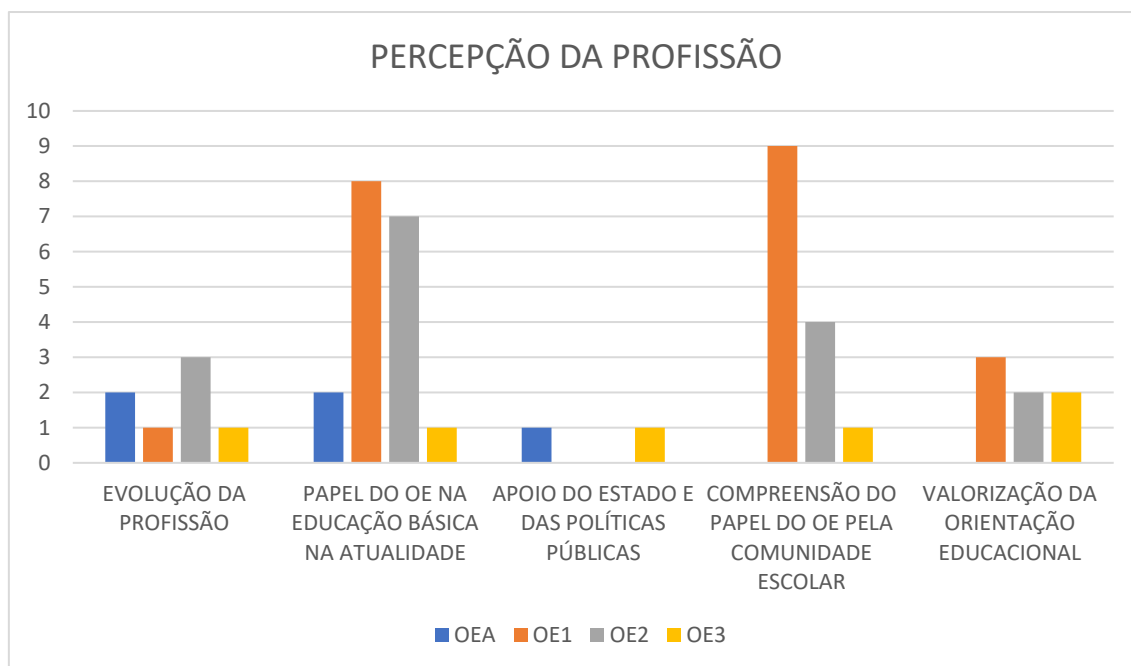
	também precisam de ajuda. Quando oferecemos algo que faz sentido e dá certo, elas confiam e procuram de novo.” “Tem casos mais fechados, em que precisamos recorrer à assistência social ou ao conselho tutelar. Mas, no geral, as famílias atendem, conversam, e esse contato acontece de forma tranquila. No fim das contas, todo mundo quer o melhor para os filhos.” “Como aqui a escola já tinha orientadora, muitos dos alunos mais velhos já conheciam o trabalho e vinham conversar comigo. Alguns até me disseram: 'Ainda bem que no sexto ano a orientadora me chamou e me orientou, por isso continuo estudando e vou fazer faculdade'. Então, desde o começo, eles já tinham uma visão positiva sobre a orientação, o que me cobrou ainda mais. Eu pensava: 'Meu Deus, eu preciso chegar até ali.' Esse ano, vou fechar o ciclo, atendendo os alunos do sexto ao terceiro ano do ensino médio. Agora, todos sabem quem sou, sabem que sou orientadora e o que faço.” “Claro, não consigo atender todos de forma individualizada. Mesmo que eu vá nas salas e converse com muitos, alguns precisam de um atendimento mais específico. Por exemplo, o sexto ano me chamava de 'tia do xingão', porque eles eram muito agitados. A última pessoa que eles chamavam para ajudar a acalmar era eu. Então, fiquei conhecida por isso, mas depois ressignifiquei o nome, claro. Mas, dependendo da situação ou do envolvimento com o aluno, a dinâmica muda.” “Atendo mais o terceiro ano ou o ensino médio, que estão se formando, e também focando em turmas que apresentam dificuldades mais específicas. [...] Mas atender a todos não é possível, então eu diria que 70% dos alunos sabem quem eu sou e o que faço, e isso já é bastante gente.”		
OE2	“Todo dia é uma inovação, uma forma diferente de legislar, de se integrar, de perceber que, ah, hoje os adolescentes estão vivendo isso, as mães estão vivendo aquilo, e você tem que fazer parte disso porque precisa entender um pouco do contexto de cada um.” “Mas, assim, já houve muita evolução, né, dentro da área... Porque lembro da minha época de escola, nem sabia que existia um orientador, o que era um ATP. Mas eu sabia que aquelas eram as pessoas com quem a gente tinha que conversar ou aquele que vinha chamar a atenção, chamar os pais para buscar o boletim, né? Então, era como se fosse algo bem distante. Hoje, eles já começam a nos enxergar de forma diferente, como alguém que não é só a pessoa que fica chamando atenção ou quem chama o pai para conversar sobre as notas baixas.”	- Evolução da profissão; - Papel do orientador educacional na educação básica na atualidade; - Apoio do Estado e das políticas públicas para o OE; - Compreensão do papel do OE pela comunidade escolar; - Valorização da OE.	

	“Antes havia aquele distanciamento de hierarquia, em que, se você era da hierarquia, não poderia ter esse tipo de contato. Mas, de lá pra cá, já houve uma grande mudança nesse aspecto, ainda que precise de mais evolução.” “Olha, eu enxergo o orientador educacional como uma peça fundamental, tá? Assim como cada um tem um papel necessário e importante nas nossas escolas — seja o aluno, a faxineira, a merendeira, o instalador de energia elétrica, ou o responsável pela internet — acho que todos têm um papel muito importante. Mas acredito que nós somos o centro da ligação: família, aluno, professores, ou a escola em geral. Então, temos esse norte, né? Sem essa ligação entre todos, parece que o elo não funcionaria.” “Não é questão de dar ouvido a tudo que os alunos falam, ou cair em um existencialismo, como algumas pessoas podem pensar, achando que estamos só dando bola para o que os alunos falam e ignorando o outro lado. Não se trata de dar voz e vez apenas ao aluno. É uma junção de informações, de diálogos.” “Percebo que a gente precisa de mais orientação, de mais formação continuada dentro da área, sabe? Momentos de roda de conversa, bate-papo, mais momentos também em que possamos sentar e fazer leituras, não só estar no movimento da escola. Porque não vamos conseguir conversar sobre algo se não tivermos uma leitura pré-preparada para isso. Eu sinto que falta um pouco disso.” “Não é questão de não conseguirmos nos organizar. Às vezes, a gente chega de manhã e pensa: "Hoje, vou fazer isso, isso e aquilo", e quando chega no final da manhã, percebe que não fez nada daquilo, mas fez um monte de outras coisas. Isso me deixa um pouco frustrada, porque parece que estamos ali apenas para suprir necessidades momentâneas, como se fosse uma peça pequena, e não sentimos que estamos evoluindo dentro desse processo.” “E também acho que precisaríamos de mais apoio emocional. A gente carrega muito, muito mesmo. Estamos ali, recebendo, recebendo, recebendo, mas não temos a quem descarregar tudo isso. Precisamos de momentos para descer um pouco o nível, para liberar esse peso e encontrar um espaço para nos aliviar também.” “Eu diria que, primeiro, a gente não é feito para ser "tapa-buracos". Essa é a primeira coisa, e muitas vezes é assim que somos enxergados. Se alguém está do lado de fora, então pode tapar um buraco aqui, porque a gente também não é estagiário, certo? E precisamos do nosso espaço apropriado, acolhedor, para sentar com as famílias, com os colegas, os		enxergo o orientador educacional como uma peça fundamental A gente carrega muito, muito mesmo tapa-buracos "achando problema" e se "enfiando dentro da família"
--	--	--	---

	profissionais, os alunos, e conversar, ter um bate-papo. Então, eu vejo que, às vezes, é visto como algo que deveria ser, mas, na prática, muitas vezes somos vistos como tapa-buraco mesmo, como estagiário.” “Essa é a primeira coisa que eu escuto, tipo, "ah, você é da direção, então você vai me ajudar a fazer isso", né? Então, eles não têm noção nenhuma do meu papel. Também percebo que, muitas vezes, esses pais, que têm alunos em situação de vulnerabilidade, quando são chamados para a escola, geralmente não vêm por conta própria. Quando são chamados para a escola para tentarmos pensar em uma forma de ajudar, acabam nos vendo como aqueles que estão "achando problema" e se "enfiando dentro da família", sabe? Mais ou menos nesse sentido. Tipo, "ah, lá vem problema, porque você está chamando", né? Isso muitos alunos me dizem: "Ixi, profe, tu chamou meu pai e minha mãe, meu Deus, vai dar problema." A primeira coisa que falo é "Mas eu quero conversar com eles sobre isso, que acho que nós vamos ter uma aula de reforço, e você poderia vir e tal". Daí, quando eu falo para o aluno, ele diz: "Profe, eu vou entender, mas a minha mãe, ela vai achar que está chamando porque tem algum problema." Então, parece que a gente é visto assim.” “Percebo também que nos veem como aqueles que tentam resolver situações de conflito e que estamos "metendo a colher" na família. Muitas vezes, somos vistos como "os chatos" que ficam no pé, cobrando coisas que precisam ser feitas, como regras, uniforme, e até questões como o uso do celular.” “Além disso, sou vista como alguém que faz parte da direção, com uma sigla partidária que foi indicada, embora seja um processo de votação entre os pais. Mas é como se fôssemos daquilo, sabe? Como se a gente fosse parte disso. A gente não é exatamente essa parte do contexto, mas somos uma parte anexa que colabora. E que vou ficar independente do que acontecer, vou continuar exercendo a minha função.” “Eu tento pensar todos os dias que sim. Pelas coisas que eu faço, pelas realizações dos alunos, por conseguir, no final do dia, sentar e dizer: "Nossa, hoje eu evolui nisso, nisso, nisso e naquilo." Conseguir ajudar, auxiliar, ir para a sala, conversar com os alunos, dar aquela chamada, enfim, nesse sentido, sim.” “Pode ser algo simples, tipo o fato de eu ter feito um chá porque alguém estava com dor de barriga e não havia ninguém para ajudar do lado de fora, ou aquele momento em que você vai para a sala e precisa fazer uma reflexão com a turma. Seja um trabalho grande, pequeno ou médio, esses momentos me fazem pensar que minha "pecinha" ajuda muito, e isso me motiva		metendo a colher "os chatos" que ficam no pé. barata tonta
--	--	--	--

	bastante. Caso contrário, acho que já não estaria mais nessa função.” “Todo dia é uma caixinha de surpresas, né? Eu sou uma pessoa que sempre me organizo no dia anterior, tanto no trabalho quanto em casa. Eu fico pensando: amanhã vou fazer isso, isso e aquilo. Mas, quando vejo, nada do que eu planejei acontece. E aí, parece que sou uma “barata tonta”, estou indo para todos os lados, mas não estou fazendo nada do que eu precisava. Por isso, eu digo que é uma verdadeira caixinha de surpresas.”		
OE3	“A evolução ainda é algo a ser conquistado, principalmente na nossa região, onde ainda falta muito para alcançar a identidade própria da orientação educacional. O orientador tem um papel fundamental de intervir, de interagir. Muitas vezes, conseguimos resolver situações antes que cheguem à direção, evitando sobrecarregar quem está na ponta. Esse é um dos papéis essenciais da nossa função. Em relação ao estado e às políticas públicas, penso que poderiam nos apoiar mais. A nossa categoria, por ser pequena, talvez não seja tão batalhadora quanto deveria. Devemos nos unir mais para defender nossos direitos, pois temos potencial para isso.” “Hoje, a função do orientador já é mais compreendida, mas isso não foi sempre assim. Anos atrás, o orientador era visto apenas como alguém que fazia cartazes ou murais, sem entender o real propósito da nossa atuação dentro da escola. Isso já vem se desmitificando ao longo tempo. Hoje, Os estudantes e as famílias, eles têm essa percepção do que é um orientador, porque na reunião de pais é falado quando os próprios pais vêm para a escola, os alunos vêm conversar e eles sabem e compreendem também desse nosso papel dentro da escola.” “Atualmente, a orientação educacional tem sido mais valorizada, mas de uma forma ainda ligada ao lado pedagógico. Por exemplo, além das nossas atribuições de orientação, acabamos assumindo responsabilidades relacionadas a projetos da escola, atendimento aos alunos na biblioteca ou na sala de informática, organização de reservas de tablets, e assim por diante. Isso acaba tirando o foco da orientação, que muitas vezes fica defasada.” “Eu penso que poderiam valorizar mais, sim, porém, não depende só das pessoas valorizar, eu penso que nós enquanto orientadores também precisamos mostrar o nosso real valor e o papel que a gente desempenha dentro da escola também”	- Evolução da profissão; - Papel do orientador educacional na educação básica na atualidade; - Apoio do Estado e das políticas públicas para o OE; - Compreensão do papel do OE pela comunidade escolar; - Valorização da OE.	falta muito para alcançar a identidade própria da orientação educacional

Figura 12 – Percepção da profissão



Fonte: Autora, 2025

O gráfico "Percepção da Profissão" mostra a quantidade de trechos extraídos sobre diferentes aspectos da atuação do Orientador Educacional. O papel do OE na educação básica foi a categoria mais abordada, especialmente pelas entrevistadas OE1 e OE2, evidenciando a importância atribuída ao tema. A compreensão do papel do OE pela comunidade escolar teve um número significativo de trechos extraídos da orientadora OE1, sugerindo que ela percebe desafios na forma como sua atuação é entendida. As categorias "Evolução da Profissão" e "Apoio do Estado e das Políticas Públicas" tiveram menor representação, o que pode indicar uma percepção de falta de reconhecimento e suporte governamental. A valorização da orientação educacional foi mencionada de forma equilibrada entre as entrevistadas, evidenciando que, apesar dos desafios, o reconhecimento da função é uma pauta relevante.

7.1.3.1 Discurso do sujeito coletivo sobre a evolução da profissão do orientador educacional

Eu percebo que a profissão de orientador educacional evoluiu muito ao longo do tempo. No começo, precisávamos buscar constantemente nosso espaço e compreender nosso papel dentro da escola. Durante muito tempo, havia orientadores que ficavam apenas em gabinetes, distantes das turmas, e a profissão era pouco valorizada. Antigamente, quando eu ia na escola,

nem existia essa orientação educacional; os orientadores apareciam apenas para chamar atenção ou envolver os pais, e era algo distante e pouco compreendido.

Hoje, a função se tornou essencial e envolve constante inovação. Todos os dias surgem novas demandas, e precisamos nos adaptar para entender o contexto de cada adolescente, de suas famílias e da comunidade escolar. A profissão evoluiu, mas ainda há desafios a serem superados, principalmente na construção de uma identidade própria da orientação educacional. Apesar dos avanços, ainda há muito a conquistar, especialmente em regiões onde a valorização e a compreensão da função ainda são limitadas.

7.1.3.2 Discurso do sujeito coletivo sobre o papel do OE na educação básica na atualidade

Eu vejo o orientador educacional como peça fundamental na escola, atuando como elo entre alunos, famílias, professores e a instituição. Muitas crianças chegam desamparadas, sozinhas, sem a presença constante de pais ou irmãos. Precisamos acolher suas emoções, ajudá-las a se expressar e oferecer suporte desde cedo, observando sinais e fazendo a ponte com a família. Nosso trabalho vai além da escolha profissional: envolve atender, orientar e oferecer bem-estar emocional, ajudando os alunos a perceberem que sempre há esperança e caminhos possíveis.

É essencial ter um olhar atento para cada situação, entendendo que não estamos aqui apenas para dar voz ao aluno ou resolver demandas momentâneas, mas para reunir informações, mediar conflitos e construir soluções, sempre respeitando limites e direitos das crianças. Nosso papel exige equilíbrio: ouvir, acolher e intervir de maneira adequada, garantindo que os processos dentro da escola funcionem e evitando sobrecarregar a direção e os demais profissionais.

Apesar de toda a dedicação, muitas vezes somos vistos como 'tapa-buracos' ou estagiários, e sentimos a necessidade de ter espaços próprios e estruturados para atendimento, diálogo e acompanhamento. Eu fico pensando: amanhã vou fazer isso, isso e aquilo. Mas, quando vejo, nada do que eu planejei acontece. E aí, parece que sou uma “barata tonta”, estou indo para todos os lados, mas não estou fazendo nada do que eu precisava. Nosso trabalho exige organização, planejamento e flexibilidade, pois todos os dias surgem demandas inesperadas que precisam ser atendidas de imediato, tornando nossa rotina uma verdadeira caixinha de surpresas.

Além disso, precisamos de apoio emocional para lidar com o peso de tantas responsabilidades, pois recebemos e absorvemos demandas e emoções de alunos, famílias e colegas, e é fundamental ter momentos de pausas para continuar atuando de forma saudável e eficaz.

7.1.3.3 Discurso do sujeito coletivo sobre o apoio do estado e das políticas públicas na orientação educacional

Em relação ao estado e às políticas públicas, penso que poderiam nos apoiar mais. A nossa categoria, por ser pequena, talvez não seja tão batalhadora quanto deveria. Devemos nos unir mais para defender nossos direitos, pois temos potencial para isso.

7.1.3.4 Discurso do sujeito coletivo sobre a compreensão do papel do OE pela comunidade escolar

Eu percebo que, quando o trabalho do orientador educacional começa desde cedo, as crianças chegam ao Ensino Fundamental mais abertas, sabendo quem é a orientadora e que podem contar com esse apoio. Elas não esperam acumular problemas para buscar ajuda e aprendem que, na primeira dificuldade, podem conversar com alguém de confiança, evitando que situações se tornem maiores.

Também é fundamental entender nosso papel e estabelecer limites. Não devemos assumir funções que não nos cabem, como apenas servir chá ou realizar tarefas que não fazem parte da orientação. Precisamos deixar claro: 'Eu sou orientadora, este é o meu trabalho.' Muitas vezes somos vistos como pessoas que só resolvem problemas, mandam para sala, fazem decoração ou assumem tarefas extras, mas nosso verdadeiro papel é apoiar alunos, professores e famílias, mediando conflitos e oferecendo orientação adequada.

As famílias, em geral, são receptivas e buscam nosso apoio quando percebem que nossas ações fazem sentido e funcionam. Em casos mais complexos, recorremos à assistência social ou ao conselho tutelar, mas a maioria mantém o diálogo de forma tranquila, porque todos querem o melhor para os filhos. Entretanto, algumas famílias em situação de vulnerabilidade podem nos ver como intrometidos, cobrando regras ou normas da escola, e precisamos lidar com isso com firmeza e cuidado.

Os alunos também aprendem a reconhecer nosso papel. Muitos conhecem nosso trabalho desde os anos anteriores, e mesmo os mais agitados acabam buscando nossa ajuda quando necessário. Embora não seja possível atender todos de forma individualizada, percebo que grande parte dos estudantes já sabe quem eu sou e o que faço, e isso me motiva a continuar. Hoje, a função do orientador já é mais compreendida. Anos atrás, éramos vistos apenas como responsáveis por murais e cartazes, sem que nosso real propósito fosse entendido. Com o tempo, estudantes, famílias e a própria comunidade escolar passaram a reconhecer nossa importância, valorizando nosso trabalho e compreendendo nosso papel como mediadores, acolhedores e orientadores dentro da escola.

7.1.3.5 Discurso do sujeito coletivo sobre a valorização da Orientação Educacional

Eu percebo que, muitas vezes, o trabalho do orientador educacional não é reconhecido como deveria. Estamos sempre apoiando, participando e organizando atividades, mas sem hora-atividade, sem regalias ou reconhecimento financeiro, e muitas vezes sem o equipamento necessário. Nosso trabalho é intenso, em sala de aula e com alunos, mas ainda assim somos vistos como ‘menos importantes’ e enfrentamos regras de aposentadoria mais rigorosas do que os professores.

Sinto que falta apoio e formação específica para orientadores. Desde que estou atuando, tive pouquíssimas oportunidades de formação continuada, e percebo que precisamos de momentos estruturados de estudo, rodas de conversa e leituras preparadas para que possamos refletir e aprimorar nossa prática.

Atualmente, a Orientação Educacional tem sido mais valorizada, mas ainda de forma limitada, muitas vezes ligada apenas ao lado pedagógico. Acabamos assumindo responsabilidades que desviam nosso foco da orientação, como projetos da escola, atendimento em bibliotecas ou salas de informática, e organização de recursos, o que sobrecarrega nossa função principal.

Apesar de tudo, sinto realização ao ver os resultados do meu trabalho: auxiliar os alunos, interagir, orientar, dar chamadas quando necessário e perceber o crescimento deles. Isso me motiva e mostra que o nosso papel tem valor. Entretanto, acredito que é necessário não apenas que a escola e a comunidade reconheçam nossa importância, mas também que nós,

enquanto orientadores, demonstremos claramente o valor do nosso trabalho e do papel que desempenhamos dentro da instituição.

7.1.3.6 Percepções sobre a Profissão de Orientador Educacional: Evolução, Desafios e Reconhecimento na Educação Básica de Orientadoras Educacionais da coordenadoria regional de Itapiranga/SC

Conforme apontam Giacaglia e Penteado (2006), ainda que a função precípua da escola seja o ensino, ela assume a responsabilidade pela educação integral do estudante.

Tal objetivo não deixa de ser legítimo, pois o indivíduo que aprende é um ser complexo que se desenvolve não só no aspecto intelectual como também, e concomitantemente, no afetivo-emocional, físico-motor, social, sexual, vocacional, enfim, em todos os aspectos de sua personalidade. (Giacaglia; Penteado, 2006, p. 111)

No trabalho do Orientador Educacional voltado à educação integral do estudante, é essencial alinhar as práticas às diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). De acordo com a BNCC (BRASIL, 2017), a educação básica no Brasil deve promover o desenvolvimento integral dos estudantes, preparando-os para atuar em uma sociedade mais justa, democrática, inclusiva, sustentável e solidária. Essa abordagem baseia-se em uma visão ampla da educação, que busca fomentar o desenvolvimento do indivíduo em suas múltiplas dimensões: intelectual, física, emocional, social e cultural.

Por conta disso, as autoras alertam que o OE não pode desconsiderar dificuldades ou problemas nestas áreas que podem afetar o rendimento escolar do estudante. A OE1 retrata que vê a orientação educacional *“como algo ainda mais importante agora, não apenas em relação à escolha profissional, porque as carreiras estão cada vez mais dinâmicas e se resignificando com o tempo, mas principalmente pelo atendimento dentro da escola”*. Há necessidade de considerar também, a saúde emocional do estudante, que em virtude da complexidade da problemática familiar, agravada pelas crises socioeconômicas que afetam as famílias, tem aumentado gradativamente o número de estudantes com problemas emocionais, apresentando comportamentos agressivos, revolta ou apatia, outros mostram-se tímidos ou superprotegidos. OE1 expõe que *“As crianças de hoje estão muito desamparadas, sem a presença constante de pais e irmãos, pois as famílias estão menores. Muitas crescem sozinhas e essa solidão precisa ser orientada”*.

Enquanto os estudantes mais agitados, com comportamentos agressivos chamam a

atenção e são atendidos, os estudantes muito tímidos tendem passar, muitas vezes, despercebidos por não causarem problemas à escola. “É possível, entretanto, que estejam, devido à timidez, enfrentando dificuldades de relacionamento ou evitando experiências de aprendizagem que seriam importantes para o seu desenvolvimento” (Giacaglia; Penteado, 2006, p. 114). Nesse sentido, pode-se trazer uma fala da entrevistada OEA, abordando que *“Aquele aluno muito quieto, que chora... Não é só mandar pra casa, tem que conversar”*. OE1 também relata que *“É possível perceber quando uma criança precisa de ajuda. Às vezes, ela vem uma, duas, três vezes tomar chá, e aquilo é um sinal. Ela está esperando que eu a chame para perguntar o que está acontecendo. E quando conversamos, a história vem à tona, e conseguimos entender o que está incomodando. Por isso, ter um ambiente adequado para esses momentos é essencial. É muito importante”*. Giacaglia e Penteado (2006, p. 114-115), trazem questões que merecem atenção na escola, devido aos indicativos que podem ser percebidos nos estudantes:

Crianças e jovens podem apresentar sinais indicativos de sintomas “psicossomáticos” relacionados à escola, isto é, a expressão, por meio de sintomas físicos, de conflitos emocionais. Por exemplo, o aluno que alega ter dor de barriga, no dia da prova, pode estar se sentindo pressionado por cobranças e exigências dos pais para apresentar boas notas ou conceitos; outros apresentam dor de cabeça ou febre, na hora de ir para a escola, ou ainda, erupções de pele, sem causa aparentes, relacionadas a fatores negativos existentes no ambiente escolar. Há, ainda, casos em que as crianças ou jovens passam por situações traumáticas, em decorrência de experiências negativas anteriores com a escola, com determinados professores, com certas disciplinas ou provas.

Apontando que que crianças e jovens podem expressar conflitos emocionais por meio de sintomas físicos, especialmente em situações escolares estressantes. Essas reações podem estar ligadas à pressão, experiências negativas ou traumas, exigindo atenção e suporte adequado. Os autores ainda abordam que é importante ressaltar que não é a dimensão aparente de uma situação que a torna traumática. OE2 lembra que *“Não é questão de dar ouvido a tudo que os alunos falam, ou cair em um existencialismo, como algumas pessoas podem pensar, achando que estamos só dando bola para o que os alunos falam e ignorando o outro lado. Não se trata de dar voz e vez apenas ao aluno. É uma junção de informações, de diálogos”*.

Às vezes, uma ironia, uma humilhação em público, uma ameaça velada, uma injustiça sofrida, de modo irreparável, podem, dependendo, é claro, do tipo e da situação de quem as sofre, resultar num trauma duradouro. Dificilmente tais alunos conseguirão superar, sozinhos, esses problemas, que acabam por interferir tanto na sua saúde mental como em seu desempenho escolar. (Giacaglia; Penteado, 2006, p. 115)

Com isso, percebe-se que é fundamental que a escola e a família estejam atentas a esses sinais, oferecendo apoio emocional e um ambiente acolhedor para que o estudante possa superar

essas dificuldades. OE1 salienta que o papel do orientador vem ao encontro de ajudar esses estudantes *“a enxergar essa luz no fim do túnel, a entender que amanhã é um novo dia, que enquanto há vida, há esperança. Essa perspectiva é o que dá sentido ao que viveram e os ajuda a seguir em frente”*. Porém, OE2 coloca sua visão preocupante sobre essa questão, *“Percebo também que nos veem como aqueles que tentam resolver situações de conflito e que estamos “metendo a colher” na família. Muitas vezes, somos vistos como “os chatos” que ficam no pé, cobrando coisas que precisam ser feitas, como regras, uniforme, e até questões como o uso do celular”*.

O Orientador Educacional desempenha um papel essencial ao equilibrar acolhimento e orientação, ajudando os estudantes a superarem desafios enquanto ainda enfrenta resistências e desafios no diálogo com as famílias. A entrevistada ainda comenta que enxerga o orientador como peça fundamental, *“assim como cada um tem um papel necessário e importante nas nossas escolas — seja o aluno, a faxineira, a merendeira, o instalador de energia elétrica, ou o responsável pela internet — acho que todos têm um papel muito importante. Mas acredito que nós somos o centro da ligação: família, aluno, professores, ou a escola em geral”*.

Segundo Carvalho (1979, p. 122), “o orientador educacional, assim como o professor, é um educador, já que a função é a mesma da orientação” que é possibilitar ao estudante a tomada de consciência de suas possibilidades para assumir seu destino. “A educação é um processo de orientação que norteia os educandos para a autonomia”. Sendo assim, “apoiar, compreender, esclarecer são fatores decisivos para a atuação do Orientador junto àqueles que procuram seu próprio caminho”. Porém, OE2 desabafa que *“já houve muita evolução, né, dentro da área... Porque lembro da minha época de escola, nem sabia que existia um orientador, o que era um ATP. Mas eu sabia que aquelas eram as pessoas com quem a gente tinha que conversar ou aquele que vinha chamar a atenção, chamar os pais para buscar o boletim, né? Então, era como se fosse algo bem distante. Hoje, eles já começam a nos enxergar de forma diferente, como alguém que não é só a pessoa que fica chamando atenção ou quem chama o pai para conversar sobre as notas baixas”*.

No mesmo sentido vem a fala da OE1: *“Olha, quando eu estudei, percebi o quanto essa profissão era importante antigamente. Se pegarmos os livros antigos, desde o início já havia orientações sobre vocação, que depois foram se transformando em orientação educacional. Houve um tempo em que isso praticamente não existia – no meu período escolar, por exemplo, eu não tive contato com nenhum orientador. Mas acredito que hoje essa profissão se tornou ainda mais essencial”*. OE3 também relembra sobre a função da orientação, percebendo que

“Hoje, a função do orientador já é mais compreendida, mas isso não foi sempre assim. Anos atrás, o orientador era visto apenas como alguém que fazia cartazes ou murais, sem entender o real propósito da nossa atuação dentro da escola. Isso já vem se desmitificando ao longo tempo. Hoje, Os estudantes e as famílias, eles têm essa percepção do que é um orientador, porque na reunião de pais é falado quando os próprios pais vêm para a escola, os alunos vêm conversar e eles sabem e compreendem também desse nosso papel dentro da escola”. E ainda desabafa que “A evolução ainda é algo a ser conquistado, principalmente na nossa região, onde ainda falta muito para alcançar a identidade própria da orientação educacional”.

De acordo com Knapp (1967, p. 03) o papel da orientação no processo educacional está se tornando claro e objetivo. “A orientação representa um papel dominante na educação das crianças. Fundamentalmente, ensino inclui orientação. Por isso, orientação e ensino devem ser parte do mesmo processo”. OE1 retrata que *“O orientador tem um olhar de acolhimento, de bem-estar do aluno e da família, e isso leva um tempo até conseguir. [...] muitos veem o orientador como mais uma pessoa para mandar para sala quando não tem professor, para fazer decoração, e não é isso”*. Ela comenta ainda que aprendeu na prática que *“às vezes, querem nos colocar em um papel que não é o nosso, e a gente precisa e deixar claro: ‘Eu sou orientadora, esse é o meu trabalho, esse é o meu papel.’ Se há uma briga que precisa de advertência, isso cabe ao diretor”*. Diante disso, concorda-se com Knapp (1967, p. 03)

Tradicionalmente, recorria-se aos orientadores apenas em casos de emergência – quando se tinha de tomar decisões apressadas. Fracasso de um aluno, explosões emocionais, necessidade de ajustamento e problemas de natureza semelhante constituíam-se em crises que demandavam a ajuda do orientador. Na verdade, tal aproximação era um tanto negativa por sua própria natureza e se afastava da tarefa de ajudar os alunos a desenvolver personalidades normais e ajustadas.

O Orientador Educacional precisa ter clareza sobre seus objetivos e onde quer chegar, garantindo que o estudante tenha acesso à aprendizagem e aos seus direitos. Para isso, é essencial construir uma relação de confiança, conquistando o aluno e criando um ambiente de escuta e apoio. Se for visto apenas como alguém que repreende e impõe regras, o estudante pode sentir medo ou receio de se aproximar, dificultando o diálogo e o suporte necessário em momentos de dificuldade. A OE1 aponta uma situação muito importante, em que *“O orientador está ali para assegurar os direitos da criança dentro da escola, e precisamos saber dizer ‘não’*. *Quando nosso trabalho é bem feito, as pessoas reconhecem, entendem e respeitam. [...] E essa clareza vem de nós mesmos, de nos posicionarmos dentro da escola e reforçar: ‘Estou aqui para ajudar, mas dentro daquilo que realmente me cabe’*. E ainda destaca: *“A gente precisa entender muito bem o nosso papel”*.

Porém, Lück (1992) aborda que os programas de formação do OE dedicam pouca atenção à aquisição de conceitos, atitudes e habilidades relativas ao desempenho das funções de planejamento. Sendo então que, o profissional sai despreparado para a realização de seu trabalho. A autora supõe que essa dificuldade se constitui “num dos fatores a contribuir significativamente para a relativa inconsistência do papel do orientador educacional como se registra no contexto escolar e que resulta, comumente, em uma atuação do tipo ‘coringa’ ou ‘pau-para-toda-obra’” (Lück, 1992, p. 15). Nesse sentido, o trecho da entrevistada se encaixa no assunto, visto que ela percebe que *“Todo dia é uma caixinha de surpresas, né? Eu sou uma pessoa que sempre me organizo no dia anterior, tanto no trabalho quanto em casa. Eu fico pensando: amanhã vou fazer isso, isso e aquilo. Mas, quando vejo, nada do que eu planejei acontece. E aí, parece que sou uma ‘barata tonta’, estou indo para todos os lados, mas não estou fazendo nada do que eu precisava. Por isso, eu digo que é uma verdadeira caixinha de surpresas”*. Mas, ela ainda explica que *“Não é questão de não conseguirmos nos organizar. Às vezes, a gente chega de manhã e pensa: ‘Hoje, vou fazer isso, isso e aquilo’, e quando chega no final da manhã, percebe que não fez nada daquilo, mas fez um monte de outras coisas. Isso me deixa um pouco frustrada, porque parece que estamos ali apenas para suprir necessidades momentâneas, como se fosse uma peça pequena, e não sentimos que estamos evoluindo dentro desse processo”*.

Por conta disso, Lück (1992, p.46) afirma que as ações se tornam repetitivas, rotineiras, mecânicas. Perdendo assim, o espírito de trabalho, resultando em “um mero ativismo vazio de sentido, com o qual o profissional pode cansar-se e desgastar-se muito, mas sem alcançar resultado educativo algum”. OE3 salienta que *“Atualmente, a orientação educacional tem sido mais valorizada, mas de uma forma ainda ligada ao lado pedagógico. Por exemplo, além das nossas atribuições de orientação, acabamos assumindo responsabilidades relacionadas a projetos da escola, atendimento aos alunos na biblioteca ou na sala de informática, organização de reservas de tablets, e assim por diante. Isso acaba tirando o foco da orientação, que muitas vezes fica defasada”*. A falta de definição sobre seu trabalho poderá gerar confusões e desarticulações entre os envolvidos no trabalho escolar. A equipe escolar poderá “perceber o orientador educacional como uma pessoa disponível para o desempenho de atividades variadas em setores diversos e não como um profissional que tem objetivos e atribuições específicos próprios” (Lück, 1992, p. 46). Destacando novamente, a importância do planejamento do orientador, como descrito no capítulo 5.1.

Em relação a essas dificuldades, OE2 traz sugestões sobre formação continuada,

“Percebo que a gente precisa de mais orientação, de mais formação continuada dentro da área, sabe? Momentos de roda de conversa, bate-papo, mais momentos também em que possamos sentar e fazer leituras, não só estar no movimento da escola. Porque não vamos conseguir conversar sobre algo se não tivermos uma leitura pré-preparada para isso. Eu sinto que falta um pouco disso”. OE1 aponta sua indignação no que se refere apoio das políticas públicas referente à profissão de orientação educacional, *“Sinceramente, não vejo apoio nenhum. Falta muito! Desde a formação. Quantas formações existem para orientadores educacionais? Praticamente nenhuma!”*. Ela ainda aponta que *“‘Ah, você não é professora, você é orientadora.’ Como se nosso trabalho fosse menos importante. Orientadores não recebem notebooks porque dizem que não trabalhamos com alunos, mas, meu Deus, estamos em sala de aula o tempo todo, às vezes até mais que os próprios professores de atestado! Organizamos tudo, damos suporte, mas, no fim, o que recebemos em troca? Um pouco mais de trabalho, sem o reconhecimento. E ainda trabalhamos cinco anos a mais para nos aposentarmos, enquanto os professores se aposentam antes”*.

OE3 também acredita que poderia ter mais apoio, mas acredita que a classe precisa se unir mais: *“Em relação ao estado e às políticas públicas, penso que poderiam nos apoiar mais. A nossa categoria, por ser pequena, talvez não seja tão batalhadora quanto deveria. Devemos nos unir mais para defender nossos direitos, pois temos potencial para isso”*. E ainda pensa que *“poderiam valorizar mais, sim, porém, não depende só das pessoas valorizar, eu penso que nós enquanto orientadores também precisamos mostrar o nosso real valor e o papel que a gente desempenha dentro da escola também”*. A OE2 ainda sugere que *“precisaríamos de mais apoio emocional. A gente carrega muito, muito mesmo. Estamos ali, recebendo, recebendo, recebendo, mas não temos a quem descarregar tudo isso. Precisamos de momentos para descer um pouco o nível, para liberar esse peso e encontrar um espaço para nos aliviar também”*.

Lück (1992), ainda enfatiza que um dos objetivos para alcançar credibilidade e eficácia na prática de orientação é necessário que ela seja planejada e liberta de hesitações ou improvisações inadequadas, já que se tem em mente que é necessário promover o desenvolvimento integral, é imprescindível que a ação seja intensificada e aprimorada. A autora ainda conclui que

Os cursos de formação de orientadores educacionais, as Secretarias de Educação, as associações de classe devem promover a preparação do profissional para melhor exercício da função de planejamento. Ainda, o próprio orientador educacional deve assumir iniciativa e responsabilidade com relação a seu desenvolvimento, pois apenas mediante adequado preparo alcançará objetividade, consistência, coerência, determinação, sistematização e eficácia em suas ações. (Lück, 1992, p. 16)

Dessa forma, percebe-se que, para que a Orientação Educacional seja eficaz, é essencial que o profissional atue com planejamento e intencionalidade, evitando improvisos que comprometam sua credibilidade. Embora não se tenha muito suporte, através das políticas públicas e do próprio estado, cabe ao próprio orientador buscar constante aprimoramento, garantindo coerência e eficácia em suas ações para promover o desenvolvimento integral dos estudantes.

7.1.4 Impacto das Mudanças Históricas e Demandas Sociais

A tabela a seguir apresenta um panorama das entrevistas, com dados organizados por entrevistada e categorizados conforme suas principais ideias. Para facilitar a compreensão, os trechos foram destacados com cores específicas: principais demandas (azul) e práticas necessárias para atender às demandas (vermelho). Essa estrutura permite uma análise mais clara das necessidades identificadas e das estratégias apontadas para supri-las.

Tabela 09 – Impacto das mudanças históricas e demandas sociais

OE	ECH	IC	AC
OE1	“Eu lembro que, no fim da minha trajetória, esse medo era maior, porque eu já tinha os meus filhos crescidos, adolescentes, andando na rua. Então, começava a ter medo sabe? Os problemas envolvendo droga foram aumentando. E, hoje, eu imagino que seja ainda pior.” “E tinha muita questão de droga, abuso, criança que se cortava... Tinha aluno que guardava segredos pesados. Eu me sentia pequena.” “E depois que me aposentei, já ouvi muito de pais: ‘Agora ele está na faculdade, mas está envolvido com droga, tu lembra dele, né? Tu pode dar um depoimento?’ Aí eu dizia: ‘Olha, eu posso falar do que aconteceu na escola, mas mais que isso, não posso’. E outra, tudo o que tu faz, registra! Isso é muito importante. A data, a assinatura do pai, do aluno, tudo precisa ser registrado. Porque senão, lá na frente, podem vir te cobrar alguma coisa... e aí? Por isso que eu fazia questão de ter tudo organizado.” “Se acontece alguma coisa, a gente tem como mostrar o que já foi feito, o que já foi conversado com a família. Isso é muito importante!”	- Principais demandas; - Práticas necessárias para atender as demandas.	
OE1	“Como eu ainda sou recente na profissão, acho que estou aprendendo muito, mas já consigo perceber os impactos da tecnologia, principalmente o celular. A forma como eles pensam e interagem mudou bastante.	- Principais demandas;	

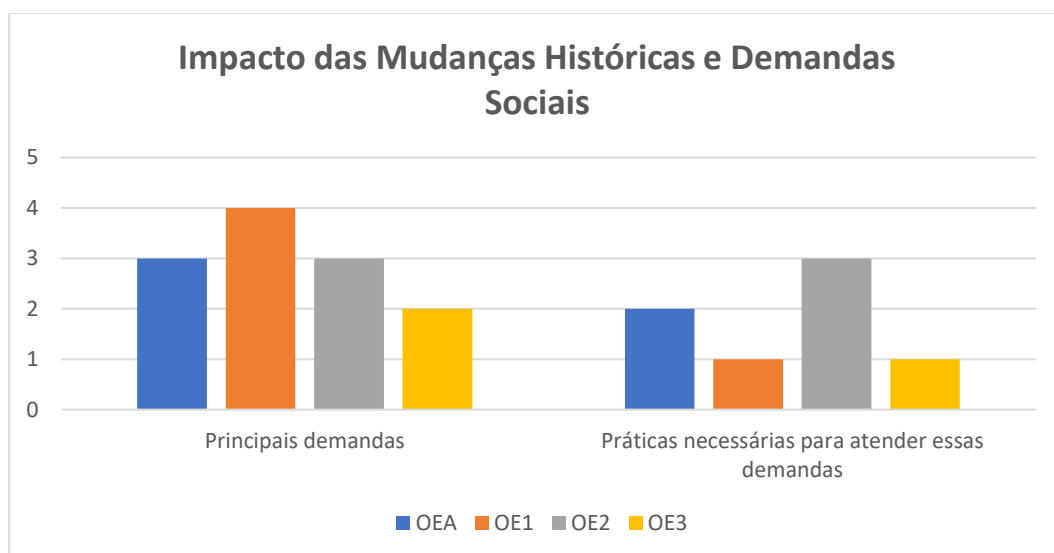
	Antes, quando todos estavam com o celular, o recreio era silencioso. Hoje, ao tirarmos o celular, todos começam a discutir, a brigar, e já precisam interagir de outra forma. Isso gera mais trabalho para nós, mas o trabalho sempre existiu, só que antes ele era velado.” “Principalmente a falta de diálogo entre família. A maior parte dos problemas que acontecem é porque a família não consegue conversar, o filho não consegue enxergar seus pais porque eles estão trabalhando, não enxerga, não vê, então eles se sentem solitários, uma mente solitária, sem afeto, sem alguém responsável, ela é muito volátil a qualquer coisa, a insegurança, o medo, então hoje para mim o principal é a falta de diálogo na família, a falta do tempo de qualidade dos pais com os filhos.” “Eu faço o pai vir aqui conversar, faço a mãe vir aqui também. E, se eles não vêm, eu mando que vão até o trabalho do pai ou da mãe, para conversar, para falar, para tentar encontrar uma solução. Já chegamos a dizer: ‘Olha, seu filho não volta mais para a escola se você não vier aqui conversar’. E a gente tem colocado bem claro: ele precisa de atenção, precisa de rotina, precisa de afeto, precisa de uma mochila para vir à escola. E não é que você não possa, é uma questão de prioridade. Seu filho é sua prioridade, é sua responsabilidade.” “Os filhos que se perdem para as drogas, muitas vezes, são resultado de pais muito violentos, agressivos ou da falta de presença da família. [...] Não importa quem seja o responsável, mas essa pessoa precisa estar presente. Caso contrário, esse acolhimento acaba acontecendo só na escola.” “embora sejamos orientadores, não somos psicólogos, e nosso papel é acolher, perceber o que é necessário e encaminhar. Eles vêm em busca de soluções, e as soluções, muitas vezes, o tempo vai trazer. Então, o que eu digo para eles é que o tempo vai trazer as respostas que eles precisam. Mas, hoje, o que você precisa fazer é o que está ao seu alcance: ir para a escola, estudar, tirar as notas que precisa.”	- Práticas necessárias para atender as demandas.	
OE2	“Eu acho que a gente precisa estar o tempo inteiro por dentro das atualidades, tanto das infâncias quanto das adolescências, e até das escolhas profissionais que muitos deles fazem. Eu tento estar sempre conectada ao contexto do que eles vivem, ao momento que estão vivendo.” “Claro que a nossa visão é diferente, porque já vivemos outras épocas e temos uma leitura mais ampla sobre isso, mas eles ainda estão aprendendo. Então, acho que, nesse sentido, a gente acaba se atualizando, indo em busca de informações, procurando, lendo. A gente tem um grupo de estudos do ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente), e é através desse tipo de	- Principais demandas; - Práticas necessárias para atender as demandas.	

	espaço que buscamos entender melhor e nos atualizar. Vamos pegando um pouquinho de cada área, de cada setor, e vamos, aos poucos, juntando essas informações para estar mais alinhado com o que eles vivem.” “O primeiro ponto é o uso excessivo do celular, né? Eles já estão sofrendo antes mesmo de chegar a hora, sabe? O que fazer com o celular o dia todo, se não podem mais trazê-lo para a escola? Acho que esse é um dos maiores desafios.” “Outro problema é o consumo excessivo de bebidas, especialmente destilados. A gente percebe que nossos adolescentes estão cada vez mais precoces nesse sentido. Agora, tem o cigarro eletrônico, que está super na moda, e a gente percebe que isso desestrutura a vivência familiar deles, porque eles acabam se afundando nisso ou, às vezes, se perdem no celular para fugir da realidade deles.” “Acho que uma das maiores demandas é fazê-los entender a importância dos estudos. Eles precisam dessa base para chegar onde querem chegar, mas parece que eles querem pular essa fase. Aham que vão conseguir sem estudar. [...] Se não tivermos o básico, a gente não chega aonde quer.” “Não dá para ignorar esse passo e achar que depois, lá na frente, vai ser fácil corrigir ou pensar “ah não, depois eu corro atrás”. A gente até tenta correr atrás, mas vai ter uma lacuna que não vai ser preenchida.” “O que faço? Vou lá e dou meus pulinhos. Vou pulando conforme a música. Porque sabemos que, uma hora, as coisas vão acontecer e a gente precisa estar preparado.” “A minha visão pode ser diferente da sua, as demandas podem ser distintas. Isso acaba gerando confusão, porque cada contexto é único.” “Por isso, acho tão importante a troca de experiências. Com ela, podemos aprender a lidar com situações que você já vivenciou e eu ainda não. E aí, a gente vai ajustando, tentando fazer algo parecido e tenta sempre dar uma mesclada em tudo, em todos os contextos, né? Eu acho que é mais ou menos isso. É meio confuso.”		
OE3	“A mudança histórica que tem impactado não só a minha vida profissional, mas também a vida dos professores e da educação de forma geral, está relacionada a esse excesso de informações com o qual os estudantes lidam. Lidar com tudo isso tem sido desafiador, e muitas vezes surgem situações difíceis de resolver devido a esse contexto. Eles nasceram em um mundo digital, onde as linguagens e situações são bem diferentes das que nós vivemos. Por exemplo, essa dificuldade de lidar com essas situações é, muitas se	- Principais demandas; - Práticas necessárias para atender as demandas.	

	excesso de jogos, o excesso das próprias redes sociais, as quais eles estão inseridos e manipulam diariamente esse exagero em tudo, muitas vezes nós somos passados por ultrapassados, então às vezes a dificuldade está ali, em saber como lidar com algumas situações geradas dessa questão de gerações, porque é uma geração totalmente diferente da nossa.” “As principais demandas dos estudantes e da sociedade que influenciam no nosso trabalho, muitas vezes são os próprios pais, que protegem e superprotegem os seus filhos. Então, tem casos em que o filho está errado, mas a família insiste em acobertá-lo, insiste em defendê-lo. Isso é uma dificuldade muito grande que eu vejo, porque, mesmo o adolescente estando errado, a família ainda acoberta. Então, falta esse comprometimento da família para com a escola.” “A gente tem que estar se atualizando, então muitas vezes a gente tem que correr atrás para dar conta.” “As regras são essas, têm que cumprir, têm que ser da maneira que é, mesmo que muitas vezes na sociedade não se cumpra também. Mas nós, enquanto escola, temos que fazer cumprir as leis, normas e regras.”		
--	--	--	--

Fonte: Autora, 2025

Figura 13 – Impacto das mudanças históricas e demandas sociais



Fonte: Autora, 2025

O gráfico "Impacto das Mudanças Históricas e Demandas Sociais" evidencia como cada grupo contribuiu para a discussão sobre as principais demandas da profissão e as práticas necessárias para atendê-las. A entrevistada OE1 teve maior número de trechos extraídos sobre as principais demandas, enquanto OE2 se destacou nas práticas necessárias para enfrentá-las. As entrevistadas OEA e OE3 apresentaram uma distribuição equilibrada entre as duas

categorias, mas OE3 teve menor participação na segunda. Esses dados sugerem que, apesar do reconhecimento das demandas sociais, há divergências quanto às estratégias mais eficazes para abordá-las.

7.1.4.1 Discurso do sujeito coletivo sobre as principais demandas atuais

Eu percebo que a realidade dos estudantes mudou muito ao longo dos anos, e os desafios que eles enfrentam hoje são complexos e intensos. Muitos vivem situações de vulnerabilidade, lidam com drogas, abuso, cortes ou carregam segredos pesados, e isso muitas vezes está relacionado à ausência de diálogo e tempo de qualidade com a família. Sinto que a principal demanda é justamente essa falta de presença e atenção dos pais, que deixa os filhos solitários, inseguros e sem referências.

Além disso, observo que a tecnologia transformou completamente a forma como os adolescentes pensam e interagem. O uso excessivo do celular, redes sociais e jogos digitais faz com que tenhamos dificuldades em nos comunicar ou orientar, porque estamos lidando com uma geração totalmente diferente da nossa. Também percebo o consumo precoce de bebidas e cigarro eletrônico, que desestrutura ainda mais a vivência familiar e dificulta o acompanhamento da escola.

Vejo, ainda, que os próprios pais, muitas vezes, se tornam uma demanda para nós, protegendo ou defendendo seus filhos mesmo quando estão errados, o que dificulta a responsabilização e o desenvolvimento do estudante. Apesar de acolher e orientar, sei que nosso papel não é substituir psicólogos ou resolver todos os problemas. O que podemos fazer é oferecer suporte, perceber as necessidades, encaminhar e mostrar aos alunos a importância de se dedicar aos estudos, construindo uma base sólida para o futuro. Hoje, percebo que nosso trabalho exige paciência, escuta ativa e compreensão, e que os resultados virão com o tempo, à medida que os adolescentes se desenvolvem e aprendem a lidar com suas próprias vidas.

7.1.4.2 Discurso do sujeito coletivo sobre as práticas necessárias para atender a essas demandas

Percebo que, para atender às demandas atuais dos estudantes, é fundamental registrar tudo: datas, assinaturas dos pais, anotações sobre conversas com alunos e familiares. Esse

registro garante que, se houver cobranças no futuro, possamos comprovar o que foi feito e discutido, oferecendo segurança para nossa atuação.

Também considero essencial envolver os pais diretamente. Faço questão de chamar o pai e a mãe para conversar, e, quando necessário, vamos até o local de trabalho deles para garantir que a situação seja resolvida. É importante deixar claro que a educação do filho é prioridade e responsabilidade dos pais, que precisam oferecer atenção, rotina, afeto e condições básicas para a criança frequentar a escola.

Além disso, vejo que precisamos estar constantemente atualizados sobre as infâncias, adolescências e escolhas profissionais dos estudantes. Isso exige buscar informações, participar de grupos de estudo e acompanhar o contexto em que os alunos vivem. Estar por dentro dessas informações nos ajuda a orientar de forma adequada e a compreender melhor as situações que surgem.

A troca de experiências entre colegas é outro ponto essencial. Compartilhar vivências permite aprender com situações já enfrentadas por outros e ajustar nossas práticas conforme cada contexto. Por isso, considero que o papel do orientador exige atualização constante, dedicação e a busca por estratégias que atendam às necessidades dos estudantes e fortaleçam a parceria com as famílias.

7.1.4.3 O Impacto das Mudanças Históricas nas Demandas Sociais: Desafios e Práticas das Orientadoras Educacionais da coordenadoria regional de Itapiranga/SC

De acordo com Serres (2013, p. 18-19), os adultos transformam a sociedade do espetáculo em sociedade pedagógica, cuja concorrência esmagadora, inculta, ofusca a escola e a universidade. “Pelo tempo de exposição de que dispõe, pelo poder de sedução e pela importância que tem, a mídia há muito tempo assumiu a função do ensino”. OE1 relata que percebe os impactos da tecnologia, “*principalmente o celular. A forma como eles pensam e interagem mudou bastante. Antes, quando todos estavam com o celular, o recreio era silencioso. Hoje, ao tirarmos o celular, todos começam a discutir, a brigar, e já precisam interagir de outra forma. Isso gera mais trabalho para nós, mas o trabalho sempre existiu, só que antes ele era velado*”. Ou seja, percebe-se que a tecnologia, especialmente o uso do celular, impactou significativamente a forma como os estudantes pensam e interagem.

Os jovens de hoje, segundo Serres (2013, p. 20), são diferentes. Os adultos não habitam

mais no mesmo tempo que eles; eles vivem outra história, não tem mais a mesma cabeça; não habitam o mesmo espaço. “Eles não têm mais o mesmo corpo, a mesma expectativa de vida, não se comunicam mais da mesma maneira, não percebem mais o mesmo mundo, não vivem mais na mesma natureza, não habitam mais o mesmo espaço”. Nesse sentido, a entrevistada OE3 aborda que um dos desafios que encontra é o *“excesso de informações com o qual os estudantes lidam. Lidar com tudo isso tem sido desafiador, e muitas vezes surgem situações difíceis de resolver devido a esse contexto. Eles nasceram em um mundo digital, onde as linguagens e situações são bem diferentes das que nós vivemos. Por exemplo, essa dificuldade de lidar com essas situações é, muitas se excesso de jogos, o excesso das próprias redes sociais, as quais eles estão inseridos e manipulam diariamente esse exagero em tudo, muitas vezes nós somos passados por ultrapassados, então às vezes a dificuldade está ali, em saber como lidar com algumas situações geradas dessa questão de gerações, porque é uma geração totalmente diferente da nossa”*.

Serres (2013) ainda descreve que é de outra forma que os jovens escrevem, não falam mais a mesma língua. A língua mudou, o trabalho se transformou. Diante disso, destaca-se a fala da OE2, que aborda a necessidade de se atualizar para conseguir lidar com as novas demandas, *“Eu acho que a gente precisa estar o tempo inteiro por dentro das atualidades, tanto das infâncias quanto das adolescências, e até das escolhas profissionais que muitos deles fazem. Eu tento estar sempre conectada ao contexto do que eles vivem, ao momento que estão vivendo”*. Através dessas demandas, Serres (2013), realiza três questionamentos: O que transmitir? A quem transmitir? Como transmitir?

O autor descreve que é necessário transmitir o saber. Porém, “outrora e recentemente, o saber tinha como suporte o corpo erudito, do aedo, do contador de histórias. Bibliotecas vivas: esse era o corpo docente do pedagogo” (Serres, 2013, p. 25). E hoje? “O que transmitir? O saber? Ele está agora por todo lugar, na internet, disponível, objetivado. Transmitti-lo a todos? O saber inteiro passou a estar acessível a todo mundo. Como transmitir? Pronto, é coisa feita” (Serres, 2013, p. 26). De certa maneira, o saber já está sendo transmitido a todo tempo e por todo lugar. OE2 retrata mais uma de suas preocupações em relação às demandas existentes, *“Acho que uma das maiores demandas é fazê-los entender a importância dos estudos. Eles precisam dessa base para chegar aonde querem chegar, mas parece que eles querem pular essa fase”*.

Sentimos ser urgentemente necessária essa mudança decisiva do ensino – mudança que pouco a pouco repercute na sociedade mundial e no conjunto de suas instituições ultrapassadas. Mudança que não abala apenas o ensino, mas também, e muito, o

trabalho, as empresas, a saúde, o direito e a política, isto é, o conjunto. (Serres, 2013, p. 27-28)

Nessa era tecnológica, na qual os jovens têm acesso imediato à informação, o saber também se torna algo instantâneo. Isso torna desafiador para eles participarem de aulas tradicionalistas, em que o professor atua como único porta-voz e só depois o estudante interage, pois eles podem facilmente buscar esse conhecimento na internet. O autor nos convida a refletir sobre esse imediatismo e sobre o papel da escola em oferecer experiências de aprendizagem mais dinâmicas e significativas e ainda a preocupação do querer saber.

Serres (2013, p. 45), discute que esse caos anuncia uma reviravolta em todos os aspetos. Recentemente ensinar era uma oferta, exclusiva e jamais se preocupou em ouvir a opinião ou a voz da demanda. “Dizia o porta-voz: este é o saber estocado nas páginas dos livros. Livros que ele mostrava, lia, recitava. Ouçam e depois leiam, se assim quiserem. Em todo caso, porém, silêncio!”. Porém, segundo o autor, isso acabou. Com a onda tecnológica, a tagarelice que com ela surgiu, rejeita essa oferta e “anuncia, inventa, apresenta nova demanda, provavelmente de um novo saber. Reviravolta” (Serres, 2013, p. 45-46). Visto assim, a necessidade de ouvir o rumor, confuso e caótico, da demanda tagarela “vida dos alunos que, antigamente, ninguém consultava para saber se realmente demandavam tal oferta” (Serres, 2013, p. 46).

Por outro lado, o autor reflete que, a tagarelice encobre o barulho de fundo – a voz humana.

Saturada de musiquinhas de fundo, a balbúrdia da mídia e a agitação comercial ensurdecem e anestesiam aquelas vozes reais, com som deplorável e drogas calculadas, além dos blogs e das redes sociais cujo número, múltiplo, chega a totais comparáveis à população do planeta. Pela primeira vez na história, as vozes de todos podem ser ouvidas. A palavra humana balbúrdia no espaço e no tempo. (Serres, 2013, p. 69)

Nesse contexto de excesso comunicacional e ruído simbólico, a voz humana se dilui e, ao mesmo tempo, se multiplica, pois, como afirma o autor, “todo mundo quer falar, todo mundo comunica com todo mundo, por redes inumeráveis” (Serres, 2013, p. 70). A voz dos indivíduos, antes silenciosa, agora ocupa todo o espaço. Seguindo as reflexões de Serres (2013), a nova democracia do saber se refere a uma mudança no jeito de aprender e ensinar, que está acontecendo, pois os métodos antigos de educação já não funcionam mais. As pessoas estão tentando encontrar novas formas de ensinar, mas esse processo é difícil e leva tempo. Concordando assim com o autor, na frase que se encontra na capa do livro, que o mundo mudou tanto que os jovens precisam reinventar a roda.

Na entrevista, a OE2 retrata outra preocupação atual. “*Outro problema é o consumo*

excessivo de bebidas, especialmente destilados. A gente percebe que nossos adolescentes estão cada vez mais precoces nesse sentido. Agora, tem o cigarro eletrônico, que está super na moda, e a gente percebe que isso desestrutura a vivência familiar deles, porque eles acabam se afundando nisso ou, às vezes, se perdem no celular para fugir da realidade deles” e a OEA também relata essa preocupação, “tinha muita questão de droga, abuso, criança que se cortava... Tinha aluno que guardava segredos pesados. Eu me sentia pequena”. OE1 também aponta drogas como um problema atual, e ainda denota que “Os filhos que se perdem para as drogas, muitas vezes, são resultado de pais muito violentos, agressivos ou da falta de presença da família. [...] Não importa quem seja o responsável, mas essa pessoa precisa estar presente. Caso contrário, esse acolhimento acaba acontecendo só na escola”.

Para essa fala, pode-se pensar na série *Adolescência*, disponível na Netflix, que retrata de forma realista os desafios dessa fase da vida, e um dos principais temas abordados é justamente a falta de diálogo entre pais e filhos. Assim como na fala citada, a série mostra como muitos adolescentes se sentem solitários e desconectados da família, especialmente quando os pais estão sempre ocupados com o trabalho e outras responsabilidades. Essa ausência de afeto e de tempo de qualidade torna os jovens mais vulneráveis a inseguranças, medos e influências externas. Sem um espaço seguro para expressar suas angústias, eles acabam buscando apoio em lugares ou pessoas que nem sempre são as melhores referências, evidenciando a importância do diálogo familiar na construção da segurança emocional dos adolescentes.

Na série, é retratado de forma intensa o caos vivido dentro da escola, um ambiente marcado por conflitos, desafios emocionais e relações muitas vezes frágeis entre alunos, professores e famílias. A história destaca a importância de ouvir os estudantes, de estar atento a todos os sinais que eles dão e de criar um espaço seguro para que possam relatar seus problemas sem medo de represálias ou julgamentos. “Às vezes, uma ironia, uma humilhação em público, uma ameaça velada, uma injustiça sofrida, de modo irreparável, pode, dependendo, é claro, do tipo e da situação de quem as sofre, resultar num trauma duradouro” (Giacaglia; Penteado, 2006, p. 115). Temas como bullying e cyberbullying são abordados com profundidade, mostrando como essas violências afetam a autoestima, a saúde mental e o comportamento dos jovens e segundo Giacaglia e Penteado (2006), dificilmente os estudantes conseguem superar sozinhos esses problemas, interferindo tanto na saúde mental, quanto no desempenho escolar.

Na série, fica clara a necessidade de um ambiente escolar que promove o respeito e a

escuta ativa para ajudar os estudantes a se sentirem mais confiantes para denunciar agressões e para reconhecer seus próprios erros.

A mídia vem noticiando, cada vez com maior frequência, casos de ataques e mesmo de mortes perpetradas por adolescentes e até por crianças menores, nas imediações das escolas e mesmo dentro do recanto escolar, por motivos, no mais das vezes, bastante fúteis, como desagravo por ofensas, vingança, acerto de contas, principalmente referente ao tráfico de drogas, simples manifestação de machismo ou valentia, participação em gangues e rivalidades por causa de namorados(as). (Giacaglia; Penteado, 2006, p. 115)

Diante disso, as autoras destacam que cabe ao orientador trabalhar em caráter preventivo, realizando palestras, debates e outras atividades com os estudantes enfocando a violência, causas e consequências. Além disso, *Adolescência* ressalta o papel fundamental da família nesse processo. Pais distraídos ou ausentes muitas vezes não percebem os sinais de sofrimento de seus filhos, o que os torna ainda mais vulneráveis. A série reforça a importância de uma relação de qualidade entre pais e filhos, onde haja diálogo, acolhimento e presença genuína, para que os jovens se sintam seguros ao compartilhar suas angústias e desafios. Para essa questão OE1 explica como atua em alguns casos: *“Eu faço o pai vir aqui conversar, faço a mãe vir aqui também. E, se eles não vêm, eu mando que vão até o trabalho do pai ou da mãe, para conversar, para falar, para tentar encontrar uma solução. Já chegamos a dizer: ‘Olha, seu filho não volta mais para a escola se você não vier aqui conversar’. E a gente tem colocado bem claro: ele precisa de atenção, precisa de rotina, precisa de afeto, precisa de uma mochila para vir à escola. E não é que você não possa, é uma questão de prioridade. Seu filho é sua prioridade, é sua responsabilidade”*.

Outro lado, abordado pela OE3, que também geram preocupações, é de que *“As principais demandas dos estudantes e da sociedade que influenciam no nosso trabalho, muitas vezes são os próprios pais, que protegem e superprotegem os seus filhos. Então, tem casos em que o filho está errado, mas a família insiste em acobertá-lo, insiste em defendê-lo. Isso é uma dificuldade muito grande que eu vejo, porque, mesmo o adolescente estando errado, a família ainda acoberta. Então, falta esse comprometimento da família para com a escola”*. Cabe ressaltar que *“a criança, de modo geral, se desenvolve na instituição familiar que é encarregada de promover os recursos necessários à sua sobrevivência; de propiciar-lhe uma base afetiva; de dar-lhe assistência na área de saúde e de ministrar-lhe os primeiros ensinamentos”* (Giacaglia; Penteado, 2006, p. 63).

OE1 lembra ainda que *“embora sejamos orientadores, não somos psicólogos, e nosso papel é acolher, perceber o que é necessário e encaminhar. Eles vêm em busca de soluções, e*

as soluções, muitas vezes, o tempo vai trazer”. Como elemento de ligação entre a família e escola, de acordo com Giacaglia e Penteado (2006), o Orientador Educacional deve manter a comunicação constante com a família, buscando colaboração, já que ambos possuem o objetivo de bem-estar, do desenvolvimento e da formação do estudante. A OEA também frisa algo muito importante, que tudo que o orientador fizer, dele deve registrar, *“Isso é muito importante. A data, a assinatura do pai, do aluno, tudo precisa ser registrado. Porque senão, lá na frente, podem vir te cobrar alguma coisa... e aí? Por isso que eu fazia questão de ter tudo organizado [...] Se acontece alguma coisa, a gente tem como mostrar o que já foi feito, o que já foi conversado com a família”*.

E, sobre todos os desafios, OE2 salienta novamente, justificando que “Por isso, acho tão importante a troca de experiências. Com ela, podemos aprender a lidar com situações que você já vivenciou e eu ainda não. E aí, a gente vai ajustando, tentando fazer algo parecido e tenta sempre dar uma mesclada em tudo, em todos os contextos, né?”. Ficando como sugestão, a troca de experiências, se mostrando essencial para o aprimoramento das práticas educacionais e do convívio escolar. Ao compartilhar vivências, é possível antecipar desafios, encontrar novas abordagens e adaptar estratégias conforme cada contexto. Essa colaboração permite que as ações sejam mais assertivas e eficazes, tornando a escola um ambiente mais acolhedor e preparado para lidar com as diversas situações que possam surgir.

7.1.5 Apoio ao Desenvolvimento dos Estudantes

A tabela a seguir apresenta trechos das entrevistas, com os dados organizados por entrevistada e categorizados conforme suas ideias centrais. Para facilitar a compreensão, os trechos foram destacados com cores específicas: contribuição para o desenvolvimento integral dos estudantes (verde), estratégias para apoiar os estudantes nas dificuldades (azul) e programas e/ou projetos que participa/lidera (vermelho). Essa organização permite uma visão mais clara das práticas e iniciativas relatadas.

Tabela 10 – Apoio ao desenvolvimento dos estudantes

OE	ECH	IC	AC
OEA	“A família, isso é importante. O maior tempo que ele tem é na família e na escola, né? Então, pra formar um aluno pra enfrentar a sociedade, tem que trabalhar a família e a vida dele ali, o que cerca ele.”	- Contribuição para o desenvolvimento integral dos estudantes;	

“Na escola, começamos a fazer reuniões por série. Juntava todas as séries e fazíamos reuniões com os pais. Esse foi um trabalho muito importante. A gente falava do trabalho, colocava as questões, cada professor regente participava. E quando um pai não vinha, a gente chamava particularmente. Era um trabalho conjunto, todas as escolas faziam.” “Outra coisa que ajudava muito era a escolha de líderes. Eu comecei a fazer esse trabalho na escola, trazendo minha experiência da escola particular. Os líderes traziam as dificuldades da turma.” “eu sempre tinha minha agenda, onde marcava as atividades daquele dia. Se tinha uma turma específica, eu anotava o que ia fazer.” “A ficha foi minha primeira introdução à orientação. Eu preenchia com o nome do pai, da mãe, as séries, se o aluno havia repetido ou não. Também perguntava sobre os interesses deles, o que gostavam de fazer e o que sonhavam ser quando crescessem.” “Esse acompanhamento é fundamental. Sempre precisamos destacar os aspectos positivos primeiro, para que o aluno não sinta que está ali apenas para ouvir críticas. O que precisa melhorar vem por último, de forma que o positivo vá conduzindo a conversa. Isso faz toda a diferença.” “Se apresenta os problemas e você tem que tentar resolver, sabe? Eu gostava muito de entrar nas turmas, observar, olhar para cada um e ver com quem eu precisava conversar.” “Também realizava trabalhos sobre as características da turma, identificando questões de liderança. O líder tem que ser alguém interessado, que conheça a turma, que goste da turma. Não precisa ser o que tem a melhor nota. Não é fácil mudar isso, mas é possível. Eu acho que hoje em dia isso mudou muito, até a questão do curso de orientação educacional, abriu mais caminhos, até para as empresas que eu acho que é importantíssimo.” “Eu trabalhava diretamente com o Grêmio Estudantil e a APP. A gente se envolvia muito com isso. Depois, começou o projeto de teatro, com a professora de arte. Ela trazia muitas coisas boas para os alunos, principalmente na parte artística. O lado emocional também, porque eles liberam muito.” “Depois, comecei a participar mais das atividades que o município oferecia. Eu passei a trabalhar junto com as assistentes sociais do município. Participávamos junto com as psicólogas. O município tem assistentes sociais e psicólogos que atendem os alunos quando necessário. Então, nós começamos a participar dos encontros. Era feita uma reunião por mês. Era no CRAS. Lá, eles traziam assunto sobre os alunos com problemas	- Estratégias para apoiar os estudantes nas dificuldades; - Programas e/ou projetos que participa/lidera.	
---	---	--

	específicos e encaminhavam para o conselho tutelar, por exemplo. A minha visão sobre o conselho tutelar mudou bastante nos últimos anos em que trabalhei na escola. Era muito bom o trabalho que faziam. Quando um aluno começava a faltar muito, por exemplo, a gente ia até o conselho tutelar.” “Eu fazia o acompanhamento no apoio, mas, no início, eu não sabia muito bem como preencher os documentos. Quando me pediam ajuda, eu ficava um pouco perdida, porque não sabia como preencher certas informações. Mas depois comecei a aprender. O trabalho que fizemos com o conselho tutelar foi importante porque envolvia professores e outras pessoas que já tinham mais experiência. Essas pessoas ajudavam muito na parte do apoio social e psicológico.” “O importante era sempre fazer o trabalho em conjunto. E, claro, todos os dados dos alunos eram registrados. Quando o aluno se formava, a ficha dele estava toda lá. Mas o mais importante era o trabalho de acompanhamento.”		
OE1	“Sendo suporte e apoio, quem está passando por um conflito existencial ou familiar sempre vem em busca de uma palavra, um conforto. Às vezes, só o fato de falarem já os faz perceber o que aconteceu, como aconteceu. [...] somos uma ponte aqui, uma ponte que possam passar e seguir.” “Leituras, reflexões, o apoio dos pais, o encaminhamento para psicólogos, e, se necessário, o suporte de outras redes. Às vezes, a necessidade é apenas um material escolar, e a gente entrega. Roupas, calçados, uniforme... tudo depende da demanda que o aluno traz. A gente faz o possível e até o impossível para tentar resolver. Porém, às vezes, o problema está no próprio estudante; ele precisa mudar. E aí, ficamos insistindo, brigando, falando, até que ele ouça e perceba que as mudanças externas só acontecerão se ele mudar por dentro. Muitas vezes, também é uma questão de persistir naquilo que ele não consegue enxergar em si mesmo, que carrega de fora, dos pais, das situações. Ele precisa entender que, se não mudar, as coisas não vão mudar.” “O desenvolvimento integral é difícil, mas a gente sempre busca orientar. Sabemos que os alunos precisam de atividade física, de descanso, de diálogo, de presença de qualidade, de afeto e de diversão. Tentamos buscar esse equilíbrio.” “A criança precisa correr, brincar, pular, e temos tantas oportunidades aqui: escolinhas de futsal, vôlei, jiu-jitsu, ping-pong, escoteiros, patinação... e muitas são praticamente gratuitas. Não é falta de opções, é falta de incentivo, de pegar o filho e levá-lo para praticar esportes. É preciso trabalhar a mente, o corpo e toda a	- Contribuição para o desenvolvimento integral dos estudantes; - Estratégias para apoiar os estudantes nas dificuldades; - Programas e/ou projetos que participa/lidera.	

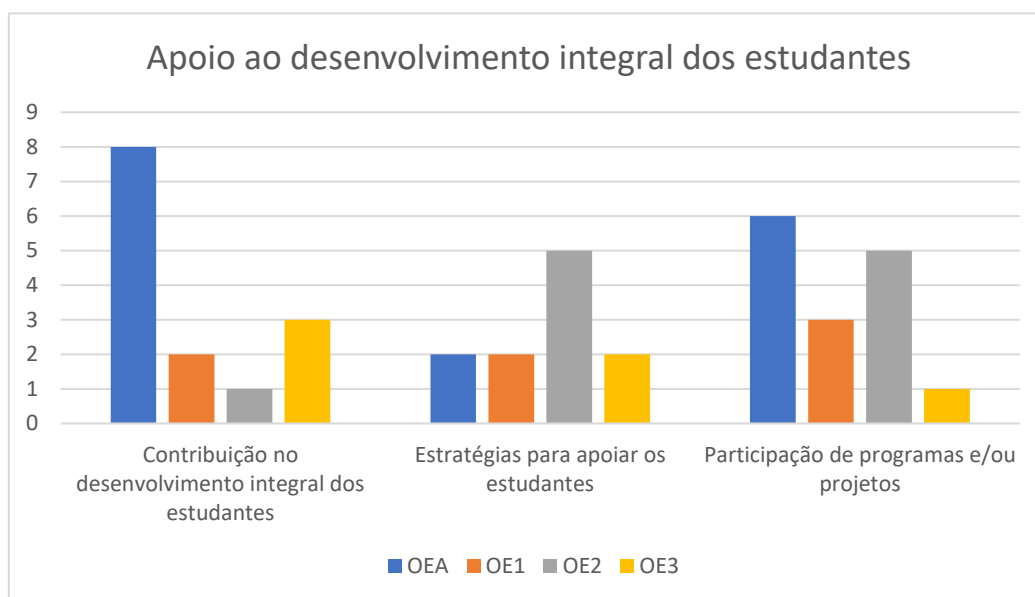
	questão familiar. Quando vemos que o problema vai além do que conseguimos orientar, acionamos a rede. A partir daí, já não temos mais controle sobre o que vai acontecer, só torcemos para que a rede de apoio consiga ajudar, pois eles têm mais profissionais. A nossa conscientização vai até onde conseguimos atuar, e continuamos acompanhando no dia a dia, na sala de aula.” “Eu procuro me incluir nos projetos já existentes, como o PV, que é o Projeto de Vida, onde faço algumas intervenções com falas direcionadas aos alunos. Temos também o Projeto Valores, no qual trabalhamos temas como respeito, empatia e convivência. Além disso, em atividades de Religião, quando a professora organiza algum projeto, ela me chama para ajudar, para colaborar, para falar com os alunos.” “No Projeto Defesa Civil, também atuo como articuladora entre os professores, pois, com o tempo de planejamento reduzido, é necessário fazer essas conexões, esse trabalho em rede, pois, se não houver essa articulação, o projeto não acontece. Então, temos que ajudar nesse sentido.” “Porém, especificamente sobre a orientação educacional, no momento não tenho um projeto, até eu vou pensar nisso.”		
OE2	“Então, sempre que posso, tento me colocar no lugar deles da melhor maneira possível. Muitas vezes, o que eles estão vivendo, eu também já vivi. Isso me permite fazer uma conexão, não para diminuir a dor deles ou dizer que a minha é maior, mas para perceber que, se algo não foi trabalhado comigo, talvez seja interessante trabalhar isso com eles agora, para que não sofram mais tarde.” “No meu trabalho, eu busco ouvir, refletir com eles e ajudá-los a pensar sobre o que estão vivendo. Muitas vezes, chamo a família para trocar ideias, e aí percebemos que a família também está perdida, não sabe o que fazer, está meio “tonta”, sem saber como lidar com a situação. E, muitas vezes, a solução que parece mais simples para eles é deixar o filho no quarto, trancado, com o celular, porque assim sabem onde ele está e não na rua.” “O que a gente tenta fazer é mostrar para essas famílias a importância de observar o que está acontecendo: o que ele está assistindo, o que ele está fazendo, onde está indo, o que está movimentando. Muitas vezes, eles estão tentando se aliviar com outras coisas, e é aí que a família pode ajudar, percebendo esses comportamentos e agindo antes que a situação se complique.” “Muitas vezes, a gente só dá o colo para deixar eles chorarem. No caso das crianças menores, é um pouco diferente, porque elas dificilmente trazem questões	- Contribuição para o desenvolvimento integral dos estudantes; - Estratégias para apoiar os estudantes nas dificuldades; - Programas e/ou projetos que participa/lidera.	

	mais profundas, geralmente vêm por causa de brigas com colegas, se batendo. Mas, numa conversa e outra, você vai percebendo que tem algo mais acontecendo, que essa criança está tentando chamar atenção de alguma forma. Então, eu acho que o essencial é isso: ouvir, se colocar no lugar deles, ajudar e refletir juntos.” “Para tentar mediar, sabe, a mediação, tem vezes que não conseguimos fazer com que as duas partes se entendam. Um pensa de uma forma, o outro pensa de outra. Mas, só pelo fato de estarmos ali, fazendo essa ligação, tentando fazer com que ambos entendam, já é um passo. Muitas vezes, acabamos agindo de forma a amenizar, como se estivéssemos passando a mão na cabeça, dizendo que a família está certa, que o professor está certo, só para não criar mais atrito, mais conflito, correndo o risco de deixar a pessoa rotulada por anos e anos escolares. Então, eu acho que a mediação é essencial, pelo menos para mim, o mais importante é mediar entre eles, se importar.” “Tem o trabalho com a criança e o adolescente, que é a rede de proteção, e a gente participa de uma reunião mensal. [...] A cada mês, a gente tem um dia específico para discutir os alunos com dificuldades, às vezes conectados com o serviço social. Então, a gente faz essas conversas, chama quem for necessário e vai fazendo a mediação entre a escola e os outros órgãos da rede.” “Tem também o NEPRE, que faz parte da rede estadual, e a gente é responsável por manter isso ativo na escola, pelo menos eu sou. Tenho a responsabilidade sobre o Fundamental 2, que coordenei até o ano passado, e fazemos um projeto de conexão entre o Fundamental 1 que é a saída do quinto para o sexto, e da conexão do nono para o ensino médio.” “A gente também trabalha a questão da saúde nas escolas, com ênfase na prevenção ao uso de drogas. A Polícia Militar também participa, trazendo atividades para a escola. Além disso, temos rodas de conversa com técnicos de administração e pessoas de empresas, para fazer essa reflexão com eles sobre o futuro. tem bastante palestras que a gente também traz, fazendo essa ligação entre o pensar em si. Também promovemos saídas de estudo em meio à natureza”. “Também trazemos atividades de meditação, com profissionais da área, pelo menos uma vez a cada dois meses, para eles relaxarem e refletirem. A gente também, como profissionais, aproveita esses momentos, mesmo que o Estado ainda não reconheça oficialmente, mas a gente faz de forma independente.”		
OE3	“Com relação ao desenvolvimento dos estudantes, eu acredito que, enquanto orientadores, o nosso papel é justamente auxiliar o estudante, acompanhando seus estudos, e, quando necessário, orientá-lo sobre os erros,	- Contribuição para o desenvolvimento integral dos estudantes;	

	dizendo que aquele não é o melhor caminho e mostrando que existem outras opções. Isso é algo que me deixa muito grata, pois saber que posso contribuir para isso, fortalecer vínculos com os alunos, é muito importante. Muitas vezes, eles não têm com quem contar, não se abrem com a família, nem sabem em quem confiar entre os colegas. Mesmo com os professores, essa confiança é difícil de se estabelecer. A partir do momento em que conseguimos criar esses vínculos e ajudar a resolver um problema, orientando sobre o que fazer e como fazer, isso se torna extremamente gratificante.” “Com relação às estratégias para apoiar os estudantes em suas dificuldades, eu acredito que a podemos mostrar o outro caminho, às vezes o aluno está desanimado, para baixo, você pode mostrar um caminho diferente para ele, que pode não ser bom hoje, que pode não favorecer o dia dele, mas que no outro vai ser melhor e indicar outros caminhos que ele possa seguir para superar essas dificuldades.” “Vejo que tem que ter essa parceria conosco, tanto nós com os professores quanto eles conosco, para relatar situações de conflitos, de dificuldades, para ajudar o estudante a conseguir superá-las. Essa relação precisa existir, tanto com os professores quanto com os pais também, porque muitas vezes tem coisas que acontecem que os pais nem sabem, porque o filho não se abre, não fala, então a gente faz esse papel e esse papel é fundamental e essencial também.” “Temos os projetos sim, este ano aqui nós temos um fundamental projeto valores, que trata dessa temática de valores, então cada série trabalha valores diferentes, em todos eles a gente trabalha a família também, então é um projeto muito rico, que é algo diferenciado para os alunos e que faz com que eles reflitam, pensem e contribuam também para que esse projeto dê certo, e é algo que mexe com a cabecinha deles, porque são valores que muitas vezes são esquecidos e precisam ser lembrados todos os dias.”	- Estratégias para apoiar os estudantes nas dificuldades; - Programas e/ou projetos que participa/lidera.	
--	--	--	--

Fonte: Autora, 2025

Figura 14 – Apoio ao desenvolvimento integral dos estudantes



Fonte: Autora, 2025

O gráfico "Apoio ao Desenvolvimento Integral dos Estudantes" apresenta a distribuição dos trechos extraídos sobre três aspectos: contribuição para o desenvolvimento integral dos estudantes, estratégias para apoiá-los e participação em programas e projetos. A entrevistada OEA teve maior participação nas categorias de contribuição para o desenvolvimento e participação em programas, enquanto OE2 se destacou na categoria de estratégias de apoio aos estudantes. As entrevistadas OE1 e OE3 tiveram participação mais equilibrada, mas OE3 registrou o menor volume de trechos em todas as categorias. Esses dados indicam diferentes visões sobre a efetividade das práticas de apoio aos estudantes, com ênfase na importância dos programas institucionais.

7.1.5.1 Discurso do sujeito coletivo sobre a contribuição no desenvolvimento integral dos estudantes

Percebemos que o desenvolvimento integral dos estudantes depende de uma atuação conjunta da família e da escola. Grande parte do tempo das crianças e adolescentes é vivida nesses dois espaços, e, por isso, buscamos orientar tanto os alunos quanto suas famílias, promovendo equilíbrio entre atividade física, descanso, diálogo, presença de qualidade, afeto e diversão.

A sociedade oferece oportunidades de práticas esportivas, culturais e recreativas — como futsal, vôlei, jiu-jitsu, ping-pong, escoteiros e patinação — muitas vezes gratuitas, mas reconhecemos que falta incentivo das famílias para a participação. Nosso trabalho visa desenvolver a mente, o corpo e a dimensão social dos estudantes. Quando o problema ultrapassa nosso alcance, acionamos a rede de apoio, mantendo acompanhamento diário na escola, garantindo que o estudante tenha orientação contínua.

Buscamos nos colocar no lugar dos alunos, compreendendo suas experiências e traçando estratégias que possam ajudá-los a superar dificuldades, evitando que sofram consequências futuras. Orientamos sobre erros, mostramos caminhos alternativos e fortalecemos vínculos, construindo relações de confiança. Esse vínculo possibilita que o estudante compartilhe dificuldades e receba direcionamento adequado, tornando a atuação do orientador gratificante e efetiva na promoção do desenvolvimento integral.

7.1.5.2 Discurso do sujeito coletivo das estratégias para apoiar os estudantes nas dificuldades

Nosso trabalho com os estudantes exige atenção às necessidades emocionais, sociais e acadêmicas de cada um. Para isso, sempre precisamos destacar os aspectos positivos, conduzindo a conversa pelo reconhecimento antes de abordar pontos que precisam ser melhorados. Essa abordagem valoriza o aluno e fortalece a relação de confiança.

Acompanhamos de perto cada estudante, registrando todos os dados em fichas que permanecem disponíveis durante sua trajetória escolar, garantindo continuidade no atendimento. Atuamos como suporte e ponte entre o aluno, a família e outras redes de apoio, oferecendo escuta, acolhimento e reflexão conjunta. Muitas vezes, é apenas o ato de ouvir e validar suas experiências que ajuda o estudante a perceber e lidar com sua situação.

Quando necessário, encaminhamos para psicólogos, assistência social, ou oferecemos apoio material, como uniformes e materiais escolares. Reconhecemos que, muitas vezes, a família também enfrenta dificuldades e nosso papel é orientá-la sobre a importância de observar e acompanhar o comportamento dos filhos, prevenindo complicações futuras.

Nosso trabalho inclui mediar conflitos, propor alternativas de superação e indicar caminhos que promovam o bem-estar do estudante, mesmo que nem sempre sejam imediatamente compreendidos. Além disso, buscamos fortalecer parcerias com professores e

familiares, mantendo uma rede de apoio que permita relatar e resolver situações de conflito ou dificuldade de maneira colaborativa.

Essa atuação integrada e contínua é essencial para apoiar o desenvolvimento integral do estudante, garantindo que ele se sinta acolhido, orientado e amparado em todas as dimensões da sua formação.

7.1.5.3 Discurso do sujeito coletivo da participação em projetos e/ou programas na escola

Na escola, nossa atuação se estende para além das salas de aula, envolvendo projetos e programas que favorecem o desenvolvimento integral dos estudantes. Realizamos reuniões por anos escolares, com os pais e promovemos a escolha de líderes de turma, que trazem informações sobre as dificuldades e características da turma, auxiliando no acompanhamento coletivo e individual.

O trabalho com o Grêmio Estudantil e a APP possibilita engajamento direto com os estudantes, enquanto projetos artísticos, como o teatro, contribuem para o desenvolvimento emocional e social. Atuamos também em parceria com assistentes sociais, psicólogos do município e o conselho tutelar, garantindo apoio social e psicológico para casos específicos.

Participamos de projetos como o PV (Projeto de Vida), o Projeto Valores, voltado para temas de respeito, empatia e convivência, e o Projeto Defesa Civil, no qual atuamos como articuladores entre professores e demais profissionais, garantindo que as ações aconteçam de forma organizada e em rede. Também acompanhamos reuniões da rede de proteção à criança e ao adolescente, discutindo mensalmente alunos com dificuldades e mantendo o NEPRE ativo na escola.

Nossa atuação inclui ainda ações preventivas relacionadas à saúde e ao uso de drogas, com participação da Polícia Militar, palestras com técnicos de empresas, saídas de estudo na natureza e atividades de meditação para os alunos refletirem e relaxarem. Esses momentos são aproveitados também pelos profissionais, fortalecendo a prática de bem-estar.

Em síntese, nossa participação em projetos e programas permite não apenas apoiar a aprendizagem, mas também promover habilidades sociais, valores éticos, cuidado emocional e integração com a comunidade escolar, consolidando nosso papel de orientadores educacionais que atuam de forma ampla e articulada.

7.1.5.4 Estratégias e Projetos de Apoio: Contribuições das Orientadoras Educacionais da coordenadoria regional de Itapiranga/SC para o Desenvolvimento Integral dos Estudantes

O Orientador Educacional desempenha um papel fundamental no desenvolvimento integral dos estudantes, considerando não apenas o desempenho acadêmico, mas também os aspectos emocionais e sociais. A Constituição de 1988, em seu Artigo 205, juntamente com o Artigo 2º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBN), destacam que a Educação deve ser promovida com o objetivo de assegurar o desenvolvimento pleno do ser humano. Assim, a Educação é considerada integral, independentemente do tempo de permanência do estudante na escola.

Conforme Padilha (2012), a educação integral possui um conceito abrangente e complexo, que está previsto no Artigo 34 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (BRASIL, 1996). Este conceito tem sido debatido por várias décadas, sendo que a educação integral vai além da carga horária ampliada. Ela visa integrar o processo educacional a uma visão de conhecimento e de formação humana que garanta o acesso e a permanência da criança na escola com uma qualidade que contemple aspectos socioculturais e socioambientais (Padilha, 2012). Esse modelo de educação também busca combater as desigualdades sociais, proporcionando aos estudantes acesso a atividades culturais, artísticas e esportivas, que muitas vezes não estão ao alcance deles fora do ambiente escolar. No entanto, Moll (2012, p. 142) amplia essa visão ao sugerir que a cidade deve ser entendida como um espaço de múltiplas possibilidades educativas, e que “baixar os muros da escola é colocá-la em diálogo com o que está em seu entorno”.

Nesse contexto, é fundamental a criação de políticas públicas, o envolvimento de diferentes atores sociais, além do reconhecimento de saberes e práticas culturais, com o objetivo de fortalecer os vínculos entre a escola, a comunidade, os professores, as políticas educacionais e sociais, criando um ambiente educacional mais inclusivo e integrado. A entrevistada OEA discute que é essencial envolver a família no processo educativo: *"O maior tempo que ele tem é na família e na escola, né? Então, pra formar um aluno pra enfrentar a sociedade, tem que trabalhar a família e a vida dele ali, o que cerca ele."* Dessa forma, sua atuação busca criar um ambiente de apoio e integração entre escola e família, proporcionando aos alunos uma base sólida para seu crescimento pessoal e acadêmico.

Já a OE1 reconhece que a formação dos alunos vai além do desempenho acadêmico, envolvendo aspectos emocionais, físicos e sociais. Em sua prática, ela enfatiza a importância

do equilíbrio entre estudo, lazer e bem-estar: *"Sabemos que os alunos precisam de atividade física, de descanso, de diálogo, de presença de qualidade, de afeto e de diversão. Tentamos buscar esse equilíbrio"*. Além disso, destaca a relevância da participação dos alunos em atividades esportivas e recreativas como meio de promover o desenvolvimento completo: *"A criança precisa correr, brincar, pular, e temos tantas oportunidades aqui: escolinhas de futsal, vôlei, jiu-jitsu, ping-pong, escoteiros, patinação... e muitas são praticamente gratuitas."* Contudo, ela percebe que, muitas vezes, o maior desafio é a falta de incentivo por parte das famílias para que as crianças participem dessas atividades.

Em sua prática, a entrevistada OE3 busca acompanhar o percurso dos alunos, ajudando-os a reconhecer erros e a explorar novas possibilidades: *"Com relação ao desenvolvimento dos estudantes, eu acredito que, enquanto orientadores, o nosso papel é justamente auxiliar o estudante, acompanhando seus estudos, e, quando necessário, orientá-lo sobre os erros, dizendo que aquele não é o melhor caminho e mostrando que existem outras opções."* Dessa forma, sua atuação contribui para que os alunos desenvolvam autonomia e consciência sobre suas escolhas.

Para apoiar os estudantes nas dificuldades, a OEA utilizava diferentes estratégias, sempre priorizando um olhar atento e individualizado. Em sua prática, ela fazia questão de observar os alunos em sala, identificando aqueles que precisavam de um acompanhamento mais próximo: *"Eu gostava muito de entrar nas turmas, observar, olhar para cada um e ver com quem eu precisava conversar."* Além disso, valorizava a escuta ativa, criando espaços para que os próprios estudantes expressassem suas dificuldades. Uma das formas eficazes de apoio era a escolha de líderes de turma, que tinham um papel importante na identificação dos desafios enfrentados pelos colegas: *"Os líderes traziam as dificuldades da turma."* Esse trabalho possibilitava uma intervenção mais direcionada e eficaz.

Outro ponto essencial era o cuidado na forma de dar os encaminhamentos aos alunos. Para ela, era fundamental destacar os aspectos positivos antes de apontar pontos de melhoria: *"Sempre precisamos destacar os aspectos positivos primeiro, para que o aluno não sinta que está ali apenas para ouvir críticas. O que precisa melhorar vem por último, de forma que o positivo vá conduzindo a conversa. Isso faz toda a diferença."* Essa abordagem ajudava a fortalecer a autoestima dos estudantes e incentivava o desenvolvimento de uma postura mais proativa diante dos desafios.

A OE1 atua como um ponto de escuta e acolhimento, ajudando os alunos a compreenderem suas situações e encontrarem caminhos para resolvê-las: *"Sendo suporte e*

apoio, quem está passando por um conflito existencial ou familiar sempre vem em busca de uma palavra, um conforto. Às vezes, só o fato de falarem já os faz perceber o que aconteceu, como aconteceu. [...] somos uma ponte aqui, uma ponte que possam passar e seguir." Além disso, ela trabalha com diferentes formas de assistência, atendendo desde questões emocionais até necessidades materiais: *"Leituras, reflexões, o apoio dos pais, o encaminhamento para psicólogos, e, se necessário, o suporte de outras redes. Às vezes, a necessidade é apenas um material escolar, e a gente entrega. Roupas, calçados, uniforme... tudo depende da demanda que o aluno traz. A gente faz o possível e até o impossível para tentar resolver."* Essa abordagem reforça a ideia de que a Orientação Educacional não se limita à escola, mas se estende para garantir que os alunos tenham condições adequadas para aprender e crescer.

Em sua prática, a orientadora OE2 procura se conectar com os alunos, reconhecendo que muitas de suas dificuldades também já foram enfrentadas por outras gerações. Como destaca: *"Muitas vezes, o que eles estão vivendo, eu também já vivi. Isso me permite fazer uma conexão, não para diminuir a dor deles ou dizer que a minha é maior, mas para perceber que, se algo não foi trabalhado comigo, talvez seja interessante trabalhar isso com eles agora, para que não sofram mais tarde."* Dessa forma, sua abordagem busca oferecer um espaço de acolhimento e reflexão, ajudando os estudantes a lidarem com suas emoções e desafios. Para apoiar os estudantes nas dificuldades, a OE2 adota estratégias voltadas à escuta ativa e à mediação de conflitos. Em sua prática, busca ouvir, refletir e ajudá-los a compreender melhor suas próprias vivências: *"Muitas vezes, a gente só dá o colo para deixar eles chorarem [...] Então, eu acho que o essencial é isso: ouvir, se colocar no lugar deles, ajudar e refletir juntos."* Além disso, percebe que muitas dificuldades enfrentadas pelos alunos também envolvem suas famílias. Muitas vezes, os responsáveis não sabem como agir, recorrendo a soluções que nem sempre são as mais saudáveis: *"Muitas vezes, chamo a família para trocar ideias, e aí percebemos que a família também está perdida, não sabe o que fazer, está meio 'tonta', sem saber como lidar com a situação. E, muitas vezes, a solução que parece mais simples para eles é deixar o filho no quarto, trancado, com o celular, porque assim sabem onde ele está e não na rua."* Dessa forma, além de apoiar os alunos diretamente, a orientadora também orienta as famílias, ajudando-as a compreender melhor os comportamentos dos filhos e a agir de maneira mais consciente e preventiva, como comentado na sessão anterior.

A OE3 também destaca a importância da parceria entre a equipe escolar e as famílias para garantir um acompanhamento eficaz: *"Vejo que tem que ter essa parceria conosco, tanto nós com os professores quanto eles conosco, para relatar situações de conflitos, de*

dificuldades, para ajudar o estudante a conseguir superá-las. Essa relação precisa existir, tanto com os professores quanto com os pais também, porque muitas vezes tem coisas que acontecem que os pais nem sabem, porque o filho não se abre, não fala, então a gente faz esse papel e esse papel é fundamental e essencial também.” Essa interação entre escola e família possibilita um suporte mais amplo, garantindo que os alunos tenham um ambiente seguro e acolhedor para se desenvolverem plenamente.

Outro aspecto importante da atuação da OE2 é a mediação de conflitos, especialmente em situações em que há dificuldade de entendimento entre as partes envolvidas: *"Para tentar mediar, sabe, a mediação, tem vezes que não conseguimos fazer com que as duas partes se entendam. Um pensa de uma forma, o outro pensa de outra. Mas, só pelo fato de estarmos ali, fazendo essa ligação, tentando fazer com que ambos entendam, já é um passo."* Esse trabalho de intermediação contribui para um ambiente escolar mais harmonioso, onde os alunos aprendem a lidar melhor com as diferenças e a resolver conflitos de forma mais construtiva.

De acordo com Giacaglia e Penteado (2006), o Orientador Educacional, com o apoio dos demais profissionais da educação, tem a responsabilidade de tornar a escola um ambiente acolhedor e propício para todos, além de garantir que ela cumpra sua função educativa em seu sentido mais amplo. Em muitos casos, a atuação do Orientador Educacional deve ser preventiva. Estratégias como palestras, filmes, leituras, intercâmbios, visitas e discussões sobre a diversidade de costumes, religiões, crenças, etnias, classes sociais, entre outros aspectos, devem ser utilizadas para promover o respeito e a tolerância entre os estudantes em relação às diferenças individuais.

A mediação é um processo de resolução de conflitos que busca a solução através do diálogo, com a ajuda de um mediador que facilita esse processo. Sales (2004), descreve a mediação como uma abordagem intermediária entre a negociação e a conciliação. Ela difere da negociação, pois envolve a presença de um terceiro na resolução do conflito; também se distingue da conciliação, pois o mediador não tem como objetivo conduzir ou influenciar a solução do problema, mas sim facilitar a comunicação entre as partes para que compreendam o conflito de forma mais ampla e decidam a melhor solução. Quando bem aplicada, a mediação de conflitos pode ser uma ferramenta pedagógica poderosa, transformando momentos de tensão em oportunidades de aprendizado. A mediação, por meio do diálogo e da escuta ativa, permite que as partes envolvidas expressem suas perspectivas, compreendam o problema e as circunstâncias do outro, possibilitando a reflexão sobre suas atitudes e a busca por soluções mais eficazes para as divergências.

Já a entrevistada OE3 trabalha na motivação e na busca por alternativas que possam ajudar os alunos a superarem momentos difíceis. Em sua abordagem, procura mostrar novas possibilidades, incentivando-os a seguir em frente, mesmo quando enfrentam desafios: *"Com relação às estratégias para apoiar os estudantes em suas dificuldades, eu acredito que podemos mostrar o outro caminho, às vezes o aluno está desanimado, para baixo, você pode mostrar um caminho diferente para ele, que pode não ser bom hoje, que pode não favorecer o dia dele, mas que no outro vai ser melhor e indicar outros caminhos que ele possa seguir para superar essas dificuldades."* Essa orientação é essencial para que os estudantes desenvolvam resiliência e consigam enfrentar as adversidades com mais confiança.

Além dessas estratégias, a OEA também se envolvia ativamente em programas e projetos dentro e fora da escola. Um dos trabalhos que desenvolvia era em parceria com o Grêmio Estudantil e a Associação de Pais e Professores (APP), promovendo ações que estimulavam o protagonismo juvenil: *"Eu trabalhava diretamente com o Grêmio Estudantil e a APP. A gente se envolvia muito com isso"*. Outra iniciativa importante foi sua participação no projeto de teatro, realizado com a professora de arte, que proporcionava aos alunos uma oportunidade de expressão artística e emocional: *"Ela trazia muitas coisas boas para os alunos, principalmente na parte artística. O lado emocional também, porque eles liberam muito"*.

Além do trabalho dentro da escola, a OEA também buscava apoio externo, participando de atividades promovidas pelo município. Em sua atuação, trabalhou em conjunto com assistentes sociais e psicólogos, garantindo um suporte mais amplo para os alunos que necessitavam de acompanhamento especializado: *"Passei a trabalhar junto com as assistentes sociais do município. Participávamos junto com as psicólogas."* Esse trabalho integrado reforça a importância de um olhar multidisciplinar para a educação, considerando os diferentes aspectos que influenciam o desenvolvimento dos estudantes.

A entrevistada OE1 participa ativamente de iniciativas já existentes na escola, contribuindo para a formação dos alunos em diferentes aspectos. Um dos projetos que acompanha é o Projeto de Vida (PV), no qual realiza intervenções direcionadas aos alunos: *"Eu procuro me incluir nos projetos já existentes, como o PV, que é o Projeto de Vida, onde faço algumas intervenções com falas direcionadas aos alunos."* Além disso, colabora com o Projeto Valores, que trabalha temas essenciais como respeito, empatia e convivência. Sua atuação também se estende para atividades organizadas pela disciplina de Religião, onde é convidada a auxiliar e dialogar com os estudantes sobre temas relevantes. Outro projeto em que atua é o Projeto Defesa Civil, onde assume um papel de articulação entre os professores: *"No Projeto*

Defesa Civil, também atuo como articuladora entre os professores, pois, com o tempo de planejamento reduzido, é necessário fazer essas conexões, esse trabalho em rede, pois, se não houver essa articulação, o projeto não acontece". Por fim, a OE1 reflete sobre a possibilidade de criar um projeto próprio dentro da orientação educacional: *"Porém, especificamente sobre a orientação educacional, no momento não tenho um projeto, até eu vou pensar nisso."* Seu envolvimento em diversas iniciativas e sua preocupação com o bem-estar dos alunos mostram sua dedicação em contribuir para um ambiente escolar mais acolhedor e enriquecedor para todos.

A OE2 participa ativamente de diversas iniciativas dentro da escola e da comunidade. Uma de suas atuações é na rede de proteção à criança e ao adolescente, onde participa de reuniões mensais para discutir casos de alunos que enfrentam dificuldades, muitas vezes em parceria com o serviço social: *"Tem o trabalho com a criança e o adolescente, que é a rede de proteção, e a gente participa de uma reunião mensal. [...] A cada mês, a gente tem um dia específico para discutir os alunos com dificuldades, às vezes conectados com o serviço social."*

Além disso, a orientadora contribui para a manutenção do NEPRE, programa da rede estadual que busca atuar na prevenção da violência dentro das escolas: *"Tem também o NEPRE, que faz parte da rede estadual, e a gente é responsável por manter isso ativo na escola."* Outro trabalho relevante é a promoção de ações voltadas à prevenção ao uso de drogas, contando com o apoio da Polícia Militar para desenvolver atividades com os alunos: *"A gente também trabalha a questão da saúde nas escolas, com ênfase na prevenção ao uso de drogas. A Polícia Militar também participa, trazendo atividades para a escola"*. A OE2 também busca proporcionar experiências enriquecedoras para os alunos por meio de palestras e atividades extracurriculares que os ajudem a refletir sobre o futuro profissional: *"Temos rodas de conversa com técnicos de administração e pessoas de empresas, para fazer essa reflexão com eles sobre o futuro. Tem bastante palestras que a gente também traz, fazendo essa ligação entre o pensar em si."* Além disso, promove saídas de estudo em meio à natureza, proporcionando momentos de aprendizado fora do ambiente escolar tradicional.

Outro projeto de destaque da OE2 envolve práticas de meditação e relaxamento, trazendo profissionais especializados para orientar os alunos nesse processo: *"Também trazemos atividades de meditação, com profissionais da área, pelo menos uma vez a cada dois meses, para eles relaxarem e reflitirem. A gente também, como profissionais, aproveita esses momentos."* Essas atividades contribuem para a saúde mental dos estudantes, ajudando-os a lidar com o estresse e a ansiedade. A atuação da OE2 demonstra um olhar atento às diversas

necessidades dos alunos, promovendo ações que vão além da sala de aula e contribuindo significativamente para sua formação integral.

A entrevistada OE3 participa de iniciativas voltadas à construção de valores e à formação cidadã. Um dos projetos em que está envolvida é o Projeto Valores, que tem como objetivo trabalhar princípios fundamentais para a convivência e o crescimento pessoal dos alunos: *"Temos os projetos sim, este ano aqui nós temos um fundamental projeto valores, que trata dessa temática de valores."* Essa iniciativa reforça a importância do respeito, da empatia e da cooperação dentro do ambiente escolar, contribuindo para a formação de cidadãos mais conscientes e responsáveis. Dessa maneira, a atuação da OE3 se dá em diferentes frentes, desde o acompanhamento individual dos alunos até o trabalho em conjunto com professores e famílias.

Por fim, a OEA sempre manteve um acompanhamento contínuo dos alunos, registrando informações importantes ao longo dos anos na ficha de atendimento: *"Quando o aluno se formava, a ficha dele estava toda lá. Mas o mais importante era o trabalho de acompanhamento"*. Esse registro não apenas auxiliava no planejamento das intervenções pedagógicas, mas também garantia que cada estudante recebesse o suporte necessário ao longo de sua trajetória escolar.

A implementação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) nas escolas é importante para garantir uma educação integral que contemple tanto o desenvolvimento acadêmico quanto o socioemocional dos estudantes. É possível perceber, através das entrevistas, que o papel do Orientador Educacional se torna indispensável nesse processo, pois ele atua diretamente no suporte individualizado, promovendo reflexões críticas e incentivando a resolução de problemas. Ao trabalhar habilidades como autoconfiança, empatia e resiliência, o orientador contribui para que os alunos desenvolvam competências essenciais para enfrentar desafios dentro e fora da escola, alinhando-se aos princípios da BNCC.

Além disso, ao mediar o diálogo entre escola e família e participar ativamente de projetos educativos, o Orientador Educacional fortalece um ambiente escolar mais acolhedor e propício ao desenvolvimento integral dos estudantes. Seu trabalho não apenas auxilia na construção do projeto de vida dos alunos, mas também fomenta valores como responsabilidade, cidadania e cooperação, elementos essenciais para a formação de indivíduos críticos e preparados para os desafios da sociedade contemporânea.

7.1.6 Reflexão e Futuro

A tabela a seguir apresenta fragmentos das entrevistas, organizando as respostas por entrevistada e categorizando-as conforme suas ideias centrais. Para facilitar a análise, os trechos foram destacados com cores específicas: expectativas para o futuro da Orientação Educacional (vermelho) e sugestões para melhorar a formação e atuação do OE (verde). Essa estrutura permite uma compreensão mais clara das perspectivas e propostas compartilhadas.

Tabela 11 – Reflexões e futuro

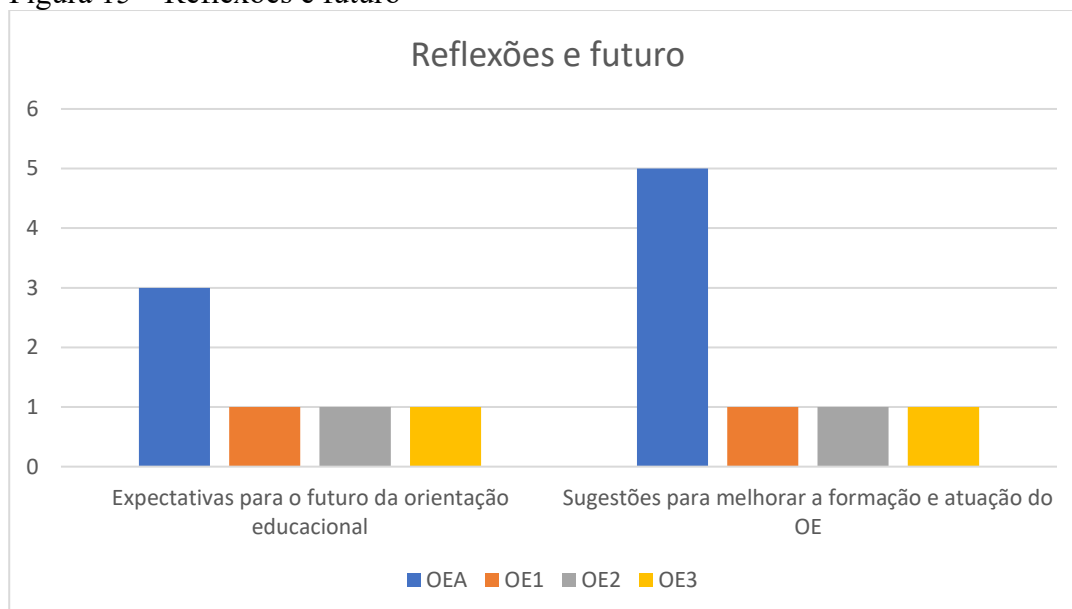
OE	ECH	IC	AC
OEA	“Eu acho que cada vez precisa de mais orientador, que tenha uma caminhada, que conheça o aluno pra poder ajudar.” “tem que conquistar o aluno, assim como o professor também precisa conquistar.” “Tem que ter mais especialistas, porque eu fazia muita coisa, mas era tudo corrido, e às vezes achavam que eu conversava demais com os alunos.” “Quando se fala em orientação, hoje tem mais apoio, mais recursos. Hoje, muita coisa que nós, na época, tínhamos que resolver, agora é resolvida por outros setores, como o social no município. Acho que tem mais um trabalho assistencial com a família, mas não sei se resolve tudo, mas tem.” “Eu sempre dizia para os alunos: "Se vocês querem seguir uma profissão, o melhor é conversar com pessoas que já estão na área, para conhecer melhor. O teste vocacional pode até ajudar, mas é importante ir atrás do que você realmente quer." O teste, muitas vezes, serve mais para dar um norte, sabe?” “Não é necessário estar sempre fora da escola, claro, a escola é muito importante, mas em alguns momentos é bom sair para aprender mais e trazer esse aprendizado para dentro da escola. Quando começou a surgir o problema das drogas e da violência nas escolas, por exemplo, isso era algo que me deixava sem saber o que fazer.” “Eu acho que hoje existem muitas novidades, mas é importante sempre revisar a base da orientação educacional. Não sei se ainda é assim hoje, mas até um tempo atrás, a orientação educacional era a única área reconhecida por uma lei que nos amparava. Na minha época, éramos a única área registrada, a orientação educacional. Fui descobrindo a força que isso tinha.” “A orientação precisa da família, da sociedade como um todo. Tínhamos momentos de aulas com orientadores, não toda semana, mas tinham esses encontros. Eu aplicava técnicas nas turmas, por exemplo, no início do ano, desenvolvia um	- Expectativas para o futuro da Orientação Educacional; - Sugestões para melhorar a formação e atuação do OE.	

	planejamento, fazia uma sessão com os alunos, aplicando essas técnicas. Era muito bom, eu gostava bastante disso.”		
OE1	“Que haja mais orientadores, que possamos ter mais encontros, fortalecer a profissão e dar mais significado ao nosso trabalho dentro das escolas. Precisamos de mais espaço e reconhecimento, mas para isso, precisamos de força.” “Formações continuadas para professores, para orientadores, a nível também de coordenadoria, CRE. Os professores precisam saber, entender qual é o nosso papel, porque aí podemos ter um apoio, porque as coisas não acontecem sozinhas, elas acontecem em grupo. Então o time jogando junto vai fazer bem para todo mundo, para as famílias, para os alunos, para todos que estão envolvidos no processo.”	- Expectativas para o futuro da Orientação Educacional; - Sugestões para melhorar a formação e atuação do OE.	
OE2	“Que todos os espaços escolares sejam mais valorizados, que a gente não seja apenas uma casa de apoio, mas que sejamos a casa, sabe? Que não estamos ali para apenas acomodar as pessoas, mas para capacitar e preparar elas para serem melhores no futuro. Sempre penso nisso. Eu vejo aquele primeiro olhar chegando e penso: "Nossa, olha aquele do primeiro aninho vindo, olha só o quanto que a gente vai lapidar, mas a gente vai fazer ele entender esse processo". Acho que é isso.” “Eu acho que os estudos, a compreensão, a valorização profissional, e aí a gente entra também bastante na questão financeira. Acho que deveríamos ser mais remunerados ou ter um tempo reduzido de trabalho dentro da unidade escolar, para também termos um tempo para a gente se dedicar fora dela. [...] Que a gente tenha grupos de estudos, rodas de conversa. E a parte financeira, porque quando a gente está mais remunerado, acabamos também investindo mais na gente.”	- Expectativas para o futuro da Orientação Educacional; - Sugestões para melhorar a formação e atuação do OE.	
OE3	“Eu penso que estou no caminho certo e que assim o meu trabalho ele vem só para contribuir aqui na escola, pretendo me especializar mais, para que também eu tenha um outro parâmetro talvez de atendimento ou de alguma forma de auxiliar a escola ainda mais, que eu já estou auxiliando.” “Com relação à formação e atuação dos orientadores educacionais, eu penso que por parte da nossa coordenadoria, poderia ter mais cursos específicos voltados para a nossa área, então é algo que talvez nós por sermos minoria, a gente não corre atrás, não vai atrás de fazer algo diferente, mas que eles aqui por parte da coordenadoria deveriam ter um olhar diferenciado também, porque a gente sabe que a resistência de ter um pedagogo dentro da escola é grande, então não são todas as escolas que aceitam, porque cada um defende a sua área, mas eu penso que	- Expectativas para o futuro da Orientação Educacional; - Sugestões para melhorar a formação e atuação do OE.	

	nós poderíamos nos mobilizar mais para sermos mais bem vistos e termos esse papel valorizado ainda mais.”		
--	---	--	--

Fonte: Autora, 2025

Figura 15 – Reflexões e futuro



Fonte: Autora, 2025

O gráfico "Reflexões e Futuro" apresenta a quantidade de trechos extraídos sobre as expectativas para o futuro da orientação educacional e sugestões para melhorar a formação e atuação do orientador educacional. A entrevistada OEA teve a maior participação em ambas as categorias, especialmente na segunda, sugerindo um maior envolvimento nas discussões sobre melhorias na formação profissional. A entrevistadas OE1, OE2 e OE3 tiveram participações menores, mas relativamente equilibradas, indicando consenso sobre a relevância do tema, embora com menor presença no discurso coletivo sobre propostas de mudança. Esses dados evidenciam uma preocupação geral com o futuro da orientação educacional, mas com diferentes níveis de engajamento nas sugestões de aprimoramento profissional.

7.1.6.1 Discurso do sujeito coletivo sobre as expectativas para o futuro da Orientação Educacional

Atualmente, percebemos que conquistar o aluno depende também de conquistar o professor, o que exige um esforço conjunto e estruturado. Para isso, é fundamental aumentar

o número de orientadores e especialistas nas escolas, possibilitando mais encontros, fortalecendo a profissão e dando mais significado ao nosso trabalho. Precisamos de mais espaço e reconhecimento, mas isso também depende da nossa força coletiva.

Hoje, observa-se mais apoio e recursos do que no passado. Muitas demandas que antes precisávamos resolver sozinhos agora são atendidas por setores como o social do município. Embora exista um trabalho assistencial mais estruturado, nem todas as situações são totalmente solucionadas.

É essencial que todos os espaços escolares sejam valorizados. A escola não pode ser apenas um local de apoio, mas sim um ambiente que capacite e prepare os estudantes para serem melhores no futuro. Para oferecer um atendimento mais eficaz e de qualidade, é necessário reforçar o número de profissionais e possibilitar especializações que ampliem os parâmetros de atuação.

Ao longo do tempo, é fundamental continuar lutando pela valorização da orientação educacional, pelo reconhecimento do nosso trabalho e pela melhoria das condições de atuação. Só assim conseguiremos desempenhar nossa função com qualidade e dedicação, garantindo que a educação aconteça de forma eficaz, justa e transformadora.

7.1.6.2 Discurso do sujeito coletivo com sugestões para melhorar a formação e atuação do orientador educacional

Cada vez mais é necessário ter orientadores que conheçam o aluno, que tenham uma trajetória que permita compreender suas necessidades e ajudá-lo de forma efetiva. Uma vez, o orientador educacional teve momentos em sala de aulas com os estudantes, não semanalmente, mas essas oportunidades eram importantes. Nessas ocasiões, aplicava técnicas nas turmas, realizava planejamentos no início do ano e promovia sessões com os alunos, o que contribuía significativamente para o acompanhamento educacional.

A orientação educacional precisa do apoio da família e da sociedade como um todo. Embora a escola seja o espaço principal, é importante, em alguns momentos, sair para aprender mais e trazer esse aprendizado para dentro da escola. Revisar constantemente a base da orientação educacional e atualizar-se é fundamental.

Formações continuadas para professores e orientadores, incluindo ações a nível de coordenação e CRE, são essenciais. É importante que os professores compreendam nosso

papel, para que possamos contar com apoio e trabalhar de forma colaborativa, reconhecendo que as ações não acontecem isoladamente, mas em grupo.

Também é necessário investir na valorização profissional, incluindo aspectos financeiros. Uma remuneração adequada e a possibilidade de redução do tempo de trabalho dentro da escola permitiria dedicar-se a estudos, grupos de discussão e formação contínua. Cursos específicos voltados para a nossa área são fundamentais, principalmente considerando que somos uma minoria. Um olhar diferenciado das coordenadorias poderia fortalecer nossa atuação, pois ainda existe resistência em algumas escolas à presença de orientadores. Mobilizar-nos para sermos mais reconhecidos e valorizados contribuiria significativamente para o fortalecimento da profissão

7.1.6.3 Reflexão e Futuro: Caminhos para o aperfeiçoamento da Orientação Educacional na visão das orientadoras educacionais da coordenadoria regional de Itapiranga/SC

Como percebido, a orientação educacional desempenha um papel essencial no desenvolvimento dos alunos, ajudando-os a enfrentar desafios acadêmicos, sociais e emocionais. Com as mudanças na sociedade e na educação, espera-se que essa função se fortaleça ainda mais no futuro. Como bem destacou a entrevistada OEA, *"eu acho que cada vez precisa de mais orientador, que tenha uma caminhada, que conheça o aluno pra poder ajudar"*. No mesmo sentido, a OE1 propõe *"Que haja mais orientadores, que possamos ter mais encontros, fortalecer a profissão e dar mais significado ao nosso trabalho dentro das escolas. Precisamos de mais espaço e reconhecimento, mas para isso, precisamos de força"*. Essa fala reforça a necessidade de uma presença mais marcante do orientador nas escolas. OEA ainda aborda que *"Tem que ter mais especialistas, porque eu fazia muita coisa, mas era tudo corrido, e às vezes achavam que eu conversava demais com os alunos"*. Ter mais profissionais da área significa não apenas uma melhor distribuição das demandas, mas também uma atuação mais próxima e significativa junto aos alunos e professores.

Para que a Orientação Educacional tenha mais impacto, é importante que se tenha investimentos em formações continuadas. A entrevistada OE1 pontua essa necessidade de forma clara: *"Formações continuadas para professores, para orientadores, a nível também de coordenadoria, CRE"*. A capacitação constante permite que os profissionais estejam atualizados com novas metodologias e possam aprimorar sua atuação dentro da escola. A

entrevistada OE3 aponta essa lacuna ao afirmar que *"poderia ter mais cursos específicos voltados para a nossa área, então é algo que talvez nós por sermos minoria, a gente não corre atrás, não vai atrás de fazer algo diferente, mas que eles aqui por parte da coordenadoria deveriam ter um olhar diferenciado também"*. A formação contínua e a valorização financeira dos profissionais são pontos delicados, como pontua a entrevistada OE2, *"Eu acho que os estudos, a compreensão, a valorização profissional, e aí a gente entra também bastante na questão financeira. Acho que deveríamos ser mais remunerados ou ter um tempo reduzido de trabalho dentro da unidade escolar, para também termos um tempo para a gente se dedicar fora dela"*. Ela ainda sugere a implementação de iniciativas como *"grupos de estudos, rodas de conversa"*, que podem contribuir para o aprendizado coletivo e compartilhamento de estratégias para lidar com os desafios da profissão.

Como mencionado, a experiência fora do ambiente escolar pode contribuir significativamente para a prática educativa, assim como destaca a OEA: *"Não é necessário estar sempre fora da escola, claro, a escola é muito importante, mas em alguns momentos é bom sair para aprender mais e trazer esse aprendizado para dentro da escola"*. Isso pode incluir cursos, eventos e visitas a outras instituições para trocar experiências e trazer novas estratégias para o contexto escolar. A busca por especialização e aprimoramento profissional é essencial para que a Orientação Educacional continue evoluindo e impactando positivamente o ambiente escolar. Como destacou a entrevistada OE3, *"pretendo me especializar mais, para que também eu tenha um outro parâmetro talvez de atendimento ou de alguma forma de auxiliar a escola ainda mais, que eu já estou auxiliando"*.

Além disso, OE1 aborda que é fundamental que os professores compreendam melhor o papel do orientador, pois isso fortalece a parceria dentro da escola: *"Os professores precisam saber, entender qual é o nosso papel, porque aí podemos ter um apoio, porque as coisas não acontecem sozinhas, elas acontecem em grupo"*. A atuação em conjunto garante um ambiente mais integrado e colaborativo, onde o suporte ao aluno se torna mais eficaz. Além disso, a entrevistada OE3 destaca um desafio importante: a resistência que ainda existe em relação ao papel do pedagogo dentro da escola *"A gente sabe que a resistência de ter um pedagogo dentro da escola é grande, então não são todas as escolas que aceitam, porque cada um defende a sua área"*. OE2 aponta que Orientação Educacional precisa ser reconhecida como parte essencial do ambiente escolar, e não apenas um setor de suporte. A entrevistada expressa *"Que todos os espaços escolares sejam mais valorizados, que a gente não seja apenas uma casa de apoio, mas que sejamos a casa, sabe? Que não estamos ali para apenas acomodar as pessoas, mas*

para capacitar e preparar elas para serem melhores no futuro".

O futuro da Orientação Educacional depende de fortalecimento e reconhecimento. Como reforçado pela entrevistada OE1, *"Precisamos de mais espaço e reconhecimento, mas para isso, precisamos de força"*. OE3 sugere que *"nós poderíamos nos mobilizar mais para sermos mais bem vistos e termos esse papel valorizado ainda mais"*. Por fim, o envolvimento da família e da sociedade é fundamental para o sucesso da Orientação Educacional. Como reforçado pela entrevistada OEA, a parceria entre escola, alunos e famílias pode contribuir para um trabalho mais eficiente: *"A orientação precisa da família, da sociedade como um todo"*.

Com anos de experiência na área, a Orientadora Educacional aposentada – OEA compartilha práticas de sua trajetória e oferece sugestões para fortalecer a profissão. Ela destaca que, atualmente, a Orientação Educacional conta com mais suporte e recursos, mas reforça a importância de manter o orientador como peça-chave dentro da escola: *"Quando se fala em orientação, hoje tem mais apoio, mais recursos. Hoje, muita coisa que nós, na época, tínhamos que resolver, agora é resolvida por outros setores, como o social no município. Acho que tem mais um trabalho assistencial com a família, mas não sei se resolve tudo, mas tem"*. Além disso, ressalta a relevância da orientação profissional, incentivando os alunos a irem além dos testes vocacionais e a buscarem informações diretamente com profissionais das áreas de interesse: *"Eu sempre dizia para os alunos: 'Se vocês querem seguir uma profissão, o melhor é conversar com pessoas que já estão na área, para conhecer melhor. O teste vocacional pode até ajudar, mas é importante ir atrás do que você realmente quer.' O teste, muitas vezes, serve mais para dar um norte, sabe?"*.

Outro ponto que evidencia a importância da atuação do orientador é o uso de técnicas estruturadas, planejadas para auxiliar os alunos ao longo do ano letivo, algo que a entrevistada praticava e acredita ser essencial para um trabalho mais efetivo: *"Tínhamos momentos de aulas com orientadores, não toda semana, mas tinham esses encontros. Eu aplicava técnicas nas turmas, por exemplo, no início do ano, desenvolvia um planejamento, fazia uma sessão com os alunos, aplicando essas técnicas. Era muito bom, eu gostava bastante disso"*. A experiência dela reforça que muitas dessas estratégias podem ser resgatadas e aprimoradas.

O fortalecimento da Orientação Educacional passa por oportunidades de especialização, pelo reconhecimento da importância do pedagogo na escola e pela mobilização da própria categoria em busca de maior valorização. Como abordado pelas entrevistadas, o aprimoramento contínuo e a luta por um espaço mais reconhecido dentro das escolas são fundamentais para

que o Orientador Educacional possa desempenhar seu papel com ainda mais eficiência e impacto positivo na formação dos estudantes.

7.1.7 Comentários finais

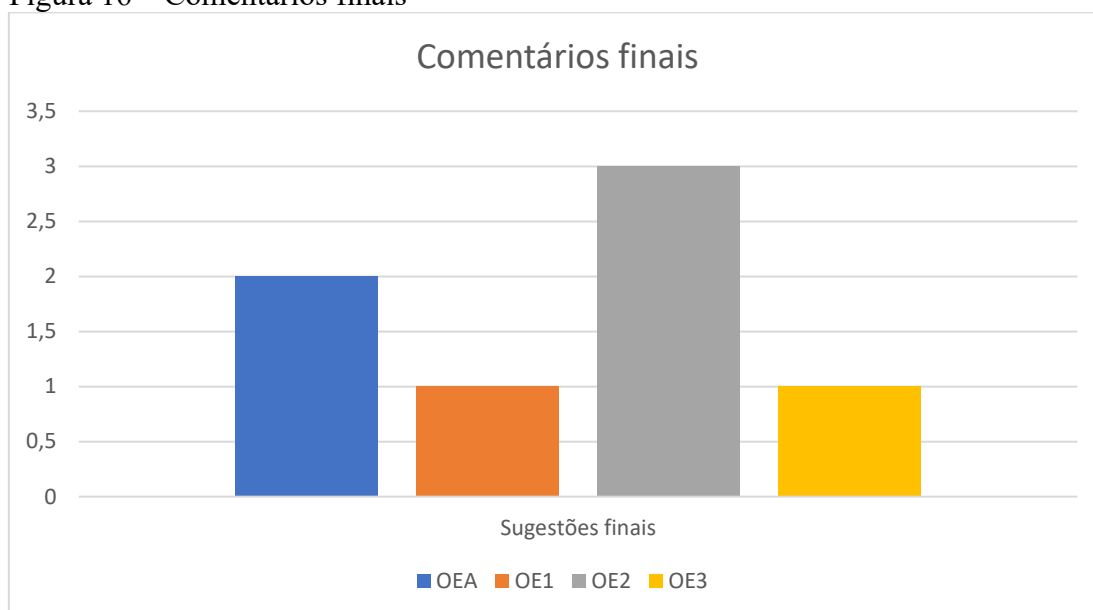
Esta é a última tabela e contém trechos extraídos das entrevistas com as Orientadoras Educacionais. Nessa categoria, foram registradas as sugestões apresentadas pelas entrevistadas, sendo que esses trechos estão destacados em vermelho para facilitar a identificação.

Tabela 12 – Comentários finais

OE	ECH	IC	AC
OE1	“Acho que seria interessante retomar os encontros com o município, porque hoje há muito mais profissionais do que na nossa época. Naquela época, nós trazíamos coisas para eles e também recebíamos apoio.” “Claro, é fundamental focar no trabalho com os alunos na escola, mas às vezes você aprende coisas importantes nessas instituições e pode trazer isso para o seu trabalho escolar.”	- Sugestões;	
OE2	“Acredito que precisamos nos apoiar, e quanto mais formação e oportunidades de aprendizado tivermos, mais forte a nossa profissão se torna. Assim, também sentimos mais orgulho do que fazemos.” “Eu acho que hoje o Estado poderia, talvez, oferecer mais oportunidades para quem está investindo em estudos, como no seu caso, que está fazendo mestrado.” “Não importa se você está atuando a dois ou três anos, mas que a pessoa tenha esse tempo para estudar, se ausentar para se dedicar. Isso traria um retorno depois, não deveria ser visto apenas como um gasto que não trará benefícios. O quanto podemos evoluir com isso também, né? Então, minha sugestão seria essa: oferecer um tempo exclusivo para que a pessoa possa se aprimorar, pesquisar e ir atrás.”	- Sugestões;	
OE3	“Na questão da orientação mesmo, que é um papel fundamental dentro da escola e que precisa ser mais valorizado e que tem que partir de nós, abraçar a causa e sermos mais bem vistos, exigir mais talvez alguma mobilização a nível de Estado, alguma mobilização de CRE, nós poderíamos pensar e fazer diferente, para sermos vistos de forma diferente também.”	- Sugestões;	

Fonte: Autora, 2025

Figura 16 – Comentários finais



Fonte: Autora, 2025

O gráfico "Comentários Finais" representa a quantidade de sugestões finais extraídas das falas de cada entrevistada (OEA, OE1, OE2 e OE3). Quanto maior a barra, maior a participação daquele grupo na construção do discurso coletivo sobre esse tema. Observa-se que a entrevistada OE2 se destaca, tendo fornecido o maior número de sugestões finais, demonstrando um maior envolvimento com a reflexão e proposição de melhorias. A entrevistada OEA também apresenta uma participação expressiva, enquanto OE1 e OE3 possuem menor representatividade nas sugestões.

7.1.7.1 Discurso do sujeito coletivo com sugestões e/ou comentários finais

Acredito que seria interessante retomar os encontros com o município nas reuniões da rede de proteção à criança e ao adolescente, porque é importante saber o que está sendo feito com os encaminhamentos realizados para que possa dar uma sequência nos atendimentos dentro da escola ou a realização de novos encaminhamentos. É fundamental focar no trabalho com os alunos dentro da escola, mas essas instituições podem nos proporcionar aprendizados importantes que podem ser aplicados no ambiente escolar.

Vejo como essencial que possamos nos apoiar mutuamente, e quanto mais oportunidades de formação e aprendizado tivermos, mais fortalecida se torna a nossa profissão. Hoje, penso que o Estado poderia oferecer mais oportunidades para quem está

investindo em estudos, permitindo que profissionais, independentemente do tempo de atuação, tenham tempo para se dedicar, aprimorar-se e aprofundar conhecimentos.

Também é necessário dispor de tempo exclusivo para pesquisa e aprimoramento profissional. A valorização da profissão precisa partir de nós mesmos, abraçando a causa e buscando sermos mais reconhecidos. Uma mobilização a nível estadual ou da CRE poderia fortalecer esse processo. Precisamos pensar e agir de forma estratégica para sermos vistos de maneira diferente, mais valorizada e respeitada dentro do contexto educacional.

7.1.7.2 Comentários finais: Sugestões das Orientadoras Educacionais da coordenadoria regional de Itapiranga/SC

Por fim, a entrevistada OEA destacou a importância de retomar os encontros com o município, considerando a evolução no número de profissionais na área ao longo do tempo. Segundo ela: *“Acho que seria interessante retomar os encontros com o município, porque hoje há muito mais profissionais do que na nossa época. Naquela época, nós trazíamos coisas para eles e também recebíamos apoio”*.

Além disso, reforçou que, embora o foco principal seja o trabalho com os alunos dentro da escola, há um grande valor nas trocas realizadas em outras instituições, pois essas experiências podem contribuir significativamente para a prática escolar: *“Claro, é fundamental focar no trabalho com os alunos na escola, mas às vezes você aprende coisas importantes nessas instituições e pode trazer isso para o seu trabalho escolar”*.

Já a entrevistada OE1 ressaltou a importância da união e do investimento contínuo na formação profissional. Para ela, o fortalecimento da área está diretamente ligado às oportunidades de aprendizado e crescimento: *“Acredito que precisamos nos apoiar, e quanto mais formação e oportunidades de aprendizado tivermos, mais forte a nossa profissão se torna. Assim, também sentimos mais orgulho do que fazemos”*. Sua fala enfatiza a relevância da colaboração entre os profissionais e da valorização da educação como um processo constante de desenvolvimento. A entrevistada OE2 também sugeriu que o Estado poderia oferecer mais oportunidades para aqueles que buscam investir em sua formação acadêmica e profissional. Ela destacou o valor desse investimento tanto para o desenvolvimento pessoal quanto para a valorização da profissão: *“Eu acho que hoje o Estado poderia, talvez, oferecer mais oportunidades para quem está investindo em estudos, como no seu caso, que está fazendo*

mestrado”. Além disso, ela enfatizou a importância de garantir tempo para que os profissionais possam se dedicar aos seus estudos, independentemente do tempo de atuação na área. Para ela, essa dedicação não deve ser vista apenas como um custo, mas sim como um investimento que trará retorno no futuro: *“Não importa se você está atuando a dois ou três anos, mas que a pessoa tenha esse tempo para estudar, se ausentar para se dedicar. Isso traria um retorno depois, não deveria ser visto apenas como um gasto que não trará benefícios. O quanto podemos evoluir com isso também, né? Então, minha sugestão seria essa: oferecer um tempo exclusivo para que a pessoa possa se aprimorar, pesquisar e ir atrás”*. Sua fala reforça a ideia de que o apoio ao desenvolvimento profissional é essencial para o crescimento da área, sugerindo que o Estado invista mais nesse tipo de oportunidade para que os profissionais possam se aperfeiçoar e trazer melhorias significativas para o campo educacional.

A entrevistada OE3 fez uma reflexão importante sobre o papel da Orientação Escolar, destacando sua relevância dentro do contexto educacional e a necessidade de valorização dessa função. Para ela, é fundamental que a própria categoria de profissionais da área se engaje ativamente para garantir essa valorização e, assim, mudar a percepção que se tem sobre a orientação escolar: *“Na questão da orientação mesmo, que é um papel fundamental dentro da escola e que precisa ser mais valorizado e que tem que partir de nós, abraçar a causa e sermos mais bem vistos, exigir mais talvez alguma mobilização a nível de Estado, alguma mobilização de CRE, nós poderíamos pensar e fazer diferente, para sermos vistos de forma diferente também”*. Sua fala sugere que a valorização da Orientação Escolar deve ser uma iniciativa coletiva e proativa, que envolva não só os profissionais da área, mas também uma mobilização maior junto aos órgãos governamentais, para que o papel do orientador seja reconhecido e respeitado como essencial para o desenvolvimento dos alunos e para o sucesso da educação como um todo.

8 CONCLUSÃO⁷

A falta de reconhecimento social e as dificuldades práticas enfrentadas na profissão são os motivos que impulsionaram essa pesquisa, que foi realizada através do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação (PPGEDU), Mestrado e Doutorado, da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI Câmpus Frederico Westphalen), com o objetivo de explorar a importância da Orientação Educacional, seu impacto no desenvolvimento dos estudantes e as formas de aprimorar a prática para continuar incentivando e acreditando nos estudantes.

A pesquisa realizada permitiu uma percepção aprofundada sobre a evolução do ofício do Orientador Educacional na educação básica, destacando sua trajetória histórica, a construção da identidade profissional e a importância de suas práticas para o desenvolvimento escolar, social e emocional dos estudantes. Ao longo do estudo, ficou evidente que a Orientação Educacional se adapta às demandas da sociedade e do contexto educacional em constante transformação.

Ao perscrutar raízes históricas da Orientação Educacional, investigando como a função evoluiu ao longo dos anos, considerando as influências sociais, culturais e educacionais, compreende-se que a Orientação Educacional se revela como uma profissão que passou por diversas reformulações, influenciadas por mudanças sociais, culturais e pedagógicas. Segundo Pimenta (1998), a Orientação Educacional teve origem aproximadamente em 1930, surgindo a partir da orientação profissional que estava em vigor nos Estados Unidos. O maior objetivo deste serviço era de guiar o indivíduo na escolha de seu lugar social pela profissão. Desde a sua implementação até os dias atuais, esse trabalho passou por vários períodos, leis e decretos o que faz a profissão ser questionada e, muitas vezes até esquecida.

Inicialmente, o estudante não era o protagonista no processo educacional, com os sucessos escolares atribuídos, principalmente, à eficácia do professor. No entanto, à medida em que a era industrial aumentava, os desafios também aumentavam. Com a migração dos pais para as fábricas, os filhos acabavam ficando desassistidos, gerando a necessidade de uma abordagem mais individual e compassiva. Esta transição auxiliou no reconhecimento do estudante como um ser único, com suas próprias defasagens, virtudes, dificuldades, habilidades

⁷ A conclusão está redigida na primeira pessoa do singular para permitir que a autora manifeste sua voz e expressar sua posição sobre o tema.

e aspirações, enquanto os professores também passaram a ser vistos como seres suscetíveis a falhas.

Porém, a industrialização, impôs uma pressão sobre a escola para produzir mão-de-obra especializada, resultando em salas de aula superlotadas e professores sobrecarregados. Nesse viés, o Orientador Educacional surgiu como um agente de mudança, adaptando-se às demandas sociais e educacionais que só aumentavam. Sua evolução, conforme descrito por Pianezzer (2018), reflete uma transição de uma abordagem centrada no indivíduo para uma abordagem mais coletiva e participativa.

Essas transformações impactaram diretamente a identidade profissional dos Orientadores Educacionais, e ao **analisar a construção da identidade profissional do Orientador Educacional e o seu papel no contexto atual da educação**, percebe-se que ele vem moldando suas práticas e redefinindo suas atribuições para além do apoio acadêmico, abrangendo também o desenvolvimento socioemocional dos estudantes e o fortalecimento da relação entre escola, família e comunidade.

Considerando que a educação transforma o indivíduo, pode-se pensar que a instituição escolar é o espaço onde existe uma troca de experiências, possibilidades e de aprendizagem. A autora Pianezzer (2018) explica que no passado, o estudante era visto apenas como uma mão de obra futura e hoje, passa a ser visto como um ser que está em pleno desenvolvimento e em busca de felicidade. Para isso, conta-se com a equipe pedagógica para auxiliá-lo e orientar nesse processo.

Segundo Pianezzer (2018, p. 13), qualquer sujeito “orientou ou foi orientado por alguém”. Sendo que, dentro das escolas, quem faz esse papel de orientar o estudante é o Orientador Educacional que “sofreu alterações conforme as modificações em sua volta, melhorando e tornando-se mais atuante, participativa e consciente de seu papel na sociedade” (Pianezzer, 2018, p. 12).

No contexto educacional desafiador atual, os Orientadores Educacionais desempenham um papel crucial como mediadores, ajudando os estudantes a enfrentarem obstáculos pessoais e acadêmicos. Sua atuação, visa promover a compreensão de si mesmos, dos outros e do mundo, estimulando o autoconhecimento, desenvolvimento de habilidades sociais e emocionais, respeito à diversidade, pensamento crítico e resolução de conflitos. Com o suporte do Orientador Educacional, os estudantes tornam-se mais preparados para enfrentar as exigências de um mundo em constante mudança, contribuindo assim para uma sociedade mais compreensiva e inclusiva, para dessa forma, trazer o estudante como protagonista e

compreender que a educação de ensino-aprendizagem é um processo e que é uma tarefa para toda a vida. É necessário educar para a cidadania, como Moll e Bernardi (2021), trazem no livro *Cidades educadoras*, é necessário derrubar paredes. Ver a sociedade como parte da educação, que conecte e integre as possibilidades educativas.

Ficou claro que projetos e atividades desenvolvidas através de um planejamento e com objetivos, desempenham um papel essencial na educação, podendo **evidenciar a importância de projetos e atividades do orientador educacional no apoio aos estudantes, professores, pais, comunidade escolar, na promoção do bem-estar e na melhoria da educação e aprendizagem**. A atuação desses profissionais se mostra indispensável para criar um ambiente escolar acolhedor e inclusivo, contribuindo para a formação integral dos alunos.

Além disso, pode-se **compreender como o ofício do Orientador Educacional se manifesta na prática, por meio da análise, percepções e experiências dos Orientadores Educacionais atuantes na coordenadoria regional de Itapiranga/SC, explorando as motivações na escolha dessa profissão, suas visões sobre a importância da função, as estratégias e métodos de trabalho que empregam, bem como as dificuldades e desafios enfrentados em sua atuação**, evidenciando a importância da experiência prática na construção da identidade do Orientador Educacional. Os desafios enfrentados por esses profissionais ressaltam a necessidade de constante aprimoramento e adaptação às realidades escolares, reforçando a relevância de políticas educacionais que valorizem e fortaleçam essa atuação. É perceptível ainda que investir na formação desses profissionais, garantindo uma visão holística de sua profissão, é possível criar uma base sólida para a construção de uma educação de qualidade e duradoura, independente das mudanças políticas que possam ocorrer.

Dessa forma, seguindo o objetivo geral da pesquisa, de **explorar o papel do Orientador Educacional na educação básica e sua evolução perante as mudanças históricas e às demandas dos estudantes e sociedade, analisando como essas mudanças impactam na identidade profissional e nas práticas da Orientação Educacional no apoio ao desenvolvimento escolar, social e emocional dos estudantes**, pode-se concluir que a Orientação Educacional desempenha um papel fundamental na educação básica, atuando como um elo entre diferentes agentes do processo educativo e garantindo suporte para o desenvolvimento dos estudantes. Para que sua atuação continue sendo ainda mais eficaz, é essencial que haja investimento na formação e valorização dos Orientadores Educacionais, reconhecendo seu ofício e sua importância na construção de uma educação mais humana, inclusiva e voltada para as necessidades da sociedade contemporânea.

Ao final da pesquisa, refleti sobre as perguntas do questionário a partir da minha perspectiva como Orientadora Educacional. Embora minhas respostas não façam parte do conjunto de dados analisados, elas representam um exercício reflexivo para conectar o tema às minhas experiências pessoais e acadêmicas. Esse momento de reflexão busca ampliar o diálogo com os achados da pesquisa, reforçando ou contrastando pontos levantados pelas participantes e permitindo uma compreensão mais profunda sobre o ofício do Orientador Educacional.

Sou graduada em Pedagogia e em Educação Especial. Posteriormente, realizei uma pós-graduação lato sensu em Administração Escolar, Supervisão e Orientação. Além disso, em Psicopedagogia, o que ampliou minha visão sobre o aprendizado e as necessidades dos estudantes.

Minha decisão em seguir essa área foi influenciada pela Orientadora Educacional que tive durante minha trajetória escolar. Acredito que, assim como ela fez por mim, posso incentivar outras crianças a acreditarem em si mesmas. No segundo ano da graduação em Pedagogia, prestei um concurso para a área de Orientação Educacional e fui aprovada. No entanto, a vaga exigia a conclusão do curso. O destino conspirou a meu favor: formei-me em janeiro de 2020 e, em fevereiro, fui convocada para assumir o cargo.

Durante a graduação, tive contato apenas com uma disciplina voltada para a Orientação Educacional, mas o conteúdo abordava pouco da prática do dia a dia na escola. Na pós-graduação, o estudo foi igualmente superficial, sendo que aprofundei meu conhecimento por meio do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), no qual explorei o envolvimento do Orientador Educacional com os estudantes. Apesar da busca constante por conhecimento na área, ainda me questiono sobre o meu papel dentro da escola, pois, muitas vezes, acabo desempenhando múltiplas funções para garantir o funcionamento da instituição, o que gera certa frustração em relação à minha escolha profissional.

No início, minha maior dificuldade foi a falta de troca de experiências com outros profissionais e a ausência de uma orientação clara. Ao assumir a função, recebi apenas um documento descrevendo as atribuições do cargo, o mesmo já mencionado ao decorrer da análise, que, na prática, exigia um pouco de tudo. Os momentos de troca entre os Orientadores Educacionais oferecidos, são raros, o que dificulta ainda mais a construção de um trabalho coletivo.

Ainda enfrento dificuldades para me adaptar à rotina da escola, especialmente para seguir um planejamento estruturado, pois a demanda diária nem sempre permite sua execução conforme o previsto. Além disso, há um desafio constante em relação ao reconhecimento do

meu papel pela equipe escolar, especialmente pelos professores. Muitas vezes, o Orientador Educacional é visto apenas como alguém responsável por lidar com problemas disciplinares, sendo erroneamente associado à figura da "professora do castigo". Desconstruir essa visão e promover um entendimento mais amplo sobre minhas funções é um grande desafio. A valorização da função depende diretamente do reconhecimento e da colaboração da equipe escolar. Quando há um entendimento claro do papel do orientador, o trabalho flui de maneira mais eficaz e é mais valorizado. Caso contrário, ele se torna invisível dentro do contexto escolar.

Sinto-me feliz por estar onde sempre quis estar, pois meu sonho de infância era atuar nessa área. No entanto, ainda há um longo caminho para que eu possa me sentir plenamente realizada. A dinâmica escolar é desgastante e desafiadora, e, por ainda ser nova na profissão, muitas vezes sinto dificuldade em transmitir credibilidade e seriedade ao meu trabalho.

Minha identidade profissional foi moldada pela minha própria experiência como estudante. Como já precisei do apoio de um Orientador Educacional, compreendo a importância desse profissional e como posso fazer a diferença na vida das crianças.

O que mais me motiva é a relação que construí com os estudantes. Momentos em que recebo um abraço seguido de um "obrigada por me ouvir" me fazem sentir que estou no caminho certo. Quando a equipe escolar, os professores ou até a família me procura para conversar, buscar ajuda. Quando uma turma confia em mim para compartilhar suas dificuldades ou um estudante me procura espontaneamente para falar sobre um problema, percebo que estou cumprindo meu propósito. Se consigo ajudar ao menos uma criança por dia, já considero um grande avanço. Que eu possa ser como o "coelho", da história citada ao decorrer da fundamentação teórica, pois como o livro destaca: Algumas vezes, o abraço diz mais do que palavras.

É perceptível que o papel do Orientador Educacional passou por diversas transformações. No início, a atuação era focada na orientação vocacional e no atendimento individualizado. Hoje, o trabalho está mais voltado para a escuta ativa, promovendo atividades coletivas e desenvolvendo a educação integral dos estudantes, pois além de trabalhar o intelecto, o estudante precisa aprender a conviver, socializar, trabalhar em equipe, desenvolver suas habilidades socioemocionais e, acima de tudo, ser ouvido em seus medos e inseguranças.

A valorização do Orientador Educacional é um ponto crítico. Raramente somos mencionados em eventos e capacitações voltadas aos profissionais da educação. Além disso, há uma carência de formações específicas para a área e de iniciativas da coordenação/estado para promover encontros e capacitações para os Orientadores Educacionais.

Infelizmente, o suporte do Estado e das políticas públicas para os Orientadores Educacionais é praticamente inexistente. A própria obrigatoriedade do cargo não é garantida por lei, o que reflete a falta de reconhecimento da importância desse profissional.

A tecnologia e o ritmo acelerado da sociedade impactaram significativamente a forma como os estudantes se comunicam e interagem. Isso exige adaptações constantes na prática do orientador educacional. As demandas atuais envolvem saúde mental, dificuldades de socialização, conflitos familiares, entre outros desafios que refletem a realidade social dos estudantes. Para atender essas demandas, utilizo estratégias como trabalhos em grupo, rodas de conversa e contação de histórias, aliadas a dinâmicas que estimulam a reflexão e o diálogo. A necessidade de adaptação constante exige que os Orientadores Educacionais estejam sempre se capacitando para entender as novas demandas dos estudantes e da sociedade. Outra forma de estratégia, é a escuta ativa. Na banca de qualificação, a escuta emergiu como ponto de debate e ainda que de forma latente, a escuta atravessa todo o trabalho como protagonista; ouvir com atenção, acolher os sentimentos dos estudantes, professores e comunidade escolar é de suma importância, justamente porque percebe-se que mais do que impor regras, o que transforma o cotidiano escolar é a capacidade de ouvir o outro, reconhecer suas necessidades e estabelecer diálogos, ainda mais numa sociedade em que a criança e ao adolescente dificilmente são ouvidos sem julgamentos.

Espero que o Orientador Educacional seja reconhecido como peça importante no desenvolvimento integral dos estudantes e que sua atuação seja valorizada em todas as esferas educacionais. Penso que é fundamental investir em formação continuada, pois quem está no meio da educação precisa estar em constante evolução para acompanhar a transformação da sociedade, no sentido de distúrbios de aprendizagem, novos transtornos, traumas, necessidade de auxílio psicológico, realizar encaminhamentos assertivos e promover parcerias intersetoriais para que o trabalho seja mais significativo e eficaz no atendimento aos estudantes e suas demandas.

Como perspectiva de continuidade desta pesquisa e como forma de devolutiva às Orientadoras Educacionais que participaram das entrevistas, propõe-se a realização de encontros para troca de experiências, algo que foi apontado por elas como uma defasagem significativa na prática profissional. A ideia seria organizar encontros no formato de grupo focal, nos quais cada capítulo desta dissertação poderia ser trabalhado em um momento específico. Esses encontros visariam não apenas apresentar e discutir os conteúdos aqui pesquisados e fundamentados, mas também promover a troca de vivências e a construção

coletiva de estratégias para unificar algumas ações/encaminhamentos e fortalecer a atuação do Orientador Educacional na visão da comunidade escolar. Espera-se, com isso, contribuir para a valorização e a maior visibilidade dessa função no contexto escolar e na comunidade educativa. Essa proposta também pode ser vista como uma possível continuidade da pesquisa, seja por mim, em um futuro Doutorado, ou por outros pesquisadores que reconheçam a relevância de aprofundar o tema. Acredito que dar seguimento a essas discussões é fundamental para ampliar o olhar sobre a prática do Orientador Educacional e suas contribuições no ambiente escolar.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam et al. (Org.). **Escolas Inovadoras**: Experiências bem sucedidas em escolas públicas. Brasília: Unesco, 2004.

ALMEIDA, Daniela. **Mediador na escola**. Nova Escola. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/450/mediador-escola>. Acesso em: 24 de jul. 2024

ALVES, Tamara de Souza Santana Batista. **O trabalho do orientador educacional na rede municipal de Duque de Caxias**: limites e possibilidades de atuação na equipe diretiva para uma gestão democrática. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação, Cultura e Comunicação) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Duque de Caxias, 2018.

ALVES, Rubem. Se Eu Fosse Você. In: **O Amor Que Acende a Lua**. Campinas: Papirus, 1999.

ANTUNES, Margarete Hirtes. **A contribuição do orientador educacional na política da educação um estudo na rede municipal de ensino de Pelotas – RS**. 2009. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Universidade Católica de Pelotas, 2009.

BACELLAR, Roberto Português. **Mediação e arbitragem**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2016.

BARBOSA, Hiara da Silva Santos. **Caracterização do perfil profissional e modos de atuação do orientador educacional na rede pública de ensino de Sobral – CE**. 2022. Dissertação (Mestrado Profissional em Psicologia e Políticas Públicas) - Universidade Federal do Ceará, Campus Sobral, 2022.

BRASIL. **Decreto nº 72.846, de 16 de junho de 1973**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1970-1979/d72846.htm. Acesso em: 24 de jul. 2024.

BRASIL. **Decreto-Lei nº 4.244, de 14 de maio de 1942**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/del4244.htm. Acesso em: 24 de jul. 2024.

BRASIL. **Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L4024.htm. Acesso em: 24 de jul. 2024.

BRASIL. **Lei nº 5.564, de 21 de dezembro de 1968**. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-5564-21-dezembro-1968-358617-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 24 de jul. 2024.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 24 de jul. de 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**: Educação Infantil e Ensino Fundamental. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: https://www.gov.br/mec/pt-br/escola-em-tempo-integral/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal.pdf. Acesso em: 29 jul. 2024.

BRASIL. **Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação.** Parecer CNE/CP nº 5, de 13 de dezembro de 2005. Disponível em:
http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/pcp05_05.pdf. Acesso em: 24 de jul. de 2024.

BRASIL. **Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação.** Resolução CNE/CP nº 1, de 15 de maio de 2006. Disponível em:
https://abmes.org.br/arquivos/legislacoes/Res_CP_01_2006_05_15.pdf. Acesso em: 24 de jul. de 2024.

BRASIL. **Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação.** Regimento Comum dos Cursos de Graduação. Parecer CNE/CES nº 01/2006. Brasília, 2006. Disponível em:
http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_06.pdf. Acesso em: 29 jul. 2024.

BRASIL. **Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos.** Brasília: Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, 2013.

BURGUET, Marta. Diante do conflito... uma aposta na educação. *In*: VINYAMATA, Eduard (Org.). **Aprender a partir do conflito: conflitolgia e educação.** São Paulo: Artmed, p. 41-49, 2005.

CARVALHO, Maria de Lourdes Ramos da Silva. **A função do orientador educacional.** São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

CAVALCANTE, Lucíola Inês Pessoa. **A multiplicidade de áreas de atuação do orientador educacional e implicações para a sua formação.** 1979. Dissertação (Mestrado em Educação) - Fundação Getúlio Vargas Instituto de Estudos Avançados em Educação, Departamento de Psicologia da Educação, 1979.

CHAGAS, Gisele Santos. **O que dizem os orientadores educacionais sobre a orientação educacional.** 2017. Dissertação (Mestrado em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2017.

CHARLOT, Bernard. **A pesquisa educacional entre conhecimentos, políticas e práticas: especificidades e desafios de uma área de saber.** Revista Brasileira de Educação, [S. l.], v. 11, n. 31, p. 07-18, 10 nov. 2023

CHARLOT, Bernard. **A violência nas escolas: como os sociólogos franceses abordam a questão.** Sociedade e Cultura, [S.l.], v. 25, n. 2, p. 123-138, 2022. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/soc/a/fDDGcftS4kF3Y6jfxZt5M5K/?lang=pt>. Acesso em: 29 jul. 2024.

CHIAVENATO, Idalberto. **Recursos humanos: o capital humano das organizações.** 9ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

CHRISPINO, A. **Gestão do conflito escolar: da classificação dos conflitos aos modelos de mediação.** Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v.15, n.54, p. 11-28, jan./mar. 2007.

COLOMBINI, Flavia Pinheiro da Silva. **A prática do orientador educacional e o seu papel no cotidiano escolar na rede pública municipal de Franca/SP.** 2019. Dissertação (Mestrado Profissional em Planejamento e Análise de Políticas) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Franca, 2019.

DELORS, Jacques et al. **Educação: um tesouro a descobrir**. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: MEC; UNESCO, 1998.

DEBARBIEUX, Eric; BLAYA, Catherine (Org.). **Violência nas escolas e políticas públicas**. Brasília: UNESCO, 2022.

DISKIN, Lia Paz; ROIZMAN, Laura Gorresio. **Paz, como se faz?:** semeando a cultura de paz nas escolas. 4. ed. São Paulo: Palas Athena; Brasília: UNESCO, 2021.

DOERRFELD, Cori. **O Coelho Escutou**. 1. ed. São Paulo: Nanabooks, 2020.

DUBAR, C. **A crise das identidades: a interpretação de uma mutação**. Tradução: Catarina Matos. Porto, Portugal: Afrontamento, 2006.

ERRA, Rita de Cássia Abreu. **A formação profissional do orientador educacional: um estudo nas escolas municipais de Santos/SP**. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Católica de Santos, 2019.

FERREIRA, Thaiane. **Orientação educacional na atualidade: possibilidades de atuação**. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Brasília, 2013.

FIORELLI, José Osmir; FIORELLI, Maria Rosa; MALHADAS JÚNIOR, Marcos Júlio Olivé. **Mediação e solução de conflitos: teoria e prática**. São Paulo: Atlas, 2008.

FRAUCHES, Celso da C. **Curso de Pedagogia: o que fazer?** São Paulo: Semesp, set. 2006.

GADOTTI, Moacir. **Educação Integral no Brasil: inovações em processo**. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2009. – (Educação Cidadã; 4).

GIACACLIA, Lia Renata Angelini, & PENTEADO, Wilma Millan Alvez. **Orientação educacional na prática** (5ª ed.). São Paulo: Cengage Learning, 2006.

GRINSPUN, Mírian P. S. Zippin. **A Orientação Educacional: conflito de paradigmas e alternativas para a escola**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

GRINSPUN, Mírian Paura Sabrosa Zippin. A Orientação Educacional – uma perspectiva contextualizada. In: GRINSPUN, Mírian Paura Sabrosa Zippin (Org.). **A prática dos orientadores educacionais**. São Paulo: Cortez, 1994. p. 11-34.

GRINSPUN, Mírian Paura Sabrosa Zippin. A prática dos orientadores na abordagem construtivista. In: GRINSPUN, Mírian Paura Sabrosa Zippin (Org.). **A prática dos orientadores educacionais**. São Paulo: Cortez, 1994. p. 142-158.

GRINSPUN, Mirian Paura Sabrosa Zippin. **Origem e Evolução Histórica da Orientação Educacional**. YouTube, 22 de setembro de 2015, publicado por: Juliana Araújo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Xkl-IYg2Cvc>. Acesso em: 24 de junho de 2024.

GRINSPUN, Mírian Paura Sabrosa Zippin. **Supervisão e Orientação Educacional: perspectivas de integração na escola**. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

IABELBERG, Catarina Cerqueira. **Uma contribuição crítica para o entendimento dos sentidos atribuídos pelo orientador educacional ao exercício de sua função**. 2011. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2011.

KNAPP, Robert H. **Orientação Educacional na Escola Primária**. Rio de Janeiro: Educação Primária, 1967.

KOCHHANN, Andréa. **A produção acadêmica e a construção do conhecimento científico: concepções, sentidos e construções**. Goiânia: Kelps, 2021.

LACERDA, Miriam Pires Corrêa de. **Vida e morte: o drama dos adolescentes: abordagem de um educador com vistas a educação**. 1990. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1990.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.-B. **Vocabulário da psicanálise**. 9. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

LIBÂNEO, José Carlos. Que destino os educadores darão à Pedagogia? *In*: PIMENTA, Selma Garrido (Coord.). **Pedagogia, ciência da Educação?** São Paulo: Cortez, 2001. p. 107-134.

LIMIA, Juliana Pereira. **Sexualidade no contexto escolar: concepções e práticas sobre sexualidade entre orientadores educacionais (1990 – 2020)**. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2020.

LOFFREDI, Laís Esteves. A Orientação Educacional na perspectiva contextual. *In*: NEVES, Maria Aparecida C. Mamede. (Org.). **A orientação educacional: permanência ou mudança?** 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1991, p. 38 – 58.

LÜCK, Heloísa. **Planejamento em Orientação Educacional**. Petrópolis: Vozes, 1991.

MARTINS, Ana Carolina Hyer de Faria da Silva. **Nem sempre o adulto resolve...: o serviço de orientação educacional e as práticas de bullying no primeiro segmento do ensino fundamental**. 2016. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino em Educação Básica) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

MAYER, Leandro. **O retrato da repressão: as perseguições a alemães no Oeste de Santa Catarina durante o Estado Novo (1937-1945)**. São Leopoldo: Oikos, 2017.

MELO, Sonia Maria Martins de. **Contribuições para a crítica da orientação educacional**. 1991. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina, 1991.

MENDES, J. M. de O. O desafio das identidades. *In*: SANTOS, B. S. (Org.) **A globalização e as ciências sociais**. São Paulo: Cortez, 2002.

MICHAELIS. **Dicionário prático da Língua Portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 2008.

MILNITSKY-SAPIRO, Clary. **Os alunos de instituição pública e privada encaminhados aos serviços de orientação educacional:** depoimentos omitidos. 1986. Dissertação (Mestrado em Psicologia da Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1986.

MOLL, Jaqueline. A agenda da educação integral: compromissos para sua consolidação como política pública. *In*: MOLL, Jaqueline (org.). **Caminhos da educação integral no Brasil:** direito a outros tempos e espaços educativos. Porto Alegre: Penso, 2012. p. 129 a 148.

MOROSINI, Marília Costa; FERNANDES, Cleoni Maria Barboza. **Estado do Conhecimento:** conceitos, finalidades e interlocuções. Educação Por Escrito, Porto Alegre, v. 5, ed. 2, p. 154-164, 2014. Disponível em: file:///C:/Users/franc/Downloads/Estado_do_Conhecimento_conceitos_finalidades_e_int.pdf. Acesso em: 10 nov. 2023.

NAZARETH, E. R. **Mediação:** o conflito e a solução. São Paulo: Art PauBrasil, 2009.

NÉRICI, Imídeo G. **Introdução à Orientação Educacional.** São Paulo: Atlas, 1976.

NEVES, Ilka; SIQUEIRA, Olgair. **Dinâmica de Orientação Educacional.** Porto Alegre: Globo, 1973.

NEVES, Ilka; SIQUEIRA, Olgair. **Nova dinâmica de orientação educacional.** 7. ed. Porto Alegre: Globo, 1983.

NOCITO, Meire Campelo. **O sentido atribuído ao trabalho do orientador educacional na rede pública de ensino:** diferentes olhares. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação: Psicologia da Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2020.

NOGARO, Arnaldo; LOSS, Adriana Salete; MOREIRA, Vivian Martinez Mendes. Professores iniciantes: inserção, permanência na escola e prática pedagógica. **Revista Diálogos Interdisciplinares - GEPPFIP**, v. 1, p. 98-116, 2021.

PADILHA, Paulo Roberto. Educação integral e currículo intertranscultural. *In*: MOLL, Jaqueline (org.). **Caminhos da educação integral no Brasil:** direito a outros tempos e espaços educativos. Porto Alegre: Penso, 2012. p. 189 a 206.

PIANEZZER, Lúcia Crisitane Moratelli. **Orientação Educacional.** Indaial: Uniasselvi, 2018.

PIMENTA, Selma Garrido. **Formação de professores:** saberes da docência e identidade do professor. Nuances, v. III, set. 1997.

PIMENTA, S. G. **O pedagogo na escola pública.** S. Paulo: Cortez, 1988.

PINTO, Raquel Gomes. **Bullying no contexto escolar:** prevenção da violência e promoção da cultura da paz na perspectiva de adultos e crianças. 2013. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade de Brasília, 2013.

RAMPAZZO, Sandra Regina dos Reis; STEINLE, Marлизete Cristina B.; VAGULA, Edilaine. **Organização e didática nos anos iniciais do Ensino Fundamental.** 1ª Ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2009.

ROCHA, Aline Sarmiento Coura. **A construção da identidade profissional do pedagogo**. 2014. Dissertação (Mestrado em Gestão e Práticas Educacionais) – Universidade Nove de Julho, São Paulo, 2014a. Orientadora: Profa. Dra. Rosemary Roggero.

ROCHA, Julia Siqueira da. **Violências na escola: Da banalidade do mal à banalização da pedagogia**. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2014b.

SALES, Lília Maia de Moraes. **Justiça e mediação de conflitos**. Belo Horizonte: Del Rey, 2004.

SALES, Lília Maia de Moraes. **Mediação de conflitos: família, escola e comunidade**. Florianópolis: Conceito, 2007.

SANTOS, Pricila Kohls-; MOROSINI, Marília Costa. O revisitar da metodologia do estado do conhecimento para além de uma revisão bibliográfica. **Revista Panorâmica**, [S. l.], p. 123-145, 10 nov. 2023. Disponível em: <file:///C:/Users/franc/Downloads/administrador,+1.+Marilia.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2023.

SERRES, Michel. **Polegarzinha: Uma nova forma de viver em harmonia, de pensar as instituições, de ser e de saber**. Tradução de Jorge Bastos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

SILVA, Anita Maria Lins da. **A práxis do serviço de orientação educacional revisitada sob a perspectiva da teoria sistêmica e do desenvolvimento moral**. 2012. Dissertação (Mestrado em Teologia) - Faculdades EST, São Leopoldo, 2012.

SILVA, Irene Marques da. **Mediação escolar: a contribuição do diálogo reflexivo para a construção da cultura de paz**. São Paulo: All Print, 2014.

SILVA, João Roberto de Souza. **Formação e atuação do orientador educacional: perspectivas interdisciplinares**. 2018. Tese (Doutorado em Educação, Arte e História da Cultura) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2018.

SOLÉ, Isabel. **Orientação educacional e intervenção psicopedagógica**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

SCHMIDT, Maria Junqueira; PEREIRA, Lourdes de Souza. **A orientação educacional**. 5. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1975. TOMÁS, Catarina Alexandra Ribeiro. **Mediação Escolar: para uma gestão positiva dos conflitos**. Coimbra, 2010. Disponível em: <https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/13528/1/Relat%C3%B3rio%20de%20Est%C3%A1gio%20-%20IAC.pdf> Acesso em: 24 de jul. de 2024

UNESCO. **Reimaginar nossos futuros juntos: um novo contrato social para a educação**. Paris: UNESCO, 2022. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000379707>. Acesso em: 20 jul. 2024.

VILLON, Ivanita. Gil. Orientação educacional e a comunidade. In: GRINSPUN, Mírian Paura Sabrosa Zippin (Org.). **A prática dos orientadores educacionais**. São Paulo: Cortez, 1994. p. 95-108.

WEISINGER, Hendrie. **Inteligência Emocional no trabalho:** como aplicar os conceitos revolucionários da I.E. nas suas relações profissionais, reduzindo o estresse, aumentando sua satisfação, eficiência e competitividade. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

WOUTERS, Janete Allassia Drebes. **O orientador educacional e suas contribuições para o ensino e aprendizagem escolar.** 2019. Dissertação (Mestrado em Ensino de Humanidades e Linguagens) – Universidade Franciscana, Santa Maria, 2019.

APÊNDICES

Apêndice 01

Roteiro de entrevista com os profissionais em exercício

Identificação

Nome:

Idade:

Gênero:

Tempo de atuação como orientador educacional:

Nível de ensino em que atua (Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio):

Formação e Carreira

1. Qual é a sua formação acadêmica?

Curso de graduação:

Instituição de ensino:

Ano de conclusão:

Pós-graduações (se houver):

2. Por que escolheu a carreira de orientador educacional?
3. Descreva como foi sua formação para se tornar orientador educacional.

Pontos fortes da formação:

Aspectos que poderiam ser melhorados:

4. Quais foram as principais dificuldades que encontrou no início da carreira?
5. Atualmente, enfrenta alguma dificuldade no exercício da sua função? Se sim, quais?

Identidade e Satisfação Profissional

6. Você se sente realizado profissionalmente como orientador educacional? Por quê?
7. Como você descreveria a sua identidade profissional?
8. O que mais gosta em sua profissão?
9. Quais aspectos da profissão você acha que precisam de melhoria?

Percepção da Profissão

10. Como você percebe a evolução da sua profissão ao longo do tempo?
11. Como você enxerga o papel do orientador educacional na educação básica hoje?
12. Como o Estado e as políticas públicas apoiam o orientador educacional?

13. Os colegas de trabalho (professores, direção etc.) conseguem compreender a real função do orientador educacional? Explique.
14. Os estudantes e as famílias sabem qual é o papel do orientador educacional na escola? Como você percebe essa compreensão?
15. Você sente que a orientação educacional está sendo adequadamente valorizada no contexto escolar? Por quê?

Impacto das Mudanças Históricas e Demandas Sociais

16. Como as mudanças históricas e sociais impactaram a sua prática profissional?
17. Quais são as principais demandas dos estudantes e da sociedade atualmente que influenciam seu trabalho?
18. Como você ajusta suas práticas para atender a essas demandas?
19. Qual o impacto dessas mudanças na identidade profissional dos orientadores educacionais?

Apoio ao Desenvolvimento dos Estudantes

20. De que maneira você contribui para o desenvolvimento escolar, social e emocional dos estudantes?
21. Quais estratégias você utiliza para apoiar os estudantes em suas dificuldades?
22. Como você colabora com professores e pais para o desenvolvimento integral dos estudantes?
23. Existem programas ou projetos específicos na sua escola que você lidera ou participa para o desenvolvimento dos estudantes? Se sim, descreva.

Reflexão e Futuro

24. Quais são suas expectativas para o futuro da orientação educacional?
25. Que sugestões você daria para melhorar a formação e atuação dos orientadores educacionais?

Comentários Finais

26. Gostaria de acrescentar alguma informação ou comentário que considera relevante para esta pesquisa?

Apêndice 02

Roteiro de entrevista com a orientadora educacional aposentada

1. Identificação
3. Nome:
4. Idade:
5. Tempo de atuação como orientadora educacional:

Formação e Trajetória Profissional

6. Qual foi a sua formação acadêmica?
 - Curso de graduação:
 - Instituição de ensino:
 - Ano de conclusão:
 - Pós-graduações (se houver):
7. O que motivou a sua escolha pela carreira de orientadora educacional?
8. Poderia descrever sua trajetória profissional desde o início até a aposentadoria?
 - Principais cargos ocupados:
 - Mudanças significativas na carreira:
 - Momentos marcantes:
9. Quais foram as principais dificuldades encontradas no início de sua carreira?
10. Como você superou essas dificuldades?

Identidade e Satisfação Profissional

11. Você se sentiu realizada profissionalmente como orientadora educacional? Por quê?
12. Como você descrevia sua identidade profissional durante sua carreira?
13. O que mais apreciava na sua profissão?
14. Quais eram os principais desafios da profissão durante sua carreira?

Evolução da Profissão e Percepções

15. Como você percebeu a evolução da orientação educacional ao longo do tempo?
16. Quais foram as mudanças mais significativas que observou na educação básica e na orientação educacional?
17. Como as políticas públicas e o apoio estatal à orientação educacional mudaram durante sua carreira?
18. Os colegas de trabalho (professores, direção etc.) compreendiam bem a função do orientador educacional? Como isso mudou ao longo do tempo?
19. Os estudantes e as famílias sabiam qual era o papel do orientador educacional? Houve mudanças nessa compreensão ao longo dos anos?

Impacto das Mudanças Históricas e Demandas Sociais

20. Como as mudanças históricas e sociais impactaram sua prática profissional?
21. Quais eram as principais demandas dos estudantes e da sociedade durante sua carreira?
22. Como você ajustava suas práticas para atender a essas demandas?
23. Qual foi o impacto dessas mudanças na identidade profissional dos orientadores educacionais?

Apoio ao Desenvolvimento dos Estudantes

24. De que maneira você contribuiu para o desenvolvimento escolar, social e emocional dos estudantes?

25. Quais estratégias utilizava para apoiar os estudantes em suas dificuldades?
26. Como colaborava com professores e pais para o desenvolvimento integral dos estudantes?
27. Existiam programas ou projetos específicos na sua escola que você liderava ou participava para o desenvolvimento dos estudantes? Se sim, fale um pouco sobre eles.

Reflexão e Futuro

28. Quais são suas expectativas para o futuro da orientação educacional?
29. Que sugestões você daria para melhorar a formação e atuação dos orientadores educacionais atuais?
30. Há algo que você gostaria de ter feito de maneira diferente em sua carreira?

Comentários Finais

31. Gostaria de acrescentar alguma informação ou comentário que considera relevante para esta pesquisa?

SÍNTESE DA ESTRUTURA TEÓRICA E CAPÍTULOS DA DISSERTAÇÃO

Estrutura teórica e capítulos da pesquisa

3 DE LÁ PRA CÁ: O CONTEXTO HISTÓRICO DO ORIENTADOR EDUCACIONAL Objetivo: Perscrutar raízes históricas da orientação educacional, investigando como a função evoluiu ao longo dos anos, considerando as influências sociais, culturais e educacionais.
4 A ATUAÇÃO DO ORIENTADOR EDUCACIONAL NO CENÁRIO EDUCACIONAL ATUAL: SINTONIZANDO COM O PRESENTE 4.1 4.2 Entre saberes e identidade profissional: a práxis do orientador educacional Objetivo: Analisar a construção da identidade profissional do orientador educacional e o seu papel no contexto atual da educação.
5 ORIENT(AÇÃO) EDUCACIONAL: A BNCC NA PRÁTICA 5.1 Apagando o fogo: a relevância do planejamento na atuação do orientador educacional diante das necessidades escolares 5.2 A mediação de conflitos no contexto da orientação educacional: construindo um ambiente acolhedor Objetivo: Evidenciar a importância de projetos e atividades do orientador educacional no apoio aos estudantes, professores, pais, comunidade escolar, na promoção do bem-estar e na melhoria da educação e aprendizagem.
7 IDENTIDADE PROFISSIONAL: DANDO VISIBILIDADE A VOZ DO ORIENTADOR EDUCACIONAL Desenvolvido após qualificação, com o objetivo: Compreender como o ofício do OE se manifesta na prática, por meio da análise, percepções e experiências dos orientadores educacionais atuantes na coordenadoria regional de Itapiranga/SC, explorando as motivações na escolha dessa profissão, suas visões sobre a importância da função, as estratégias e métodos de trabalho que empregam, bem como as dificuldades e desafios enfrentados em sua atuação.

ANEXOS

ANEXO 01 **Termo de autorização**



URI - UNIVERSIDADE REGIONAL INTEGRADA
DO ALTO URUGUAI E DAS MISSÕES
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, EXTENSÃO E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO



TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Eu, Inácio José Rhoden,
CPF nº 579.503.779-68, autorizo Franciele Thomé (telefone: (49) 98808-1167, e-mail institucional: a105638@uri.edu.br), orientanda da professora Doutora Jordana Wruck Timm, aluna do Programa de Pós-Graduação em Educação, nível de Mestrado, da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI), Campus de Frederico Westphalen, a realizar a pesquisa de campo, com os Orientadores Educacionais da Regional de Itapiranga-SC. A pesquisa em questão, objetiva explorar o papel do orientador educacional na educação básica e sua evolução perante as mudanças históricas e às demandas dos estudantes e sociedade e de que maneira essas mudanças impactam na identidade profissional e nas práticas da orientação educacional no apoio ao desenvolvimento escolar, social e emocional dos estudantes. Informo que fui comunicado sobre os seguintes pontos: A coleta de dados dará início apenas após a aprovação do Projeto de Pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos; Serão seguidas as normas éticas para proteger os participantes, garantindo o máximo de benefícios e minimizando os riscos; A privacidade das pessoas mencionadas nos documentos institucionais ou contatadas diretamente será assegurada, protegendo suas imagens e garantindo que as informações coletadas não sejam usadas de forma prejudicial a essas pessoas ou à instituição, estando em conformidade com as Diretrizes Éticas da Pesquisa envolvendo Seres Humanos, conforme a Resolução nº 510/2016.

Itapiranga, SC, 13 de Setembro de 2024.

Inácio José Rhoden

Supervisor Regional de Educação de Itapiranga

Inácio José Rhoden
Supervisor Regional de Educação
Matrícula - 221.510-1-01
CRE - Itapiranga/SC

Av. Sete de Setembro, 1558 - 2ª e 3ª andares - Caixa Postal: 290 - Erechim - RS - Brasil - CEP 99709-900
Fone/Fax: (054) 2107-1255 - Site: www.reitoria.uri.br
Campus Frederico Westphalen/RS
Av. Assis Brasil, 709 - Bairro Itapagé - Frederico Westphalen RS - CEP 98400-000
Fone: (055) 3744-9200 - Site: www.fw.uri.br

ANEXO 02

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) AOS/AS PROFESSORES/AS
PARTICIPANTES DA PESQUISA**

CAAE n. 83655124.5.0000.5353

Você está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa **intitulada: A orientação educacional narrada pelos orientadores**, a qual tem como **objetivo** explorar o papel do orientador educacional na educação básica e sua evolução perante as mudanças históricas e às demandas dos estudantes e sociedade, analisando como essas mudanças impactam na identidade profissional e nas práticas da orientação educacional no apoio ao desenvolvimento escolar, social e emocional dos estudantes. A referida pesquisa será realizada no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI, Campus de Frederico Westphalen, tem como **orientadora** a professora Doutora Jordana Wruck Timm e como **pesquisadora** a mestrande Franciele Thomé. O convite para sua participação ocorreu a partir da sua atuação na área de orientação educacional no contexto compreendido pela pesquisa (regional de Itapiranga/SC. Caso aceite, sua **participação** se dará por meio de entrevista, agendada previamente, que versarão sobre a temática em questão e terão um tempo médio de 45 a 60 minutos de duração. A entrevista será gravada e posteriormente transcrita. A transcrição passará por sua aprovação antes de ser utilizada na pesquisa, para caso queira ajustar alguma informação. Somente a pesquisadora e a orientadora terão conhecimento dos dados. Estes materiais permanecerão arquivados em absoluto **sigilo**, sem quaisquer tipificação e identificação por um período de cinco anos e, após, inutilizados, tanto os físicos como os on-line. Os físicos, oriundos da pesquisa, serão **descartados** de forma ecologicamente correta, obedecendo aos princípios da resolução do meio ambiente. Os arquivos on-line serão **excluídos** permanentemente da nuvem ou de qualquer arquivo de computador, ambos respeitando a legislação vigente. Ressalta-se de que sua participação é **voluntária**, não é obrigatória, sendo que, a qualquer momento da pesquisa, você poderá desistir e retirar seu consentimento. Sua recusa não trata nenhum prejuízo para sua relação com a pesquisadora. Destaca-se ainda, que nenhuma pesquisa com seres humanos é isenta de riscos ou desconfortos, nesse sentido é possível que aconteçam **desconfortos ou riscos**, o que para essa pesquisa, os riscos são considerados mínimos, mas, por ser uma entrevista, momento de diálogo, pode ocorrer do docente se sentir inibido ou receoso em responder alguma pergunta, ou expor alguma vivência. Diante disso, **medidas** serão tomadas para a redução destes, tais como, proporcionar um ambiente em que o participante se sinta acolhido, interrupção da entrevista e retomada em outro momento. Os **benefícios** com a sua participação compreendem a reflexão acerca do papel do orientador educacional na educação básica e sua evolução perante as mudanças históricas e as demandas dos estudantes e da sociedade, além de analisar como essas mudanças impactam na identidade profissional e nas práticas da orientação educacional no apoio ao desenvolvimento escolar, social e emocional dos estudantes. Os **resultados** desta pesquisa serão apresentados e discutidos na dissertação, que é um dos requisitos para obtenção do título de mestre, e, além disso, poderão ser apresentados em seminários, congressos e similares, entretanto, em qualquer situação, os dados/informações obtidos por meio da sua participação serão sempre confidenciais e sigilosos, não possibilitando a sua identificação. A sua participação, bem como a de todas as partes envolvidas será voluntária, não havendo remuneração para tal. Esta pesquisa não envolve gastos financeiros por parte do participante, por isso **não há ressarcimento**. Após ser esclarecido/a sobre as informações da pesquisa, se você aceitar participar deste estudo, assine o consentimento de participação. Em caso de recusa, você não será penalizado. Este consentimento apresenta-se em **duas vias**, uma delas ficará sob sua posse e a outra sob a posse da pesquisadora e está composto por mais uma página, portanto, solicitamos sua assinatura em todas elas. A qualquer momento, você poderá entrar em **contato**

com a pesquisadora principal, podendo tirar suas dúvidas sobre a pesquisa e sobre sua participação. Pesquisadora Responsável: Franciele Thomé, no endereço: Rua: Getúlio Vargas, n. 170, bairro Jardim Bela Vista, Itapiranga/SC, ou pelo telefone: (49) 988081167, e-mail: a105638@uri.edu.br, ou ainda, com o Comitê de Ética e Pesquisa em Seres Humanos (CEP), Rua Assis Brasil – Bairro Itapagé, Frederico Westphalen/RS CEP: 98-400-00, telefone (55) 3744 9200 – ramal 306, Coordenadora titular: Professora Doutora Marinês Aires, Coordenador Adjunto: Professor Doutor Sandro Rogério Giacomelli, e-mail: cep@uri.edu.br. Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa. Portanto preencha, por favor, os itens que seguem:

Consentimento Livre e Esclarecido

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa. Declaro que recebi cópia deste termo de consentimento, que possui duas páginas, e autorizo a realização da pesquisa e a divulgação dos dados obtidos neste estudo, respeitando todas as condições dispostas no presente termo.

Nome do participante

Assinatura da pesquisadora

Assinatura do participante

Assinatura da orientadora

ANEXO 03

Aprovação do CEP

UNIVERSIDADE REGIONAL
INTEGRADA DO ALTO DO
URUGUAI E DAS MISSÕES -
URI/CAMPUS FREDERICO
WESTPHALEN



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O Ofício do Orientador Educacional na Educação Básica: percepções e experiências dos profissionais da regional de Itapiranga/SC

Pesquisador: Franciele Thomé

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 83655124.5.0000.5352

Instituição Proponente: FUNDACAO REGIONAL INTEGRADA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 7.199.610

Apresentação do Projeto:

Parecer versão 2

Objetivo da Pesquisa:

Não foram alterados na revisão

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Adequado de acordo com a Resolução 510/2016

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Projeto de pesquisa bem estruturado contempla todos os preceitos éticos e metodológico da Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

adequados

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Todas as Pendências foram atendidas

Endereço: Câmpus URI, Frederico Westphalen, Prédio 10, Bloco C, 2º andar, sala 209
Bairro: Frederico Westphalen **CEP:** 98.400-000
UF: RS **Município:** FREDERICO WESTPHALEN
Telefone: (55)3744-9200 **Fax:** (55)3744-9265 **E-mail:** cep@uri.edu.br

**UNIVERSIDADE REGIONAL
INTEGRADA DO ALTO DO
URUGUAI E DAS MISSÕES -
URI/CAMPUS FREDERICO
WESTPHALEN**



Continuação do Parecer: 7.199.610

Considerações Finais a critério do CEP:

Projeto de pesquisa aprovado de acordo com os preceitos éticos e metodológico estabelecidos pelas Resoluções 510/16 do Conselho Nacional de Saúde

A realização da pesquisa poderá a qualquer tempo ser suspensa, de acordo os critérios da RES nº 510/2016, no que se refere a exposição dos sujeitos da pesquisa a qualquer tipo de risco a sua integridade física ou emocional.

A(o) pesquisadora(o) deverá encaminhar ao CEP qualquer alteração que vier a ocorrer durante a realização da pesquisa.

A(o) pesquisadora(o) deverá utilizar o TCLE aprovado pelo CEP/URI.

A(o) pesquisadora(o) deverá encaminhar ao CEP no final do projeto um relatório final.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2421143.pdf	28/10/2024 16:05:38		Aceito
Outros	CartaCorrecoes.pdf	28/10/2024 16:05:09	Jordana Wruck Timm	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Entrevistas_OK.pdf	28/10/2024 16:04:45	Jordana Wruck Timm	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Franciele_projeto_OK.pdf	28/10/2024 16:04:36	Jordana Wruck Timm	Aceito
Outros	Franciele_roteiro.pdf	20/09/2024 23:04:26	Jordana Wruck Timm	Aceito
Outros	Autoriz_Franciele.pdf	20/09/2024 23:03:46	Jordana Wruck Timm	Aceito
Cronograma	Franciele_cronograma.pdf	20/09/2024 23:02:19	Jordana Wruck Timm	Aceito
Folha de Rosto	Franciele_FolhaRosto.pdf	20/09/2024 23:02:01	Jordana Wruck Timm	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Endereço: Câmpus URI, Frederico Westphalen, Prédio 10, Bloco C, 2º andar, sala 209
Bairro: Frederico Westphalen **CEP:** 98.400-000
UF: RS **Município:** FREDERICO WESTPHALEN
Telefone: (55)3744-9200 **Fax:** (55)3744-9265 **E-mail:** cep@uri.edu.br

UNIVERSIDADE REGIONAL
INTEGRADA DO ALTO DO
URUGUAI E DAS MISSÕES -
URI/CAMPUS FREDERICO
WESTPHALEN



Continuação do Parecer: 7.199.610

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

FREDERICO WESTPHALEN, 01 de Novembro de 2024

Assinado por:
Marines Aires
(Coordenador(a))

Endereço: Câmpus URI, Frederico Westphalen, Prédio 10, Bloco C, 2º andar, sala 209
Bairro: Frederico Westphalen **CEP:** 98.400-000
UF: RS **Município:** FREDERICO WESTPHALEN
Telefone: (55)3744-9200 **Fax:** (55)3744-9265 **E-mail:** cep@uri.edu.br